O Vendedor de Camomila

Crônicas

João Baptista Galhardo

O Vendedor de Camomila

Crônicas

João Baptista Galhardo

zerocriativa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G155v

Galhardo, João Baptista
O vendedor de camomila : crônicas / João Baptista Galhardo. - Araraquara, SP : Zerocriativa, 2008.

ISBN 978-85-86305-62-7

1. Crônica brasileira. I. Título.

08-3265. CDD: 869.98
CDU: 821.134.3(81)-8

04.08.08 06.08.08 008016

PRODUÇÃO EDITORIAL

ZEROCRIATIVA
J.M. Editora e Comercial Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 3238
Fone/Fax: 16 - 3336-3671
CEP 14802-205
Araraquara - SP
www.zerocriativa.com.br

Impressão: Gráfica Compacta
Revisões do Autor
Capa elaborada a partir de obra de Ernesto Lia

Proibida a reprodução total ou parcial desta edição, por qualquer meio ou forma, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma, sem a prévia e expressa autorização do autor.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha família, razão por tudo quanto tenho feito.

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar minha gratidão ao **Jornal de Araraquara,** na pessoa do Geraldo Polezze pela atenção e carinho a mim dispensados ao longo dos tempos. Ali escrevo já há alguns anos com total liberdade. Polezze é amigo de mais de quarenta anos, amizade essa manifestada como homem do rádio, da televisão, da política e do jornalismo. Já prestou inúmeras homenagens não só a mim como a minha família. Quando em 1974 recebi da Câmara Municipal de Araraquara honrosa homenagem em sessão solene realizada no Tribunal do Júri do antigo Fórum, laurel endossado pelo Executivo e Judiciário, seguida de concorrido jantar, o jornalista de forma voluntária e desinteressada, com os recursos técnicos da época, filmou e gravou os melhores momentos da solenidade. Sempre esteve disposto a compartilhar da alegria e do contentamento de seus amigos. A amizade não se demonstra tão somente nas tristezas e nas desgraças, mas também e quem sabe principalmente, pela isenção de qualquer resquício de inveja, na demonstrada de maneira sincera diante de eventual sucesso de um amigo. Foram tantas deferências que ocuparia muitas laudas para enumerá-las. Mais recentemente a minha família foi homenageada pelo seu jornal "Todos Eles Entram No Meu Filme". Se tenho hoje a imagem e som daquela festa cívica, acoplados posteriormente em DVD devo à atitude isolada, espontânea e marcante de um amigo. Os artigos separados entre outros, para compor este livro foram

publicados no J.A. Sempre enviados por e-mail. E, em todas as oportunidades recebo dele em seguida a sua manifestação exagerada: "este é o melhor de todos".

O Autor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

O VENDEDOR DE CAMOMILA 19

A FESTA DO CARMO 23

O EMPRÉSTIMO 27

MINHA MULA PARQUETINA 31

LIQUIDAÇÃO DE PÃO COM MOLHO 35

MEU AMIGO NERO 39

O DIÁRIO DO PERU 43

O ESPECIALISTA 47

FESTA DE SÃO JOÃO 51

DESPEJO RELÂMPAGO 55

O JACARÉ VEGETARIANO 59

SEM VENTO CONTRA A PIPA NÃO SOBE 63

SHAZAM 67

O MENINO E A VITRINE DE BRINQUEDOS 71

O SORRISO ENIGMÁTICO 75

UM SONHO SÓ 79

A BARQUETE 83

A CARTA DO TIO FIRMINO 87

A INVEJA 91

A NECESSIDADE 95

A PACIÊNCIA 99

A VACA BAILARINA 103

BREGA E CHIQUE 107

A EXCURSÃO 111

AS CARTAS 115

A ESPERANÇA 117

A FORÇA ESTRANHA 121

LIÇÃO DE VIDA 125

HOJE OS SINOS DOBRAM POR VOCÊ 129

MINHA "BICICRETA" 133

O DOM DIVINO DE SER MÃE 137

O FILHO DO VENTO 141

SENIL POR FORÇA DE LEI 145

TAMBÉM HÁ LÍRIOS NO LODO 149

SENHORAS E SENHORES 153

PRUDÊNCIA E PAIXÃO 155

OS FILHOS E OS NAVIOS 159

PRESSÃO ALTA DO JALECO BRANCO 163

A BELEZURA DO DEFUNTO PAGA IMPOSTO 167

A CARTA DO MORTO 171

A CRENÇA POPULAR 175

A ESPERTEZA 179

A HORA DE DESLIGAR O RÁDIO 183

A MENTIRA TEM PERNAS CURTAS 187

BOBO É "OCÊ" 191

A CRIANÇA E O BOM HUMOR 195

É PROIBIDO MORRER 199

É TIRO E QUEDA 203

EM SINTONIA 207

ESTÁ FICANDO 211

NÃO EXISTE PRÓTESE PARA A ALMA 215

O ADIVINHO 219

O CHURRASCO DO PAULÃO 223

O CIRCO DA RUA CINCO 227

O ENTERRO DO "CAPITÃO" 231

O EXAGERO DA VAIDADE 235

A RÃ ADESTRADA 239

A SAIDEIRA 243

A SORTE 247

AFEIÇÃO REMUNERADA 251

AS AVENTURAS DO VANDÃO 255

CASOS DA VIDA 259

CERTEZA E VERDADE 263

CÉU OU INFERNO 267

COISAS DE CASAIS 271

É DIFÍCIL MUDAR 273

A PAIXÃO CEGA 277

A ARTE DE OUVIR 281

A ARROGÂNCIA 285

A DOENÇA DE OTELO 289

A INDEPENDÊNCIA DA MULHER 293

A MENTE E O MEDO 297

O RETIRO DO BIGUÁ 301

O SHOW DO TABOSA 305

CONDOMÍNIO OU CONDEMÔNIO? 309

POR QUE O CAMELO É FEIO 313

PRIORIDADES 317

TUDO O QUE SE VÊ NÃO É 321

VERDADES E MENTIRAS CONJUGAIS 325

VIAGENS E ÁREAS DE RISCO 329

VIDA LONGA DO TIO MANOLO 333

A CHATEAÇÃO 337

CRIME E CASTIGO 341

SÍNDROME DO ETANOL 345

DE PERTO NINGUÉM É NORMAL 349

GATO POR LEBRE 351

HISTÓRIAS DE BÊBADOS 355

HISTÓRIAS DE CIRCO 357

HISTÓRIAS DE UM COVEIRO 361

MEMÓRIAS DO PORTEIRO 365

NÃO DIGA SIM QUANDO QUER DIZER NÃO 369

O ANIVERSÁRIO QUE VIROU PIADA 373

O FIASCO DO TOURO 377

A NOITE 381

HISTÓRIAS FORENSES 385

SORRIR PROLONGA A VIDA 389

A DIFERENÇA QUE FAZ A DIFERENÇA 393

A PRESSA, A CURIOSIDADE E O ÓDIO 397

ESCOLHA SER FELIZ 401

INTRODUÇÃO

As crônicas selecionadas para compor este livro foram publicadas no Jornal de Araraquara. Não sou de ofício cronista, mas profissional do Direito.

No final do Ano 2003, baseado em experiências de minha própria vida, escrevi uma mensagem de otimismo para o ano seguinte e aí nasceu a série de crônicas que se aproximam de duzentas.

Escrever histórias não é fácil. Quem escreve se desnuda. É um ato de coragem.

Terminada a seleção surgiu a indagação:

– E o prefácio?

Pensei em muitas pessoas. Algumas poderiam dizer não e outras sim, talvez com vergonha de negarem. E algumas aceitariam de bom gosto. Quando escrevi "O Registro de Parcelamento do Solo Para fins Urbanos", (Fabris Editor) livro de Direito, o meu amigo e colega de Profissão Ademar Fioranelli se ofereceu em prefaciá-lo, deixando-me bastante comovido. Ao contrário do que ele disse eu é que fiquei muito honrado com a sua iniciativa e a leveza de suas palavras. Mas a verdade é que eventual prefaciador deste livro teria que ler as crônicas para comentá-las. Acredito que seria um constrangimento pedir a alguém que se dispusesse a tanto. Seria um mico. Ou não?

Por isso resolvi mandar para a Editora sem prefácio de terceiro. Tendo já escolhido o nome do livro, pensei, então na capa. Pedi para o artista Ernesto Lia que me fizesse uma tela com vários rostos ou perfis com expressões diferentes, induzindo o leitor que no livro encontraria emoção, reflexão, sentimento, recordação, humor e textos até amenos e fúteis. Ele fez questão de ler o pré-livro. Só depois pintou a tela que foi reproduzida na capa. Além dos rostos a obra tem ao fundo a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde fui batizado, crismado, onde fiz o catecismo e primeira comunhão. Onde participei de Congregação religiosa em cujo altar realizou-se meu casamento em 1960 com Vera, que tem sido neste último meio século minha segunda asa que nos permite, juntos e de mãos dadas, voar para todos os cantos, enfrentando ventos, borrascas e trovoadas na busca sempre conseguida de bonança e calmaria. Ela é a responsável por tudo. Foi dela que nasceram os filhos Sandra Maria, Júnior, Adriana, Luciana e Flaviano, exemplares profissionais do Direito, filhos amorosos, fiéis amigos e conselheiros. E por estes vieram as noras e genros: José Guilherme, Arnaldo, Maria Lígia, Eliana e Márcio. E deles os maravilhosos netos: Fábio, Marilisa, Melina, Guilherme, Mauricio, Maria Luiza, Maria Eduarda e o mais novo, Henrique o oitavo neto, hoje (2008), ainda com menos de um ano de idade, cujo semblante doce, sereno e angelical já, como os demais, tem sido um bálsamo para todos nós. Essa *turma* fantástica tem sido meu castelo e minha fortaleza.

Foi no "Carmo" que vivi até me casar. E várias histórias, inclusive familiares, ali se passaram.

Muitas crônicas foram escritas com lágrimas. É necessário desembaciar a memória e voltar no tempo para contá-las. Como por exemplo: "O Vendedor de Camomila". "Escolha Ser Feliz", "Minha Mula Parquetina". "A Festa do Carmo". "Força Estranha". "Um Sonho Só". "O Empréstimo". "Brega e Chique". "A Barquete". "Festa de São João". "Sem Vento Contra a Pipa Não Sobe". "A Paciência" . "O Dom Divino De Ser Mãe". "A Carta do Tio Firmino", etc, etc..

Se por um lado o tempo não secou minhas lágrimas, também não afugentou do meu peito a criança bem humorada e otimista, capaz de brincar com textos, como "O Churrasco do Paulão". "O Enterro do Capitão".

"O Sorriso Enigmático". "O Fiasco do Touro". "A Excursão". "É dificil mudar". "O Retiro do Biguá". "Senhoras e Senhores". "Condomínio ou Condemônio". "E Se Fosse Verdade?". "Hora De Desligar o Rádio" e outros tantos.

Qualquer um deles, do mais reflexivo ao brincalhão, foi escrito com seriedade. Seriedade que não se confunde com tristeza. Tristeza é sintoma de problema. E o bom humor é necessário para ser sério.

Espero que o livro agrade o maior número de leitores.

O Autor

O VENDEDOR DE CAMOMILA

Num sábado à tarde, terminara de ajudar minha mãe a lavar o piso da casa, quando chegou meu tio, seu irmão, vice-caçula, casado, embora muito jovem, montado na sua bicicleta de corrida de alumínio, cuidada com muito zelo. Vinha contar para ela as proezas de sua linda filha de poucos meses de idade. Não entrou. Permaneceu sentado na bicicleta com um pé no degrau da porta. Enquanto conversavam, eu admirava o seu veículo de guidão baixo. Perguntou-me: – Quer dar uma volta? Até que tentei, mas pelo meu tamanho de nove anos de idade, não alcançava os pedais nem a direção. Ele chegou a me empurrar por uma distância, sentado no selim. Despediu-se. Foi embora acenando com a mão direita: – Cresça que eu te ensino a andar. Entardecia. Fui para o quintal, na horta, colher camomila em flor para vender em maços na feira do dia seguinte. Naquele tempo não havia ervas desidratadas em saquinhos. Eram vendidas ao natural. A hortelã, a erva-doce, a camomila, poejo, quebra-pedra, chapéu-de-couro, carqueja etc. Os maços de camomila eu colocava numa cesta de bambu coberta com um pano úmido.

No dia seguinte, acordei quatro horas da manhã, ainda frio e escuro. Coloquei a cesta nas costas e fui para a casa do meu avô materno que era feirante. A feira, aos domingos, era no largo da Câmara (praça Pedro de Toledo). A praça tinha muitas árvores, e a iluminação se fazia por postes de ferro trabalhado com um lustre pontiagudo e com fios embutidos. As bancas,

na sua maior parte de japoneses, com algumas exceções, como a do meu avô que era espanhol, formavam um círculo. Quando cheguei na sua casa, já o encontrei fazendo o café que ele tomava com um sanduíche muito extravagante. No meio de duas fatias de pão caseiro colocava duas colheres de sopa de pimenta malagueta curtida no óleo e sal. Depois arreava a sua égua, de nome Princesa, entre os puxadores da carroça e íamos para a feira. Nós dois na "boléia". A égua era totalmente branca, muito bonita, lavada e escovada. Há muitos anos com meu avô, fazia parte da convivência da família. Principalmente para ele que não colocava, sequer, o bridão em sua boca para não machucá-la. Chegando à praça, a égua era liberada dos arreios e ali ficava quietinha, às vezes, saboreando umas espigas de milho até ao meio-dia, hora de fechamento da feira.

Ele armava a sua banca, e eu pegava uma carona num canto para vender minha camomila. Naquele domingo, chegamos às cinco horas, mais ou menos. Ainda estava escuro. De repente, quase seis horas, as luzes apagaram. Todos quiseram saber a razão. Um dos primeiros compradores disse que na esquina da rua Padre Duarte com a D. Pedro II houvera um acidente. Um eletricista havia sido colhido, no trabalho, por um transformador de alta tensão, tendo morte instantânea, ficando completamente desfigurado. Um queimado humano onde não se distinguia cabeça, tronco e membros.

Para aguardar o retorno da energia, fui com meu avô ao local, como simples curiosos. O que restara do corpo ainda estava ali, à vista, no chão com alguma fumaça. Até que uma pessoa o cobriu com um lençol. Alguém perguntou sobre o nome da vítima. E quando disseram... meu avô segurou minha mão de tal forma que dava para perceber as batidas do seu coração. Tratava-se para nosso espanto daquele meu tio, que no dia anterior queria me ensinar a andar de bicicleta. Irmão da minha mãe e filho do meu avô que ali estava comigo. Aquele homem de face rosada e cabelos brancos como algodão começou a chorar em silêncio. Tanto por dentro como por fora. Não disse quem era. A polícia chegou. Não havia nada a fazer. Ele tinha certeza de que o filho mais velho cuidaria de tudo.

Voltamos para a feira. Recolheu sua banca, e eu, a minha camomila. Pusemos na carroça. Quando ele foi arrear a Princesa, ela percebeu

a tristeza de seu amigo. Balançou várias vezes a cabeça deslizando o focinho no rosto do meu avô, querendo consolá-lo. É incrível a interação de um animal bem tratado. Voltamos para casa. A Princesa que normalmente andava célere, de cabeça e rabo erguidos, jogando sua longa crina de um lado para outro, caminhava de cabeça baixa, passos lentos e rabo entre as pernas, numa marcha fúnebre. Percebi que as rédeas estavam soltas nas mãos do meu avô. A égua nos conduzia. Ela sabia o caminho da volta.

Eu quis falar tanta coisa, mas não sabia o que. Pretendia dizer, por exemplo, que "era vontade de Deus". Coisa que ouvira no catecismo. Não disse. Absurdo ter acontecido por vontade do Criador. Seria muita sacanagem. Minha avó e os outros filhos ainda dormiam. Sentei-me em frente a ele. Sem pronunciar uma palavra, dissemos muita coisa com o olhar.

Peguei minha cesta de camomila e fui para casa por uma rua descalça e esburacada chutando tudo o que aparecia pela frente. A camomila eu venderia na segunda-feira para o pessoal do fórum onde já trabalhava em pequenos afazeres. Recebi, nessa manhã de domingo, uma dose reforçada da vacina contra qualquer tipo de eventual arrogância ou soberba pela lição precoce que a vida me deu: somos apenas pó; um dia chegamos e, de repente, de improviso, vamos embora.

A FESTA DO CARMO

Há muitos anos, durante o mês de julho, realiza-se a Festa do Carmo. Hoje se resume em três dias de um ajuntamento de vendedores ambulantes. Mas não deixa de ser interessante.

Não se equipara àquela que se realizava a uns cinqüenta anos no largo da igreja, ainda de chão batido. Naquele tempo, os vendedores apareciam nos últimos dias da quermesse. Havia barracas que serviam salgados, bebidas e refrigerantes. Rifas, roletas, correios elegantes. Um serviço de alto-falante para anunciar crianças perdidas ou horário da partida da condução para a zona rural. Por ele, os jovens ofereciam-se músicas. Como "prova" de amor, deboche, desprezo ou gozação: "O ébrio", "Rasguei o teu retrato", "Mula manca", "Renúncia" etc. Na barraca do *pim pam pum*, derrubava-se a pirâmide de latas com bola de meia. Havia o assédio, no bom sentido, entre os jovens: as moças andando em círculo e os moços flertando parados. No coreto de tábuas, coberto de telhas, a banda tocava nos intervalos dos leilões. Embaixo, um cercado para as prendas vivas: patos, perus, galinhas, porcos, cabritos, carneiros. O acesso era por uma escada de uns cinco degraus.

Certa noite, fui com um amigo na barraca central. Arrematamos um frango assado para comer no local. Assinamos a rifa de outro. Acontece que naquele tempo não havia frango industrializado. Era criado no quintal. Alguém ofereceu um frango assado, mas esqueceu de limpar o papo onde o

animal armazena pedras e pequenos objetos não digeríveis. Meu amigo teve o azar de misturar o conteúdo do papo com a farofa e quebrou um dente. Ficou muito bravo.

Ganhamos o outro frango da rifa. Andamos pelo largo com o dito-cujo embrulhado num papel celofane. No coreto, enquanto descansavam, os músicos deixavam os instrumentos no piso encostados às tábuas. Meu amigo, pelo vão das madeiras, enfiou o frango dentro da tuba, o maior instrumento de metal da banda. Quando o respectivo músico foi tocar, ficou com a bochecha inflada como uma bola de futebol. Assoprou com tamanha força que atirou o frango na cabeça de uma velhinha que se achava distante comendo uma maçã do amor.

Na festa de hoje se encontra de tudo. E por bom preço. Sempre vou para renovar meu estoque de meias. Não sei por que as de marca, e caras, apertam a canela da perna de quem usa, prendendo a circulação. Perguntei ao vendedor: – Essa meia é vagabunda?

Ele disse: – Não, não senhor.

– Então não quero. Estou procurando meia que na primeira lavada alarga a boca.

– Então é esta mesmo. O senhor pode levar. Puxou com um dedo de cada mão e a meia ficou com "boca de sapo".

– Eu levo.

– Cinco pares por três reais. Se comprar dez, faço por cinco.

Cuecas e meias não devem apertar os seus moradores. Eles agradecem.

Passei na barraca do pernil. Não resisti: – Faz um pra mim.

– Com cebola ou sem cebola?

– Com cebola. Sem maionese.

Comprei um copo de chope na barraca ao lado e terminei o "banquete" com um churro recheado com doce de leite.

Um amigo me repreendeu: – Você está louco. Comendo lanche dessa barraca.

– E daí?

Lanchonete, bar ou barraca não podem ser sujos, mas não

precisam ser limpinhas como enfermaria de hospital. Afinal, é aí que mora o perigo. Onde se encontram os inimigos invisíveis: micróbios, germes, vírus, *Staphylococcus aureus, Streptococcus agalactiae, meningitidis, Haemophilus influenzae* e outras bactérias? Não conheço ninguém que tenha contraído septicemia por ter comido lanche em boteco.

Uma organização internacional da saúde foi pesquisar como os enfermos eram tratados nos hospitais. Escolheram uma instituição aleatoriamente. Entraram num quarto onde estavam internados quatro doentes: Perguntaram ao primeiro:

– Qual o seu problema?

Ele respondeu: – Crise de hemorróidas.

– Como estão tratando?

– Pinceladas de mercúrio três vezes ao dia.

– O senhor tem algum desejo?

– Sim. Que eu seja curado sem cirurgia.

Foram ao segundo e a mesma resposta: – Crise de hemorróidas.

– Como estão tratando?

– Pinceladas de mercúrio três vezes ao dia.

– Tem algum desejo?

– Que descubram logo a cura do câncer.

O terceiro: – Crise de hemorróidas.

– Como estão tratando?

– Três pinceladas de mercúrio diariamente.

– Tem algum desejo?

– Gostaria de ver o mundo sem guerras.

– O quarto: – Qual o seu problema:

– Amidalite aguda.

– Como estão tratando?

– Pinceladas de mercúrio três vezes ao dia.

– O senhor tem algum desejo ou pedido?

– Sim. Que na minha vez troquem o pincel.

O EMPRÉSTIMO

O Joaquim que acabara de se casar com a Joaninha, da lua-de-mel liga para o pai: – Acabei com o casamento. Mandei a Joana de volta para seus pais.

– O que houve filho?

– Uma desgraça. Ela é virgem.

– Fizeste bem filho. O que nunca serviu para os outros não vai servir para ti.

Um pai deve ser solidário com os filhos, mas nem sempre e nem tanto.

Comemora-se o Dia dos Pais. Eu poderia escrever muitas laudas sobre o meu, já falecido há muito tempo. Não é difícil diagnosticar um bom pai. É aquele que não diz *sim*, quando deve dizer *não*. E vice-versa. É o companheiro diário dos filhos. É o bem-humorado. O que não mente. O que não faz comparação com o filho dos outros. O que tendo vários filhos sabe distribuir amor por igual. Que sabe entender os seus fracassos e aplaudir os sucessos. O que dá exemplos de disciplina, humildade e perseverança. O que diante de tantas e tantas falcatruas não incentiva a desonestidade nem o progresso à custa dos outros.

Também é fácil aferir o comportamento paterno. Basta verificar se há brilho nos olhos dos filhos. Há pais cobradores de sucesso tão-somente

para dar satisfação aos parentes, vizinhos, amigos. O que irão dizer meus colegas de trabalho? Que tamanha idiotice!

Pai bom é aquele cuja ausência é sentida pelos filhos, e sua presença, por eles festejada. O respeito não nasce da simples paternidade. Há tantas irresponsáveis. Afinal, para ela basta a contribuição de um espermatozóide. E num momento de prazer. Não são os filhos que escolhem os pais. Já se repetiu muitas vezes que quem ama educa. É verdade. Mas essa educação, além de outros valores, deve ter por base o amor, a disciplina por princípio e o sucesso por fim. O amor paternal ajuda os filhos a superar barreiras, desatar amarras e tocar a vida bem alicerçada. Não precisa o pai ser um Deus da Pureza. Muito menos aquele que toma uma cerveja escondido para ostentar símbolo de todos os exemplos.

Meu pai com sua vida simples e sem recursos me deixou de lembrança só momentos felizes, alegres e bons exemplos. Lembro dele à tarde, de camiseta e chinelos, sentado numa cadeira colocada ao contrário na calçada, com os braços debruçados no encosto, cumprimentando os vizinhos. Alguns paravam ou vinham para conversar. E quando não apareciam conversava comigo. E no meio das conversas se orgulhava de não dever para ninguém. De nunca ter maltratado um animal. De nunca ter ofendido uma pessoa. De nunca haver ganhado alguma coisa ilicitamente ou passando alguém para trás.

Um homem que incutia nos filhos, sobretudo, a coragem de ser bom e honesto. Não passava para frente notícias ruins ou maldosas. Mesmo pobre, nunca teve a burrice de cobrar dos filhos o custo de cada um. Embora a manutenção material e espiritual seja uma obrigação dos pais no começo da vida de qualquer filho, muitos fazem essa cobrança, diminuindo a auto-estima de qualquer jovem. A função dos pais é auxiliar os filhos na busca da felicidade. O sucesso é ser feliz.

Só um fato deixava meu pai muito triste, mas não derrotado: a falta de trabalho. O desemprego tira a cidadania do homem. Envergonha sua face perante a família. Meu pai suportando as nuvens negras formadas pela Segunda Guerra Mundial, antes, durante e depois, sentia na pele o quanto a vida era difícil. Principalmente para imigrante espanhol. A quem não era lícito possuir sequer uma carteira do trabalho.

Certa vez, chegou em casa muito alegre. Em regra, estava sempre de bom humor. O pai carrancudo deve ser um saco. Só pode formar um outro chato depressivo. Disse para minha mãe o seu plano de vender pão de madrugada. Já havia conversado com o dono da padaria. Inclusive a sua comissão. Mas precisava de condução própria. Uma charrete com baú de madeira e um bom cavalo. Não tinha dinheiro. Encontrou o Paquito, seu amigo de infância, que o aconselhou a procurar o gerente do Banco São Paulo S.A. que ficava ao lado do Banco Moreira Sales, hoje Unibanco. Minha mãe lavou e passou sua melhor muda de roupa e lá foi ele.

– Bom dia. Eu queria falar com o gerente.

– Sou eu mesmo.

– Olha quem me indicou o senhor foi o Paquito Merlos.

O homem olhou o fichário e não encontrou nenhum Paquito. Claro. Era apelido. Não nome.

– Bem, o que senhor deseja?

– Um empréstimo.

– De quanto?

– Mil cruzeiros.

– O senhor tem bens de valor?

– Tenho. Minha mulher e seis filhos pequenos com saúde, graças a Deus.

– Não! Eu quero saber se o senhor tem casa própria. Terreno. Chácara. Sítio. Carro. Enfim, propriedades.

Meu pai, já vermelho, passou a mão na testa. Arrumou os seus escassos cabelos e disse-lhe: – Eu tenho. Um apartamento em Paris, outro em Madri, o Bangalô onde moro, dois Fords na garagem e uma boa conta na Caixa Econômica.

E o gerente: – O senhor tá de sacanagem comigo. Está mangando de mim. Tá de gozação?

– É. Respondeu meu pai. Mas foi o senhor que começou.

E o empréstimo não saiu.

MINHA MULA PARQUETINA

Há uns cinqüenta anos, mês de junho, início do inverno, significava, também, que a festa do meu bairro estava prestes a começar – a Festa do Carmo. Minha mãe se antecipava e na sua máquina de costura à mão fazia um agasalho de flanela para cada filho, principalmente para usar na festa, que se realizava em julho de cada ano, no chão batido do largo da igreja. Essa festa era o maior acontecimento do ano na cidade. Nos últimos dias, quando chegavam vendedores de todas as partes do Brasil, a avenida 7 de Setembro parecia um formigueiro. Multidão a pé subindo e descendo. Parques de diversões se instalavam na praça. Nas barracas centrais, exploradas pela própria igreja, comia-se um mandiopã, um churrasco no pão, batatas fritas, bebia-se refrigerantes, cervejas, quentão e arriscava-se ganhar na roleta um leitão ou um frango assado.

Na periferia do largo estavam as barracas com espaço alugado, nas quais se bebia um bom vinho quente, comia-se um cachorro-quente, um churrasquinho ou doces caseiros. Encontravam-se ainda mágicos, comedores de espada, vidro, gilete e fogo e outras atrações. Havia serviço de alto-falante para propaganda e oferecimento de músicas: "A moça de vestido vermelho oferece ao moço de camisa preta que está encostado no pim pam pum (jogo de derrubar pirâmide de latas com uma bola de meia), como prova de muito amor..." Ou alguma moça por deboche oferecia a algum pingaiada a música

"O ébrio", de Vicente Celestino: "Ao moço de chapéu preto como prova de desprezo."

As moças andavam em círculo, e os moços flertavam parados. Ao lado da igreja tinha um coreto e, ao lado dele, um cercado com animas oferecidos para leilão. No coreto ficava a banda que tocava no intervalo dos leilões. Leiloava-se de tudo: pato, marreco, abóbora gigante, jumentos, cabras, ovelhas, vacas etc.

Não tinha 11 anos de idade, pois não havia terminado o "grupo escolar", resolvi que haveria de vencer na vida e tive uma idéia. Trabalhei fora de hora muitas semanas, passando cera (Parquetina) no piso dos cartórios do fórum e depois o pesado escovão, a fim de juntar dinheiro para a festa. No último dia da quermesse que começava cedo e varava a noite, resolvi fazer um investimento. Quando o leiloeiro apregoou "quanto me dão, quanto me dão por este lindo animal?", consultei o bolso, arrisquei um lance e comprei uma mula de quase dois metros de altura. Dei-lhe o nome de Parquetina em razão da origem do meu capital.

Com apenas uma cordinha no pescoço, ajudaram-me a subir na besta que saiu a galope. Não via a hora de chegar em casa e mostrar a minha aquisição e meus planos para o meu pai. Acontece que a mula era xucra e desobediente. Quem ofereceu à igreja se viu livre de um belo abacaxi. Ela me levou por onde bem entendeu. Não tive qualquer domínio sobre ela. Carregou-me ao centro da cidade. Aos bairros. Pular de cima nem pensar. Era muito alta, corria o risco de quebrar a cabeça. Ela teve a ousadia de entrar num quintal e atravessar uma residência, comigo sobre ela, entrando pela porta da sala e saindo pela cozinha, e eu simplesmente abaixando a cabeça e dizendo para os moradores apavorados: – Desculpe, desculpe, desculpe.

Felizmente derrubou algumas cadeiras, mas não machucou ninguém. Depois de apanhar dela por mais de duas horas, já com a parte interna das pernas toda esfolada, consegui chegar em casa. Com ajuda de alguém, desci e, com as pernas trêmulas e machucadas, mostrei ao meu pai, dizendo-lhe: – Vamos comprar um desses carrinhos puxado a animal e vender pão de madrugada ou fazer entrega para alguma padaria.

Meu pai disse: – Você está louco. Sabe quanto custa um "treco"

desse?

Não agradei. Fiquei com a mula por uns trinta dias. Puxada pelas mãos, levava-a para pastar toda tarde, até que resolvi vendê-la. Pedi o dobro do que paguei. Não consegui. Baixei minhas pretensões até a oferecer de graça. Ninguém quis. Passando uma boiada em frente à minha casa, disse-lhe adeus. Enfiei a Parquetina no meio das mulas de carga que vinham ao fim, dando-lhe carta de alforria. Ela olhava para trás não entendendo nada, mas foi embora. E com ela também todo o meu primeiro patrimônio.

Mas aprendi desde cedo que a derrota nunca é definitiva a não ser que a aceitamos. Algum fracasso é, às vezes, a mãe do sucesso. A adversidade faz parte da vida, ou como dizem os chineses: "Sem a oposição dos ventos, a pipa não consegue subir."

LIQUIDAÇÃO DE PÃO COM MOLHO

Quando vejo o estrago que as drogas fazem aos nossos jovens. Quando assisto pela televisão, ao vivo, à troca de tiros no Rio de Janeiro, fazendo vítimas inocentes. E que essa violência urbana é financiada pelos narizes de jovens e adultos de todas as classes sociais, relembro, não com nostalgia, mas para reflexão comparativa, como, em regra, os jovens da década de 1950 se divertiam numa noite de domingo em Araraquara. O "centro" – foco principal do divertimento – compreendia o trecho da avenida Espanha até a avenida São Paulo, a rua São Bento, onde ficavam os cinemas Odeon e Paratodos, o Teatro Municipal, hoje prefeitura, os clubes Araraquarense e 22 de Agosto; ali por perto, na Avenida Portugal, a esplanada e os bares mais movimentados.

Minha turma era formada por colegiais que tinham também alguma outra ocupação. Na noite de domingo, os amigos se reuniam no "centro". Primeiro compromisso: ir ao cinema. O Odeon, depois Veneza (hoje uma igreja), era o preferido. As luzes eram mantidas acesas até o filme começar. As moças sentadas, e os moços andando nos corredores, flertando com as meninas, que guardavam um lugar ao lado, para eventual "paquera". Terminada a sessão, as moças permaneciam por um certo tempo – subindo e descendo - na esplanada, quarteirão que faz frente hoje para a prefeitura. E os moços parados, namoricando pelo olhar.

Quem tinha, levava a namorada para casa. A pé, de mãos dadas. E depois retornava ao "centro" para se juntar aos amigos. Aí escolhíamos um lugar para tomar um lanche, segundo o "fluxo de caixa" de cada um. O bar do nosso amigo Olympio Bolsan era uma pedida. Assim que a turma entrava no seu estabelecimento e pedia uma pizza previamente escolhida, o garçom já sabia que deveria cortá-la de acordo com os presentes. Um pedaço para cada um, acompanhado de refrigerante ou de uma cerveja, tomada em *slow motion,* bem lentamente para não acabar logo, ao som de Ray Conniff, Lucho Gatica ou de Bienvenido Granda. Todos de paletó e gravata, imprescindíveis até para entrar no cinema. Eu tinha apenas um paletó, que se tornou meu amigo e companheiro. No verão me era leve. No inverno me aquecia. Meus amigos o apelidaram de "manto sagrado". Ainda o tenho. Qualquer dia, vou vesti-lo. Assim que perder uns quilinhos.

Outro lugar que freqüentávamos era o Bar Tamoio, do cavalheiro Luiz Gonçalves da Silva. Ficava em frente à (hoje) prefeitura. Ali havia três lanches em ordem decrescente de preço: um bauru (pão, carne, queijo e tomate); um pão com lingüiça (o Baiano – garçom e cozinheiro – pegava um "gomo", fazia-lhe uma cesariana de cima para baixo, achatava na chapa para assar logo e colocava no meio do pão); e o último, um lanche próprio da casa e servido pelo Joaquim. Era aliche desfiado no meio de muita cebolinha, curtidos no óleo, dentro de um vidro de bala. Mergulhava-se ali uma colher grande, comprimia-se o azeite e enfiava-se o recheio no meio de um pão. Bom também. Mas quando essa era a opção, chegando em casa, dava vontade de dormir no tanque de lavar roupas, de barriga para cima e com a boca e torneira abertas, para matar a sede.

O Bar do Oguri ficava na rua São Bento, quase esquina da Duque de Caxias. Servia um cachorro-quente, com mostarda e ketchup, acompanhado de uma laranjada que pulava dentro de um vidro sobre o balcão ou de um vitaminado, preparado pelo Luiz Oguri: um pedaço de abacate, um pedaço de banana, duas colheres de açúcar cristal e leite gelado, que enchia um copo duplo, tomado com ou sem canudinho. Ao lado do Oguri, estava o Bar do Hanai, no qual se comia um bom bauru feito à vista do freguês. Para entretenimento, o garçom Batigaglia tocava marimba em garrafas com água,

penduradas estrategicamente na frente da prateleira.

Mais para cima, perto do cinema, instalou-se o Bar do Bueno, uma boa pessoa que vendia cachorro-quente e refrigerantes. As salsichas, mergulhadas num suculento e imbatível molho, nadavam alegremente numa higiênica forma de inox, mantida aquecida. Essa grande figura realizou a revolução dos "duros". Lá pelas tantas, acabando as salsichas, ele fazia liquidação por qualquer preço do seu pão com molho. Acompanhado de uma soda limonada, era uma ceia. Aí terminava a "farra" do domingo à noite. Mais um dedo de prosa e os amigos se despediam, indo cada um para sua casa.

Nenhum da minha turma de amigos foi reprovado no colégio. Todos colaram grau em cursos superiores. Formaram belas e felizes famílias. Estão todos vivos, com saúde e ainda praticando esportes. Se os jovens de hoje, pudessem, pelo túnel do tempo, nos visitar nos anos da década de 1950, por certo, de lá voltariam nos chamando de babacas imbecis. Mas com a certeza de que naquela época ninguém morria por bala perdida nem por *overdose* de pão com molho.

MEU AMIGO NERO

Quando criança, ganhei do meu pai um tuim. O menor dos psitacídeos. Conhecido como periquito-de-santo-antônio, de coloração verde e de cauda curta. Ainda não tinha plumagem. Improvisei um ninho com retalhos de pano e, duas vezes ao dia, alimentava-o com água e fubá. Cresceu solto. Não foi embora. Ficava por perto. Ora na pitangueira ora na amoreira, dando, de vez em quando, vôos rasantes dentro de casa. Batendo numa parede, teve uma asa parcialmente fraturada. Fui até a serraria do Maneco Branco, pedi cola forte de madeira e consegui curar o passarinho. Senti-me como o melhor cirurgião do mundo.

Sempre tive, desde pequeno, respeito e carinho pelos animais, genericamente falando. Tive coelhos, papagaios, cabra e cachorros. Já adulto e casado, comprei uma vaca, cor de mel, mocha, que passou a ser chamada de Jurema. Nas tardes, ela me fazia companhia enquanto eu tomava cerveja numa mesa improvisada sobre a grama do sítio. Contava-lhe histórias e casos reais, enquanto ela comia pão. Gostava de me ouvir. Quando parava, ela me cutucava com a cabeça para continuar. Certa vez, contei-lhe a fábula do lobo e do cordeiro: Um cordeirinho bebia água na corrente de um regato, quando foi advertido por um lobo: – Como ousa sujar a água?

Respondeu o cordeiro: – Ela vem descendo e eu bebo aqui no declive, como posso turvá-la?

– Não importa, fiquei sabendo que você há uns seis meses andou falando mal de mim.

– Como é possível se eu tenho apenas noventa dias de idade?

– Mesmo assim, eu vou matá-lo. Respondeu o lobo.

Quando eu disse que o cordeiro foi devorado pelo lobo, a Jurema parou de ruminar e olhou-me seriamente como se estivesse dizendo: "Não acredito que o lobo fez isso." Disse-lhe que é assim também entre as pessoas. As maldosas, as invejosas e moralmente desqualificadas, quando querem agredir a honra ou a integridade física de um inocente, arrumam pretextos absurdos para manifestação do seu mau-caráter. A Jurema, por muitos anos, *amamentou* meus filhos. Salvei-lhe a vida quando se enfiou no rio e afundou no brejo. Pegou reumatismo infeccioso. Ficou magra. Abatida. Chamei o veterinário. Demos-lhe vitaminas e tratamento adequado. Engordou. Deu leite por algum tempo e morreu de velha, tendo recebido funeral condigno. Foi cremada. Não suportaria ver aquela ama-de-leite ser dilacerada, mesmo morta, por abutres.

Numa noite, saindo do meu sítio com minha Veraneio, já velhinha, na companhia do meu cachorro Nero, bóxer de cinqüenta quilos e mais de meio metro de altura, fui surpreendido por tremenda tempestade. Estrada sem acostamento. Limpador de pára-brisa quebrado. Falha no farol alto. Pista de mão única. Mantive o carro à direita da estrada temendo abalroamento. Não enxergava quase nada. Nero atento a tudo. De repente, ouvi a palavra "cuidado". Instintivamente, movimentei a direção um pouco para a esquerda e tive a sensação de haver atropelado alguma coisa, percebi que estouraram os dois pneus do lado direito. Como não tinha como parar, segui em frente alcançando o perímetro urbano e ruas iluminadas a um ou dois quilômetros.

Voltei ao local com outro veículo e notei que aquela palavra ouvida me salvou por dez ou quinze centímetros de capotar várias vezes ribanceira abaixo. Havia marcas no chão. E os pneus estouraram na guia de concreto existente sobre a tubulação para passagem de água sob a estrada. Não havia possibilidade de alguém de fora ter me alertado a não ser o Nero. Telepaticamente? Não sei. Alguém por intermédio dele? Quem sabe? Um

anjo da guarda? Pode ser. Em casa, ele me olhou com olhar de gente grande. Eu lhe perguntei: – Foi você Nero? Ele me respondeu por telepatia: "Blindagem divina... Espiritual..." E acrescentou com muita sabedoria: "*Quem habita a morada do Altíssimo, terá sempre a sua proteção.*"

Tempos depois Nero ficou doente. O exame de sangue acusava a gravidade do seu estado. Um dia, na hora do almoço, ele entrou em casa, o que não fazia sem autorização, atraindo-me para o quintal. Queria me dizer adeus. Sentei no chão, ele colocou a cabeça no meu colo e faleceu. Despediu-se com a consciência em paz. Dever cumprido. De escudeiro e fiel amigo. Morreu de cirrose, doença crônica do fígado provocada geralmente por fumo e álcool. Eu testemunho em qualquer instância: o Nero não tinha vício algum. Não fumava. Nem bebia.

O DIÁRIO DO PERU

Quase meia-noite, quando voltava do colégio, passei por uma trilha de mato para encurtar o caminho de casa. Absorto e assobiando, próprio de quem está com medo, tropecei em algo que se moveu. Assustado e imóvel ouvi uma voz feminina.

– Você não tem vergonha de ficar olhando?

Percebi, então, que um homem estava sobre uma mulher e, pela rouquidão, reconheci a voz de Barbina, uma negra, de pequena estatura, com olhos penetrantes, famosa mendiga alcoolista do bairro. E o homem só poderia ser seu namorado, o Rolinha, também descamisado. Ele vivia de pequenos biscates, matando formigas com formicida assoprado por um fole nos olheiros dos insetos. O fole era o seu único patrimônio.

Os dois faziam parte de uma turma formada também por "Canela de Corvo", "Nairzona", "Pernambuco" e pelo líder "Peru". As mulheres sobreviviam de raros e pequenos afazeres em residências e, de vez em quando, com exceção da Barbina, com a venda do corpo numa moita ou construção, transformadas em motel. O Peru, o único que sabia ler e escrever, era um alcoólatra diferente. Sempre de paletó, andava com um bloco de anotação e pequeno lápis preso em sua espiral. Anotava tudo o que acontecia com a turma, da qual era uma espécie de conselheiro. Faziam várias vezes o trajeto da rua Doze à rua Quinze, na avenida Sete de Setembro, visitando os bares

existentes nesse percurso. Entravam, tomavam uma pinga e saíam. Comiam o que conseguiam. Vestiam o que ganhavam. Dormiam em qualquer lugar. O que chamava atenção era o romance do Rolinha com a Barbina. Sempre de braços dados. Ciumentos. Um amor respeitado e admirado por todos que os conheciam. Peru anotava tudo em seu diário.

Embora não soubessem o nome dos governantes, nem entendessem de *over-price, overnight*, licitação, corrupção, estelionato, falcatruas, "laranjas", de preço de boi-gordo, boi-magro, morto, em pé ou deitado, tinham eles um código de ética: "Não perturbar quem quer que seja, não falar palavrão e de forma alguma ficar com o que é dos outros." Roubar seria a maior vergonha para o grupo.

Certa vez, a polícia prendeu Canela de Corvo sob a acusação de haver roubado uma nota graúda da carteira de um homem semi-embriagado. Peru, Rolinha, Barbina, Nair e Pernambuco foram à delegacia em defesa da colega. Juravam por Deus a sua inocência.

– Podem revistar, protestava a presa.

O delegado pediu para a investigadora Doralice revistá-la numa sala fechada. Logo depois, a policial apareceu com um objeto na mão: – Olha aqui, achei, estava na *perseguida* dela.

– Onde? Disse o delegado dr. Ventosa.

E de cochicho na orelha teve a explicação. O dinheiro estava dentro de uma caixa de fósforos que, por sua vez, estava dentro da ladra. A turma se retirou indignada com o comportamento indecoroso da Canela de Corvo. Ela foi sumariamente excluída do grupo.

Eram eles solidários entre si. Repartiam comida, coberta, tristeza e afeição. Circulou entre eles a notícia de que Barbina estava muito doente. Tuberculose. Abatidos, consolavam Rolinha e tentavam proteger a sua namorada.

Numa manhã, naquela mesma trilha, Barbina foi encontrada morta. Ao seu lado, de mãos dadas a ela, estava Rolinha e, ao lado dele, uma garrafa de pinga e uma porção de formicida que usou para pôr fim à vida. Se chamassem Abelardo e Heloisa ou Romeu e Julieta e não fossem mendigos, seriam personagens de um belo romance.

Maria da Bunda Mole, eventual participante do grupo, a única que tinha residência, ofereceu sua pequena casa no João de Barro, do São Bom Jesus, para o velório. Os corpos foram velados um ao lado do outro, em caixões de pinho, por certo doados. Presentes estavam todos. Até a entrada da Canela de Corvo foi excepcionalmente permitida. Sabe-se que durante a guarda dos defuntos consumiram-se *respeitosamente* algumas garrafas de marafo. Afinal ninguém é de ferro.

Rolinha e Barbina foram enterrados, sem nome completo, em sepulturas de indigentes. Como essas covas devem ser *desocupadas* depois de certo tempo, tiveram os coveiros uma surpresa. O corpo de Barbina já havia se transformado em pó, e o do Rolinha foi encontrado em bom estado de conservação. E isso porque o corpo (animal ou humano) de quem morre envenenado não é consumido por larvas, vermes ou por insetos ortópteros. Nem urubu passa perto. Por ignorância, muitos casos como esse já foram considerados milagres.

A notícia correu e muitos rezaram invocando o seu nome e pedindo ajuda espiritual. Por pouco, o Carmo deixou de ter o seu santo milagreiro – o "São" Rolinha.

O ESPECIALISTA

Especialista é todo aquele que possui habilidades, conhecimentos especiais ou extraordinários sobre determinada prática.

Fui convidado pelo Barbosa para tomar vinho numa requintada cantina. Ele também convidara o Beto e o Nando, que não víamos há muito tempo. O Nando reside em São Paulo e, uma vez por ano, vem visitar parentes e amigos. Cheguei primeiro. Ocupei uma mesa para quatro pessoas. Pedi pão, salame e queijo cortados e uma porção de sardela. Quando já estava comendo pão com sardela, chegaram os três. Foi Nando quem escolheu o vinho. Caro. Veio o garçom e abriu a garrafa. Entregou-me a rolha, quase esfregando no meu nariz. Não sei por que, também não perguntei para que servia. Para não correr o risco de uma resposta malcriada.

O Nando falou: – Pelo cheiro e manchas ao redor sabe-se pela rolha o estado do vinho para o consumo. Percebi que o Nando, que na mocidade chamávamos de Fer, especializara-se em vinho. Mandou trocar de copos várias vezes até aceitar taças brancas bojudas e de cristal fino. Peguei a garrafa para me servir e ele gritou: – Não faça isso!

Levei um susto, com aumento de batimentos cardíacos.

E acrescentou: – Você não sabe o que é aeração? O vinho tem que respirar para se acostumar com o ar ambiente.

Tentei de novo pegar a garrafa e nova carraspana do Nando:

– Limpe os lábios e dentes com miolo de pão para tirar o gosto da sardela que você comeu.

Obedeci. Peguei a garrafa para me servir e nova advertência:
– Deixe a boca secar. Não tome antes de diminuir a salivação para não estragar o *bouquet* do vinho.

Tive vontade de mastigar uns dois guardanapos de papel. Mas fiquei na minha. Já estava me sentindo um verdadeiro idiota pela minha ignorância no assunto. O Nando perguntou ao garçom se não havia no recinto uma cuspideira: – Todo enólogo que se preza cospe a primeira dose para sentir se o retrogosto da bebida é adorável e duradouro.

Intervim e não agradei: – Vocês não tem um penico para colocar ao lado dele?

O garçom fez que não ouviu. E o Nando: – Cuspideira de enólogo é de papelão. Num ritual cerimonioso, ele colocou um pouco de vinho na sua taça. Balançou a bebida em círculos. Cheirou com as duas narinas. Depois com uma só. Deu-me a impressão que iria beber pelo nariz. Colocou na boca sem tirar o órgão do olfato de dentro do copo. Mastigou a bebida como se estivesse comendo pamonha. Bochechou. Gargarejou e disse: – Trata-se de um vinho jovem, violento, agressivo e de personalidade marcante. De perfeito equilíbrio e harmonia entre os ácidos, álcool, fruta e tanino. Isto é o que se chama vinho feito por estilista, por artista. Verdadeiro vinho de alfaiataria. De perfeita equivalência entre custo e benefício.

Eu não sabia que para tomar vinho tinha de aprender economia.

A conversa já estava um saco e o Nando continuou: – Olha as lágrimas que escorrem nas paredes do copo. Perfeita evaporação. É um vinho com grande parte de *Merlot* e pequena de *Sangiovese*. Para acompanhar carne vermelha. De preferência, paleta de cordeiro ao molho leve de hortelã.

Eu ainda não tinha dado um *beiço* na bebida. Como amante de coisas simples, eu estava zonzo sem ter bebido nada. Não sabia se comia a rolha. Se degustava o salame, comia o vinho e bebia o pão ou se fazia um bochecho com a sardela, bebia a água e molhava o pão no vinho. Para complicar eles pediram charutos. Quatro.

– Mas eu não fumo.

– Não... você tem de fumar. Bebedor de vinho fuma charuto.

Nesse instante tive uma idéia. Por baixo da mesa acionei a campainha do meu celular. Simulei um atendimento.

– É minha mulher. Tenho de ir embora.

Deixei minha parte da conta. Comprei uma garrafa do mesmo vinho e fui para casa. Descalço, sem camisa e de bermuda, tirei a rolha. Convidei minha mulher para beber comigo.

– O que você quer comer? Perguntou ela.

– Paleta de cordeiro com molho de hortelã nem pensar!

Ela disse: – Você está delirando, vou fazer omelete com aqueles ovos de gansa, bacon, queijo e salsinha.

Pedi: – Faça bem mole para comer com pão. Antes, porém, fechei as janelas, as portas e as cortinas para que ninguém nos visse tomando aquele vinho com omelete. E se eles resolvessem passar pela minha casa? Imagina o que diria o enófilo-enólogo Nando! Deus me livre.

Enquanto bebíamos disse que se tratava de um vinho agressivo e de personalidade forte. Com olhos arregalados ela perguntou: – Você tem medido a sua pressão?

Não respondi e continuei: – Olhe para o copo. De lado é vermelho. Olhando de cima para baixo ele escurece, mas dá para perceber no fundo da taça as frutas vermelhas, principalmente amora, cereja e pitanga.

Ficou mais assustada. Eu estava repetindo coisas que ouvi do Nando, mas quando lhe disse que se tratava de um vinho feito por alfaiate, ela quase se afogou. Colocou o copo na mesa e advertiu-me: – Pare de beber que você já está troncho da cabeça.

FESTA DE SÃO JOÃO

Junho é o mês de contar causos. Na noite de São João, meus pais juntavam uns paus de lenha e acendiam uma fogueira embaixo da mangueira centenária no fundo do quintal. Ao redor, algumas cadeiras e uns bancos improvisados. Os vizinhos iam chegando. Uns traziam batata-doce, que era assada no fogo, depois esfriada e passada no açúcar cristal. Outros, um bolo de fubá. Pé-de-moleque. Doce-de-leite de cabra. Amendoim torrado na casca. As crianças soltavam busca-pé que os cachorros seguiam até parar. E com um tição, fazendo argolas de fogo no ar, chamavam: "Vaga-lume tem tem, seu pai está aqui e sua mãe também." Vinha o seu Pedro com dona Catarina. Ele, analfabeto, mas ligeiro em fazer contas. Deu-se bem vendendo bananas para as quitandas. Comprava verde no cacho e amadurava com ajuda de carbureto. O Maneco Branco aparecia com seu violão e todo ano tinha que tocar "Abismo de Rosas", de Dilermando Reis. Um dia, Dicão, que também pintava no pedaço, já meio de brasa, pediu para ele tocar "Abismo de Reis", de Dilermando Rosas.

Papo vai, papo vem, minha mãe fazia uma chaleira de quentão. Açúcar, água, pinga, cravo, canela e gengibre plantado e colhido na horta. Era servido em copinhos de papel para os visitantes. Aí a prosa ficava boa. E todo mundo contava histórias, piadas e causos. Meu pai, muito tímido, falava pouco, lembrava a de sempre: – Um pescador contou para outro que havia pescado

um lambari de meio quilo.

O parceiro retrucou: – É? Pescaria tem disso. Outro dia fui pescar à noite e por descuido meu lampião de querosene caiu e ficou aceso no fundo do rio. Aí, pude escolher os peixes para fisgar.

– Você tá me gozando? Disse o companheiro.

– Não. Se você tirar 450 gramas do seu lambari, eu apago o lampião.

O seu Pedro gozava o Bigode, talentoso desenhista e pintor de parede, mas trambiqueiro e pé-de-cana. Um dia ele foi contratado por um açougueiro para pintar um boi na parede do seu estabelecimento. Bigode perguntou: – Quer que eu coloque uma corda no pescoço, amarrada numa estaca.

– Não. Só o animal. Disse o proprietário.

Ele pintou. No dia seguinte, deu uma chuva e, em razão da má qualidade da tinta, o animal sumiu. Foi reclamar com o Bigode que se defendeu: – Eu falei pra amarrar o boi. Você não quis. Ele fugiu.

O Dimas contava que uns moços num carro possante passaram por um humilde carroceiro e gritaram: – Hei, caipira, sabe quantos cavalos nós temos aqui? Duzentos! Com a gozação, perderam o controle e caíram num riacho de ponta cabeça. O caipira passando por eles tirou a diferença: – Vocês aí embaixo, estão dando água pra tropa?

O Chico Carneiro fazia brincadeira com o próprio filho Jijão, já com 12 ou 13 anos e menos feio de quando contava quatro ou cinco anos de idade. – Eu não podia sair na rua com ele. Todo mundo zombava: "tá de frente ou de costas", "avesso", "capeta", "cruz-credo" etc.

Um dia, ele foi com o filho no Jardim Público. Na frente sentou um homem comendo melancia, que olhava para o Jijinho com ternura, sem espanto. – Tá vendo filho. Não é todo mundo que te acha feio. Tem gente boa no mundo. Quando o homem acabou com o vermelho da melancia, virou para o seu Chico e indagou: – O bichinho aí come a casca?

O nordestino Maninho, que não tirava o chapéu de couro, contava que baixou na sua terra um avião para contratar e levar gente para trabalhar de pedreiro no exterior. O avião desviou da rota e aterrissou no

deserto, que só tinha areia. Quando os passageiros desceram, sem saber o que havia acontecido, um deles exclamou: – Vixe bichinho, quero ver misturar tudo isso quando o cimento chegar!

Bom... a conversa tá boa, mas vou encerrando que hoje eu vou a uma festa junina e já tenho um causo verdadeiro para contar. O sr. Juca Leiteiro, morador do sítio Rola Mansa, num domingo à tarde, botou a mula na carroça. A mulher perguntou: – Aonde vai?

– Vou pra cidade, na farmácia, comprar esse tal de Viagra que você já deve ter ouvido para que serve.

– Eu vou também, disse dona Nica, sua mulher.

– Vai não. Volto logo.

– Vou sim.

– Por que mulher?

– Porque se você vai usar esse "trem" velho e enferrujado, eu preciso tomar uma injeção contra tétano.

Viva São João. O Baptista.

DESPEJO RELÂMPAGO

Ambrózio e meu pai vieram da Espanha, com as respectivas famílias, no mesmo navio de imigrantes, nos primeiros anos do século passado. Por coincidência, instalaram-se na mesma cidade e tornaram-se amigos até o fim de suas vidas. Diziam que Dom Ambrózio, como era chamado, já estivera muito bem de vida e que nesse tempo usava apenas ternos de cambraia de linho e chapéu Panamá. Tinha bom salário como estafeta da estrada de ferro, principalmente pelos acréscimos em razão de trabalhar à noite em alguns dias da semana. Morava em casa própria. Ali por perto do Clube Araraquarense. Para chegar à sua casa passava ao lado do cemitério no longo quarteirão da Avenida São Paulo.

Numa noite de luar, mas sem iluminação na rua, percebeu que era acompanhado por uma cabeça e duas mãos, que aparentemente levitavam sobre o muro do campo-santo. Chegou em casa sem voz. Ficou mudo por muito tempo. Nunca mais falou direito. Dava para entender, mas enrolava a língua. Aposentou-se por invalidez. Passou a ganhar pouco.

Era interessante a visita que ele fazia ao meu pai, que não era de falar muito. Um de frente para o outro. Pernas inquietas, com os dedos das mãos agitados, batendo sobre a mesa como se estivessem datilografando numa máquina de escrever invisível. Não conversavam. De vez em quando, um ameaçava, mas permanecia em silêncio. Parecia que mentalmente contavam

piadas para eles mesmos. Balançavam a cabeça, estalando os dedos como se dissessem "essa é velha". Depois de uma ou duas horas, Ambrózio levantava:
– O papo tá bom, mas já vou indo.

Meu pai em pé: – É cedo.

E desta forma terminava a visita. O estafeta que levara vida opulenta ficou pobre. A pé, com uma sacola, passou a vender bijuterias na zona rural da cidade. A mulher e Lola, sua única filha, já não conversavam com ele. Atribuíam à sua falta de asseio pessoal. Ambrózio conversava mais com o seu papagaio Friaça, nome que lhe deu por admirar o craque homônimo da seleção de futebol de 1950. Quase todos os dias "rachava" uma caipirinha com o louro. Este, apoiando-se com o pé direito no ombro do amigo, saboreava as rodelas de limão encharcadas de pinga e untadas com açúcar, seguras pelo pé esquerdo. Friaça, o papagaio, sabia o hino do Corinthians e tinha na ponta da língua a escalação do time do Brasil: Barbosa, Augusto e Juvenal, Bauer, Danilo e Bigode, Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. Adorava tagarelar na companhia de Ambrózio: "Barbosa, Augusto e Juvenal..." "Salve o Corinthians, campeão dos campeões, eternamente..."

Lola tinha como bicho de estimação um macaquinho sagüi que vivia no seu colo ou pulando de um ombro ao outro, passando as mãos entre seus cabelos. Com 35 anos, a moça arrumou um namorado. Ficavam na sala, sentados num sofá de couro branco que ela havia comprado. Ali, escutavam o rádio colocado sobre um suporte à meia altura da parede. O aparelho tinha um "olho" mecânico que abria e fechava para melhor sintonizar as estações. Como o paí chegava da rua e banho nem pensar, foi proibido de usar o sofá, principalmente quando o namorado estivesse presente. Pirracento, fixou com seis enormes pregos e martelo uma cadeira cambeta com acento de palha esgarçado na parede da sala, dizendo "esta é minha".

O namorado era coxo. Tinha uma perna mais curta do que a outra. Quando ele chegava, Ambrózio colocava o Friaça no ombro dizendo:

– Vamos sentar na sala que o manquitola chegou. Só para importunar a filha.

Aí, o papagaio não parava: – Salve o Corinthians... Barbosa, Augusto e Juvenal, Bauer...

E Ambrózio fazia questão de tirar os pés das alpargatas e atendendo às súplicas da frieira e da micose, entrelaçava os dedos dos pés, indo ao orgasmo ao saciar a coceira, exalando pela sala a "suave" fragrância de gorgonzola. Lola e o namorado iam para o portão.

Até que um dia, estando o jovem a ouvir o rádio, aguardando a namorada, vem o espanhol com o papagaio que fala "Ambróziôôô, o manquitola já chegou". Foi o suficiente para o rapaz sair para nunca mais voltar. A mulher e a filha, vendo escapar a oportunidade de desencalhe da solteirona, proibiram o Ambrózio de usar até o banheiro da casa. Passaram um cadeado. E mais. No dia seguinte, o Friaça foi encontrado morto. Só pela barriga estufada dava para saber que o papagaio fora envenenado. Ambrózio não deixou por menos. Antes de escurecer, enforcou o macaquinho. Pendurou o símio com um fio elétrico no galho da goiabeira. Estava instalada a guerra.

Desgarrada da casa, havia uma verdadeira suíte, um quarto com banheiro, lavatório, guarda-roupa de três corpos, cama de casal, tudo bem limpo, chão ladrilhado, com uma janela de veneziana de madeira, com vãos para arejamento. Estava alugada por bagatela ao cunhado Hermínio. Ambrózio reivindicou reiteradamente o cômodo para ali morar separado da esposa e da filha. Mas o cunhado não desocupava. Contava com o apoio da irmã. Esta não permitia que o mano solteirão de lá saísse. Ambrózio foi obrigado a comprar um penico para recepção de sua urina e dejeções.

Num dia, quando ia esvaziá-lo, teve uma idéia genial. À noite, quando já roncava o cunhado, com uma ripa de madeira feita espátula, calafetou a veneziana do quarto alugado com o "produto" por ele mesmo produzido. De manhã, o cunhado levantou mais cedo. Olhou a janela por fora, totalmente lambuzada, sem respiração, chorando lágrimas fecais. Hermínio disse para Ambrózio: – Você é um louco. Não atendendo aos pedidos da irmã, retirou-se com seus pertences. Escafedeu-se. Sumiu. E Dom Ambrózio passou a ocupar sossegadamente aquele aposento. Este foi por certo o despejo mais rápido e eficaz da história do direito.

O JACARÉ VEGETARIANO

Meu tio Maneco era sócio de uma serraria-marcenaria. Transformava enormes toras de madeira de lei em belos móveis. Era um dos meus tios preferidos. Presenteava-me com pião para soltar com fieira e cofre de madeira em forma de coração para guardar moedas, que ele mesmo fazia. Tocava violão. Sabia cantar. Tinha uma bicicleta de guidão baixo. Casado com minha tia Lola. Mulher sensacional, inteligente, amorosa, cabeça do lar. Não tinham filhos. O seu xodó, além da esposa é claro, era Diana, sua cachorra perdigueira, levantadora de codornas, que o acompanhava nas caçadas de fim de semana, ocasião que, a seu pedido, eu ia dormir em sua casa para fazer companhia para a tia.

Um dia ele retornou da caçada trazendo consigo um filhote de jacaré vivo. Não tinha três palmos. Minha tia, de início, ficou brava: – Onde vamos colocar esse bicho?

– Vou levar para o zoológico municipal, disse ele.

Acontece que Lola começou a tratar o bichinho como um animal doméstico, dando-lhe na boca chuchu cozido, abóboras, raspas de mandioca, cenoura, mamão e banana que plantavam no quintal. Todo dia dava-lhe um banho com o esguicho de molhar a horta. Afeiçoou-se e deu-lhe o nome de Dentão. À noite, o casal ouvia novelas pelo rádio, e ela com o Dentão no colo, apoiava a cabeça do réptil no braço esquerdo, fazendo-lhe um cafuné

na barriga, enquanto entoava canções de ninar: "Boi da cara preta", "Sapo cururu da beira do rio". E o jacaré chegava a se espreguiçar nos seus braços. Não saía de dentro de casa. Quando meu tio viajava, o jacaré dormia na cama com minha tia. Barriga para cima e roncava como gente grande. Antes, ela rezava para ele ouvir. E parecia entender. Acontece que o animal cresceu e não dava mais para dormir no leito do casal nem ouvir rádio na sala. Meu tio levou um veterinário para saber até quanto cresceria. Disse o veterinário: – Pelo seu focinho e o formato do rabo, esse aligatorídeo é um jacaré-coroa da espécie palpebrosu. Atingirá dois metros de comprimento, mais ou menos. Confesso que nunca vi um jacaré vegetariano, acrescentou ele.

Aonde Lola ia, o jacaré seguia atrás. Sabia a hora da comida, bem como a hora do banho. Convivia bem no quintal, com a cadela, gato e galinhas. Até permitia que elas passeassem sobre ele. O gato também cochilava sobre sua carcaça. Sabia que só podia fazer as suas necessidades fisiológicas no quintal, cobrindo-as com terra com suas patas traseiras. O que aprendera com a Diana. Eu tinha a impressão que ele não sabia que era jacaré. O seu comportamento era exemplar. Tempo passando e afeição aumentando. Mais por parte de minha tia, pois era ela quem cuidava dele. Não podendo mais dormir na cama, embaixo desta passava a noite.

Dentão conhecia Lola de longe. Ao vê-la, abanava o rabo como um cachorro. Quatro anos depois de feliz convivência com Dentão, meu tio tomou uma atitude: a de levar o jacaré para o rio Chibarro, dando-lhe liberdade que por certo ele não queria. Afinal casa, comida, cama e banho... O que mais? A despedida foi triste. Minha tia chorava. Parecia que o jacaré também. Vi pela primeira e única vez lágrimas de crocodilo. Meu tio, com a ajuda de vizinhos, amarrou sua boca, e colocaram o bicho em sua pequena camioneta 1934. Minha tia inconformada passava-lhe a mão dizendo-lhe: – Adeus Dentão, saiba que eu te amo como um filho. Te cuide.

O caminhãozinho partiu e o tio Maneco cumpriu sua missão, soltando-o carinhosamente naquele rio, com a boca já desatada. Nunca mais tiveram notícias dele. Minha tia por muito tempo sonhou e teve pesadelos de que ele havia retornado e que estava sob a cama.

Um dia meu tio sentiu-se mal no trabalho, prognosticando que

teria um derrame. Fez sangria nos próprios pulsos, acreditando evitá-lo, e foi para o hospital dirigindo a sua própria condução. Era sócio e dizia que seu pai tinha sido um dos fundadores da Beneficência Portuguesa. Chegou a ser atendido, mas horas depois faleceu. Minha tia vendeu a casa. Mudou-se, pois ali tinha a permanente lembrança do marido e do Dentão. Cresci. Casei. Por muitos anos não tive notícia dela. Há certo tempo, fiquei sabendo que já afetada pela esclerose vivia num pensionato para idosos, pago com sua pensão. Fui visitá-la. Conduzido ao seu aposento, o servidor que me acompanhava lhe disse que ela tinha uma visita que iria gostar. Olhou-me com ternura por alguns instantes e com uma voz suave e maternal falou: – Dentão, meu querido, você voltou para mim?

Choramos juntos. Não lhe contei que era eu. Melhor no seu delírio acreditar no retorno do jacaré. Dias depois ela faleceu. E talvez contente por ter "visto o Dentão" antes de morrer.

SEM VENTO CONTRA A PIPA NÃO SOBE

A existência é uma roda-viva que gira no sentido horário acionada por três catracas acorrentadas entre si. A primeira catraca é a *necessidade*. A alavanca de qualquer progresso. A segunda é o *esforço*, e a terceira é a *utilidade*. Desde que nasce, o ser humano tem necessidade pelo menos de vestir-se, de comer, de habitar, de saúde, de estudo, de lazer e de locomoção. A necessidade obriga a pessoa ou alguém por ela a trabalhar física ou psiquicamente, para conseguir meios para obter bens ou utilidades para satisfazer as suas exigências. E assim segue a vida. Uma corrida de obstáculos. Não é desventura nascer em berço singelo. Essa circunstância faz o homem ainda infante procurar *honestamente* a satisfação de suas necessidades.

Na infância, eu dividia meu tempo com pequenos afazeres no velho fórum, vendo, ouvindo e aprendendo com advogados, promotores, juízes, escrivães, escreventes, os consumidores do serviço forense, e com o estudo de meio período no Antonio Jota. A convivência no bairro do Carmo e os bons exemplos de pai e mãe completavam meu aprendizado de vida. Com meus amigos de infância, da mesma classe social, ou seja, "dos duros", sabíamos contornar algumas situações para, pelo menos em parte, satisfazer nossos desejos.

Se alguém quisesse tomar um sorvete, ia ao sábado ou domingo

à sorveteria Colombo com um pequeno isopor com alça para vender sorvetes em campos de futebol. Chupavam-se alguns e ainda levantavam-se uns trocados. Comer um doce, era só auxiliar os confeiteiros da Padaria do Carmo. Enchia as bombas com aquele creme amarelo e ajudava colocar cocadas no forno. Comiam-se alguns e ganhava-se também alguma gorjeta. Refrigerante? Bastava lavar garrafas na fábrica Baianinha, que ficava bem em frente à igreja. Bebiam-se algumas e ainda levavam-se outras de brinde para casa. Ganhar presente no fim de ano, era só fazer a primeira comunhão na paróquia do bairro. Além de ter garantido bolo com chocolate oferecido por paroquianos, ganhava, ainda, um presente no Natal. Fiz três vezes a "primeira" comunhão. Embora não seja proibido freqüentar o catecismo e comungar mais de uma vez, confessei meu comportamento ao padre Bernardo, no confessionário. Dirigindo-se a mim disse o pároco: – Vou contar para as professoras (trocadas todos os anos) que é a terceira vez que você faz a 'primeira' comunhão.

Não sei se brincando ou não, ele pegou pesado. Respondi: – O senhor não vai falar nada porque não pode ser revelado o que foi ouvido em confissão.

Palco para reunião de amigos era o largo do Carmo, ainda de chão batido, onde sentimos um dia a terra tremer depois de um estrondo enorme. Na esquina mais próxima da praça havia um posto de gasolina. Um pequeno espaço separando o escritório das bombas de abastecer e embaixo, no subsolo, o enorme tanque de combustível que explodiu levando para os ares não só o estabelecimento como também o seu proprietário, ficando tudo em pedaços. Parecia um terremoto.

Mas um grande acontecimento para a garotada, já repetido por três anos consecutivos, dava-se no Sábado de Aleluia. Alguém, no anonimato, costurava um par de meias nas barras de uma calça. Na cintura desta, uma camisa de mangas compridas, e no pescoço, uma cabeça de pano. Esse boneco, que representava Judas, era recheado com balas e chocolates. Uns sessenta quilos mais ou menos. Ao meio-dia, os meninos "armados" com pedaços de paus ficavam aguardando a descida daquele boneco de pano cheio de doces que seria aberto com "suaves" pancadas. Em seguida, enchíamos os bolsos e a camisa com aquelas guloseimas. No quarto ano,

chegamos bem antes. Aguardamos meia hora, uma hora, duas horas. Todos com os olhos vermelhos de olhar contra o sol para o alto da igreja, de onde ele desceria amarrado numa corda. E nada. De repente, apareceu o sacristão que deu a péssima notícia: – Não haverá mais Judas cheio de doces. O homem que pagava e tinha o prazer de ver a felicidade de vocês era o vendedor de gasolina. Ele morreu na explosão.

Cada um foi embora socando o chão com o porrete. Chegando em casa minha mãe perguntou: – Cadê as balas?

Eu disse: – O Judas não apareceu. Quem pagava era o dono do posto que explodiu. Não acredito que Deus tenha feito essa sacanagem com a gente matando aquele homem. Só pode ter sido obra de algum secretário Dele, mal-humorado e rancoroso, com inveja da nossa alegria no Sábado de Aleluia.

SHAZAM

No meu tempo de infância todos os meninos (ou quase todos) tinham o seu herói preferido extraído dos gibis ou de filmes de ficção. Televisão e internet não existiam. Sem muito fanatismo, eu admirava o Capitão Marvel. Homem de aço, com força descomunal e que voava. O gibi contava suas histórias. E o Cine Paratodos exibia em seriado as suas aventuras: aos sábados à noite e aos domingos à tarde. Admirava o Capitão Marvel porque na vida real, antes da transformação, ele era o frágil Billy Batson, humilde jornaleiro que andava com o apoio de uma muleta. Mas quando alguém precisasse dele, bastava se concentrar e gritar "Shazam" para se transformar naquele herói imbatível, parando avião no ar ou um trem sobre trilhos na iminência de sinistro. Salvava criança caindo de edifício. Ajudava a polícia no combate ao crime. A palavra "Shazam", mágica, de fé ou de ordem, fazia Billy Batson, na rapidez de um raio, se converter no Capitão Marvel, com a sabedoria de Salomão, com a força de Hércules, com a resistência de Atlas, o poder de Zeus, com a coragem de Aquiles e a velocidade de Mercúrio. Como todos os justiceiros e vencedores na vida, o herói de aço também tinha inimigo, o cientista dr. Silvana, louco, gênio do mal, inescrupuloso, caluniador, facínora e criminoso. Usava a ciência e toda a sua maledicência para tentar destruir não só o herói, como também a humanidade e, principalmente, aqueles ligados ao paladino defensor dos oprimidos e das causas justas.

Com o tempo passei a constatar que o homem tem de ser o seu próprio herói todos os dias, para o enfrentamento dos problemas e necessidades da vida. É preciso gritar "Shazam" a todo instante para se livrar dos Silvanas, inimigos ocultos ou não. A vida só os fracos abate. Precisa apelar para o "Shazam" a fim de se transformar em herói, para enfrentar o desemprego ou viver de aposentadoria. Herói para sustentar a família com um salário mínimo. Herói para dizer "não" a um filho. Herói para vencer o vício das drogas. Herói para suportar as dores físicas e morais que a vida impõe. Herói para aceitar a idade que tem e brincar com a própria imagem: – Quem é esse homem dentro do espelho bem mais velho do que eu, que me olha de um jeito como alguém que não sabe quem sou?

Herói para sofrer calado o preconceito de raça, cor, religião ou idade. Herói para suportar pessoas com esclerose na alma e mau hálito no coração. Herói para ter a coragem de ser bom e saber suportar ingratidões. Herói para se fazer de surdo quando for mais prudente. Herói para superar os obstáculos da vida. Herói para entender o olhar cadavérico de invejosos. Herói para decidir como chefe de família, como patrão, como empregado, como médico, como paciente, como cidadão, como eleitor, como autoridade, como governante, como governado. Herói para se proteger da criminalidade que prospera a todo instante.

No dia em que nascemos começamos a morrer. E do nascimento à morte temos de ter coragem para decidir. A criança nasce decidindo. Mamo ou não mamo? Choro ou não choro? Decidir é ato de heroísmo. Como o velhinho que à beira da morte, porém lúcido, recebe a visita de um padre. Este, todo paramentado, antes de lhe dar a extrema-unção, pede-lhe: – Irmão, para descansar em paz, é necessário que você reafirme sua fé em Deus e renegue o Demônio! Repita comigo: Eu renego o Demônio...

O velhinho olha para o padre, mas permanece calado.

– Vamos, meu amigo! Repita comigo: Eu renego o Demônio...

E o velhinho calado.

– Por que você não quer renegar o Demônio?

O velhinho olha para o padre e diz com uma voz trêmula:

– Enquanto não souber para onde eu vou, não quero me comprometer ou arrumar inimizade com ninguém!

O MENINO E A VITRINE DE BRINQUEDOS

No mês de dezembro minha mãe escrevia no batente da porta o nome dos Reis Magos Belchior, Gaspar e Baltazar. Os que levaram ouro, incenso e mirra de presente para o Menino Jesus. Prendas que simbolizavam a realeza, a divindade e a imortalidade.

– Pra que mãe?

– Para dar sorte.

Meu pai perguntava: – A Casa Barbieri já está enfeitada?

O estabelecimento mais charmoso e sortido, não só da cidade como do interior do estado, sob a direção da simpática família Barbieri, ocupava a esquina da 9 de Julho com a Duque de Caxias. Com cinco ou seis anos eu sabia da existência do Papai Noel. Não ficava bravo nem triste com a sua ausência na minha casa.

Nos dias que precediam o Natal meus pais me levavam de mãos dadas para ver as vitrines daquela loja. Portas envidraçadas com desenhos da época. Vendedores vestidos de vermelho e com barba branca. Brinquedos de todos os tipos. E, na parte superior, um magnífico presépio em movimento.

Ali permanecíamos horas na calçada, vendo compradores e vendedores testando as mercadorias. O cavalinho revestido de camurça, com sela e arreio. O super-homem. Roy Rogers com seu cavalo. A moto acionada

à corda. A máscara, a capa e a espada do Zorro. O pião colorido giratório. A radiopatrulha com sirene. O carro de bombeiro. O forte apache. O trem elétrico em movimento. O triciclo e a bicicleta. Os bichos de pelúcia e tantos outros expostos para serem vistos e admirados.

Com os olhos e a mente eu usufruía, sem tocá-los. Muitos pais comprando este ou aqueloutro para os filhos. Mas nenhum deles teria a satisfação que eu tinha. A de desfrutar na companhia amorosa dos pais todos aqueles brinquedos ao mesmo tempo. Embora por curto prazo Se pudessem financeiramente eles entrariam na loja e comprariam todos de uma só vez. E essa intenção deles já me deixava alegre e satisfeito.

Voltava para casa a pé ou nos ombros do meu pai, simulando cansaço ou sono para prolongar aquele aconchego.

Naquela noite entre sonhos e realidade, dando asas à imaginação, eu voava com o super-homem. Com Roy Rogers eu salvava a mocinha amarrada pelos bandidos na carruagem e prestes a cair no abismo. Fazia justiça com a espada do Zorro. Auxiliava os bombeiros a apagar incêndios. Cavalgava no cavalinho de camurça com a menina bonita na garupa. E de farda dentro da radiopatrulha colocava algemas nos bandidos.

Não sabia o que era ceia de Natal. Mas no dia seguinte minha mãe preparava o almoço mais caro do mundo. Consumia *todo capital disponível* para a macarronada com molho de tomate apurado no fogão a lenha, carne de caçarola, queijo ralado e refrigerante. Ninguém ficava frustrado. Ao contrário. Só alegria. Havia muito amor dentro da família. Espírito de religiosidade no sentido de união.

O mundo mudou materialmente para melhor. Evoluiu em todas as ciências. Porém, involuiu espiritualmente. Principalmente, quanto à espontaneidade e à sinceridade, indispensáveis para o brilho da festa natalina.

Vemos hoje em todas as classes sociais os solitários na multidão. Portadores da síndrome do Natal. A TPN. Sintomas natalinos patológicos diferentes, sem causa específica ou explicação. Pessoas contaminadas por tristeza infundada, prostração e abatimento mental. Melancolia inexplicável. Sentimento de culpa pelas carências do mundo. Esquecem que a festa deve ser aproveitada sem ressentimentos. Não há alegria mais contagiante do que o

brilho nos olhos da criança em contato com o Papai Noel. Vamos armar nossa árvore de Natal colocando em cada galho a tolerância para não se exaltar com o modo diferente de agir, de pensar e de sentir daqueles que vivem ao nosso redor. Pendurar ali o sorriso, a gentileza, a bondade, o amor, a flexibilidade espiritual, a sinceridade, a compaixão, a verdade e a simplicidade, sobretudo a esperança.

Esperança de melhor saúde, de trabalho, de salário digno. Colocar nas suas estrelas mais afeto e solidariedade. Principalmente discernimento para entender que todos os desejos mencionados podem ser atendidos pelo Papai Noel que cada um tem dentro de si.

O SORRISO ENIGMÁTICO

A dentadura é uma prótese que substitui os dentes ausentes, podendo ser retirada e recolocada na boca. Em pesquisa sobre Odontologia colhe-se a informação de que, em 1927, o governo japonês mandou remover parte de um cemitério para construção de uma via pública. Numa urna de cerâmica foi encontrada, talvez, a primeira dentadura confeccionada no mundo, pertencente a um famoso samurai. A peça teria 344 anos. Confeccionada em madeira "tsuguê", árvore nativa do Japão, de grande resistência e ainda hoje utilizada na fabricação de pente. Os dentes foram feitos de pedra sabão de cor marrom.

A dentadura é importante não só por questão de estética anatômica, mas também fonética.

Há uns sessenta anos atrás havia ainda alguma resistência em usá-la, como hoje quanto à prótese capilar.

Não sei por qual razão meu pai perdeu precocemente seus dentes superiores. Minha mãe tinha belos dentes.

Um jovem, seu conhecido, que se formou em Odontologia, lhe ofereceu para fazer uma *chapa.* Era assim chamada a dentadura. Ele não tinha dinheiro. Mas a suavidade das prestações animou meu pai a colocar a dita cuja.

Ele tinha os lábios grossos. Nem se notava a ausência dos

dentes superiores. No dia esperado ele aparece com sua chapa mostrando os dentes de cima. À primeira vista minha mãe comentou que ele era muito mais bonito sem os dentes superiores, mas acostumou-se.

Dona Olinda, uma vizinha, solteira, cinqüentona bem passada, invejosa correu num profissional e colocou uma chapa com umas lasquinhas de ouro para disfarçar e dar a aparência de dentes naturais. Ela passou a rir até em velório e em outros acontecimentos onde não cabia sorriso.

Parece que ela secou meu pai. Um dia ele deixou cair a dentadura que se partiu ao meio. Dinheiro para fazer outra, nem pensar. Teve uma idéia improvisada. Acendeu uma vela e aproximou da chama as duas partes com a esperança de reuni-las restaurando o aparelho. É claro que não deu resultado e ainda derreteu um pouco a extremidade dos dois pedaços.

Voltou à banguelice.

No carnaval era costume no campo do Brasão a realização de um jogo de futebol entre homens e "mulheres", ou seja, marmanjos escrachados vestidos de baianas, ciganas, nega fulô, grávida, etc.

Faltando um para a equipe das "mulheres", convidaram meu pai para compor o time. Ele relutou, mas minha mãe, sempre bem humorada, o entusiasmou e lá foi ele de cigana, com um sutiã cheio de papel, um brinco de argola e pequenas almofadas no calção, simulando adiposidade. E para dar um ar mais engraçado ele colocou na boca uma metade da dentadura. Horrível, mas alegre. Eu, envergonhado e assustado. Primeiro por ver meu pai fantasiado de cigana e segundo pelo temor dele engolir aquele pedaço da postiça.

O campo lotado, mulheres, filhos, filhas, namorados e curiosos assistindo. E dona Olinda ali por perto gritando para meu pai: – vai engolir os dentes Paco.

Naquela noite até sonhei com o indesejável acidente. No outro dia houve uma gritaria perto de casa. Gente que entrava e saía da casa de Olinda. Não deu outra. Foi castigo. Olinda comendo um viscoso pedaço de jaca engoliu a dentadura que desceu esôfago abaixo graças a um tremendo soco dado pelo Bigode nas suas costas.

Chamaram vizinhos para ajudar e até o farmacêutico, que

aconselhou um bom purgante para a mulher, que ficou oca de tanto ir ao banheiro sem o resultado desejado.

Chamaram o médico, Doutor Renato, que aconselhou que ela ficasse sem calça, de bruços na cama, com as pernas encolhidas sob o abdômen, tipo frango assado, com o vestido levantado, para que à vista de todos lhe fizessem um bom clister de uns três litros de chá morno de camomila. Cena ridícula sob olhares maldosos. E nada. Até que enfim apontou um sorriso no final do túnel. E todos gritaram como torcida de futebol: – olha láááá, olha lá, olha lá..... O Doutor Renato, pouco ético, não agüentou e caiu na gargalhada que precisou segurar sua barriga gorda esparramada para fora da cinta. "Nunca vi ninguém rir por esse lugar". Quando caiu na real, fez semblante de sério e com fórceps retirou a dentadura, exibindo o *troféu* aos presentes que ignorando o vexame da coitada aplaudiam o médico. A notícia correu solta e com detalhes exagerados.

Dona Olinda, professora de catecismo, puxadora de ladainhas na procissão do Carmo, quase não saiu mais de casa, sabedora do extravagante apelido que lhe deram.

Quando ela passava faziam questão de dizer em voz alta: – lá vai Dona Bundaquerrí.

Meu pai faleceu tempos depois... sem dentes. Mas deixou na minha lembrança o seu belo sorriso que me dá saudade.

UM SONHO SÓ

Nos anos 1950, a propaganda eleitoral era feita principalmente por faixas de brim, algodão ou tricoline, com mais de um metro de largura por cinco ou seis de comprimento, amarradas em um poste de cada lado da rua. No período que antecedia a eleição, eu e o Neno, amigo e vizinho, colega do curso primário, marcávamos o território com o maior número delas. Na madrugada seguinte à apuração, com um bambu trazendo na ponta um instrumento cortante, recolhíamos uns cinqüenta metros de pano para "renovar" o nosso guarda-roupa. Não havia como há hoje a obrigação dos candidatos de retirá-las. Assim, prestávamos um serviço ao município, sem causar prejuízo para quem quer que fosse. Antes do amanhecer, cada um levava a sua porção para casa. Nenhuma tinta resistia à água fervente com soda cáustica num pedaço de tambor sobre um fogo improvisado de serragem de madeira dentro de uma lata de vinte litros. Depois, numa máquina de costura manual, a cargo da mãe, eram feitas camisas e calções. Estes para o futebol e cueca. A cor se escolhia: vermelha, preta, amarela, marrom, azul marinho. Para isso já existia a tinta Guarani para tingimento.

O Neno era ajudante de cozinheiro da mãe, d. Maria, que trabalhou por muitos anos em casas de gente grã-fina, aprendendo os pratos mais requintados, além de ter feito um curso de culinária. Fazia geléia de jabuticaba e de marmelo, abacaxi em calda, doce de goiaba escorrida em

peneira de taquara, cabrito à caçadora, empadas e coxinhas. Tinha freguesia certa. Cozinhava sob encomenda e também nas próprias residências por ocasião de aniversários, batizados, casamentos ou jantares especiais. Sempre com a ajuda do Neno, que já no primário tinha receitas escritas nos seus cadernos. Perdi contato com ele.

Quarenta anos depois procurei saber por onde andava. O Chico que ainda mora na redondeza informou que depois que os pais morreram ele virara mendigo. Não tinha serviço algum. Passava fome. Recebia alguma ajuda de vizinhos. Não bebia. Nem fumava. Solicitei ao Chico que me encaminhasse o Neno, caso o encontrasse. Algum tempo depois, ele me procurou. Entrou na minha sala. Irreconhecível. Um maltrapilho. Um negro de cabelos e barba como paina. Pés inchados dentro de gastos chinelos. Não dava para saber qual seria a mais grossa, a sola dos pés ou a da chinela. Contou-me sua vida. Vivia sozinho com seu cachorro Toby, que dormia com ele, apoiando a cabeça no seu peito. Esboçou um sorriso quando disse que o cão *ficava bravo e latia quando ele roncava.* Energia elétrica cortada por falta de pagamento. Dei-lhe uma quantia para comprar roupas e calçado. Brinquei, dizendo-lhe que precisava por os pés na soda como fazíamos com as faixas. Nesse momento, ele criticou os políticos de hoje, que não fazem mais faixas aproveitáveis como antigamente.

Dias depois ele voltou, com roupas limpas e conga nos pés. De barba feita deu para ver que seu rosto não tinha mais espaço para rachaduras. Parecia chão há muito tempo sem chuva. Daquele negrinho que subia num poste com a agilidade de um apanhador de coco, restava apenas os olhos e mesmo assim sem brilho. Perguntei-lhe sobre algum sonho. Para surpresa, falou que há muito sonhava com um prato fundo cheio de mocotó, com dobradinha e feijão branco.

– Tenho até alucinação. Mas quero eu mesmo preparar. Deixar o feijão de molho na água, de um dia para o outro. Cozinhar o mocotó e a dobradinha separados. Depois misturar tudo com pimenta malagueta, limão, alho, uma pitada de cominho para dar cheiro, bacon, lingüiça e paio. Meu Deus... ainda vou fazer isso.

Dizendo que era a título de empréstimo para não humilhá-lo,

dei-lhe quantia com folga para uma boa cesta básica. Assumi o compromisso de lhe arrumar um trabalho, como de fato arrumei de vigia numa construção de andares.

Decorridos uns sessenta dias, como não retornou, nem mesmo para saber de emprego, fui até a sua casa. Desci do carro. Olhei para o centenário pé de manga espada no fundo do seu quintal. Era o mesmo sob o qual num fogão a lenha a sua mãe apurava os doces em tacho de cobre, com uma comprida colher de pau. A cerca, pela metade, em desalinho. Paredes sem reboco. Janelas quebradas. Bati palmas. Ninguém respondeu. Insisti. Apareceram duas vizinhas. Uma de cada lado:

– Se o senhor está procurando o Neno, ele morreu faz uns quarenta dias.

– Ao escurecer ouvimos o Toby uivar como um lobo faminto. Não era latido. Era mais um pedido de socorro. Fomos até lá e encontramos o Neno estendido na cama, com o cachorro "cavoucando" seu peito num desespero, querendo ressuscitá-lo, ao mesmo tempo em que lambia seu rosto.

– Do que será que morreu? Perguntei.

E elas observaram: – De fome é que não foi. Havia um prato fundo usado. E sobre o fogão, ainda com brasas, estava uma panela com alguma sobra de mocotó, com dobradinha, feijão branco, lingüiça, paio e bacon.

Antes de morrer, ele realizou o seu sonho. Ou morreu porque seu sonho foi realizado!?

A BARQUETE

No início dos anos 1950, na época eu tinha 12 ou 13 anos de idade e era uma espécie de quebra-galho no Fórum da Cidade. Minhas funções estavam centradas no 1°. Registro de Imóveis, mas nas horas de folga encerava cartórios, lavava os corredores e a escada do prédio. De vez em quando, dormia na casa do juiz ou do promotor, quando as famílias viajavam. Era para tomar conta. Que belo segurança...

Certa vez, o promotor da comarca pediu que eu fosse até a sua casa numa sexta feira à noite. Fazer um bico. Não perguntei sobre a tarefa. Calcei meu sapatão de sola de pneu e, às 20h em ponto, apresentei-me na residência. Ele morava na Avenida Espanha, entre as ruas três e quatro.

– Vou dar uma festa esta noite. É meu aniversário. Queria que você servisse os convidados. Pega uma bandeja com salgados. Sirva primeiro as mulheres que estão na sala. Em seguida, os homens que estão lá fora sob a parreira. Depois dos salgados, faça uma rodada de bebida para as mulheres e, em seguida, para os homens.

Desajeitado, fui para a cozinha sob a direção de uma doméstica de lenço branco na cabeça.

Sobre a mesa havia salgados e uma peça grande de vidro ou de cristal com uma bebida estranha dentro dela.

A mulher lotou a bandeja com pequenos barcos cheios de

maionese com ervilhas por cima. Fiquei sabendo depois que eram *barquetes*. O que mais se servia.

Não tive dúvida. Na primeira rodada, comi uma bem depressa. Aquela barca de casco duro, levemente mastigada, desceu rasgando a garganta. Quase me afoguei.

Repeti a rodada para os homens. E mandei ver nova barquete.

Os homens falavam sobre política. Uns elogiavam, e outros criticavam Getúlio Vargas.

Comentavam pescarias. E seus desempenhos conjugais. Alguns, até extraconjugais. Eu só ouvia. Não tinha que falar nada. Era essa a recomendação do promotor. Eles podiam *roncar papo*, pois as mulheres, por certo falando o contrário na sala, não estavam por perto para contestá-los.

Um registrador, muito gordo, fumava cigarro de palha, retirando o fumo de uma bolsinha de borracha. Depois puxava uma bombinha que aspirava para amenizar a sua asma.

A bebida, cheirosa e servida em taças fundas de cristal, era retirada daquele recipiente grande. A cozinheira de turbante me disse que se tratava de um tal de *ponche*.

E assim o revezamento. Barquete neles. Em seguida, ponche. Barquete. Mais ponche. Primeiro as mulheres. Depois os homens. Quando a cozinheira deu uma brecha e sem ninguém por perto, tomei num só gole um copo grande daquela bebida. Por pura curiosidade. Gostosa. Geladinha. Desceu bem. Eu nunca havia colocado na boca uma gota de bebida alcoólica.

Numa outra rodada, tomei outro. Pensei que fosse como um suco. Dessa vez, a cozinheira me flagrou e disse:

– Menino, você está louco! Aí tem gim, conhaque, vinho branco, champanhe.

– Mas está doce.

– É porque tem guaraná, gelo e maçã picada. O cheiro acentuado era o de gim.

Não demorou muito os convidados se duplicaram. Os olhos ficaram vesgos. Um vigiando o outro. A parreira andou. A bandeja queria pular das minhas mãos.

Com umas dez barquetes na barriga e os dois copos duplos de ponche tive ainda lucidez de pedir ao promotor para ir embora:

– Doutor é tarde. Passa da meia-noite. Eu moro longe. Não tem mais ônibus. E o promotor:

– Antes de ir coma uma barquete.

– N ã ã ão... Obrigado. Fui embora. Vinte quarteirões. A iluminação de rua terminava quatro quarteirões antes de chegar a minha casa. Fui pisando em degraus inexistentes. Um guarda noturno (soldado) que me conhecia no bairro perguntou por que eu estava andando daquele jeito.

– É o sapatão que está machucando.

Chegando a casa, minha mãe abriu a porta. Era de tranca. Não tinha trinco.

– Mãe, o que você está fazendo em pé?

– Vim abrir a porta para você. Nisso, ela percebeu qualquer coisa errada:

– Filho, você bebeu?

– Não bebi, mãe.

– Bebeu.

–Não bebi.

E começou a chorar:

– O Dico seu padrinho morreu de tanto beber... Agora o meu filho.

Exagero. Fui dormir. De barriga para cima, eu sentia um *tsunami* empurrando as barquetes do estômago para a garganta e desta para baixo, navegando naquele líquido viscoso e já azedo. Percebia as ervilhas saltando das barcas e agarrando-se nos pedaços de maçã como bóias para não caírem naquela água venenosa que chacoalhava a frota de barcos. E aquele cheiro horrível com retrogosto de gim depilava as narinas com o bafo. Foi a única vez que tomei gim. Nunca mais comi barquete. Não há ácido estomacal suficiente para digerir essas *barquinhas* servidas em todas as festas. E há até quem suborne garçom para repetir a dose.

Não vou a aniversário ou casamento sem antes tomar em casa um lanche reforçado. Vai que só tem barquete. Tô fora.

A CARTA DO TIO FIRMINO

Se o velho pudesse e o jovem soubesse, não haveria o que não se fizesse. Os ingleses dizem que a mulher tem a idade que aparenta, e o homem a que sente. Na realidade, o homem tem a idade do seu sorriso e a bondade do seu coração. Todos querem viver muito, mas temem a velhice. A pior doença que envelhece a pessoa de qualquer idade é a esclerose moral.

Quando adolescente, freqüentando o curso científico e estudando espanhol, uma das matérias, e ainda em razão da minha descendência, tive a curiosidade de ler as cartas que meu pai recebia do seu tio Firmino, morador de Lorca, província de Múrcia, na Espanha. Elas estavam guardadas numa lata retangular do antigo biscoito Aymoré, que tinha uma cabeça de índio decalcada na tampa. Li todas em ordem cronológica crescente. Nas primeiras, tio Firmino falava da sua prosperidade como comerciante no ramo de mármore e granito, que comprava, serrava, lapidava e vendia para a redondeza, principalmente para Múrcia, Elche, Alicante, Valência e para a própria Lorca. Demonstrava sua felicidade com a esposa Isabel e seus dois filhos, sempre brilhantes nos cursos que faziam. Nas posteriores, narrava o casamento deles, a quem passara todos os seus bens, inclusive a empresa. Dizia que queria viver tranqüilo com sua Isabel na casa de muitos cômodos em Lorca. Na última carta, espaçados alguns anos da penúltima, dizia Firmino:

"Paco, você nem imagina de onde estou escrevendo. Minha

querida Isabel morreu. Ficou internada por muito tempo em um hospital especializado. E sua doença, além de levá-la, deixou-me na maior pobreza. Meus bens, já os havia transferido, sem reservas, para os filhos, até mesmo a minha casa. A empresa que mantive próspera por mais de quarenta anos, meu filho Miguel levou-a a falência, tendo antes comprado a parte do irmão Antônio, que após o casamento foi morar bem longe, em Santander. Há anos não o vejo. Miguel veio viver na minha casa (que por doação já era dele), com sua mulher e dois filhos. Um dia, levantei-me da mesa e minhas pernas não obedeceram ao meu comando. Fomos a três médicos, e o mesmo diagnóstico: velhice. Ossos descalcificados. Para a cura precisaria de um longo e custoso tratamento em clínica especializada. Mas com que dinheiro? Os filhos, por certo, não disporiam de seus bens. Nem mesmo dos que lhes foram doados. Para caminhar de um lugar para outro preciso do apoio de alguém. Três meses foram suficientes para eles acharem que eu era um estorvo. Aí veio a idéia, deles é claro, de internar-me num asilo 'onde teria gente da minha idade para conversar'.

Um dia, de surpresa, chegou a ambulância. Colocaram-me numa maca, com uma pequena mala. Olhando pela janela, notei tristeza apenas na Bilúia, minha cachorra de estimação, que latindo num adeus, acompanhou o veículo por longo trecho. Estou lhe escrevendo deste asilo. Não é possível que isto seja verdade. Devo estar no inferno. Na chegada, puseram-me uma camisola branca, dessas de amarrar por trás. Na mala, apenas uma foto de casamento e outra com a família. Não colocaram nem meus livros preferidos. Cada quarto "acomoda" quatro pessoas. Dizem que deve ter alguém para avisar a administração em caso de morte. Aqui só tem loucos e doentes. Eu não sou nenhum dos dois. Tenho apenas as pernas fracas. Faz um ano que ninguém me visita. Aqui todos vão para o quarto antes de escurecer. As janelas e portas são trancadas. Há muito tempo, não sei se lá fora é lua cheia ou lua nova.

Sei que você não pode fazer nada por mim. Mas eu posso lhe aconselhar. Se amealhar alguma coisa, não adiante doação aos descendentes. Eles aceitarão muito mais a partilha feita pela Justiça do que a divisão feita pelos pais. Não cometa o erro de só dar estudos aos filhos. O estudo não

prepara para a vida. Faça com que estudem e trabalhem ao mesmo tempo. Caso contrário, não saberão dar valor ao que receberem dos pais. Venderão por nada. Talvez até no seu velório, ou antes. Como dizem os alicantinos, espertos em negócios: "Nunca compre de quem comprou. Compre de que ganhou ou herdou, porque nunca soube quanto custou."

Paco, não envelheça sem nada. Nunca se sabe o dia de amanhã. Dinheiro compra até amor sincero. O velho rico que manca, baba ou faz xixi fora do vaso é excêntrico. Todos querem sua companhia. O pobre é coxo e porco (*un cochino*). Estou lhe escrevendo para me provar que estou vivo, embora busque todo dia uma forma de acelerar o meu encontro com a morte. Esta é a última carta.

Lembre: se envelhecer pobre e as pernas um dia não obedecerem, não importa que se arraste, fuja pela janela antes de a ambulância chegar.

Un beso do tio Firmino."

A INVEJA

Dos sete pecados capitais a inveja é imbatível. É a mais antiga cicatriz da personalidade humana. É a rainha das más paixões. Elabora a mentira, a traição, a falsidade, a emboscada, a calúnia, a extorsão, a covardia, a injúria e a difamação. Dizem que a inveja mata. É verdade. Foi responsável pelo primeiro homicídio da humanidade: Caim, julgando-se preterido ou menos preferido pelo pai, feriu de morte o irmão Abel. Na antiga Roma, Cássio, mordido de inveja de César, instigou Bruto a matá-lo. Mas, na realidade, a inveja consome o invejoso. Até a Bíblia adverte: "Um coração tranqüilo é a vida do corpo, enquanto a inveja é cárie dos ossos." (*Provérbios*, 14:30)

A inveja corrói os invejosos. Muitos filósofos definiram a inveja. Tomás de Aquino (*Summa Theologiae*) define a inveja como uma infelicidade (*tristitia*) causada pelos bens dos outros. René Descartes fala daqueles que sofrem com o bem que o destino reserva aos outros. Immanuel Kant define a inveja como a tendência a ver com sofrimento o bem dos outros. Fico com Spinoza (*Ética*), quando diz que a inveja nada mais é que o ódio em si mesmo, considerando que o homem (invejoso) sente prazer pelo mal e tristeza pelo bem dos outros.

O invejoso inveja o ter e o ser. Inveja até o que ele pensa que o invejado tem. Ninguém conseguiu até hoje um remédio profilático ou terapêutico para essa doença. Da obra de José Ingenieros (*O homem*

medíocre, um ensaio moral sobre a mediocridade humana) e mais recentemente dos estudos de Francesco Alberoni (*Os invejosos: investigação sobre inveja na sociedade*, cujo título original é *Gli Invidios*), tiramos lições brilhantes sobre o tema. É fácil reconhecer um invejoso: geralmente lábios sem cor e olhos embaçados como os de uma ovelha abatida. Num cumprimento se denuncia:

– Como vai?

– Não tão bem quanto você, mas vou como Deus quer.

Sintoma clássico de inveja.

Ou então quando alguém diz que recebeu aumento de salário:

– Deus que te ajude e não me desampare.

Fuja dele.

Embora o invejoso não queira demonstrar que inveja alguém, às vezes se trai. O confisco de dinheiro do Plano Collor foi um orgasmo para os invejosos. Em todos os cantos e, principalmente, nas rodas sociais, as palavras mais pronunciadas eram "bem feito", referindo-se a alguém que teve dinheiro confiscado ou bloqueado: – Sabe Fulano de tal, aquele que andava de carro último tipo? Não encontra quem dê metade do que ele vale. Sabe de Fulano C? Vai ter que tirar a sua filha da Faculdade de Medicina porque não tem mais como sustentar os seus estudos, e a mulher de Fulano E, aquela que não saía de salão de beleza? Agora anda de bobes na cabeça.

Por mais que o invejoso evite transparecer seus reais sentimentos agressivos, ele é sempre descoberto. Até mesmo a ingratidão marca o caráter do invejoso. Ele odeia ter de reconhecer que foi ajudado por alguém. E a causa é a inveja. Na Idade Média, quando reconhecidos ou descobertos, os invejosos eram evitados, principalmente como companhia para refeições. Quando alguém sentia a saúde abalada e procurava um médico, este, antes de perguntar "o que comeu", indagava do paciente "com quem comeu", sabendo o estrago que o invejoso (sempre chato e pessimista) causa aos que lhe acompanham numa mesa.

Observa Ingenieros que a inveja é a adoração que a sombra sente pelo homem. Rubor da face pela glória alheia. Consagração inequívoca do mérito dos outros. Paixão traidora que a hipocrisia cultiva. O invejoso

pertence a uma espécie moral raquítica, mesquinha, digna de compaixão ou de desprezo. Sem coragem para ser assassino, conforma-se em ser vil, rebaixando os outros por não acreditar na própria elevação. O invejoso, geralmente é sério e solene. Sério, pela incapacidade de rir. A alegria dos otimistas o atormenta. E solene porque é hipócrita. Possui mil línguas e por todas elas destila a sua insídia de víbora. Semeia intriga até entre seus próprios cúmplices e, tendo oportunidade, atraiçoa-os. Sabe que é inferior. Não admite, mas sabe. O invejoso julga estar caminhando para o calvário, quando vê os outros escalando os píncaros. Todo píncaro é invejado.

Invejar é, assim, uma forma berrante de prestar homenagem à superioridade alheia. O invejoso é incapaz de suspeitar quantos espinhos são semeados no caminho da glória de alguém. Quando se eleva um astro, o invejoso aparece por todos os pontos cardeais, para entoar o coro da sua difamação. O invejoso não reconhece o fogo dos astros, porque nunca teve, em si, uma única chispa, uma única faísca.

Mas o tempo é o coveiro equânime de toda a sua maledicência. O invejoso é a única vítima do seu próprio veneno. Toda maldade vinda desse infeliz é bala que ricocheteia, sendo o atirador o seu próprio alvo. Muitos foram vítimas de inveja.

Esopo, grego que viveu há quase três mil anos, era feio, pobre e analfabeto. Mas invejado por ser um sábio. Pai de todos os fabulistas. Suas fábulas eram contadas e, depois de muito tempo, foram por outros escritas. E dando vozes aos animais descreveu o invejoso em um de seus notáveis contos: "Um sapo ventrudo coaxava em seu pântano, quando viu um vaga-lume resplandecer no alto de uma rocha. Pensou que nenhum ser tinha o direito de revelar qualidade que ele próprio jamais poderia possuir. Mortificado pela impotência, saltou até o local onde estava o pirilampo e o cobriu com seu ventre gelado. O inocente vaga-lume ousou perguntar-lhe: – Por que me sufocas?

E o sapo congestionado pela inveja, só conseguiu interrogar: – Por que brilhas?

Algum invejoso lhe atormenta? Delete-o. Coloque-o na lixeira. Ou... reze por ele.

A NECESSIDADE

No nascimento, há duas opções: ou você nasce rico ou nasce pobre. Se nascer rico, não tem, em tese, motivo para preocupação. Se nascer pobre, de duas uma: ou você ficará rico ou você continuará pobre. Se ficar rico, não precisa se preocupar. Se ficar pobre, de duas uma: poderá ter saúde ou ficar doente. Se tiver saúde não há com o que se preocupar. Se ficar doente, você tem chance de ficar bom ou morrer. Se ficar bom, não tem com o que se preocupar. Se morrer, você vai para o céu ou vai para o inferno. Se for para o céu, não há com o que se incomodar. Se for para o inferno, se encontrará com tantos conhecidos para conversar, que não verá o tempo passar. Mas não é bem assim.

Desde que nascemos começamos a morrer, ou melhor, a viver. E todos, ricos e pobres, terão a obrigação de se esforçar para a satisfação de suas necessidades, em busca da felicidade, meta de vida de qualquer um. Seja necessidade de habitação, de alimentação, de trabalho, de amor, de carinho, de atenção, fisiológica ou de qualquer outra indispensável para a boa sobrevivência. Por isso que se afirma que a necessidade é a mãe de todas as invenções. É em torno dela que o mundo gira. A necessidade para satisfazer-se obriga um esforço que busca uma utilidade. Na mitologia greco-romana, a necessidade aparece como uma divindade alegórica. É a Ananki dos gregos, filha da Fortuna, representada com as mãos de bronze e cunhas de ferro.

Para exemplificar que a necessidade é a alavanca do mundo, conta uma história que o superior de um mosteiro situado numa vasta área de terras, ao partir para uma longa viagem, recomendou aos monges que cuidassem de tudo, com muito carinho, lembrando-se sempre de levar uma vida simples, respeitando o voto de cada um, de não ter mais do que o necessário para a subsistência.

Os monges viviam em permanente estado de pobreza, tendo cada um uma única troca de roupa e um par de sandálias.

Logo que o superior partiu, o mosteiro foi atacado por uma praga de ratos vorazes e destruidores, que roíam tudo o que encontravam pela frente, não lhes escapando nem as túnicas e as sandálias, os únicos bens dos pobres monges.

Os monges resolveram então arranjar uns gatos.

Os gatos devoravam os ratos, mas necessitavam de leite para se alimentar.

Os monges aprovaram a idéia de arrumar uma vaca para dar o leite para alimentar os gatos.

A vaca fornecia bastante leite, mas ela também precisava comer.

Os monges decidiram formar um pasto, que para ser plantado e mantido precisou de adubo e ferramentas, que eles providenciaram. Também tiveram de construir um paiol, para armazenar as colheitas, bem como um estábulo para os cavalos, que conseguiram para puxar os arados e fazer os transportes.

Passaram longos anos. Um dia, o superior voltou. No local onde julgava estar o mosteiro, encontrou agora uma próspera fazenda, com um grande rebanho e muitas plantações.

O superior aproximou-se da cerca e perguntou para um trabalhador se ele sabia onde ficava o mosteiro. Ele disse que não sabia do que se tratava, mas ofereceu-se para conduzi-lo até a administração da fazenda.

Ao chegar no imponente escritório da sede da fazenda, o superior reconheceu um dos seus antigos monges e foi logo dando uma bronca:

– O que é isso? O que vocês fizeram do nosso mosteiro? A vida tem que ser simples e sem ostentação. Vocês deveriam ter apenas o

necessário para a subsistência.

– Nós sabemos mestre. Era exatamente o que estávamos fazendo. Mas um dia apareceram os ratos...

A PACIÊNCIA

A paciência consiste em suportar os males ou os incômodos sem queixumes e lamúrias, com resignação. Muito já se refletiu sobre a paciência. Que ela é amarga, mas seu fruto é doce (Rousseau). Nada de grande se cria de repente (Epíteto). Que a tartaruga conhece a estrada melhor que o coelho. Que uma das grandes desvantagens da pressa é que ela nos faz perder tempo. Na verdade, a paciência é a sabedoria da espera. É preciso ter paciência para sonhar, esperar, acreditar, compreender, amar e modificar. Não significa, porém, passividade, covardia, submissão. Paciência é uma qualidade da alma. É prudência. Sabedoria. Compreensão.

A inveja, a raiva e os insultos dos frustrados e irados consigo mesmos, se ninguém ligar, continuam pertencendo a quem os carrega. O impaciente acaba cometendo erros. Com paciência consegue-se tudo ou pelo menos se evita males maiores. Perguntaram à água que ferramenta utilizara para furar a pedra e sair do outro lado, e ela respondeu: – Usei a paciência que é a melhor ferramenta que existe.

O mundo está cheio de impacientes. Filhos sem paciência com os pais. Trocam a noite pelo dia. Não se conversam. Pais que não acham tempo para conversar com os filhos. O mesmo entre irmãos. Amigos. Colegas de trabalho. Professores com alunos e vice-versa. Certa vez, uma mãe reclamou do filho que cantava alto e desafinado: – Qualquer dia, um dos dois tem de

sair de casa.

Eu disse-lhe que muitas mães de crianças mudas dariam a vida para ouvir seu filho desafinando o dia todo a mesma canção.

Lembrei-me então de d. Ângela, amiga da minha família nos meus primeiros anos de vida. Era uma negra simpática, cabelos precocemente grisalhos, bem casada e mãe de cinco filhos saudáveis. Pobre, mas feliz com o que tinha. Cuidava do lar, de sua família e ainda lhe sobrava tempo para tomar conta da Igreja Nossa Senhora do Carmo. O altar, as imagens, os bancos brilhavam com o trabalho voluntário de d. Ângela. Veio-lhe a última gravidez e nasceu um menino. O batizado foi concorrido. Era ela quem cuidava da paróquia. Garoto robusto. Tempo passando e ele crescendo. Até que um dia, perceberam que os olhos da criança não acompanhavam o movimento que a mãe fazia com as mãos. Difícil de acreditar, mas o diagnóstico médico foi firme: – Ele nascera sem a visão.

Desespero total, porém passageiro. D. Ângela, marido e filhos cuidavam da criança com todo amor e carinho, como se nada houvesse. Mas a tristeza não parou aí. Constataram posteriormente que também era muda. Com dificuldade, aprendeu a andar apoiando-se nas paredes externas de uma casa simples, cercada por pinhão e arame farpado. O garoto era conhecido por "Vadinho".

Pela felicidade de ele se locomover e ouvir ou para que não piorasse o seu estado, d. Ângela fez uma promessa. Todos os anos, no aniversário do menino, ofereceria, no quintal da residência, um almoço para as crianças do bairro. Três tábuas sobre cavaletes como mesa e outras sobre caixotes como bancos. O almoço consistia numa macarronada e refrigerante refrescado no gelo. Um prato fundo e um garfo para cada um. Estava feita a festa. O Vadinho era colocado ali por perto, apoiando-se numa parede. A mãe ficava feliz porque percebia o contentamento do filho com a presença das crianças. No final, um bolo de chocolate, um parabéns a você e um "pique pique" para o aniversariante. E ele mexia o corpo, como sinal de alegria. O sorriso daquela mãe expressava toda a felicidade do mundo. Seu filho andava e não era surdo. Tinha saúde. E os meninos compareciam ao seu aniversário. Cada convidado saía agradecido. Eu ficava por último. Passava a mão na

cabeça do festejado: – Tchau Vadinho. Obrigado d. Ângela. No ano que vem a gente volta.

E o aniversariante, como resposta, balançava repetidamente a cabeça. O que ele queria dizer: "Obrigado?" "Não vá ainda?" "É cedo?" "Fica mais um pouco?" "Volte outras vezes?" "Brinca comigo?" Não sei. Nunca soube.

D. Ângela dava uma lição que não se aprende na escola: que a vida deve ser regrada com muita paciência, e que felicidade é opção de cada um. É estado de espírito. É preciso olhar para trás. Como dizem os indianos: "Quando a cama quebra, temos ainda o chão para dormir."

A VACA BAILARINA

No início da adolescência, eu freqüentava aos sábados à noite, com dois ou três amigos, o Cine Paratodos, em Araraquara. Era considerado o cinema brega da época. Tanto é que os jovens da classe média e alta só eram vistos no Cine Odeon, depois Veneza, hoje uma igreja. No Paratodos assistíamos a um drama ou comédia, a um faroeste e a um capítulo do seriado da época. O melhor foi do "Capitão Marvel". Quem se considerava chique, não ultrapassava a Avenida Portugal. A não ser para freqüentar o bar do Hotel Municipal. E os bregas dificilmente subiam a Rua São Bento. A sessão terminava tarde. Depois íamos para casa comentando os filmes e prognosticando a continuação do seriado. Morávamos longe.

Richard Bach escreveu *Longe é um lugar que não existe* porque não sabia onde eu morava. Endereço fácil: última casa da última rua. A moradia mais perto distanciava mais de um quarteirão. De comércio havia apenas o boteco do sr. Gonçalo. Ali vendia mortadela fatiada por faca, cigarros avulsos, café em grão verde, lingüiça cabo de relho, conhecida por mágica. Levada ao fogo, ela desaparecia com o incêndio de sua capa de plástico e seu robusto recheio de sebo, gordura e alguma carne moída. Gonçalo também vendia leite na garrafa, tirado na hora de suas vacas criadas soltas na redondeza em terrenos cobertos de mato, inclusive grama e capim. Para que elas não se distanciassem de seu bar, ele colocava nos dois pés da frente uma curta corrente,

dificultando a locomoção. Uma delas, mocha e mansa, ao andar, dava um passo para frente, dois para a esquerda, outro para frente e dois para a direita, num verdadeiro ensaio de bolero. Eu achava graça no seu gingar. Por isso, dei-lhe o nome de "Bailarina".

Aos sábados quem se aprontasse primeiro passaria pela casa dos amigos: o Dorival, o Quino e o Nicão. A residência do Dorival não tinha energia elétrica. Quando passávamos pela casa dele, a espera era longa. Com brilhantina no cabelo, trazia para perto do rosto um espelho de mão e uma lamparina de pavio e querosene. A fumaça pretejava o espelho e ele não conseguia se pentear. Distanciava a lamparina, não enxergava por causa do escuro. E assim se irritava com sua mãe, uma senhora de um dente só, cabelos longos brancos e pretos. Uma bruxa perfeita, se não soubéssemos a bondade daquele coração. Ele acabava desistindo. No primeiro poste com iluminação, ele tirava do bolso um pente e nós dirigíamos o ajuste do seu cabelo.

Num sábado aconteceu o que não podia acontecer. Pedi para minha mãe que aprontasse a minha melhor camisa para ir ao cinema. A azul. Aquela que já sabia o caminho do Cine Paratodos. Minha mãe lavou, torceu e pendurou no varal feito de arame esticado com uma ponta amarrada na goiabeira e a outra na amoreira. Depois acabaria de secá-la no ferro à brasa. O quintal era cercado por pés de pinhão, com uma entrada permanentemente aberta. E eu aguardando a camisa para vestir. De repente, olho para o varal e vejo a intrusa "Bailarina" comendo minha camisa que ela puxara de onde estava. Travei a luta mais ferrenha da minha infância. Puxei de sua boca a roupa que ela ironicamente já mastigara mais de um terço. Com a mão esquerda, eu puxava, e com a direita, socava-lhe a cara. Eu a trazia para frente e ela para trás. É claro que a vaca venceu e foi embora mascando minha camisa preferida. Mas com o olho vermelho de tanto apanhar. À noite, a consciência me defendia: "Você agiu em legítima defesa de seu patrimônio. A agressão era atual. Defendeu-se usando dos meios necessários e moderadamente." A vaca seria condenada se levada às barras do tribunal. Furto. Ao mesmo tempo me dizia que ela não tinha capacidade de entender o caráter criminoso do seu ato.

No dia seguinte, quando apareci na rua de chão batido, a vaca me viu de longe. Saiu às pressas mesmo com o obstáculo da corrente. De

repente, a leiteira holandesa parou, olhou para trás e xingou-me em inglês:

– *Fuck you!*

Não deixei por menos: – Vá você sua ladra.

BREGA E CHIQUE

Nos anos 1950, Araraquara contava duas classes sociais: a rica e a pobre. A dos pobres subdividiam-se em mais pobres e menos pobres. E entre os ricos havia os falsos. Freqüentar o Clube Araraquarense era, pelo menos para muitos, o primeiro sinal de ser rico. Com carro então era super chique. As mães orientavam as filhas para namorar de preferência quem fosse da alta sociedade. E isto implicava fazer parte do quadro social do clube.

Certa vez, com 15 anos de idade, estava conversando com uma menina, que não era namorada, mas a mãe pensando que sim, abordou-me: – Você é filho de quem?

Respondi: – Do Paco e da Nina.

– O que faz o seu pai?

– É eletricista e minha mãe "de prendas domésticas".

– Você é sócio do Araraquarense?

– Não. Sou da Ferroviária.

Foi o suficiente para levar a filha pelos braços a passos largos para casa. Já havia percebido que só pela grife da minha roupa não havia agradado: calça da loja "Pobre Elegante" e camisa do Brechó "Miséria Chique". Se eu estivesse de roupa branca, com uma raquete embaixo do braço, insinuando jogar no "Tênis Clube", como era conhecida a sede de campo do clube, não haveria qualquer pergunta. Não me avexei. Não se tratava nem de

início de namoro, como a mãe pensou. Mas segui as duas pela curiosidade de saber onde moravam. Quando chegaram, constatei que a casa era minha velha conhecida, pois ali muitas vezes havia entregado, de bicicleta, intimação do Cartório de Protesto, onde trabalhava como auxiliar. De imediato, identifiquei o pai da menina. Um useiro e vezeiro em comprar. E da mesma forma em não pagar. Freqüentava com a mesma assiduidade tanto o clube como o cartório. Era só ostentação, alarde. Como meu pai dizia naquele tempo: "Comia mortadela e arrotava presunto."

Numa outra oportunidade, num baile de formatura, convidei a menina para dançar. Em seguida seu irmão, uma esponja de cachaça, entrou no salão e retirou-a, segurando-a pelo braço: – Outra vez com esse pé-rapado? Você tem que namorar aquele ali e apontou para um bem mais velho que girava no dedo indicador da mão direita as chaves de um carro. Naquele tempo, sócio do clube e ter carro..., mãe nenhuma iria contrariar o namoro. Não importava a idade, se era feio ou portador de eventuais vícios.

Durante o ano, as mães soltavam as rédeas das filhas em dois grandes acontecimentos sociais da cidade: o baile de São Pedro, que o clube realizava em julho e do qual participavam tão-somente sócios. Não se vendiam ingressos, tendo as famílias certeza de que qualquer namorado nesse ambiente serviria para as filhas. E em setembro se realizava o baile das debutantes. Chique no último. É claro que eram exceções, mas muitos pais faziam questão da debutação das filhas na sociedade para *status*, para se arrumar o chamado bom partido. Os pobres enchiam a praça em frente para admirar e julgar os trajes femininos e masculinos. Os participantes faziam fila fora do clube antes do ingresso no salão de baile. Cada casal – a debutante e o acompanhante – era anunciado individualmente. O que os pobres, "jurados" do lado de fora, não sabiam era que muitos trajes eram emprestados ou alugados em cidades vizinhas. Volto a dizer: não era a regra, mas a exceção. Só os falsos ricos como os pais daquela menina. Quem não era *soçaite,* era ralé.

– Se vocês não me derem vinte dias para pagar esse cheque sem fundos e me protestarem, eu vou me matar. Estou aqui na estação aguardando o trem. Vou me jogar sob as rodas. Era o telefonema de um senhor ao Serviço de Protesto dizendo que sendo da alta sociedade não

suportaria o vexame de um título protestado. O escrevente encarregado, muito gozador, disse-lhe: – Já que você é tão chique aproveite o trem das 10h08 para São Paulo que é de luxo. Não vai se jogar na frente do que vai para Itirapina, Catanduva, Bauru etc. Quinze minutos depois apareceu no cartório o mencionado cidadão, amaldiçoando o "funcionário desumano".

A verdade é que na época uma "riquinha", mesmo aparente, não namoraria um freqüentador das piscinas da Ferroviária. Tudo faz lembrar a história da menina de 15 anos de idade que comunicou aos pais que estava grávida. Os pais não agüentaram. Agrediram a filha física e moralmente: – Você não presta. Não vamos criar bastardo algum. Por certo nem sabe quem é o pai. Vai tomar chá-de-bucha-verde para abortar. Essa criança não pode nascer de jeito algum etc.

Dias depois pára na frente da casa uma limusine. O motorista abre a porta de trás. Desce um senhor beirando os setenta anos de idade, bem trajado, cabelos brancos. Apresenta-se aos pais da gestante e diz: – Eu sou o responsável pela gravidez. Vou assumir não só a mãe como a paternidade da criança. E se nascer homem, vou passar para o seu nome umas três fazendas, e vocês, como avós, irão administrá-las. Nascendo mulher, transmitirei a ela algumas lojas de grife sob a sua administração. Agora vamos torcer para que ela não aborte.

E os pais da menina: – Pelo amor de Deus, vira essa boca pra lá. Mas se abortar, por favor, o senhor engravida de novo.

A EXCURSÃO

Viajar é bom. Mas que seja em boa companhia. Agora, mergulhar numa excursão nacional ou internacional e viajar com quem se acaba de conhecer no ônibus ou no aeroporto é jogo duro. Quarenta ou cinqüenta pessoas voluntariamente se obrigando a conviver por sete ou quinze dias. Todas, com a sacola da empresa de turismo e um sorriso meio falso nos lábios, já começam disputando janelinha. Depois vem o guia:

– Alô gente, sou o Jakson, guia de turismo, encarregado de acompanhar vocês nesta excursão. Chegou a hora de cada um dizer o nome e a profissão.

Escaldado de uma viagem anterior, não disse que era profissional do direito. Há sempre entre os presentes alguém com um processo judicial ou um imóvel para ser regularizado. Resolvi dizer que era representante comercial. O indivíduo de trás, batendo no meu ombro perguntou:

– Do quê?

Eu disse: – De produtos farmacêuticos.

E o cara: – Que produtos?

Improvisei: – Biotônico.

– Fontoura?

– É isso aí, respondi.

– Pra que serve?

– Anemia.

– Ah...então deve ter sulfato ferroso.

Vem o guia de novo.

– Quem sabe contar uma piada?

Alguém se arrisca e conta uma piada infantil. Aí o Zezão lá do fundo, que já se identificara, inflado de cerveja, com seu inseparável isopor cheio de latinhas, pergunta se a turma conhece aquela da machadada... E conta uma pesada deixando todos envergonhados.

Certa vez, na Praia do Futuro, em Fortaleza, aproximou-se um sanfoneiro e perguntou se podia tocar e cantar alguma coisa ao lado da minha família. Não só autorizei como lhe dei dez reais. Meia hora depois mudamos de lugar e o homem veio atrás. Precisei dar mais dez reais para ele ir embora. Até hoje, tenho no ouvido o *nheco nheco* da sua sanfona e seu verso: "A melhor coisa que tem é com vizinho se dar bem, com o vizinho se dar bem é a melhor coisa que tem." Ainda no Nordeste, uma outra pessoa da turma levou a família ao Bar e Dança Lustra Fivelas para comer baião de dois (arroz, feijão fradinho, tarugo de carne seca frita no azeite de dendê, mais rapadura, pimenta e banana). Acabaram com o papel higiênico de um andar do hotel, sem falar da revista de fotonovelas da sogra e de um gibi das crianças.

Em toda excursão, tem sempre um sujeito que leva violão, mas que não toca nem canta. O cleptomaníaco que rouba toalhas e talheres do hotel e dos restaurantes, comprometendo todo grupo e justificando com a maior cara-de-pau que é colecionador. De coisas roubadas? O que dorme e ronca de boca aberta. O que tira os sapatos. Aquele que sabe tudo. O galã que flerta com as mulheres do grupo O carrancudo tolerância zero. Há excursão para todo gosto. Dos jovens, dos velhos, das solteiras, das viúvas etc.

A Vai Quem Quer Turismo organizou uma para a Itália só para vesgos. Em Roma, no ônibus, disse o guia:

– Atenção, se vocês olharem para a direita, verão o Vaticano à esquerda.

Turista e guia de turismo mentem. Têm aqueles que dizem que "conheceram" toda a Europa em cinco dias. Nesse espaço de tempo não se conhece bem nem o mercadão de São Paulo. E as quinquilharias que se

compra? Da França, uma lembrança da Torre Eiffel. Da Espanha, uma miniatura de touro ou uma boneca flaminguista. Em Portugal, um amigo comprou um remédio para matar a sede. Ao chegar ao Brasil, leu a bula: "Quando estiver com sede, tome um comprimido com dois copos d água que a vontade passa."

Na Espanha, um grupo de brasileiros foi a um restaurante e pediu o prato recomendado: *cojones à provençalle*. Ficaram satisfeitos. Voltaram no dia seguinte para repetir o pedido, mas desta vez os testículos servidos eram pequenos. Reclamaram e o garçom justificou:

– Temos um contrato com os organizadores de touradas e é de lá que vêm os *cojones*. E um dia são dos touros, outro dia podem ser dos toureiros.

Em Portugal, meu amigo Caramuru alugou um carro e, pretendendo seguir para o país vizinho, perguntou a um senhor, que estava sentado à frente de um armazém, se aquela estrada iria para a Espanha. Obteve como resposta:

– Não sei não senhor, mas se for, vai fazer falta.

Ainda em Portugal, no museu, havia um esqueleto de adulto ao lado de outro infantil. Perguntado ao guia do local de quem se tratava o maior, ele "chutou" dizendo que era de Camões. Indagado sobre o menor, respondeu ser do mesmo poeta quando era criança.

Enfim, as amizades feitas numa excursão com estranhos não passam, no máximo, de um cartão no próximo Natal. E o momento mais alegre de toda viagem é o retorno para casa, o melhor lugar para ficar e ser feliz.

AS CARTAS

Há costumes que o progresso não substitui. Quando apareceu a televisão, vídeo e DVD, todos prognosticaram erroneamente o fim do cinema. Com a correspondência eletrônica, aventaram o fim dos correios. O que não aconteceu. Nada até hoje substituiu o encanto e a magia das cartas escritas à mão.

Já no grupo escolar as professoras ensinavam o cuidado com a maior margem direita, menor na esquerda e um pequeno espaço no topo. Havia o caderno de caligrafia (uma linha larga e outra fina) para treinar a letra. Carta que se preze tem de ter a letra pelo menos caprichada. Cartas de várias espécies: de cumprimentos, de pedidos, de ordens, de notícias, de parabéns, de recomendação, de pesar, de Ano Novo, de Dia das Mães, de Dia dos Pais, de Dia dos Namorados, de Dia do Beijo (13 de abril), de desabafo, cartas do exílio etc. Todas devem ser escritas à mão com letra esmerada e tinta azul. As pessoas humildes escrevem mais cartas sociais e sempre com o mesmo início: "Espero que estas mal traçadas linhas encontrem vocês com saúde enquanto nós vamos indo bem graças a Deus..."

Cícero, o tribuno romano, iniciava suas cartas com "*ego valeo bene est, ego valeo...*" Poderia ser traduzido como "se vais bem, alegro-me, eu vou bem" ou então "se esta lhe encontrar feliz, fico feliz também".

E as famosas cartas de amor? Dizia Fernando Pessoa que todas

as cartas de amor são ridículas, mas não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas. E continua dizendo que só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas. Em Araraquara, havia um comerciante que escrevia cartas para ele mesmo, recriminando o seu vício de jogar baralho. Ia ansioso buscá-las no correio para ler. Quantas cartas foram temas de canções e filmes. Quem não se lembra de "Lover Letter´s", de Victor Young. E a "Mensagem", música de Cícero Nunes e Aldo Cabral, popularizada na voz de Isaurinha Garcia:

"Quando o carteiro chegou/E o meu nome gritou/Com uma carta na mão/Ante a surpresa tão rude/Nem sei como pude/Chegar ao portão/Vendo o envelope bonito/E no seu sobrescrito/Eu reconheci/A mesma caligrafia/Que disse-me um dia/Estou farta de ti/Porem não tive coragem/De abrir a mensagem/Porque na incerteza/Eu meditava e dizia/Será de alegria/Ou será de tristeza/Quanta verdade tristonha/Ou mentira risonha/Uma carta nos traz/E assim pensando rasguei/Tua carta e queimei/Para não sofrer mais."

Os cartões que hoje acompanham flores para a pessoa amada perderam a originalidade. A letra e os dizeres são da própria floricultura. E quando escrevem "uma flor para outra flor", mesmo que sinceros, é de doer. Pior que essa "originalidade" só aquela: "Se foi bom pra você, foi bom pra mim também." Horrível. As cartas escritas à mão são guardadas para serem relidas. Hoje, qual o destino de um e-mail, mesmo social? A lixeira.

Há cartas que nos divertem: o Joaquim escreveu pedindo empréstimo ao Manoel, que lhe respondeu: – Não lhe empresto porque não recebi sua carta.

E quantos que por falta de destinatários escrevem para eles mesmos. Um louco perguntou para o outro o que estava fazendo:

– Estou terminando uma carta.

– Para quem você está escrevendo?

– Para mim mesmo.

– E o que está escrito?

– Não sei, ainda não recebi.

A ESPERANÇA

Ainda ontem, eu contava oito anos de idade. Tinha meus pais. Mais irmãos. Tinha meus avôs. Mais tios e primos. Tinha um cão, meu amigo desde o nascimento, que para me proteger levou um coice de cavalo no meu lugar, salvando minha vida. Era um cachorro não muito grande. Sem raça. Preto com faixa branca nas costas em forma de raio ou corisco, daí o nome que lhe foi dado de Faísca.

Quando saía de casa, Faísca me acompanhava pelo menos um quarteirão, vigiando-me até perder de vista. E da mesma forma me aguardava no meu retorno. Era torcedor fanático ao ver-me jogar futebol com os garotos do bairro. Dava-lhe três banhos por semana com sabão caseiro feito com cinza, soda cáustica, sebo e palma de figo da índia. Para deixá-lo cheiroso esborrifava sobre ele algumas gotas de alfazema, presente de um tio que laçou um vidro da seiva na barraca de argola da quermesse do Carmo.

Faísca dormia sobre um pedaço de pano ao lado dos pés da cabeceira de minha cama. Eu debruçava no colchão de palha, estirando a mão para acariciá-lo até dormir. Antes, porém, ele subia sobre meu peito, esfregava o focinho frio e úmido no meu nariz, lambia a face direita, fungava no meu ouvido simulando mordidas, como querendo dizer: "Boa noite, eu gosto muito de você." Eu também. E ao acordar o mesmo ritual.

Num mês de novembro, Faísca ficou doente. Já não dormia

aos pés da minha cama. Tinha vergonha de me causar preocupação. Passou a deitar na cozinha, ao lado do fogão de lenha. Quando eu levantava para ver como ele estava, erguia a cabeça, abanando levemente a cauda, dizendo com o olhar: "Não se preocupe. Estou bem."

Numa noite, não suportei a sua ausência, joguei meu travesseiro no chão ao lado dele, colocando sua cabeça junto à minha. Dava para sentir o seu cansaço. Sua respiração ofegante. Dormi com um braço sobre seu corpo. Quando acordei, para minha tristeza, a sua inquietação já não existia. Ele estava morto. Perdi meu melhor amigo. Com muito respeito, sepultei Faísca no fundo do quintal, colocando até uma cruz com seu nome. Inexplicavelmente, nesse lugar, tempos depois, nasceu um pé de cedro, árvore que simboliza a imortalidade. Mesmo tendo certeza de sua morte, alimentava forte esperança de tê-lo de volta.

Acreditava em fadas, milagres e outros mistérios que ainda acredito.

Na noite de Natal, não havia ceia nem árvore com estrelas. O Papai Noel não sabia o endereço de casa. Percebia que era meia-noite pelo sino da igreja anunciando a Missa do Galo ou pelos estampidos de fogos estourados a distância. Antes de dormir e muito esperançoso, nessa noite de bons presságios, numa oração silenciosa, pedi ao Menino Jesus que me trouxesse Faísca de volta.

Dormi e sonhei. Faísca me disse:

– "Não fique preocupado. Mesmo que você não me veja ou que eu volte de outra forma, estarei sempre ao seu lado e vou protegê-lo a vida inteira."

Acordei em dúvida passageira sobre sua morte.

Quando minha mãe apurava numa panela de ferro o molho de tomate para a costumeira macarronada do almoço natalino, chega o senhor Maninho, montado em sua mula tordilha. Antigo amigo da família. Capataz de fazenda. Depois dos cumprimentos, pediu ao meu pai que ficasse com um cão filhote de menos de um mês, pois não tinha com quem deixar, já que viajaria para longe. Tirou o cachorrinho de um embornal pendurado na garupa da mula e entregou-o para mim. Era preto com a mesma marca nas costas. Mais

do que depressa fui para o meu quarto. Coloquei-o sobre meu peito. Ele esfregou o focinho frio e úmido no meu nariz, lambeu minha face direita e fungou no meu ouvido. Coloquei-o no chão. Ao andar, chamei: Faísca. Ele virou-se para mim com um olhar maroto: "Sou eu mesmo."

Percebi que vale a pena sonhar e ter fé. Que o sol nunca se põe pela última vez. Que minha esperança não fora em vão. Essa esperança que deve ser reiterada e fortalecida numa noite de Natal. Esperança de saúde, de paz, de amor, de respeito, de dignidade, de trabalho, de sucesso dos filhos, dos pais e dos amigos. Esperança de um beijo, de uma reconciliação. A esperança de um moribundo de morrer em paz e sem dor. A esperança de consolo. Esperança de fraternidade, sem inveja, luxúria, soberba e arrogância. A esperança é relativa para cada um, conforme o tempo e o combustível necessário para cada felicidade.

Decepcionei-me com Nietzsche quando disse que a esperança é o pior dos males porque prolonga o sofrimento. Embora reflexiva a sua afirmação, ele só me reconquistou ao afirmar que a esperança é um estimulante vital muito superior à sorte. Tales de Mileto afirmava que a esperança deve ser uma constante na vida de cada pessoa. Natal é uma data simbólica, mas muito própria para renovação ou fortalecimento das esperanças. Não podemos deixar a tristeza fazer ninho na nossa cabeça. A esperança é um estado de espírito. Uma convicção projetada para o futuro como se já fosse o presente. É desejo acompanhado da idéia de satisfazer-se. A noite de Natal que festeja o nascimento é o momento adequado para renascê-lo-se espiritualmente.

Esperança é o sonho dos acordados.

E, nessa data, todos os sonhos sonhados de olhos abertos podem se transformar em realidade ou pelo menos ter a sua expectativa fortalecida, dependendo do Papai Noel que cada um carrega dentro de si.

A FORÇA ESTRANHA

O Kio era um amigo de infância. Fazia parte da turminha de dez e onze anos de idade. Na realidade, seu nome era Kiochi, filho de japoneses. Embora gordinho, jogava bem futebol e era esperto. Chutava com os dois pés. Andava de patinete. Era ágil na bicicleta. O pai, senhor Takeo, não falava muito, mas demonstrava alegria quando íamos visitar o amigo. Nessas ocasiões, ele nos mostrava a sua habilidade com a arte da dobradura de papel – o *origami*, originalmente *orikami* (*ori* – dobrar; *kami* – papel). Ele colocava sobre a mesa pedaços de papel, de cores diferentes, todos quadrados e sem cortes. Quadrado e sem cortes, apesar de não absolutas, são as duas regras básicas do origami. E ali, para nossa alegria, com destreza descomunal, dobrava o papel, fazendo flores, aves, bichos, barcos. Para cada peça que formava dava uma explicação. Quando fazia um sapo, dizia que este representava a fertilidade e o amor. A tartaruga, a longevidade. Ensinava, também, seus nomes em japonês. Dizia que o origami favorece a concentração e a paciência, além da satisfação de criar formas com apenas um pedaço de papel. Ganhávamos barquinhas, que ficavam dobradas nos livros e cadernos, para serem colocadas na enxurrada por ocasião das chuvas.

D. Fumiko, mãe de Kio, e a sua irmã Fujika também gostavam da nossa presença. D. Fumiko me ensinou que se toma chá em xícara fina sem asa para não queimar a língua: – Se os dedos suportarem o calor, pode-se

levar à boca, despreocupado.

Kio fazia aniversário no feriado de 7 de setembro. Era o único amigo que dava festa. Juntamos dinheiro, fomos à Papelaria Neide e compramos uma caixa de lápis de cor de presente, face dupla, que mandamos embrulhar num papel de seda. No dia, lá pelas cinco da tarde, fomos à sua casa para o aniversário. Quando nos aproximamos, vimos um grande movimento. Gente entrando com presentes nas mãos e outros saindo com semblante que não era de festa. Já na porta da casa nos contaram que enquanto a mãe fazia doces, salgadinhos e o bolo de aniversário, Kio foi de bicicleta com um amigo mais velho nadar num tanque perigoso pelos lados da estrada de rodagem e morreu afogado. O mundo caiu sobre nossas cabeças. Entramos. Naquele tempo se velava em casa. Kio, no caixão, com sua roupa branca da primeira comunhão. Um silêncio absoluto. Não havia choro. Não havia lágrimas. Ninguém conversava. Silêncio eloqüente. Todos eram recebidos por d. Fumiko. Não se abraçavam. Não se apertavam as mãos. Ela apenas, de mãos juntas, balançava o corpo para frente numa reverência. E quando lhe entregavam presentes para o aniversariante, ela desembrulhava e colocava carinhosamente dentro da urna funerária, para que ele levasse consigo. Chuteiras, um par de suspensórios, uma camisa de futebol, um par de meias, um livro de histórias...

Encostamos à parede e também em silêncio assistíamos ao que se passava. Aquela quietude dizia muita coisa que não compreendíamos. E eu com a caixa de lápis de cor segura pelas mãos nas costas. A sala encheu de gente. Fui praticamente empurrado para a cozinha, passando por uma cortina feita com pequenos pedaços de bambu. E ali deu para ver, cobertos por uma renda branca transparente, os doces, salgados e o bolo do aniversário. Era um campo de futebol, com gramado verde e traves. Quando o povo dispersou para o quintal e calçada, nós nos aproximamos de d. Fumiko e eu entreguei o nosso presente. Antes de nos reverenciar, pendendo o corpo para frente, ela me fitou por alguns instantes sem dizer nada. Tirou o papel de seda e colocou a caixa entre o peito e o braço esquerdo do Kio, bem perto do coração, olhando para nós, querendo no silêncio dizer como fomos importantes para seu filho.

Eu não entendia de onde vinha aquela força estranha,

contagiante e acalmadora. Tive vontade de chorar, mas não chorei quando o sr. Takeo colocou no caixão um *tsuru*, uma cegonha de papel dobrado, símbolo da sorte e da felicidade. Em que deuses se escoraram para suportar aquela dor, com tanta serenidade? Não sei. Nunca soube. Já estava escurecendo. Fomos embora. Sem trocar palavras, em silêncio, cada um para sua casa. Naquela noite, numa oração de boca fechada, pedi aos querubins e anjos da guarda que acompanhassem o amigo, já que foram tão incompetentes na sua proteção. Na próxima chuva, colocamos na enxurrada as últimas barquinhas. Quietos, acompanhamos até perdê-las de vista. Deveria haver um dicionário do silêncio. É verdade, dicionário do silêncio.

LIÇÃO DE VIDA

Minha sogra tinha o nome não muito comum. Genoveva. Alguns a chamavam carinhosamente de "Bepa", mas para os filhos, netos, genros, noras e amigos de todos eles era simplesmente a "vó". Ela mesma falava na terceira pessoa: "a vó vai fazer um bolo", "a vó já passou dos setenta anos". Nos últimos 15 anos de sua vida, morou em minha casa. Viu meus filhos crescerem. Foi um dos melhores corações que conheci até hoje.

Bondosa, paciente, sempre bem-humorada, simples e cheia de amor para dar. Vivia a felicidade feita de pequenas coisas. Todos os dias, na frente do oratório, ao lado da cama, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, segurando um crucifixo, rezava por todos antes de dormir. Com a mesma paciência e atenção que participava de uma conversa com adultos, sentava no chão para jogar palitos e dama com os netos e os amigos deles. Era das crianças uma verdadeira amiga e cúmplice. Muitas vezes ajudava a ocultar eventuais peraltices. Contava histórias. Quase todas por ela inventadas. Com seus exemplos deu aos meus filhos inesquecíveis lições de vida. Especialmente de bom humor e de bondade. Com ela não havia tristezas. Escondeu até mesmo por muito tempo dores que sofria com um câncer que a obrigou a uma cirurgia cruel, com seqüelas nos membros inferiores, sem contudo impossibilitar sua locomoção. Mesmo assim era a pessoa amável e alegre de sempre. Minha companheira de uma taça de vinho e de cerveja que, de vez

em quando, ela precedia de uma "vodga" (falava com "g").

– Acho que não faz mal a "vó" tomar uma vodguinha antes, né?

Tenho muitas histórias dela. Certa vez, fui com ela de carro para Caraguatatuba. Íamos encontrar a família já na praia. Sentou no banco traseiro para facilitar o descanso das pernas. Entre os bancos um isopor com latinhas de cerveja e uns petiscos. Já na rodovia D. Pedro, um guarda rodoviário pede para encostar. Sem olhar para ela, pedi que deitasse, pois já tinha improvisado uma desculpa.

– Os documentos. O senhor ultrapassou a velocidade permitida.

– Eu sei, seu guarda, acontece que estou com pressa para chegar a São José dos Campos para levar minha sogra ao pronto-socorro. Ela não está passando bem.

O guarda olhou para ela, depois para mim. Sorriu e disse:

– Vai, vai embora.

Só entendi o motivo do sorriso quando virei a cabeça. Ela estava deitada, mas lendo fotonovela e tomando cerveja.

Era comovente o amor de todos por ela. Quando o tempo mudava de madrugada, passando a ventar ou a esfriar, como se combinassem, os cinco filhos levantavam ao mesmo tempo e encontravam-se repentinamente no seu quarto para ver se a "vó" estava coberta e agasalhada. E ela fingia não perceber o afago de cada um.

Ela esnobou o câncer por 12 anos. Tratada a amor até se esqueceu que havia passado por aquela dura operação. Mas o mau covarde estava oculto. Aproveitando momentos de fraqueza, tomou conta dela de novo. Nova cirurgia e desta vez pior. Saiu dela, mas as seqüelas foram mais acentuadas que as anteriores. Mesmo assim tratada com dose simples de morfina e dose dupla de amor, sobrava disposição para enrolar suas balas de coco, fazer seu bolo de chocolate e a minha salada de pimentão assado. Um dia recebo uma ligação da Vera, minha mulher: – Venha logo para casa. Minha mãe quer falar com você em particular.

Ao anoitecer, chego e vou ao seu quarto. Ela me diz: – A "vó" vai morrer, né?

Eu falei: – Claro, todos nós vamos. Só não sabemos o dia e como.

– Mas a "vó" tá no fim...

– Não sei, respondi. O que é o fim? O que você quer falar, "vó"?

– Eu não tenho bens materiais. O que eu posso fazer por você, antes de morrer, por tudo o que me fez?

Contive o choro e disse-lhe: – Você acabou de fazer. Quantos genros já ouviram essas palavras de uma sogra?

Aí ela abriu a mão e deu-me o seu pequeno crucifixo com a inscrição "conto contigo". Mudei de assunto. Abri duas latinhas de cerveja. Tomei um pouco de uma e coloquei uns goles da outra na sua boca.

– Mas a "vó" pode?

Numa tarde, o mal se agravou. Chamamos o médico. Este pediu que a internasse, pois não agüentaria muito tempo.

– Internar?

– É que ela vai morrer e vocês têm crianças...

– Não, disse-lhe. Ela está lúcida. Vai morrer na companhia das pessoas que sempre a amaram.

Dez horas de agonia e faleceu. Foi sua última lição de vida para os netos. No velório, havia mais crianças que adultos. Faz vinte anos, mas seus olhos azuis brilhantes e um seu sorriso contido ainda estão presentes em todos os cantos da minha casa. Felizmente, minha mulher, hoje também avó, herdou as qualidades da mãe. Sobretudo a sua simplicidade, o amor, a alegria e a bondade. O crucifixo "conto contigo", ainda o carrego comigo.

HOJE OS SINOS DOBRAM POR VOCÊ

"Nenhum homem é uma ilha, sozinho em si mesmo; cada homem é parte do continente, parte do todo; se um seixo for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se fosse um promontório, assim como se fosse uma parte de seus amigos ou mesmo sua; a morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou parte da humanidade; e por isso, nunca procure saber por quem os sinos dobram, eles dobram por ti".

Essas palavras fazem parte da obra *Meditação XVII*, escrita em 1624 por John Donne, poeta e escritor inglês, que viveu entre 1572 e 1631. Serviu de inspiração para outros escritores e poetas, principalmente para Ernest Hemingway, autor do romance *Por quem os sinos dobram*, sobre a guerra civil espanhola, adaptado para o cinema sob direção de Sam Wood e estrelado por Gary Cooper e Ingrid Bergman.

Antigamente, as badaladas dos sinos anunciavam os importantes acontecimentos de uma localidade. Um casamento. Uma vitória em batalha. As horas. O chamamento para a reza e até uma morte. E o número de badaladas denunciava a idade do falecido.

Lembro-me dos sinos da capela do meu bairro, que já há algum tempo badalavam de forma diferente para o chamamento da novena, para a crisma, para a quermesse, para casamento, para informar a hora e para anunciar falecimento.

Badalar significa proclamar algum fato entusiasticamente.

Os sinos falam. Conversam. Acionado pelo foguista, até o sino da locomotiva a vapor, serelepe e esperto quando anunciava a chegada, repicava mais comedido ao acenar a partida.

Neste dia de comemoração, os sinos badalam pelas mães. Não por todas é claro. Há mulheres que não merecem ser chamadas de mãe. Os sinos tocam pela boa mãe jovem, pela idosa, magra ou gorda, rica ou pobre. Tocam pela mãe que sendo velha se rejuvenesce, na guarda e na proteção de um filho, e que ignorante, torna-se sábia, desvendando com sua intuição materna os segredos dos filhos.

Não tocam pela mãe ausente que não tem ou não quer ter competência para projetar nos olhos dos filhos sequer uma chispa de brilho.

Tocam pela mãe pobre que se considera rica com a alegria, com a felicidade e com o sucesso dos filhos.

Não tocam pela mãe irresponsável.

Tocam os sinos pela mãe que embala o filho ainda no ventre, acarinhando-o com palavras amorosas e afagos maternais.

Não tocam pela mãe assassina que pelo simples desejo de não desejar a criança já formada que gerou, comete aborto, o mais vil dos homicídios. Assassinato premeditado, doloso, torpe, fútil, cruel, de emboscada e sem chance de defesa para o ofendido. Por ela, os sinos não dobram. Ao contrário, silenciam por repúdio e tristeza.

Os sinos repicam pela mãe fraca que tem a força e a bravura de um leão para defender sua prole.

Os sinos tocam pela mãe adotiva que ama, educa e trata o que não é carne de sua carne, sangue do seu sangue.

Os sinos não badalam pela mãe que se recusa a amamentar por temor de abalo estético (já se provou o contrário). A amamentação não é só alimento. Envolve o carinho, o aconchego, a troca de cheiro. Além de ser necessário para o aperfeiçoamento do palato.

Os sinos dobram pelas queridas mães ausentes, que já morreram, mas presentes na saudade. Saudade que machuca. Deus devia estar de mau humor quando inventou esse sentimento.

Os sinos dobram pela mãe que não espera recompensa. Pela magia que ela tem em fazer desaparecer as dificuldades, amenizando todas as dores.

Os sinos tocam pela mãe vigilante que por amor impõe limites e disciplina para que seu filho venha a ser um adulto responsável.

Mãe carinhosa, antenada, participativa, amiga e companheira de todas as horas, se nesta data, no cenário da sua imaginação, ouvir sinos badalarem, não pergunte por quem eles tocam.

Hoje, eles dobram por você.

MINHA "BICICRETA"

Os tabeliães e registradores da comarca exerciam, também, as funções de escrivães cíveis e criminais. Os serviços judiciais e extrajudiciais funcionavam no mesmo prédio do fórum. Até a separação dos trabalhos. A família forense era bastante unida. Dava conta do recado e sobrava tempo para o futebol, pelo menos três vezes por semana. Qualquer acontecimento era motivo para jantares e confraternização: Dia dos Pais, Dia das Mães, 11 de agosto, Páscoa, Dia das Crianças, Dia da Justiça, Natal, Ano Novo, aniversários, batizados, casamentos... A amizade autorizava brincadeiras e trotes.

O sr. Lazaro era o 1.º registrador de imóveis. Usava chapéu, como muitos outros. Um dia resolveram passar-lhe um trote. Havia uma chapeleira onde ficavam pendurados os chapéus dos funcionários. Lazaro acabara de comprar um Prada na Casa Nazarian.

Caramuru e outros brincalhões "prepararam" a vítima para o trote. Ele era bastante supersticioso. – Sabe Lazaro, que no Carmo um homem teve uma morte muita esquisita? A cabeça dele foi encolhendo e acabou falecendo com um aspecto horrível.

Um outro funcionário, combinado, disse: – Interessante. Na Vila morreu outro, mas ao contrário, a cabeça dele cresceu tanto que explodiu. Deve ser alguma doença nova.

Feita a preparação, houve uma coleta de dinheiro. Foram comprados dois chapéus na mesma loja. Da mesma marca e cor. Só que um de número maior e outro de número menor que o chapéu do sr. Lazaro.

Quando ele pendurava seu chapéu na chapeleira, alguém substituía pelo de número menor. Ele colocava e não entrava na cabeça. No outro dia, o chapéu era substituído pelo de número maior. Ele colocava e vinha até as orelhas. No seguinte, vestia o dele. E a turma sempre azucrinando. – Lazaro o que está havendo com você? Sua cabeça está diferente. E assim por vários dias, até que ele acabou consultando todos os médicos da cidade.

Também fui vítima de trotes. Com 14 anos, recebi muitas cartas de amor de uma menina que estudava no Colégio Progresso. Depois acabei descobrindo que todas elas eram rascunhadas no cartório; a irmã de um colega passava a limpo com caligrafia feminina e enviava pelo correio.

Havia um juiz que tinha aversão ao jogo do bicho. E, ao fórum, comparecia todo dia um vendedor de bilhete que também colhia apostas de jogo.

Um funcionário disse para ele: – Suba a escada. Na sala do fundo do corredor tem um homem de terno preto que gosta de jogar no bicho.

Era o gabinete do juiz. Ele foi: – Doutor, vamos fazer uma fezinha hoje. Pra mim dá vaca.

Logo depois, esse homem desceu a escada correndo e o juiz atrás: – Prenda, prenda, prenda.

Quando eu tinha doze anos, o sr. Lazaro me ordenou : – À tarde, lá pelas três horas, vá ao consultório do dr. Frederico De Marco buscar um atestado médico para meu pai. Lazaro era filho de Theophilo Antonio Machado, simpático juiz de casamentos.

Os gozadores de plantão bolaram um trote. – Você vai ao consultório do dr. Frederico?

– Vou à tarde.

– Cuidado. Vai te chamar para dentro e te hipnotizar. Ele é tarado etc.

Dr. Frederico De Marco, além de médico, era um cientista de renome internacional. De estatura média, cabelo comprido, só em volta da

cabeça, pestanas grossas e largas, arrebitadas para a testa. Um rosto enigmático. É claro que ele não era nada do que falaram. Mas eu não sabia. Peguei minha bicicleta e fui ao seu consultório. Na avenida Espanha esquina ou quase esquina da Gonçalves Dias. A porta do consultório abria na calçada. Bati. Ele atendeu. Um piso rebaixado. Ele de jaleco branco para baixo do joelho. Atrás da mesa uma parede clara com fórmulas escritas a lápis. Fiquei com um pé na calçada e outro dentro da sala.

– Vim buscar o atestado do sr. Theophilo.

Ele sentou, dizendo: – Entra. Vem aqui.

Olhei para ele ressabiado: – Tá bom aqui. Tô olhando minha "bicicreta".

Redigiu o atestado. Dobrou. Colocou entre os dedos e convidou-me para entrar a fim de pegá-lo. Não disse nada. Só apontei com o dedo reiterando: – Minha "bicicreta".

Ele educadamente foi até a porta e entregou-me o papel. Montei na "magrela" e saí correndo. Ainda pelo pequeno espelho agregado ao guidão pude ver o cientista me acompanhando com o olhar e, por certo, pensando: – E eu que sou maluco...

O DOM DIVINO DE SER MÃE

Não há, pelo menos não deveria haver, apenas um dia marcado para se reverenciar a mãe. No mundo atual informatizado, onde se conversa mais com máquinas do que em família, a mulher, mãe pela própria natureza, deve ser exaltada e louvada todos os dias do ano por ainda conservar o seu coração como órgão de fé, de amor, de tranqüilidade e de paz. Ainda não contaminada pelo robotismo, cultiva o seu coração como órgão de harmonia, de esperança e de ideal. Toda mulher nasce com o dom divino de ser mãe. Mesmo que não tenha gerado um filho e nem venha a gerá-lo.

Desde criança, com instinto materno, cuida com carinho da sua boneca, embalando-a no colo, cantando-lhe canções de ninar: "Boi da cara preta", "Sapo cururu da beira do rio". Depois, como mãe coadjuvante, cuida, com atenção e desvelo, dos irmãos menores. Mais tarde, torna-se mãe do namorado, aprimorando o seu comportamento, ensinando-o a se vestir, torcendo pelos seus estudos, fazendo novenas para conseguir emprego e orando para deixar eventuais vícios perniciosos. Depois se transforma em mãe do marido antes mesmo de o ser dos filhos. E quando estes nascem, torna-se sua protetora incansável. Seus filhos são sempre os melhores e os mais bonitos. Enfrenta, se preciso, juízes e tribunais, em sua defesa, por pior que tenha sido o ato praticado. Jura a inocência deles ou justifica o injustificável:

– Doutor ele é bom, foram as más companhias...

Quantas mulheres sacrificam a própria vida amorosa ou sua particular existência, para serem mães das próprias mães ou do pai, de um avô ou de uma avó. Mães de sobrinhos desvalidos. E quantas avós se tornam mães dos netos. E as mães adotivas que substituem as de sangue? Enfermeiras, médicas, professoras, babás, assistentes sociais e outras tantas que amparam, educam e assistem, dando, também, afeto àqueles que não são carnes de suas carnes. Quando Deus quer entregar, em adoção, crianças deficientes físicas e ou mentais, Ele procura aquelas mulheres dotadas de coração privilegiado, carregado de amor, paciência, ternura, abnegação e renúncia, para essa sublime missão. Anualmente, Ele encontra milhares com essas virtudes divinas. Hoje, a mulher, competindo com o homem, em funções públicas ou privadas, em igualdade de condições, tem múltipla função: cuida do lar, da educação e acompanhamento dos filhos e ainda do seu trabalho, tornando-se, também, arrimo da família.

Com tantas ocupações e inúmeras responsabilidades, ela não esmorece nem se abate na missão sublime de ser mãe. Sejam brancas, negras, amarelas, altas, baixas, gordas, magras, fortes ou fracas, se necessário, dilaceram o próprio corpo para alimentar um filho como fazem os pelicanos.

Com sabedoria já foi dito que se a criança é o futuro, no coração das mães repousa a sementeira de todos os bens do porvir. A mulher inspira. É o ideal e o santuário. É a sublimação em forma humana. Mãe não pede nem quer presentes. Ela se alegra e se contenta com o amor que lhe é oferecido. A mãe, até quando eventualmente ofendida por um filho, arranja-lhe desculpas para o seu gesto. A alegria, a dor, o desgosto, a aflição e o sofrimento de um filho são sentidos em doses reforçadas pelas mães. Pincele-se o seu retrato e veremos que ela tem um pouco de Deus pelo seu constante amor sem nada pedir em troca. Percebe-se que a mãe tem outro tanto de anjo, pela sua perseverança e dedicação. Sendo velha, a mãe se rejuvenesce na guarda e proteção de um filho. Ignorante, torna-se sábia, desvendando com sua intuição materna os segredos dos filhos. E se for sábia, não perde a simplicidade, mantendo a pureza de uma criança. Pobre, se enriquece com a alegria, a felicidade e o sucesso dos filhos. Se for rica, se empobrece para não sofrer com a agressão dos ingratos. Se for fraca, tem a força e a bravura de um leão.

Entretanto, viva não lhe dão valor. Ela passa despercebida porque não faz alarde de seu heroísmo. Com a magia e os poderes que Deus lhe deu, faz desaparecer as dificuldades, amenizando todas as dores. E, depois de morta, daríamos tudo o que temos para receber seu abraço e ouvir pelo menos uma palavra dos seus lábios. A mãe, reitero, não quer nem espera recompensas materiais.

Certa vez, quando bem jovem, troquei o presente por uma carta de amor à minha mãe. Quarenta anos passados, logo depois de seu falecimento, encontrei em sua bolsa aquele escrito à mão, bico de pena, com letra caprichada e em papel próprio, com algumas dobras já rasgadas. Quantas vezes, no silêncio do seu mundo, ela deve ter lido aquele canto de amor e carinho. Se soubesse, e hoje sei, da sua importância, muitas outras teria escrito.

Lembrando Victor Hugo: "O Homem é a mais elevada das criaturas, a Mulher é o mais sublime dos ideais!/Deus fez para o Homem um trono, para a Mulher, um altar. O trono exalta, o altar santifica!/O Homem é o cérebro, a Mulher, o coração. O cérebro produz a luz; o coração, amor. A luz fecunda; o amor ressuscita!/O Homem é o gênio, a Mulher é o anjo... O gênio é imensurável; o anjo, indefinível!.../A aspiração do Homem é suprema glória; a aspiração da Mulher, a virtude suprema... A glória traduz grandeza, a virtude traduz divindade!.../O Homem tem a supremacia; a Mulher, a preferência... A supremacia representa a força, a preferência representa o direito!.../O Homem é forte pela razão; a mulher é invencível pela lágrima... A razão convence, a lágrima comove!.../O Homem é capaz de todos os heroísmos; a Mulher, de todos os martírios... O heroísmo enobrece; o martírio sublima!.../O Homem é o código; a Mulher, o evangelho... O código corrige; o evangelho aperfeiçoa!.../O Homem é o templo; a Mulher, um sacrário... Ante o templo, nos descobrimos; ante o sacrário, ajoelhamo-nos!.../O Homem pensa, a Mulher sonha... Pensar é ter cérebro; sonhar é ter na frente uma auréola!.../O Homem é um oceano; a mulher, um lago... O oceano tem a pérola que o embeleza, o lago tem a poesia que o deslumbra!.../O Homem é a águia que voa; a Mulher, o rouxinol que canta... Voar é dominar o espaço, cantar é conquistar a alma!.../O Homem tem um farol: a experiência; a Mulher tem uma estrela, a esperança... O farol guia, a esperança salva!.../Enfim, o Homem está colocado onde termina a

Terra; a mulher, onde começa o Céu!..."

Quantas mães, por qualquer razão abandonadas em asilos ou "casas de repouso", procuram justificar e defender a ausência dos filhos que nunca chegam, dizendo, para as companheiras de infortúnio, do amor deles para com elas, por eles nunca confessado. Talvez até sentido, mas nunca expressado. Muitas dessas mães, velhinhas esquecidas pela família, fingem demência e simulam uma insanidade inexistente, para justificar o embalo de uma trouxa de pano que acalentam no colo, como se estivessem ninando um filho, voltando a entoar, num sussurro, o "Boi da cara preta...", o "Sapo cururu da beira do rio", a "Terezinha de Jesus que de uma queda foi ao chão.." e contar historinhas improvisadas, sempre com o mesmo final: "E, assim, eles foram felizes para sempre."

Bem disse Coelho Neto: "Todo o bem que a mãe goza é bem do filho, espelho em que se mira. Afortunada luz que lhe põe nos olhos novo brilho. Ser mãe é andar chorando num sorriso. Ser mãe é ter um mundo e não ter nada. Ser mãe é padecer num paraíso."

Por que tanta preocupação na escolha de um regalo material? Dê a ela o presente mais precioso que gostaria de receber. Não gasta a língua nem esvazia o bolso. Diga-lhe apenas quatro palavras: "*Mãe eu te amo.*"

O FILHO DO VENTO

Cursei o "grupo escolar" no Antonio J. de Carvalho, da rua Carlos Gomes. Muitos até hoje não sabem que o "J" é de Joaquim. De manhã fazia, sem salário, pequenas tarefas no Fórum da rua Quatro e, no período da tarde, estudava. Como era da "Caixa Escolar", tinha livre acesso às sopas caprichadas, preparadas por d. Rosa. No início do ano, recebia uma pequena caixa de lápis de cor, um preto, uma borracha, um caderno de linguagem, um de desenho e um de caligrafia. Minha professora do quarto ano era d. Anunciata que me pedia para levar recados para seu namorado Delphino, jovem advogado, freqüentador diário dos cartórios. Depois se casaram e constituíram uma bela família. A diretora era d. Maria José Paim da Porciúncula que antes das aulas submetia os alunos a um exercício respiratório. Na conclusão do "grupo", hoje equivalente aos cinco primeiros anos de estudos do ensino fundamental, foi marcada solenidade para a entrega dos diplomas. Todos deveriam ir de branco. Como descamisado, disse que não tinha roupa branca nem dinheiro para comprar. A caixa forneceu dois pedaços de pano. Um para a calça curta e outra para a camisa. E um par de tênis também. E, assim, todo alinhado, fui receber o meu primeiro pergaminho. Ocasião em que recebi, também, um prêmio pela nota obtida. Sou capaz de nomear todos os meus professores desde o primário, colegial, científico, faculdade e de outros cursos de pós-graduação. Pena que hoje os alunos só levarão na lembrança "o tio de

matemática", "a tia de geografia". Não terão histórias para contar aos filhos.

Os anos correram e, sempre na justiça, exerci várias funções sem me desgarrar do registro de imóveis. Fui por muitos anos escrivão do Júri, da Corregedoria Permanente e chefe do Comissariado de Menores do Juizado local, cuidando das sindicâncias de infratores e mantendo com eles contato permanente. Entre os transgressores, havia um especialista em descobrir residências com famílias ausentes para roubar com tranqüilidade. Tinha os seus métodos próprios. Passava pelo menor vão da casa. Nem que fosse preciso fazer regime alimentar por semanas. Quando era encaminhado para a Febem, retornava antes da viatura do fórum. Por ser ligeiro, Fabrício tinha o apelido de "filho do vento". Cada roubo na cidade eu o chamava e o questionava: – Foi você?

Ele jurava que não, mas dava um sorriso maroto. Até mesmo porque nessas ocasiões havia a coincidência de um dos marginais (ou ele) usar como penico o liquidificador da família vítima. Até que um dia, já maior de 18 anos, foi preso por ter roubado a casa de um médico, a quem pedi para lhe operar uma úlcera. Ao ouvir que ele viajaria com a família, marcou o endereço constante no receituário e fez a visita, sendo descoberto pelo anel de brilhante no dedo de sua namorada.

Isso já faz muito. Quase quarenta anos. Nunca mais o vira, até que num passado recente fui convidado a proferir uma palestra para uma comunidade religiosa no bairro do Carmo tendo por tema a delinqüência infanto-juvenil. Presentes umas duzentas pessoas. Mães, avós e alguns pais. Terminada a palestra formou-se uma fila mais ou menos longa para me cumprimentar. Dentre as mulheres havia uma de cabelos totalmente brancos e de veneranda face que de imediato reconheci. Ela se aproximou e não sabendo como se dirigir a mim antecipei e disse-lhe: – Sou eu mesmo. O filho da Nina. E a senhora é d. Maria "da Chácara", mulher do *seo* Bento, que costurou de graça para minha mãe uma calça e uma camisa para eu "tirar" o diploma do grupo escolar. E falei num tom para que suas amigas pudessem ouvir.

A mulher perdeu o compasso pela minha lembrança e demonstração de gratidão por sua generosidade de mais de meio século atrás. Continuei em frente à fila, e d. Maria permaneceu no meio de uma roda

gesticulando e falando talvez da minha infância da qual era testemunha viva.

No fim da fila, veio um homem de cabelos e cavanhaque grisalhos de mãos dadas com uma criança. Reconheci de imediato. Era Fabrício, o "filho do vento". Olhou para mim e disse: – Quero que o senhor conheça o meu neto.

Não tocamos no seu passado. Nem o chamei pelo apelido. – O que você está fazendo agora?

– Trabalho com sistemas de segurança: alarmes em portas e janelas, câmeras, portões eletrônicos e outras novidades. O senhor não sabe como tem malandro roubando por aí!

– Parabéns. Você tem um neto bonito. Felicidades.

– Pro senhor também. Qualquer dia, vou fazer uma visita...

SENIL POR FORÇA DE LEI

Agora é lei. Idoso – *ex vi legis* – é todo aquele que atingiu sessenta anos de idade. E os dicionários são impiedosos, idoso é todo homem com bastante idade, velho, senil. Senilidade é sinônimo de demência, decrepitude e caduquice. Estou preocupado com alguns amigos que se entregaram. Com tanta publicidade do Estatuto do Idoso, acabaram acreditando que o "sessentão" é "um pé-na-cova." E o pior. Deixar-se influenciar por esse inconsciente coletivo negativo significa conseguir mesmo uma velhice por antecipação.

A lei, embora de cumprimento utópico, é bem-intencionada, mas imaginar que o sexagenário é um senil, aí já é demais. Quantos jovens de sessenta anos vemos diariamente, participando de pesadas competições esportivas. E o engraçado é que a lei foi projetada e aprovada por parlamentares, dos quais vários já passaram dos sessenta, setenta e até oitenta anos de idade. Também nosso Código Civil, que teve como maior colaborador um jurista e filósofo – Miguel Reale –, que com mais de noventa anos trabalhava e escrevia diariamente com uma lucidez incrível, considera o sexagenário um mentecapto presumido, quando impõe ao seu casamento o regime da separação obrigatória de bens, pela presunção, em razão da idade, de não ter ele discernimento para saber o que está fazendo, sendo passível do chamado golpe do baú.

Eventual doação de bens que fizer a quem lhe deu amparo e carinho, suprindo talvez a carência afetiva provocada pela família, pode ser impugnada pelos seus descendentes. E se a pendenga chegar ao Tribunal de Justiça, por certo será julgada por juízes que já ultrapassaram aquela marca etária, e, no entanto, decidirão pela nulidade: – Ele tinha sessenta anos, não sabia o que estava fazendo.

Dá para explicar, mas não dá para entender. A idade não é marcada por lei. Existem muitos jovens de setenta ou oitenta anos e muitos velhos de trinta ou quarenta anos de idade. É a mente que comanda. É o que ele pensa que ele é. O homem tem a idade do seu sorriso. O ser humano, *vigiado pela razão*, deve até o fim da vida buscar o prazer e a felicidade. Sai dessa: "Não tenho mais a memória que tinha."; "Sinto o peso dos sessenta anos."; "Preciso de um bom plano de saúde."; "Vou comprar um carnê de serviços funerários."; "Já estou pensando em passar meus bens para os filhos." E outras lamentações que conhecemos. No aniversário só lhe dão pijama de mangas compridas. Com ele fica parecendo um espantalho de horta. E chinelo de sola de borracha para não escorregar no banheiro. Passa a tomar sopa e comer saladas coloridas.

– Ah! Falaram que faz bem.

É claro que sessenta anos não é meia-idade. Não conheço ninguém com 120, mas demente também já é demais. Influenciados pela propaganda do Estatuto do Idoso, nessa idade aparecem os conselheiros: – Feijoada, pizza, carne vermelha, cerveja, bacon, ovos, torresmo, bolo, sorvete... nem pensar. – E macarrão, pode? – No Natal você pode comer um *miojo*.

Todo mundo se acha no direito de dar um palpite ou um conselho para os "velhinhos" de mais de sessenta anos. O sr. Lazinho e sua mulher d. Francisca foram ao médico. Ela queria tão-somente um analgésico para dor nas costas.

– É osteoporose, disse o médico. A senhora precisa comer queijo e fazer muito exercício.

– Eu, doutor? Com 79 anos de idade.

– Então, faça pelo menos sexo com freqüência.

– Sexo? O senhor precisa falar isso para o meu marido.

Vêm os dois para a sala de espera: – Sr. Lazinho, para melhorar a dor nas costas da sua mulher, ela precisa fazer sexo pelo menos duas vezes por semana.

– Tem dia certo doutor? Perguntou o Lazinho.

– Pode ser na segunda e na sexta-feira. Um intervalo de três dias vai bem. Tá combinado?

– Na segunda "eu trago ela", mas na sexta ela vem sozinha, porque é dia de jogar biriba com os amigos.

TAMBÉM HÁ LÍRIOS NO LODO

Nos anos quarenta do século passado, durante e depois da Segunda Guerra, havia racionamento dos gêneros de primeira necessidade. Principalmente para os pobres. Para conseguir um litro de óleo de cozinha era necessário enfrentar uma fila, formada desde a madrugada, para obter uma senha por família na prefeitura. Depois de uma longa espera num depósito do município, situado na avenida Sete de Setembro com a Padre Duarte, um servidor municipal, gerenciando um tambor de duzentos litros, enchia o vasilhame levado pelo próprio consumidor.

Nessa época não podia dizer que os pobres comiam *o pão que o diabo amassou,* porque nem esse existia. De vez em quando se comprava numa padaria uma *broa de fubá e farinha.* Na fila do óleo não havia gente rica. Numa tarde, ao sair do grupo escolar da rua Carlos Gomes com a avenida São Paulo, notei uma aglomeração de pessoas. Havia um incêndio no depósito de um grande armazém, que ali guardava milhares de latas de vinte litros de óleo. Por certo compradas para serem vendidas no *câmbio negro.*

Com aquela abundância de óleo ardendo, percebi que racionamento existia mesmo só para pessoas carentes. Os que tinham dinheiro sabiam onde comprar. O fogo aumentava. As latas explodiam. O povo aplaudia. Mais pelo efeito pirotécnico do que por maldade. Com toda dificuldade, notava-

se que o pobre não se indignava. Deveria. Levava sua vida com honestidade e trabalho. Meus pais não se cansavam de dizer: – Não mexa no que é dos outros. Seja honesto... Faça tudo como se alguém estiver olhando.

Recentemente, num jornal recheado de maus exemplos de ladroeiras, corrupções, mentiras e estelionatos etc. aparece a notícia de que um cidadão achou uma maleta. Levou-a para casa. Ao abri-la, encontrou valores equivalentes a duzentos mil reais. Por um cartão localizou quem perdeu. Foi devolvê-la, recebendo de *gorjeta* 110 reais. O dono pediu para não revelar o seu nome. Por certo, não tinha sequer feito boletim de ocorrência!

Em regra o brasileiro é assim mesmo. Honesto. Eu também devolveria. Mesmo sem ninguém ter percebido. Aquele cidadão levou em conta que ele teria uma testemunha pesada a depor contra ele 24 horas por dia: *a sua própria consciência*. Não importa a quantidade de corruptos e corruptores. Ladrões e corruptos nascem feitos. A oportunidade é que faz o roubo e a corrupção. Como diria Madre Tereza de Calcutá, não se nivele aos maus. Se você é honesto e franco, as pessoas podem enganá-lo. Seja honesto e franco assim mesmo. Se você é gentil, as pessoas podem enganá-lo. Seja honesto e franco assim mesmo. Se você é gentil, as pessoas podem acusá-lo de egoísta, interesseiro. Seja gentil assim mesmo. Se você é vendedor, terá alguns falsos amigos e alguns inimigos verdadeiros. Procure vencer assim mesmo. Se você levou anos para construir, alguém pode destruir de uma hora para outra. Construa assim mesmo. O bem que se faz hoje pode ser esquecido amanhã. Faça o bem assim mesmo. O paraíso está na consciência de cada um.

Plagiando Charles Chaplin: "O caminho da vida pode ser o da liberdade/e da beleza, porém nos extraviamos./A cobiça envenenou a alma dos homens.../levantou no mundo as muralhas do ódios.../e tem-nos feito marchar a passo de ganso/para a miséria e morticínios.

Criamos a época da velocidade,/mas nos sentimos enclausurados dentro dela./A máquina, que produz abundância,/tem-nos deixado em penúria.

Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos;/nossa inteligência, empedernidos e cruéis./Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que de máquinas,/precisamos de humanidade./Mais do que de inteligência,/precisamos de afeição e doçura./Sem essas virtudes,/a vida será de violência e tudo será perdido."

SENHORAS E SENHORES

Senhoras e Senhores. Duas palavras que precedem um comunicado, um aviso, um discurso, enfim uma manifestação oral. Antigamente, os exames orais do ginásio, do colégio e dos cursos superiores tiravam do aluno pelo menos o temor de se expressar oralmente. Primeiro porque tinha de enfrentar uma banca examinadora, e segundo porque assistindo ao exame dos colegas tinha-se a oportunidade de aprimorar a comunicação por meio das suas falhas e acertos. Hoje, infelizmente, a juventude, por uma lacuna do ensino, sem exame oral e a inserção de testes, está com o vocabulário cada vez mais curto: "Tá legal."; "Falou."; "É isso aí."; "Beleza."; "Beleza pura."; "Olha o cara, meu."; "O.k."; "Vamos nessa."; "Tá tirando uma."; "É tipo assim." Não existe nem mesmo coragem para a entrega pessoal de um currículo, às vezes abandonado sobre o balcão de uma empresa, com o temor de ser chamado para uma entrevista. Muitos candidatos a concursos não se inscrevem por estar previsto um exame oral. Tive oportunidade de ver e ouvir brilhantes oradores, como Carlos Lacerda, Emílio Carlos, Ademar de Barros, Jânio Quadros, Auro Soares de Moura Andrade, Américo Marco Antônio.

Ainda garoto fui à praça pública de Araraquara para ver e ouvir Getúlio Vargas. Aquele homem de pequena estatura ao pegar o microfone e dizer "tra ba lha do res do Brasil" agigantava-se e fazia o público ir ao delírio. Isto sem falar nos grandes oradores de nossa cidade, políticos e tribunos

de júri. Só não digo o nome de todos pelo temor de cometer injustiça, com o esquecimento de alguém.

O segredo do discurso está na capacidade de síntese. Esta quando não agrada pela forma, substância e estilo, tem a grande virtude de não saturar. Mas também conheci oradores bisonhos, sem qualquer experiência e de curto vocabulário. Certa vez, um vereador que acabara de comentar um projeto de lei, ouviu do parceiro ao lado: – Vossa Excelência acaba de se revelar um verdadeiro exegeta. Não sabendo o significado da palavra exegeta (comentador, crítico, principalmente, intérprete), revidou imediatamente: – Exegeta é a sua mãe.

Conheci um político, já no crepúsculo de sua carreira, que costumava lamentar: – Eu me dou tudo de si e ninguém reconhece. Advertido por alguém, corrigiu: – Eu si dou tudo de mim e ninguém reconhece. Ficou pior.

Araraquara teve um fanático em fazer discursos. Vamos chamá-lo de professor Plácido. Falava na inauguração de ponto de ônibus, batizado, crisma, casamento, formatura do ginásio, colégio, conclusão de curso de datilografia, enterro etc. Há muitos anos faleceu uma pessoa muita querida na cidade. Cidadão contra o qual não havia nenhum fato desabonador. Muito popular. Morreu subitamente, ainda com as cartas de baralho na mão, jogando cacheta com os amigos no salão do sindicato do qual era diretor. Naquele tempo não havia velório público ou particular. O corpo era velado na própria residência que ficava cheia de amigos, políticos e curiosos.

Nesse velório, compareceu o professor Plácido e pediu para falar no túmulo, em nome da família. Não deixaram. Em nome do sindicato? Também não. O presidente falaria. Em nome da cidade? O prefeito não permitiu. Ele mesmo faria isso. E em nome dos companheiros de pescaria? Também não. Já havia orador escalado. O enterro percorreu respeitosamente bons quarteirões até chegar ao cemitério. O professor Plácido acompanhou chateado pelas recusas. Na hora do sepultamento falaram os oradores previamente indicados e quando o corpo ia baixar, ouviu-se "um instante, por favor". Era o professor Plácido pedindo a palavra para agradecer em nome do morto os discursos ali proferidos.

PRUDÊNCIA E PAIXÃO

Conta Esopo, fabulista grego em "O leão apaixonado" que, no tempo em que os animais falavam, um forte leão com garras e dentes afiados pediu a um camponês a mão de sua filha em casamento. O camponês, com medo de indeferir o pedido, disse ao leão que não se opunha ao matrimônio. Com muita astúcia, calma e sabedoria, pediu-lhe, entretanto, que lixasse suas garras e seus dentes pontudos para não machucar sua delicada menina acostumada a cuidar da pele com leite de cabra. O leão cego de paixão atendeu ao pedido. Assim que ficou indefeso, sem garras e dentes, o camponês chamou seus cachorros que mataram o rei da selva a mordidas. Quis o fabulista com isso dizer que à medida que a paixão cresce a prudência desaparece.

Prudência é juízo, sensatez, ponderação, cautela, cuidado, comedimento. Não concordo que paixão seja sinônimo de amor. Amor é atenção, afeto, carinho, ternura, assistência. É permanente, duradouro, compreensivo, solidário, é permuta e concessão. Enquanto paixão é martírio, sofrimento, dor, obstinação, parcialidade, injustiça e iniqüidade. Pode até eventualmente proporcionar prazer, mas passageiro e fugaz. Não se trata somente da paixão entre duas pessoas. Todo tipo de paixão não é sinônimo de amor. O torcedor de futebol apaixonado pelo seu clube que acaba ferindo e até matando outro torcedor que está ao seu lado aplaudindo o adversário não age por amor. Quem mata a mulher por quem se apaixonou, sob pretexto

de ciúme, também não procede por ternura ou afeto. Com muitos anos de convívio com a família forense só testemunhei derrotas de advogados *apaixonados* pela causa. Podem sim, agir com dinamismo, entusiasmo, até mesmo com emoção, mas nunca com paixão que leva à perda do senso, da noção do ridículo, da lógica, não se fazendo compreender pelo julgador, perante o qual deve desossar o problema que lhe foi confiado.

Conheço um promotor de justiça que não perde um júri pela sua competência e em razão de sua forma lhana, educada e desapaixonada de trabalhar. Cumprimenta e respeita inclusive familiares do réu se estiverem presentes. Não faz tipo. É próprio dele. O causídico que não formula suas premissas para chegar a um silogismo próprio, o qual lhe indique o que é certo e justo, acreditando de forma cega e apaixonadamente no que diz o seu cliente, acaba prejudicando-lhe, embaralhando-se nas suas *certezas* que nem sempre correspondem à verdade.

Conheci um juiz tranqüilo que lia a sentença condenatória ao réu com tanta educação, calma e respeito que o condenado dizia à sua escolta:
– Que cara legal esse aí.

A paixão e a prudência se atropelam.

Diz ainda o fabulista que um homem de cabelos grisalhos apaixonou-se ao mesmo tempo por uma mulher bem mais velha e por outra bem mais nova. Esta lhe arrancava os cabelos brancos para que ele não parecesse ter mais idade que ela. A outra, ao contrário, tirava-lhe os cabelos pretos. Imprudentemente, o apaixonado foi prejudicado pelas duas, ficando careca.

Na China, um homem há muito tempo perdido, já sem força e faminto, encontrou uma casa de três andares no alto de uma colina, na qual foi cordialmente recebido por um velho, que lhe deu roupa limpa, comida e cama quente no último andar. Vivia o ancião com uma linda neta. Durante a refeição, o visitante ficou, à primeira vista, perdidamente apaixonado pela donzela. O chinês percebendo seus desejos o preveniu: – Não mexa com a menina. Quem abusa da hospitalidade sofre três torturas chinesas.

O visitante julgou que valeria a pena arriscar e relacionou-se com a moça, por quem estava loucamente apaixonado. No dia seguinte, ao

acordar, tinha sobre seu peito uma pesada pedra, como primeira tortura. Achou leve, diante do prazer que tivera, atirando-a pela janela, quando viu escrito numa face: "Esta pedra está amarrada por uma linha de pescar ao seu testículo direito." Saltou para alcançá-la, e notou escrito do outro lado: "E o seu testículo esquerdo está amarrado no pé da cama."

Prudência e paixão não se dão as mãos. A prudência desaparece na proporção que a paixão cresce.

OS FILHOS E OS NAVIOS

Participei com minha mulher, prazerosamente, de um jantar de formatura da turma de odontologia, na cidade de Bauru, a convite dos pais de um formando. Ambiente de festa. Perceptível o brilho nos olhos dos familiares e daqueles que concluíram o curso. Sorriso nos lábios. Clima carregado de sonhos sonhados e de esperanças renovadas. Resolvi vestir a capa da invisibilidade e sentar um instante em cada mesa e ouvir o que diziam os pais, namoradas, namorados, avós. Bem como me intrometer na roda dos diplomados e me contagiar daquele entusiasmo. Abraços. Beijos. Palavras carinhosas. – Me telefona! Você tem o número? – Não vou esquecer sua companhia. Os professores orgulhosos de seus alunos. – Aquele ali vai ser um ótimo profissional. – Aquele outro também. E aquela menina?

Conversam os pais: –Valeu o sacrifício. Olha a alegria dele. Sabiam, com certa tristeza, que a formatura significava, também, separação, independência, vôo próprio. Um formando resolve formar uma roda de amigos, ex-colegas para um brinde: – Que a partir de hoje todos tenham muita dor de dente. Euforia contagiante. Os pais, se pudessem, chamariam a atenção dos presentes e gritariam "aquele é meu filho". Nisso verifico parada no ar, como um beija-flor, uma mulher, toda de branco, com asas, segurando um condão dourado, derramando sobre a cabeça de alguns odontólogos estrelas prateadas.

Perguntei: – Quem é você?

– Quem é você pergunto eu que sou invisível. Como me viu?

Retornei a pergunta.

Respondeu-me: – Sou a fada do destino. Estou marcando os que terão sucesso.

Repliquei: – Pára com isso. Fadas não governam mais a vida de quem quer que seja. Estamos na era da cibernética. O destino pode ser modificado da forma que convier. Está superada até mesmo a tese da genética herdada. Se houver sincronicidade com o que há de bom e de bem no inconsciente coletivo, a vida pode ser mudada. Se você não quiser desejar sorte para todos, vá embora.

O que ela fez salpicando de estrelas todo o ambiente.

Cheguei em casa de madrugada. Sem sono, procurei minha correspondência eletrônica. E a primeira que recebo, mandada por um grande amigo, é um texto de autor desconhecido justamente sobre o que eu estava pensando. Coincidência ou sincronismo? Talvez o autor, que não sei sequer se ainda existe, quisesse me dizer, como de fato afirmou, que *os filhos são como navios*. E ainda que, ao olhar um navio no porto, imaginamos que ele esteja em seu lugar mais seguro, protegido por uma forte âncora. Mal sabemos que ele está em preparação, abastecimento e provisão para se lançar no mar, ao destino para o qual foi criado, indo ao encontro das próprias aventuras e riscos. Dependendo do que a força da natureza lhe reserva, poderá ter de desviar da rota. Traçar outros caminhos ou procurar outros portos. Certamente retornaria fortalecido pelo aprendizado adquirido, mais enriquecido pelas diferentes culturas percorridas. E haverá muita gente feliz a sua espera. Assim são os filhos. Estes têm nos pais o seu porto seguro até que se tornem independentes.

Por mais segurança, sentimentos de preservação e de manutenção que possam experimentar com os pais, eles nasceram para singrar os mares da vida, correr seus próprios riscos e viver suas próprias aventuras. Certo que levarão consigo os exemplos dos progenitores, o que eles aprenderam e os conhecimentos da escola, mas a principal provisão, além das materiais, estará no interior de cada um: *a capacidade de ser feliz.* Sabemos,

no entanto, que não existe felicidade pronta. Algo que se guarda num esconderijo para ser doada, transmitida a alguém. O lugar mais seguro que o navio pode ter é o porto. Mas ele não foi feito para permanecer ali. Os pais também pensam representar o porto seguro dos filhos, mas não podem esquecer do dever de prepará-los para navegar mar adentro e encontrar o seu próprio lugar, onde se sintam seguros, certos de que deverão ser, em outro tempo, este porto para outros seres.

Ninguém pode traçar o destino dos filhos, mas estes precisam estar conscientes de que na bagagem aconselha-se levar valores herdados como: *humildade, humanidade, honestidade, disciplina, gratidão e generosidade.*

Os filhos nascem dos pais, mas devem se tornar cidadãos do mundo. Os pais podem querer o sorriso dos filhos, mas não podem sorrir por eles. Podem desejar e contribuir para a sua felicidade, mas não podem ser felizes por eles. A felicidade consiste em ter um ideal a buscar e ter a certeza de estar dando passos firmes no caminho da busca. Os pais não devem seguir os passos dos filhos. Nem devem estes descansar no que os pais conquistaram. Devem os filhos seguir de onde os pais chegaram, de seu porto e, como os navios, partirem para as próprias conquistas. Mas, para isso, precisam ser preparados e amados, na certeza de que: *quem ama educa.*

E como é difícil soltar as amarras!

PRESSÃO ALTA DO JALECO BRANCO

"Se eu morrer de repente, dê uma atenção à minha família." Foi a ligação que recebi de um amigo que acabava de sair de um consultório médico em São Paulo. Ele foi a um escritório de advocacia e no mesmo andar viu a placa de uma médica especialista em imunologia. Disse que era do interior e conseguiu ser atendido na tarde do mesmo dia. Queria apenas se consultar sobre a rinofaringite alérgica que o perseguia. A médica, sem muitas perguntas, mandou que mostrasse a língua. Mostrou.

– Xiiii, pela sua língua percebe-se que muitos dos seus órgãos não andam bem. Olhou seus olhos.

– Xiiiii, pelos olhos você não está legal.

Depois de muitos xiiiiissss, mediu a sua pressão.

– Nossa você precisa ser desligado da tomada. Pegou o receituário. Foi escrevendo e falando: – Você vai fazer eletrocardiograma, eletroencefalograma, ultra-som abdominal e do tórax, radiografia da face, PSA, esteira, exame de urina colhida cedo, à tarde e à noite, fezes, glicose, triglicérides, colesterol, zinco, HIV etc. etc.

– AIDS doutora? Sou casado há quinze anos. Nunca traí minha mulher.

– Não tem importância, às vezes demora a aparecer.

Foi dali que ele saiu derrubado e telefonou-me. Não voltou

para o interior. Ficou na casa de um irmão. Levou dez dias para fazer todos os exames. Mais dez aguardando o laboratório. Nesse período de angústia, quase morreu de infarto. Pensou em fazer testamento. Emagreceu. Empalideceu. Começou a andar devagar. Subir escadas nem pensar. Parou de tomar o seu vinho. Os exames ficaram prontos. Não teve coragem de dar uma olhada. Levou para a médica que analisou um por um e disse-lhe: – Caramba, você está com a saúde excelente. Olha só o seu colesterol. Que triglicérides! Difícil ver exames tão bons assim. Parabéns. Vamos medir sua pressão. Doze por oito. Excelente. Quanto a sua alergia, vamos fazer uma vacina que tomada por certo tempo fortalecerá o seu sistema imunológico e logo não terá mais rinofaringite.

Depois, realmente, meu amigo curou-se, revelando tratar-se a médica de excelente profissional, embora com a sutileza de um rinoceronte.

Os profissionais precisam tomar cuidado com o que falam. Dependendo do que lhe perguntam e tendo em vista a especialidade de cada um, a resposta passa a ser a verdade para o cliente, podendo provocar preocupação e constrangimento desnecessários. Alguns desses especialistas traçam um padrão de comportamento e perdem a prudência e a sensibilidade com aqueles que lhes consultam profissionalmente.

Todos os profissionais, sem exceção, devem ser hábeis e cautelosos nas suas recomendações, manifestações ou respostas. Principalmente o da saúde, uma vez que há mais doentes do que doenças. A maior parte das enfermidades está na cabeça do paciente. O que o médico lhe diz passa a ser verdade irrefutável. Quem ouviu não aceitará contestação.

Um ônibus que removia os loucos de um manicômio para outro tombou. Muitos morreram. Outros ficaram feridos. Mandaram abrir uma vala para ali mesmo enterrarem os mortos. Um médico que viajava com eles pediu a ajuda de um louco, dizendo-lhe: – Vou examinar um por um. O que eu falar que está morto você joga no buraco. O que eu falar que está vivo você pega com cuidado e põe ali na margem da estrada para ser tratado.

E assim foi. Morto, vala. Vivo, margem. Aí, um que o médico havia dado como morto, já nos braços do louco, disse: – Eu não estou morto, solte-me.

O louco não quis nem saber. Atirou o ferido no buraco, dizendo:
– Você quer saber mais que o médico?

A BELEZURA DO DEFUNTO PAGA IMPOSTO

O mundo sempre viveu sob normas e regras. Antes e depois de Cristo. Sempre houve leis para todos os gostos. Nem sempre a favor do povo. Há leis justas e leis injustas. Absurdas e até engraçadas. É preciso não confundir o justo com o legal. Justiça é a vontade permanente de dar a cada um o que lhe pertence. O que nem sempre visa a lei. Se todos os legisladores, mandatários dos eleitores, tivessem consciência de que o representante não pode, sob pena de revogação do mandato, agir contra interesses e direitos do representado (eleitor), pelo princípio da fidelidade da representação, pensariam duas vezes ao votar algumas leis, que contrariam a vontade dos mandantes, seus outorgantes procuradores que deveriam ser previamente consultados.

Leis malucas sempre existiram. Gnaeus Pompeius, quando cônsul de Roma, sancionou uma lei chamada Pompéia, que mandava punir com a morte quem matasse o próprio pai. Só que a execução da pena revelava-se uma loucura: o acusado era fechado em um saco de couro, juntamente com um cachorro, um galo, uma cobra e um macaco, e depois atirado ao mar. Que culpa tinha os bichos? Mais para frente Augusto, imperador romano, "abrandou" a execução: o réu poderia escolher ser queimado vivo ou ser jogado às feras. Nesse mesmo tempo, em caso de adultério por parte da mulher, o pai tinha, por lei, o direito de matar a própria filha e seu cúmplice.

De acordo com um edito de Valério, imperador da Antigüidade, no caso de dois acusados e havendo dúvida sobre a autoria, o juiz deveria condenar o mais feio.

Dizem que em Ventura Country, na Califórnia, gatos e cachorros não podem fazer sexo sem prévia autorização.

Eu não poderia morar no município norte-americano de Carmel onde dizem existir uma lei que proíbe a pessoa de sair na rua se estiver usando uma camisa que não combina com a calça.

Num município do nordeste brasileiro, um vereador apresentou um projeto de lei segundo o qual "todos os rabos de bovinos, ovinos e caprinos da localidade" devem ser pintados de amarelo fosforescente, tinta idêntica à utilizada na sinalização rodoviária, a fim de evitar que sejam atropelados.

Alguém elaborou, e muitos municípios copiaram, uma lei regrando a concessão de alvará para a instalação de circo. Entre outras condições, figura nessa lei que os animais façam nos espetáculos tão-somente o que sabem fazer na selva. Melhor seria a proibição, porque o macaco naturalmente não anda de patinete, nem de motocicleta, nem planta bananeira. O leão não passa pelo arco de fogo. Nem o elefante joga bola com a tromba. E ainda, que a saúde dos bichos seja examinada por dentista e médico da prefeitura. Eu quero ver qual dentista vai abrir a boca do leão. Que médico vai ouvir o coração do tigre; onde vão encontrar estetoscópio de elefante; qual laboratório vai colher e examinar as fezes da girafa; ou quem vai medir a temperatura retal ou oral do jacaré?

A Lei Complementar Federal 116, de 31 de julho de 2003, diz (item 25.01) que embelezamento de defunto gera Imposto Sobre Serviço. Nada impede que o embelezador seja autônomo, como as manicuras que vão de casa em casa. Dá para imaginar um velório em andamento, o padre já regando o defunto com água benta, recomendando sua alma, quando chega o auditor fiscal da prefeitura, de crachá pendurado no pescoço:

– Parou, parou, parou... Esse defunto tá muito bonito. Olha a cara dele... Esbanjando saúde. Eu quero saber quem enfeitou o falecido. Daqui ninguém sai. A belezura do morto é fato gerador de tributo e alguém vai ter de pagar.

– Eu vou autuar todo mundo.

Aí, surge a discussão entre os presentes.

– Eu não fui. Só coloquei o paletó.

– Eu também não. Só dei o nó na gravata.

O outro: – Eu só cortei as unhas dos pés. Estavam compridas.

– Eu coloquei a calça.

Até que alguém, não agüentando a pressão, acaba dedurando:

– Eu não falei Carlão, esse negócio de passar batom e ruge no finado Geraldinho não ia dar certo. Além de ele ficar com essa cara de *veado*, ainda vai fazer a gente pagar imposto. Se vira. Eu tô fora.

A CARTA DO MORTO

Suzana: hoje, dia 20, você mandou rezar a missa de trinta dias da minha morte. Resolvi lhe escrever sem ter a certeza de que esta carta chegaria a suas mãos. Não digo de que lugar escrevo, porque também não sei onde estou. Só sei que estou morto. Na realidade, hoje faz 33 dias que eu morri. Sabe tanto quanto eu que bati a caçoleta no dia 17. Não me conformo com a sacanagem que você, seu irmão e sua mãe fizeram comigo. Resolveram ocultar meu cadáver por três dias, no quartinho do fundo, só para completar o prazo de carência do carnê da funerária. Deixaram-me ali abandonado e tocaram a vida como se nada tivesse acontecido. Sei que embora com apenas 45 anos eu estava um trapo. Vivia de bico. Mas nunca faltou o sustento em casa. E minha morte lhe fez bem. Com o falecimento, ficou quitado o financiamento da casa com a Caixa Econômica. Agora ela pode até ser vendida livre e desembaraçada de ônus. Naquele minúsculo aposento, servi de pista para baratas, ratos e mosquitos. Não agüentava me ver naquele estado, putrefando. Quando já verde como o Hulk, mal cheiroso e com a garantia de caixão sem custo, vocês chamaram o médico para atestar o óbito:

– Qual o nome dele? Idade? Fumava? Bebia?

– Francisco da ..., 45 anos, fumava três maços diariamente. Bebia cachaça todos os dias.

E o médico, já com o papel na mão:

– Não há dúvida. Enfisema pulmonar. Insuficiência respiratória.

Mas... Ficar três dias naquele isolamento, legalmente nem morto nem vivo, apenas para não pagarem o caixão? É de doer o descaso. Depois, improvisaram uma higiene e encaixotaram-me. Quando me vestiam tive de sofrer a gozação e a tirada de sarro do seu irmão, quanto ao meu diminuto "falecido", que, aliás, morreu bem antes do que eu. O velório foi um vexame. Não sei por que existe. Velório é feito pelos vivos para os vivos. O defunto não está nem aí. Excluindo os que realmente amaram e respeitaram o extinto, o resto é uma farsa. Uns contando piadas. Outros falando: "Bem feito, bebia muito e fumava demais." Outros: "Trabalhava pouco." Alguns diziam: "Não sei como a Su agüentou esse cara."

Quando vi todos com o lenço no nariz, fiquei momentaneamente contente: "Estão chorando por mim." Escambau. Era por causa do cheiro ruim que exalava do meu corpo. O Zelão, safado, que na missa de corpo presente ao seu lado aproveitou o senta, ajoelha e levanta para se esfregar em você, foi buscar na sua Kombi aquele desodorante horrível de carro, vendido em posto de gasolina, para pôr dentro do caixão. Que sacanice! Jasmim! Somado à fedentina das margaridas murchas, ficou pior. Insuportável! Não agüentei tanta falta de respeito.

Já noite, acompanhei o Fabião e o Zé Bode até o bar da esquina onde eles foram tomar uma cana. Afinal, ninguém é de ferro. Senti o cheiro da cachaça que me fez bem. Não fiquei o tempo todo no meu velório. Viajei. Flutuei. Voei. Dei uma volta pelo cemitério para reconhecer minha última morada. É quieto. Triste. O prefeito poderia incentivar a construção de um bar ali dentro ou ao lado do velório, para quebrar a chatice. Poderia chamar "Última Parada", "Último Gole", "Vai com Deus" etc. Já encontrei o "mala" do seu pai. Ele ainda não sabe que morreu. Vive atrás de mim pedindo cigarro e para pagar uma pinga com ovo cozido. Aquele azulado servido no Bar do China.

Tenho flutuado. E graças à invisibilidade freqüento o que eu quero. Casas de pobres, de ricos, de autoridades, de cultos, de analfabetos, de políticos e de religiosos. Presencio até a intimidade deles. Incrível como todos se igualam quando sentam no vaso sanitário. Aqui onde estou existe democracia e honestidade. Liberdade, igualdade e fraternidade. Não há

corrupção. Não há hierarquia. Como caixão não tem gaveta, ninguém traz dinheiro. Não há o que comprar. Su, fique com Deus, mas quando morrer não me procure. Lembre: juramos no altar que o casamento seria "até que a morte nos separe". Escrevam no meu túmulo: "Chicão, enfim não-fumante."

A CRENÇA POPULAR

Vi na casa dos meus avôs, assando numa chapa de ferro de um fogão à lenha, uma cabeça de galo com enorme crista.

– Pra que isso, Vô?

– É para o Mauro comer. É simpatia para deixar de fazer xixi na cama. Afinal, ele já estava com cinco anos. A mesma idade que eu tinha.

Antigamente, a cidade de pequena população contava com poucos médicos. As famílias pobres se socorriam no único "posto de saúde" e, numa emergência, nas simpatias, nos remédios caseiros e nas benzedeiras. Lembro dos meus pais fazendo simpatia para um irmão de ano e meio perder o medo de andar. Meu pai segurava por uma mão, fazendo-o caminhar, e minha mãe vindo atrás com um machado simulando machadadas. E a cada uma delas perguntava:

– O que eu corto?

E meu pai respondia: – Corta o medo.

– O que eu corto?

– Corta o medo.

– O que eu corto? ...

Dias depois, a criança andava com firmeza. A simpatia, nesse sentido, é a ação ou ritual com o uso ou não de determinado objeto praticado supersticiosamente (ou com fé) com a finalidade de conseguir algo que deseja.

E o benzimento é a indução com boas palavras a alguém, desejando com fervor, com culto ou não, proteção ou cura. Diziam as benzedeiras que "Deus é quem cura". A cidade teve famosos benzedeiros: Onofrão, d. Virginia, d. Amélia, o senhor Alho e muitos outros. Quando criança, ouvi muito benzimento para mau jeito: "Te curo de carne quebrada, torna-te a soldar/ Nervo torto torna a seu lugar/ Nervo retorcido, Deus que te põe onde nasceste/ Eu que te benzo. Deus que te cura/ Onde eu ponho as minhas mãos, Nossa Senhora da santidade/ Deus queira curar esta quebradura/ Esta rendidura que esse pobre enfermo tem/ Seja pelo amor de Deus, seja tudo. Amém!"

Contam, em verso, a história de um rezador conhecido como Zé Raimundo: "Seu Dotô, eu num lhe engano/ eu tenho mai de trinta ano qui moro nesse lugá/ Dou-lhe a palavra de home, se num qué morrê de fome, vá vivê na capitá/ A coisa aqui tá isquisita/ o povo num aquerdita in receita de dotô/ Já é costume da gente, quando argém istá duente, chama logo o rezadô/ Com a fé no coração e três gáio de pinhão, três vez rezando incruzado lhe garanto/ Zé Raimundo dêxa quarqué muribundo bonzinho, forte e corado/ Panariço e sete côro/ firida braba e friêra/ murdidura de bisôro/ má de izipréla e cocêra e tudo quanto é firida/ Cum êle num tem gogó: Essa história de agunia, quebranto, oiado, três-só, injôo e manicunia/ Sarna, bixiga e sarampo/ ligêro como relampo, cura da noite pru dia/ Purisso qui o pessuá só procura Zé Raimundo/ Ele aqui nesse lugá, é primêro sem segundo/ Inquanto hové rezadô ninguém liga pra dotô, nem que venha do ôtro mundo/ pois o próprio Zé Raimundo, no tempo que aqui chegô, mostrava pra todo mundo seu diproma de dotô/ e quaje morre de fome/ precisô mudá de nome e treiná pra rezadô."

A verdade é que a fé ajuda e não estorva. Principalmente fé em Deus e, em caso de saúde, também no médico escolhido para o tratamento. A interação entre paciente e médico é meio caminho andado. E por que não também entre benzido e rezador onde não houver doutor. O homem é aquilo que ele pensa que é. Existem mais doentes do que doenças. Sem fé não há otimismo, confiança, esperança, saúde, amor, paz e harmonia. A vida nada mais é do que a fé em ação. Essa é a lei da vida. Não importa o apoio procurado, principalmente quando for o único encontrado. Com fé e confiança, consegue-se o desejado.

E quem não tem um São Benedito na cozinha com um pouquinho de café ou pinga ao lado, para manter fartura no lar? No Bar São Benedito, o proprietário exigia que todos que bebessem pinga, dessem um pouco ao santo, para ele não ficar bravo. Um freguês pediu uma pinga. O dono do bar falou:
– Não esqueça do santo. Ele tomou de uma vez e deu uma banana para o santo, ficando imediatamente, como castigo, com o braço completamente duro e dobrado. O proprietário, como não era a primeira vez que isso acontecia, pediu para os fregueses presentes (os de sempre) rezarem conhecida oração para que o braço do homem voltasse ao normal. O que foi feito e conseguido. Braço amolecido. Um velhinho que a tudo assistia foi ao balcão e pediu uma pinga. Dose dupla. Ao levar à boca, foi advertido para não esquecer do santo. Tomou num gole só. Baixou as calças e com o "peru" de fora disse:

– Aqui pro santo!!!

Como castigo teve o pênis imediatamente enrijecido apontando para o alto. Olhou sério para os presentes, sacou o revólver da cinta e gritou:

– Se alguém rezar, eu mato.

A ESPERTEZA

Numa faculdade de medicina, disse o professor aos alunos:

– Médico tem que ter esperteza e agilidade. Bem como, o que é fundamental, prestar muita atenção e não ter nem um pouco de nojo. Por isso, vamos fazer um teste.

Trouxeram um cadáver e o professor enfiou o indicador em todos os orifícios do morto. Lambeu o dedo e mandou que os alunos fizessem o mesmo. Todos obedeceram.

– Ótimo, disse o mestre. Nojo vocês provaram que não têm. Mas de atenção e esperteza nota zero. Eu enfiei um dedo e lambi o outro.

O Sr, Jordão Antunes, padeiro, casado com Manoela, comprou uma televisão. Apaixonou-se pelo aparelho. Ele e a mulher não perdiam a programação noturna. No domingo, colocavam sobre o aparelho um grosso cobertor. Temiam perder na segunda-feira o programa *Tela Quente*. Nessa noite, para assistir ao filme, convidaram o compadre Acácio, solteirão inveterado e colega de trabalho na padaria N. S. de Fátima. Já bem tarde, terminada a exibição, começou forte chuva. Acácio morava longe e assim como o Jordão não tinha carro. O compadre lhe disse:

– Dorme aqui. Amanhã cedo você vai embora.

A mulher, dando uma desculpa, puxou o marido para a cozinha:

– Você está louco? Convidá-lo para dormir em casa. Não temos

sofá. A única cama é a nossa.

– Larga mão de ser egoísta mulher!

Quando voltaram para a sala não encontraram mais o compadre.

– Será que ele ouviu o que nós falamos?

– Viu o que você fez Manoela?

Para surpresa do casal, algum tempo depois, entra pela porta da frente o Acácio, todo molhado, com um embrulho embaixo do braço.

– Onde você estava? – perguntou Jordão.

– Como vocês me convidaram para dormir aqui, eu fui a minha casa buscar o pijama.

O casal mandou o compadre se enxugar no banheiro e travou, na cozinha, forte discussão:

– Dormir onde Jordão?

– Ora... na nossa cama.

– Na nossa cama? Está louco?

Discutiram muito tempo, e a mulher não conseguiu tirar da cabeça do marido a idéia de dormirem juntos. Ela, por cautela, pediu:

– Então você dorme no meio. Eu numa beirada ao seu lado e ele do outro lado. O marido discordou:

– Você dorme no meio. Que falta de consideração!

A mulher: – Discordo. Não vai dar certo.

Mas não teve jeito. No outro dia de manhã, sentaram os três à mesa para tomar café, mas o compadre apressou-se, agradeceu e foi embora. A mulher, desenxabida e sem graça, disse para o marido:

– Bem que eu te avisei! Que não daria certo. Enquanto você dormia e roncava como um porco, o compadre começou num esfrega-esfrega e acabou transando comigo. E o maridão todo orgulhoso da sua esperteza disse :

– E você queria que eu dormisse no meio...

Há milhares de anos, num reinado muito distante, em palácio luxuoso, vivia o rei com sua jovem rainha. Ela era muito bonita. De colo volumoso. Original. Naquele tempo, não havia silicone. Fazia questão, quando

se aproximava do público, de usar roupas decotadas para mostrar seus belos seios, deixando enlouquecidos os homens do reino. Um súdito, chamado Abdul, que não tinha a mão esquerda, nutria pela rainha verdadeira paixão. Dizia o povo que ele perdera a mão pelo vício irresistível de comer unhas. Sei lá se isso é verdade. Mas sonhava beijar os seios da rainha. Estava disposto a gastar uma fortuna para conseguir satisfazer seu desejo. Lembrou que havia no lugar um sábio. Um homem que resolvia qualquer problema. Desde que lhe pagassem, é claro. Abdul procurou o sábio e disse-lhe da sua vontade, prometendo-lhe moedas de ouro, caso ele resolvesse o seu problema – realizar seu sonho de consumo. O sábio lhe disse:

– Tenho um plano.

E lhe deu o preço do seu serviço. O sábio procurou um alquimista do reino que preparou uma mistura em pó sem contra-indicações provocadora temporariamente de fortes comichões. Foi ao palácio. Subornou um criado que numa noite, enquanto a rainha dormia, esparramou entre seus seios o pó preparado. No dia seguinte, o formigamento tomou conta da área afetada. O rei, que a amava muito, pediu ao povo informação sobre a cura para tirar a rainha daquele sofrimento. Aí o sábio se apresentou como salvador.

– Eu sei como salvá-la. Há entre nós um homem que tem a saliva mágica, abençoada e terapêutica para esse mal.

O Rei disse: – Utilize-se da guarda e traga essa pessoa nem que seja à força.

O sábio apresentou-lhe o *salvador* que se prontificou a curar a rainha. Fácil. Com a própria língua distribuiu saliva sobre os seios da soberana até que o mal acabasse, como acabaria de qualquer forma. Os efeitos da alquimia eram de curta duração. Terminado o trabalho e a rainha já sem o problema, Abdul, saciado o seu desejo, foi para casa.

Bate-lhe à porta o sábio para receber a quantia combinada. Abdul não pagou. E expulsou o cobrador de sua residência. O sábio jurou vingança. Procurou novamente o alquimista e mandou preparar o mesmo pó, agora em dose reforçada. Pediu ao mesmo serviçal do palácio para jogar toda aquela quantidade dentro da ceroula do rei enquanto este dormia de barriga para cima. O que foi feito sem muito trabalho. Não há necessidade de

contar o que aconteceu com o esperto súdito da saliva milagrosa...

A vida ensina: a esperteza quando é demais engole o esperto.

A HORA DE DESLIGAR O RÁDIO

No horário político a melhor coisa da televisão é o controle remoto. Para desligar ou mudar de canal. Já o rádio precisa ser desligado. As promessas são as mesmas em todas as eleições. Antes, pelo menos era engraçado por causa dos "personagens" que se candidatavam. Hoje, nem isso. Em outros tempos, aparecia o candidato prometendo caixão de defunto mais barato para o povo: "Se for eleito, vou incentivar a parceria das funerárias com as empresas privadas e instituições para baratear o enterro. Caixão com propaganda inserida: 'vem pra caixa você também' ou 'Banco tal financiará as despesas'. E por que não alugar o caixão? Cobrar apenas uma taxa de ocupação. O sepultamento seria feito sem a urna, em sacos plásticos zipados. Ou caixão sem tampa. Menos madeira." Outro prometia cota obrigatória gratuita das funerárias para embelezamento dos defuntos carentes. E emendava: "por que só o rico pode ser enterrado bonito, sem aquele chumaço de algodão no nariz?" Havia o candidato que prometia lutar para que o velório municipal tivesse um bar, com lanches, bebidas e mesas para os veladores jogarem uma tranca ou cacheta a fim de passar o tempo.

Um político prometeu num comício fazer uma ponte para a cidade. O seu assessor, à sorrelfa, avisou que o local não tinha rio. O político não se avexou: – Antes vou construir um rio para que todos possam pescar, e sobre ele farei uma ponte.

As prostitutas de uma cidade se reuniram para redigir uma carta ao prefeito reclamando do estado de abandono do bairro, principalmente da rua esburacada:

– Pega o papel e caneta. À sua santidade, o prefeito.....

– Não! Santidade, não.

– Meritíssimo prefeito...

– Também não.

– Venerável...

– Está errado.

Aí, a prostituta mais velha, dona do bordel, resolveu ditar uma carta carinhosa iniciando: "Querido filho..."

Nos anos 1940, Alvarenga e Ranchinho, famosa dupla caipira, tinham um programa de rádio. Além de cantar, satirizavam os homens do governo com anedotas e modinhas. E ao terminar o programa diziam: "Vamos embora compadre. Está na hora de desligar o rádio." Isso porque eles precediam a "Hora do Brasil", de apresentação obrigatória pelas emissoras, que noticia, com certo exagero, os feitos dos governantes. Quase foram presos por isso.

Sempre houve comédias, piadas e programas humorísticos zombando dos políticos pelo exagero das promessas. E pelo distanciamento deles com o eleitor depois das eleições.

Contam que numa cidade do interior o pároco foi levar ao conhecimento do chefe do executivo, com quem não se dava bem, que havia um burro morto na porta da igreja. O prefeito mais do que depressa disse:

– Ué, não compete ao senhor cuidar dos mortos.

E o padre: – É verdade. Mas também tenho a obrigação de avisar os parentes.

Num leilão de cérebros conservados cientificamente, o de um político foi o que alcançou maior lance. Foi valorizado mais do que o de muitos gênios da humanidade. Perguntaram ao leiloeiro a razão: – Este é uma raridade. Nunca foi usado!

Uns caipiras viram um acidente de um avião que levava políticos. Foram até lá e enterraram todos. Ao chegar o delegado, eles falaram:

– A gente "enterrou eles", doutor.

– Vocês verificaram se algum estava vivo?

– Olha moço, alguns até disseram que não estavam mortos. Mas como nunca se sabe quando estão falando a verdade... foram todos "pro" buraco.

Uma funcionária apresenta para uma amiga de sua cidade:

– Este é o político Dr...

– Muito prazer, já ouvi falar muito do senhor.

– Mas até agora não provaram nada, disse o congressista.

Numa cidade do interior, havia um padre muito famoso. Certo dia, ele foi removido e o povo organizou uma festa de despedida, até com discurso do prefeito. Como este estava atrasado, a festa começou sem a sua presença e com o discurso do religioso:

– Quando cheguei a esta cidade, o primeiro que se confessou comigo falou que já havia matado, transado com a mulher do patrão, que era cachaceiro, que fumava maconha, que via filmes pornográficos, que era casado, mas tinha amante na zona... Logo pensei que neste lugar só havia homens como ele. Mas com o tempo conheci o povo ordeiro e trabalhador e mudei de idéia. Quando o padre já havia terminado de falar, chega o prefeito todo esbaforido, pedindo desculpas pelo atraso e iniciando sua saudação:

– Quando este santo padre chegou a nossa cidade, tive a honra de ser a primeira pessoa a se confessar com ele...

A MENTIRA TEM PERNAS CURTAS

A moça era gorda. Falava pouco e com alguma dificuldade. Tinha uma perna avermelhada e mais grossa do que a outra. Estava acompanhada de uma jovem que falou no lugar dela.

– Olha meu senhor, esta coitada para conseguir uns trocados foi carpir um quintal e acabou sendo mordida por uma cobra. Foi tratada a tempo, mas ficou com a perna assim. Estava trabalhando para juntar dinheiro. Precisa ir a São Paulo acompanhar o tratamento de sua filhinha que vai ser operada. Não tem dinheiro para a passagem e ainda precisa arrumar mais dinheiro para pagar o anestesista.

Viajaria de madrugada para chegar cedo na capital. A moça da perna grossa chorava. Com ela chorei também. Dei-lhe robusto donativo. Diante de minha atitude, quase desmaiou de alegria. Fui para casa com aquele quadro na cabeça. Fiz novamente as contas e percebi que a quantia que lhe dera seria insuficiente para cobrir todas as despesas arroladas. Como durante a conversa vazou o endereço, já noite, fui até a sua casa para completar minha doação. A casa era a penúltima do quarteirão, vizinha de um boteco de esquina com duas ou três mesas de lata num coberto fora do estabelecimento.

Para minha surpresa, ali estavam, festejando, a moça "doente", sua amiga e mais dois rapazes que brindavam com copos de cerveja, acompanhados de salgados. Com curta investigação, fiquei sabendo que não

houve mordida de cobra. Não haveria viagem alguma. A moça "necessitada" não tinha filha. A única verdade era a sua perna: uma elefantíase. Um malefício benefício útil para outros golpes. Fui embora. De imediato, aborrecido por ter passado por palhaço, mas ao mesmo tempo alegre, pois não havia nenhuma criança doente.

Há pessoas que mentem com tal naturalidade que faz a emoção de quem está ouvindo atropelar a razão, não dando condição de se aferir de imediato a verdade. Na vida forense vi e ouvi muitas pessoas mentindo. Crianças e pessoas idosas convencem mais, porque choram e dramatizam de tal forma, que qualquer um acaba acreditando. Pelo menos temporariamente.

Lembro de muitos casos curiosos. Certa vez, quando chefiava o Comissariado de Menores da Comarca, a polícia levou para minha casa um menino de uns 12 ou 13 anos que dizia ter se perdido do pai, na saída da sessão diurna do circo, ao lado do mercado municipal. Falou que morava em Rincão, numa fazenda. A polícia foi embora e eu fiquei com o garoto. Entrou em minha casa, sentou-se à mesa com minha mulher e meus filhos, lanchou, comeu sobremesa e contou-me que tinha uma tia que morava em Araraquara, cujo endereço ele sabia. Fomos de carro à procura da tia. Não a encontramos. Era domingo. Dormiu no Lar Juvenil. Na segunda-feira, um oficial de justiça, foi levá-lo para a tal fazenda, onde residiria. Não encontraram a moradia do menino. O oficial percebeu logo que ele estava mentindo. Sobre o rio Mogi piscou para o motorista, dizendo:

– Pegue aquela corda no bagageiro. Vamos amarrar os pés e as mãos dele juntamente com uma pedra. Jogamos no rio e depois falamos para o juiz que entregamos para a família.

O menino imediatamente confessou. Não se perdera do pai que, aliás, nem tinha. Morava no centro de Araraquara. Sua mãe trabalhava para a família de um promotor de justiça, e o garoto havia fugido de casa com o ordenado da mãe.

Numa outra oportunidade, um menor chorava implorando para a polícia soltá-lo. Negava a acusação de haver roubado uma bicicleta. Disse:
– Peguei essa bicicleta por engano.

Falei: – É fácil. Devolva a que você pegou e vá para o lugar

buscar a sua.

E ele disse: – Mas eu não tenho bicicleta.

– É mole?

Tem sempre alguém nos mentindo ou escondendo a verdade. O Sr. Manoel ouviu no Jornal Nacional que a polícia demorou trinta anos para descobrir que o genro matara a sogra, enterrando-a na sala de sua residência. Pensou então: – Estou com sessenta. Se eu matar a minha, daqui a trinta anos estarei com noventa ou morto.

Não teve dúvida. Aos poucos, cavou um buraco sob o carpete da sala de jantar de sua casa e, na primeira oportunidade, matou a sogra. Jogou-a no buraco, cobrindo-o com cimento, e recolocou o tapete. Tudo perfeito. Quinze minutos depois chega a polícia.

– Senhor Manoel? Está preso porque matou a sua sogra.

– Mas como? Ouvi na Televisão que vocês demoraram trinta anos para descobrir um crime idêntico.

– É verdade – disse o Policial –, só que aquele criminoso morava em casa térrea e não em apartamento do quarto andar, como o senhor. O cadáver da sua sogra acaba de cair na cabeça dos moradores do terceiro andar.

– Raios me partam...

BOBO É "OCÊ"

Mês de junho. Festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Época de contar "causos" ao redor da fogueira. Tomando quentão e vinho quente. Um universitário foi para uma pequena cidade do interior. Parou num imóvel agrícola e achando-se gostosão e inteligente, resolveu amolar um caipira, aliás seu hospitaleiro, com uma série de perguntas. O caipira se fazendo de bobo, mas cheio daquela caçoada, resolveu dar o troco a cada pergunta que o visitante fazia. Olhando de frente para um quadro com uma cara de cavalo perguntou o universitário: – É da família?

E o caipira: – Não... isso aí é um espelho.

– Como chama aquele porquinho ali que é a sua cara?

E o caipira responde: –Aquele ali se chama "ocê".

– E aquele outro ali?

– Aquele outro ali é irmão de "ocê".

– E aquela?

– Aquela ali é a namorada de "ocê".

O universitário querendo dar uma de esperto e para não ficar por baixo:

– Então você vai me dizer que essa outra é a mãe de "ocê".

E o caipira mais do que esperto responde: – Não sinhô, a mãe de "ocê" nóis comemo ontem...

Numa determinada comarca havia um juiz que só fumava cigarro de palha. Um dia, na rua, já distante de seu gabinete, encontra um caipira que lhe pergunta: – O Sinhô pode informá onde fica o fórum?

E o juiz lhe perguntou: – Que vara o senhor deseja?

O caipira arregalou os olhos e lhe disse: – Êêê... cigarrinho de páia arranquei do cê sô. Óia o cara meu!

Não se deve subestimar a inteligência de gente simples, mas professores da vida. Desconfiados. E precavidos. Dois caipiras se encontram de manhã para uma pescaria.

– Tá animado? – diz o primeiro.

– Eu tô. Mas o que você tá levando nesse embornal?

– Uma garrafa de pinga.

– Mas combinamos de não beber mais.

– Combinamos.

E se uma cobra picar a gente? Aí tem pinga pra passar na mordida e tomar uns goles pra diminuir a dor.

– E nessa outra sacola? Aqui tô levando uma cobra. Vai que lá não tem...

Certa vez, um Serviço de Saúde resolveu destacar um médico e uma enfermeira para a zona rural da cidade, a fim de fazerem o toque (exame de próstata) em todos aqueles com mais de cinqüenta anos. Não foi fácil. Até que apareceu o primeiro, todo envergonhado, subiu numa maca dentro da Kombi. Sem saber como era o exame. De repente, consumou-se. E o médico:

– Dói?

O caipira: – Não... tô gritando só pra assustar a enfermeira.

Um caboclo por gozação contou a história do Bentão, chegado numa cana, que tinha sonhado que fora a um bar e pedira uma pinga. O garçom perguntou: – Com limão ou sem limão?

– Com limão.

Enquanto o garçom foi buscar o limão no fundo do quintal do bar, ele acordou. Revoltado deu um murro na cabeceira da cama:

– Droga! Por que não tomei sem limão mesmo.

São "causos" gostosos de lembrar.

A Rosinha, 16 anos, abre a porta de sua casa no sítio e encontra o vizinho.

– Meu pai não está em casa. Mas eu já sei por que o senhor veio. Eu mesmo posso tratar disso. O senhor quer que nosso touro vá montar suas vacas. Meu pai cobra duzentos reais por dia.

– Bem, não é isso que eu quero, respondeu o vizinho.

A moça interrompe e continua: – Nós temos um touro que está apenas começando a cruzar. Meu pai cobra cem reais por dia.

– Mas não é isso que eu quero, responde o vizinho.

– Bem, nós temos um touro velho no pasto do fundo. Ele ainda dá conta do recado, mas é bravo. Se o senhor conseguir pegá-lo, pode levá-lo. Meu pai vai cobrar só cinqüenta reais.

O vizinho, já nervoso, fala depressa para não ser interrompido: – Eu vim conversar com seu pai porque seu irmão Bastião engravidou minha filha!

– Ah, nesse caso o senhor vai ter de esperar meu pai mesmo. Eu não sei quanto ele cobra pelo Bastião.

E a mesma Rosinha, que nunca tinha usado um vestido, foi convidada para uma festa numa cidade vizinha. E não poderia entrar de calças compridas nem sem calcinha. Não havia loja de roupas íntimas na redondeza. Então, ela teve uma idéia: lembrou-se de que no armazém de um vilarejo perto do sítio vendia sacos vazios. Como costurava bem, faria sua própria calcinha. Ela foi até lá, comprou um saco de pano e correu para a máquina de costura. No dia esperado, vestiu a calcinha feita em casa, colocou o vestido e pegou um ônibus para ir à festa. Acostumada a usar calças compridas, sentou num dos bancos, bem à vontade. Na sua frente, estava um caipira que não tirava os olhos das suas pernas abertas. Passado bom tempo, a menina se irritou: – O que foi caipira? Nunca viu uma calcinha?

Acanhado, meio sem jeito, respondeu: – Óia moça, vê calcinha, já vi muitas, mas escrito "ração pra pinto" é a primeira vez.

A CRIANÇA E O BOM HUMOR

Festeja-se o Dia das Crianças com presentes. Mas será que é o presente que elas querem? A criança quer atenção e carinho todas as horas de todos os dias. Quer a companhia dos pais. Conversar com eles. Saber do seu dia-a-dia. Hoje, com televisão, DVD, computador, vídeo game, cada um se isola dentro da própria casa. É conhecida a história do garoto, filho de pai sempre ausente, que lhe perguntou quanto ele ganhava por mês.

– Três mil reais.

– Quantas horas você trabalha por dia?

– Umas dez horas.

– Então pai, você ganha dez reais por hora.

Entregando todas as suas economias, vinte notas de um real, pediu-lhe:

– Vende-me duas horas para ficar comigo.

O presente não substitui a companhia, o carinho, a conversa, o afago. A criança quer rir, brincar, contar as suas histórias, fazer amizade, falar de seus amigos e colegas de escola. Contar, também, as piadas que ouviu. Quer apenas ser feliz. E fazer a felicidade de uma criança custa pouco. Basta atenção. A criança quer e precisa ser alegre. Para saber se uma criança está feliz, basta verificar se há brilho nos seus olhos. Deveria haver um Juizado de Maiores e não de Menores, porque a postura das crianças é sempre

conseqüência do comportamento dos adultos para com elas.

É obrigação do adulto promover a alegria das crianças. A alegria é até mesmo superior ao prazer e à felicidade. Ou os três se confundem. Que tristeza devem ter as crianças filhas de pais mal-humorados, mal-amados, rancorosos e maledicentes. Há pessoas que, pela colheita ruim na vida familiar, profissional, social e econômica em razão do que plantaram, jogam a culpa de todo insucesso e fracasso nos bem-sucedidos, passando um mau humor terrível aos filhos.

Alegria e bom humor são espécies de oração. Isso sim contamina de forma positiva a criança. Osho afirma que o humor é a mais sagrada experiência de vida. A girafa não ri. O asno não tem senso de humor. Só tem humor o ser humano. A partir do momento que se encara a vida de forma divertida e bem-humorada, os problemas deixam de ser um peso, deixam de ser um pecado. As pessoas que não sabem rir é que fazem da vida uma culpa, uma transgressão, um delito. Para o bem-humorado, ela é um presente, uma recompensa. Hoje, é a criança que torna a vida dos adultos alegre com suas tiradas ingênuas e fenomenais.

A professora falou para o aluno:

– A criança que chora quando cresce fica feia.

E o aluno retrucou:

– A senhora deve ter sido muito chorona.

Um pai disse ao filho, um gozador de primeira:

– Olha, hoje eu vou trazer meu chefe para jantar em casa. Pelo amor de Deus, não dê bola fora. Ele vem com um filho que não tem orelhas. Não faça nenhuma brincadeira.

Durante o jantar, o filho a todo instante olhava para o garoto visitante e dizia:

– Que Santa Luzia proteja seus olhos.

Na despedida, o chefe falou que nunca tinha visto uma criança tão educada, mas teve curiosidade de saber por que ele pedia para a santa proteger os olhos do seu filho. Aí o garoto estragou tudo:

– Porque se um dia ele precisar de óculos, tá *ferrado*.

A professora perguntou para a menina o que ela faria se

estivesse no seu lugar.

– Um regime professora.

Esta perguntou aos alunos a profissão dos pais. O Joãozinho disse que a sua mãe era "substituta".

– Substituta? O que sua mãe faz?

– Põe um vestido curto. Fica numa esquina. Pára um carro, ela entra e depois volta contando dinheiro.

– Então, sua mãe é prostituta.

– Não, professora, prostituta é minha tia que está doente. Minha mãe só está substituindo-a.

Disse ainda uma professora:

– A oração 'Eu era bonita' está no passado. E 'Eu sou bonita', o que é?

– É mentira.

As meninas de uma classe foram reclamar para a professora que o Bentinho cabelo de fogo falava muito palavrão. Ela aconselhou:

– Na próxima vez que ele falar, saiam imediatamente da sala em sinal de protesto. No dia seguinte perguntou aos alunos:

– Conforme eu pedi, como tarefa, o que vocês notaram de diferente na vila onde moram?

O Bentinho foi o primeiro:

– No meu bairro vai abrir um Centro de Lazer Noturno. Um bordel.

Quando as meninas levantaram para sair da classe, ele falou:

– Calma, calma, ainda não foi inaugurado.

É PROIBIDO MORRER

E se fosse verdade?

Um município tinha apenas um cemitério. Já lotado, os mortos eram colocados em qualquer túmulo, empilhados uns sobre os outros. Sem o caixão, por economia de espaço. De sexos, famílias e idades diferentes, obrigava-se os falecidos a uma orgia infernal. Dada a natureza da área de situação, o prefeito não conseguia autorização para a implantação do segundo campo santo. Teve, então, a idéia de propor a aprovação de uma lei de quatro artigos:

Art. 1.° Fica proibido morrer neste município.

Art. 2.° Os munícipes deverão cuidar da saúde para não falecer.

Art. 3.° Os infratores responderão pelos seus atos.

Art. 4.° Esta lei vigorará até a construção de um novo cemitério, revogando-se as disposições em contrário.

A lei entrou em vigor. Certo dia a prefeitura recebe pelo disque-denúncia a informação de que o Zicão, aposentado, conhecido pé-de-cana e chegado à vadiação extraconjugal, estava à beira da morte. Imediatamente, compareceu o auditor do município com o distintivo no peito. Notificou o doente e sua família de que ele não pode morrer, sob as penas da lei. A sua mulher d. Cecília e seus dois filhos (um casal) ficaram apavorados. – E agora? Vamos chamar os advogados dr. Marcelo e o dr. Gonzaga para nos orientar.

Chegam os dois. No quarto senta um de cada lado da cama do Zico, já aparentando concordata múltipla dos órgãos. Bem perto da falência. Presentes a esposa, os filhos e uma vizinha, d. Diacuí, neta de índios, que de vez em quando levava remédio caseiro para o doente. Era um preparado com vinho, catuaba, pó de guaraná, raízes de nó de cachorro e marapuãma. E ainda jurubeba, amendoim e guizo-de-cascavel. Começa a discussão entre os dois causídicos.

– Vamos entrar com um pedido de alvará judicial.

– Não vai dar certo, diz o Gonzaga. Alvará tem prazo. Não sabemos quando ele vai morrer.

– E uma ação declaratória? Para constatar a ocorrência de uma situação de fato, ou seja, que ele está doente e que vai morrer.

– Também não vai dar certo. Vai ter perícia. Demora.

– E mandado de segurança?

– Mas onde está o direito líquido e certo?

– Ora, além do direito constitucional de viver e morrer com dignidade, trata-se de um direito divino. Natural.

– Está bem. Vamos fazer um pedido ao prefeito para que ele autorize a morte sem qualquer punição.

Dias depois volta o fiscal do município.

– O pedido foi indeferido. Feita uma investigação, constatou-se que há menos de uma semana o Zico esteve em pé, por três dias e três noites na fila para ser atendido no hospital público. Quem tem essa disposição não pode falar que precisa morrer. "A doença dele é uma fraude."

Doente, porém lúcido. Quando alguém falava, ele virava a cabeça para prestar atenção.

– E se fizermos um acordo com a prefeitura. Ela autoriza a morte em troca dos órgãos para transplante.

Aí d. Cecília deu uma risadinha de deboche e despachou: – O rim está podre. O coração, entupido. Nos olhos, a doença mais leve é catarata. Pâncreas não funciona. Fígado com cirrose. Pulmão preto de cigarro.

O dr. Marcelo, gozador: – Nem os órgãos genitais?

– Só se aproveitar para enxerto de pele, acrescenta

maldosamente a esposa, deixando indignado o marido.

– Vamos chamar o colega dr. Juca, criminalista famoso. Tinhoso. Setentão bem passado.

– Talvez a questão seja criminal.

Ele chega e reúne-se com os colegas e a família, no quarto ao lado da cama do pré-defunto. Enquanto Diacuí dava o remédio caseiro de colherada ao Zico, o doutor deu seu parecer:

– Fiquem sossegados. A lei é inconstitucional. Além do que não estipula qual é a pena. Não há pena sem lei que a defina. E ainda. Se ele morrer, nada acontecerá para a família. A punição não pode passar do infrator. E todo orgulhoso acrescentou: – E mesmo que houvesse pena estipulada, ela desapareceria com a morte do agente. E esnobou com um latinório: *morte crimina exstinguuntur.*

Aliviados, voltaram todos para a sala. Ficou no quarto o criminalista interessado na receita da *garrafada* que Diacuí estava dando ao paciente. De repente, ouvem-se os gritos da índia:

– Socorro o homem morreu. O homem morreu.

Correram todos para o quarto e pregaram o olho no Zicão, que estava assustado e com a cabeça erguida. O dr. Juca, sentado na cadeira, com as duas mãos sobre sua pasta, mortinho. Fulminado por infarto, faleceu em segundos. Zicão com o remédio da índia recuperou a saúde. Triste com o que ouvira dos familiares a seu respeito, saiu de casa. Tirou a Maria Maconha da zona, sua velha conhecida, e com ela viveu feliz por muitos anos. Quando morreu já não vigorava a lei que incomodava os moribundos.

É TIRO E QUEDA

Nunca se publicou tanta notícia ruim como ultimamente. E não é de hoje. Um jornal de circulação nacional relembrou que há um século foi noticiado que haveria sol somente por mais cem anos. E por certo os cientistas de plantão daquela época devem ter feito nefastos prognósticos sobre o planeta. E nada se concretizou, pois já expirado o prazo.

São raras as boas notícias e os artigos bem-humorados. E essa sintonia negativa é da pior influência sobre o inconsciente individual e coletivo, que recebe e processa os estímulos tal como recebidos.

Jornal recente informou em manchete que anualmente morrem mais de cinco milhões de pessoas por falhas em medicação ou erro de hospitais. E quantos são salvos? É claro que se tratando de saúde não deveria haver equívocos, mas a mídia faz questão de propagar só o que dá errado.

Antigamente, não havia tantas mortes por tais erros. Principalmente entre a população pobre que não tinha acesso ao pequeno número de médicos da cidade. Nem se socorria em hospitais. E prontos-socorros não existiam.

Os pobres procuravam as benzedeiras para se livrarem de quebrante, mau-olhado, vermes, bucho-virado, cobreiro, espinhela caída, ar, tosse comprida e outros males.

Quando criança, ouvia uma vizinha se vangloriar que os filhos

dela "não pegavam" doença alguma, principalmente, coqueluche, dor de garganta, gripe e resfriado. Ela colocava em cada filho um colar com dentes de alho. E dava certo. Evitava as doenças de contato porque ninguém se aproximava deles pelo cheiro insuportável que exalavam.

Dizia ela, também, que se a criança engolisse "bolinhas pretas" feitas pelos coelhos, nunca teria doença das vias respiratórias. Minha mãe jurou até morrer que nunca me deu o tal "remédio". Mas como ela negava e ria, e como eu nunca tive gripe, permaneço na dúvida.

Toda família tinha no quintal a sua farmácia. Arnica para ferimentos e contusões. Folha do tomateiro para limpar e cicatrizar feridas. Era tiro e queda. Tiro e queda ainda a camomila como calmante e para baixar a febre. Carrapicho, chapéu de couro, erva-cidreira. Da mesma forma, o chá de guaco com mel para bronquite. A jurubeba. O limão. Losna. Pata de vaca. O milagroso chá de poejo, sem falar do boldo para o fígado.

E muitas simpatias. Como queimar palmas bentas para afastar tempestades perigosas. Ficar três vezes de cabeça para baixo numa porteira para curar caxumba. Cheirar barbante queimado para amenizar sinusite.

Os médicos da cidade eram clínicos gerais. Hoje, há especialista para cada parte do corpo. Até para a alma. Mas, para o cliente, médico bom é o que acerta. Aquele que cura. Justiça seja feita. Muitas vezes não cura pela indisciplina do doente.

Numa cidade chegou um médico prometendo milagres. Dizia sua placa: "Curo qualquer doença. Se não conseguir devolvo em dobro o que pagou."

Gervásio, um albino de cabelo vermelho, daí o seu apelido de "Ruivão" resolveu tirar um sarro do milagreiro. Marcou consulta. Fez a ficha. Foi atendido.

– Se o senhor não me curar devolve meu dinheiro em dobro?

– Claro que sim, disse o médico. Qual o seu problema.

– Não sinto cheiro nem gosto de nada.

O médico fez o que todos fazem: pressão, pulso, ouviu o peito, diga 33, viu a língua e com a lanterninha de procurar formiga examinou ouvido, nariz e garganta. Em seguida, chamou a enfermeira.

– D. Alzira traz o potinho número 13.

– Abra a boca e fecha os olhos, pediu ao Ruivão, que obedeceu. Encheu uma colher do conteúdo do pote e colocou na boca do Gervásio, raspando a colher entre os seus dentes.

– Doutor! O que senhor me deu é *merda!*

– Viu só, disse o médico. – Você já está bom. Curado. Recobrou o olfato e o paladar. Pode ir.

Ruivão jurou vingança. Retornou um mês depois.

– O senhor de novo? Disse o médico.

– Eu? Não conheço o senhor. Nunca estive aqui.

– Está bem. Qual o seu problema?

– Eu perdi a memória.

– D. Alzira traga o potinho número 13.

– O treze não. Eu sei o que tem dentro.

– Fantástico. Como voltou depressa a sua memória. A consulta terminou.

Depois de algum tempo retorna o Ruivão.

– O que foi desta vez seu Gervásio?

– Doutor, eu perdi minha vontade sexual.

– O senhor perdeu a libido?

– O quê?

– O tesão...

– É isso aí...

O médico fez os procedimentos de costume. Desta vez acrescentou (estava demorando):

– Você precisa emagrecer. Fazer caminhadas.

E deu para ele a pirâmide dos alimentos, que o cliente olha e não sabia se era para comer mais os de cima ou os da base.

Chamou a enfermeira: – D. Alzira traz o potinho...

Nesse instante, o Ruivão ficou bravo. Pulou da maca e disse:

– Se for o 13, juro por Deus, eu fecho a porta e só saio daqui depois de estuprar o senhor e a sua enfermeira. E o médico sorrindo lhe disse:

– Fenomenal. Pode ir embora. Que rapidez... Você recuperou o apetite sexual.

EM SINTONIA

O trabalho espanta principalmente três males: o vício, a pobreza e o tédio. E, quando feito com prazer, transforma-se em alegria. Praticado em conjunto, em equipe, há necessidade da solidariedade, ajuda e cooperação para um resultado produtivo. Acontece, porém, não ser incomum a presença do desagregador que além de negligenciar nas suas funções ou trabalho, instiga os demais a fazerem o mesmo. É aquele revoltado com a vida. O que amaldiçoa o emprego que tem.

É conhecida a história de quatro pessoas chamadas *Todo Mundo, Alguém, Qualquer Um* e *Ninguém.* Havia um grande trabalho a ser feito e *Todo Mundo* tinha certeza de que *Alguém* o faria. *Qualquer Um* poderia ter feito, mas *Ninguém* o fez. *Alguém* ficou nervoso porque era um trabalho de *Todo Mundo. Todo Mundo* pensou que *Qualquer Um* poderia fazê-lo, mas *Ninguém* imaginou que *Todo Mundo* deixasse de fazer. Ao final, *Todo Mundo* culpou *Alguém*, quando *Ninguém* fez o que *Qualquer Um* poderia ter feito.

Em toda coletividade há bons e ruins, mas sabe-se que uma maçã podre estraga as boas. Uma empresa estava em situação difícil, com produção quase zero. Despesa maior que a receita. Trabalhadores desmotivados. Cada um na sua e de forma desidiosa. Qualquer coisa precisava ser feita. Um dia, os funcionários chegaram para trabalhar e encontraram na

portaria um enorme cartaz no qual estava escrito: "Faleceu ontem a pessoa que impediu o seu crescimento e o da empresa. Você está convidado para o velório na quadra de esportes." Houve tristeza geral. E a curiosidade de se saber quem é que estava causando estragos. Formou-se longa fila. Quando se aproximaram do caixão, verificaram que havia no visor um grande espelho refletindo a própria imagem.

A vida tem sido dessa forma. Nos escritórios, oficinas, bancos, lojas, casas de saúde, enfim, em qualquer local de trabalho, os desiludidos consigo mesmos são sempre os culpados pela desordem implantada. E estão em toda parte.

Uma marcenaria bastante próspera e reconhecida pelos belos móveis coloniais que fabricava, de repente viu o declínio de sua produção. O patrão resolveu fazer uma reunião para informar que entre as ferramentas alguma estava boicotando o serviço e prejudicando o trabalho da turma.

– Vou fechar por três dias. No retorno, alguém será despedido. A não ser que vocês voltem a se dedicar e alavancar a fábrica.

Ele era muito respeitador. Sequer usara, antes, um *alicate* como *martelo* e vice-versa.

A portas fechadas houve reunião ininterrupta. O *trinco* botou a culpa no *cadeado* de ser muito fechado e introvertido. Tímido. Um chato como tantos. O *cadeado* fez sua defesa e acusou a *lixa* de encrenqueira. A *lixa* acusou a *broca* de se meter no trabalho dos outros. A *grosa* só ouvia. De vez em quando, balançava a cabeça, concordando ou discordando. A *régua* traçava conversa paralela: – Eu alertei. A casa caiu...

O *transferidor* desviava a conversa para outro ângulo. O *esmeril* disse que não acumularia função: – Além de desbastar vão querer que eu escove...

A *broca* disse que a *furadeira* não largava do seu pé. A *furadeira* "entregou" o *parafuso: – Ele* enrola e só dá atenção para a *rosca da porca.*

O *parafuso* acusou a *chave de fenda* de mexer muito com a cabeça dela e dos outros. A *chave de fenda* acusou o *metro e a trena* de ficarem medindo todo mundo, achando que são os únicos perfeitos. E o *metro*

perdeu a boa, dizendo que o *martelo* é quem estava dando golpes.

Em uma equipe sincronizada, todos são importantes, mas em conjunto. Individualmente, ninguém é insubstituível.

Com o retorno do patrão ficaram todos tensos, perguntando-lhe quem ele despediria.

– Eu não. Vocês farão isso por votação secreta.

Realizada a eleição, todos votaram na *lixa*. Realmente, era ela a futriqueira e desagregadora. Foi quem iniciou a rebelião contra o patrão, chamando todos de bajuladores, sem personalidade.

– Não fui feita para alisar homem. Muito menos chefe. Vejam a *lapiseira* interesseira que vive se esfregando no bolso dele. A *lapiseira* teve um único voto. Por certo, da invejosa *lixa* que se achava tão fina, mas não passava de uma grossa, casca dura e áspera com todos. Após a sua despedida, a equipe recuperou a harmonia e a dedicação.

Voltou a oficina a produzir belos móveis.

E como têm *lixas* por aí...

ESTÁ FICANDO

Nos anos de 1950 e 1960, o namoro era mais recatado. Os jovens não tinham carro. Não havia motel. Liberdade para um dormir na casa do outro, nem pensar. As famílias se conheciam melhor só na véspera do casamento. Mãos ou braços dados. Um furtivo beijo. Uma contradança de rosto colado nos clubes 22 de Agosto, no 27 de Outubro ou no Araraquarense. Cinemas: Odeon ou Paratodos. Acompanhar a procissão na Semana Santa. Ir a cultos religiosos. Principalmente à missa das 10h na matriz. No Dia de Finados, visitar juntos o cemitério. Essa era a regra. Reinava o recato.

Hoje a moda é o "tá ficando". Nem os jovens sabem explicar bem no que consiste. Uns dizem que rola apenas um beijo, um abraço. Outros dizem que chegam ao sexo. Mas uma coisa é certa, "tá ficando" significa não assumir compromisso. Prevalece a liberdade, amassos e beijos. E até mais... Dorme um na casa do outro. Vão ao bar comer torresmo e tomar caipirinha. Tira-se o sapato. Coça-se o pé sobre a cadeira. Nenhum requinte ao se vestir.

No tempo antigo o beijo era uma "bitoca". Hoje é beijo de língua, de faringe, de laringe e de esôfago. Um mergulha dentro do outro. Não é nem beijo. É endoscopia. Se por um lado o "tá ficando" tira o encanto, a magia e o feitiço do namoro, escrachando o relacionamento, se este progredir para o casamento, não poderá nenhum dos dois alegar futuramente que foi enganado. Com a autonomia do "tá ficando", casa-se sabendo se o

companheiro ou companheira têm halitose, sudorese, asseio, caspa, unha comprida nos dedos dos pés, prisão de ventre, sinusite; se ronca; se escova ou não os dentes etc., tamanha a liberdade já havida entre ambos.

O casamento é tão sério que deveria ter prazo de carência ou, como dizem os profissionais do direito, "cláusula resolutiva". Deveria ser ratificado depois de um ano sob pena de ser cancelado automaticamente pelo registrador civil. Não haveria nesse intervalo qualquer comunicação de bens. Cada um levaria o que é seu, inclusive os respectivos presentes. No "tá ficando" os jovens têm essa vantagem de se conhecerem, o que facilita a escolha do futuro consorte. Já no tempo antigo se casava mais "enganado", "tapeado". A regra era a dos namorados só apresentarem virtudes. Algumas inexistentes. Inclusive dos pais. "Papai é isto, papai é aquilo." Descoberto era um pudim de pinga, com calo de umbigo de balcão de boteco. Mamãe? "É Professora." Era chique naquele tempo ser filha de professora. Verificada, a realidade era bem diferente.

Aos quinze anos conheci uma menina que fazia de tudo para se passar por rica. Nos finados chorava e rezava só em túmulo bonito de granito e metal dourado, que nada tinha a ver com a sua família. Naquele tempo, prevalecia o romantismo, mas pouco se sabia um do outro. Num baile, jamais um moço se retirava dizendo que ia ao banheiro. Ia comprar fósforos ou dar um recado para um amigo. Da mesma forma, as moças diziam: "Vamos retocar a maquiagem."

Minhas tias eram "bagueteiras". Moças que se reuniam para bordar meias em casa para a Lupo. Serviço terceirizado que reforçou o orçamento de muitas famílias naquela época. Xeretando uma dessas reuniões de trabalho (e de fuxicos), ouvi a história do Biguá, freqüentador do Bar do Monteiro, na companhia de amigos delas. Embora ele contasse mais de quarenta anos, não havia "conhecido", ainda, uma mulher. Casou e, quando voltou da lua-de-mel, os amigos e colegas de cachaça foram buscá-lo para tomar rabo de galo. Queriam mesmo é saber o que ele achara da sua primeira vez. Ele disse aos amigos: – Querem saber mesmo? As mulheres não estão com tudo isso que falam não... Mais é fama.

Contavam, também, as bagueteiras, uma história que depois

virou piada. O Simão conseguiu esconder de Farida, nos dez anos de namoro, que ele portava um chulé terrível, usando talco de polvilho, pomadas ou leite de rosas. Ela, por sua vez, tinha um mau hálito de matar morcego voando. Camuflava com chicletes, balas de hortelã ou chita. Em último caso, mastigava cravo da índia. Mas na lua-de-mel um queria contar ao outro as respectivas desventuras. Afinal, dormiriam juntos. Ao chegar ao hotel em Poços de Caldas, o Simão guardou seus sapatos com as meias suadas e fedidas embaixo da cama e correu ao banheiro para lavar os pés. Ao voltar, encontrou Farida sentada no leito. Ela lhe pediu que se aproximasse. Colocou as mãos nos seus ombros e bem pertinho disse:

– Eu tenho um segredo para lhe contar.

Simão se adiantou: – Não precisa falar, Farida. Eu já sei. Você comeu as minhas meias.

NÃO EXISTE PRÓTESE PARA A ALMA

Numa noite, já bem tarde, batem na porta da modesta moradia de meus pais.

– Quem é?

– Miguel. Seu compadre. O que batizou o Juanito.

Meu pai tira a tranca. Entram Miguel, sua mulher Isabel e três filhos menores: Isabelita, Manoel e Mauro. Pediam abrigo por um ou dois dias. Despejados e desempregados não tinham onde ficar. Não se viam havia muito tempo. Cada um deles trazia embaixo do braço um acolchoado enrolado e, nas mãos, uma sacola com roupas. Isabel carregava, também, uma imagem de Jesus Cristo, em branco e preto, numa moldura protegida por vidro. Meu pai ponderou que o espaço era pequeno. – Mas... onde comem oito, comem treze. E esses "dois dias" se prolongaram por sessenta ou setenta. Dormiam sobre aqueles colchões improvisados colocados em círculo no piso de cimento da pequena sala.

Nesse tempo, eu já trabalhava no cartório no prédio do fórum, hoje delegacia de polícia. Numa tarde, encarregaram-me de pagar uma conta de energia elétrica, na empresa de Força e Luz, na esquina da rua São Bento com a avenida São Paulo. No trajeto achei, no chão, em frente ao Banco Moreira Salles S.A., hoje Unibanco, um pequeno maço de dinheiro. Peguei. Coloquei no bolso e fui fazer o que me pediram. Com muito cuidado, contei:

três contos ou três mil cruzeiros. Fiquei mais preocupado do que alegre. Como iriam acreditar que um menino de 11 anos, descalço, de calça curta presa ao corpo por suspensórios de pano, teria achado três mil cruzeiros? E meus pais? Rigorosos nos conselhos: "Não fique com o que não é seu."; "É preferível passar fome a mexer no que é dos outros."

Ao mesmo tempo, pensava no que era possível comprar com *aquela fortuna:* a bicicleta que eu não tinha, um jogo de panelas novas para minha mãe, um guarda-comida, um rádio, muda de roupa para a família toda e até para os infortunados hóspedes. Precisaria trabalhar alguns anos para acumular quantia semelhante. Cumpri minha tarefa e voltei para o fórum.

Ao entrar ouvi uma gritaria nos fundos do corredor. Era o sr. Arlindo, oficial maior de uma das serventias, gritando com um garoto, seu empregado, de 13 ou 14 anos de idade: – Seu desgraçado, perdeu os três mil cruzeiros que eu mandei depositar no banco. Seu pai vai ter que trabalhar uns três anos para me pagar. Imbecil...

Aproximei-me da roda furiosa: – Seu Arlindo, eu quero falar com o senhor.

– Saia daqui moleque. Com mão direita ele safanava o empregado e com a esquerda me empurrava cada vez que eu tentasse chegar perto.

– Saia daqui moleque.

Precisei gritar: – Eu achei o dinheiro.

Tirei as notas do bolso. Ele pegou estupidamente e retornou ao trabalho. Não me disse (nem depois) sequer muito obrigado. À tarde, chegando em casa, contei o ocorrido para o meu pai que conversava com seu compadre Miguel. Disse ele: – Filho, estou contente da forma que você fez. E o outro: – Estou orgulhoso de ser seu padrinho.

Meu pai afundou a mão no bolso, pegou uma moeda e pediu-me: – Vá ao Bar do Gonçalves e compre-me seis cigarros. Não sei se ainda vendem cigarros avulsos. Olhe filho, se não tiver Aspásia (era o mais barato), compre Fulgor.

Lembro com orgulho do orgulho que eles tiveram, embora eu não tenha feito nada de sensacional. Seria desonestidade ficar com aquele

dinheiro. Estaria até hoje carregando um peso enorme ao lembrar daquele menino despedido e, quem sabe, passando por desonesto perante o patrão. Digo isso porque não sei como reagem os filhos, netos, irmãos, amigos, pais e cônjuges dessas pessoas envolvidas nessa velhacaria que a imprensa noticia.

O termômetro da felicidade dentro de uma família é o brilho nos olhos de cada um quando conversam. Quando se encaram. O deficiente físico pode substituir perdas parciais do corpo com aparelhos ortopédicos e transplantes. E dar exemplos de superação. Mas para o espírito amputado não há remédio. Não há salvação. E mesmo que a pessoa safada, autora de crime de qualquer natureza, por ação ou omissão, livre-se de processos com mentiras e simulações, será ela condenada pelo olhar daqueles que lhe são próximos e que não aprovaram a sua conduta. Será eternamente perseguida pela própria consciência que é incorruptível. Que não se deixa subornar. A consciência tem prêmio para o bem e tem castigo para o mal. Ela é o céu ou o inferno. É ao mesmo tempo a acusação, a prova, o tribunal e a justiça. A condenação será perpétua, porque não existe prótese para a alma mutilada.

O ADIVINHO

Numa edícula, nos fundos da residência de meus avôs, morava com a mulher um espanhol conhecido por Pepe. Não sei se de favor ou como inquilino. D. Pepe era místico. Figura interessante. Truqueiro. Nas quermesses do Carmo, apresentava-se vestido de índio. Numa tenda, cobrava ingresso para o público vê-lo comer vidro, giletes, espada e fogo, que também passava pelo corpo como se fosse gelo. Serviço sério nem pensar. Empipocava quando lhe falavam a palavra "trabalho". Dava alergia. A mulher implorava para ele procurar uma ocupação permanente, com registro em carteira. Um dia, voltando da rua, disse a ela: – Dolores, arrumei serviço. Você começa amanhã. Além das suas "apresentações", vivia de trambiques.

Sabendo que o sr. Manoel, dono do maior bar do bairro, queria comprar um papagaio que aprendesse a falar depressa, d. Pepe pintou uma coruja de verde, amarelo e azul e vendeu-lhe como um psitacídeo raro que em curto espaço de tempo seria um tagarela. Pepe, de vez em quando, perguntava se a ave, exposta numa gaiola, no estabelecimento comercial, já estava falando. "Falar não fala, mas vai aprender logo, porque presta muita atenção nas conversas", dizia o português.

Cansado das suas apresentações, estudou cartomancia. Passou a apresentar-se em público como adivinho. Só deixou essa nova profissão depois que levou uma surra de uma cliente que lhe pagou caro as consultas

sem ver realizadas as suas profecias.

A profissão de adivinho é antiga. Pela leitura das mãos, interpretação de cartas ou utilização de aves. Em Verona, Itália, um adivinho dava consultas com um periquito, em praça pública. Para desmoralizá-lo o povo ateou fogo em sua casa, dizendo em seguida: – Você não adivinha nem que sua casa está em chamas, como é que se atreve a falar do passado, do presente e prever o futuro dos outros?

Há quinhentos anos, conta-se também em muitos idiomas, com variações de conteúdo e título, a história de um homem que exausto de trabalhar resolveu abandonar tudo e apresentar-se de cidade em cidade como o maior adivinho do mundo. E ganhou fama. Esta chegou a um palácio, no qual o rei, cercado por corruptos, não agüentava mais os sucessivos roubos das jóias da coroa. O adivinho se ofereceu para descobrir os desonestos. Hospedou-se no palácio. Teve tratamento de nobre. Todos ficaram logo sabendo que entre eles havia uma pessoa com poderes *sobrenaturais*. Quando lhe foi servido o café, disse o adivinho: "Um já está visto." Referia-se ao primeiro dia de trabalho, mas o criado, pensando outra coisa, confessou imediatamente ser um dos ladrões. Foi preso. No dia seguinte, no almoço: "O segundo está aqui." E outro criado confessou haver praticado roubo.

O rei ficou admirado e confiou-lhe que a safadeza no palácio era tão grande que até a sua coroa havia sido roubada. Prometeu ao iluminado hóspede uma fortuna para descobrir os autores do roubo. O adivinho reuniu numa sala os criados e os assessores do rei. Cobriu um galo com um pano preto, pedindo aos presentes que passassem a mão direita nas suas costas por baixo do tecido. Pelo contato, o ladrão seria denunciado com o canto do galo. Para valorizar o seu serviço, cada vez que alguém enfiava a mão sob o pano, gritava: — Galo amigo, galo amigão denuncia o ladrão...

Quando todos acabaram de fazer o que foi mandado, o adivinho pediu que mostrassem as mãos. Todos, *menos dois*, estavam com a mão direita suja. Disse o adivinho ao rei presente: – Prenda esses dois de mãos limpas. São eles os ladrões. Eles não prestam.

É que antes, sem que ninguém visse ou soubesse, o adivinho foi até a cozinha do palácio. Passou as mãos nas panelas usadas, lambuzando

as costas do galo com fuligem, aquela matéria preta gordurosa. É claro que aqueles que nada tinham a temer passaram as mãos sobre as penas. E os culpados apenas fingiram, com temor de que o galo realmente os denunciasse com o canto.

E foi assim que o adivinho ficou famoso e rico, deixando a lição de que nem sempre "mãos limpas" são prova de inocência ou honestidade. Se esse método fosse utilizado hoje, não haveria galos para todos os investigados.

O CHURRASCO DO PAULÃO

Meu primo Paulo, industriário, para inaugurar o barracão com churrasqueira que construiu no quintal de sua casa, organizou um churrasco com os colegas de trabalho. Para não ficar pesado para ele, combinaram que cada um levaria alguma coisa. No dia e hora marcados, chegaram os amigos com as mulheres e filhos. Traziam latinhas de cerveja e meio quilo de carne. Pacote de sal grosso, limão, pinga e batida de amendoim. Fazer churrasco em casa com a colaboração de todos os participantes é fria. O convidado acha-se dono do pedaço e só vai embora quando tudo acabar, principalmente o que trouxe.

– Olhe, pega da minha.

As cervejas são colocadas no isopor com gelo. A coisa já complica ao acender a churrasqueira.

– Molhe pão no álcool.

– Põe uma latinha com óleo.

– É bom pão torrado...

Tem cara-de-pau que leva músculo. Para churrasco? Outros trazem a lingüiça mágica. A famosa cabo de relho. Plástico cheio de sebo e gordura. Quando levada ao fogo provoca uma labareda e desaparece.

Alguém convida um churrasqueiro. Geralmente um barrigudo aposentado, de bigode grosso e branco, com aquela mancha de nicotina sob

o nariz, com um carro velho. Coloca no ombro um guardanapo, e com ele limpa a mão, o nariz, os espetos, a faca e a travessa de servir carne.

Na confusão, ninguém distingue qual é o seu copo de plástico. As mulheres sentam à mesma mesa. Inicialmente bem-comportadas. Os homens encostam no balcão que separa a churrasqueira. As mulheres entram na meia de seda (leite condensado com pinga) ou caipirinha para descontração. Na primeira dose, os olhos viram como marcador de bomba de gasolina. Sob efeito do álcool, elas se soltam, perdem a boa e descem a pua nos maridos, inclusive sobre seus insucessos de cama, enquanto eles roncam pão na roda ao lado. Uma escuta e fala : "Só se for na rua, porque lá em casa..."

A carne demora a sair. O molho vinagrete desaparece com o pão antes de o churrasco ficar pronto. O Zelão vem com um prato cheio de açúcar, rodelas de limão e uma garrafa de pinga:

– Vocês já tomaram "coice-de-mula"?

– O que é isso?

– Enquanto mastiga o limão com açúcar, você toma de uma só vez um cálice de pinga. É a famosa caipirinha feita na boca. Liberação geral.

O churrasqueiro fica de fogo. O pagode desafinado rola solto, tocado em tampas de panelas. As mulheres iniciam a rodada de piadas: "O casal de caipiras foi ao médico conhecido como dr. Buscogina. Só receitava Buscopan ou Novalgina, dependendo do lugar da dor. Acima ou abaixo do umbigo. O médico deu ao seu Zico um supositório. Isto é para ser usado no ânus. Chegando em casa: – Maria, onde fica esse tar de ânus? – Não sei. Vamos perguntar para o médico. – Ora Zico, é o reto, diz o doutor. Vão para casa. E o Zico com a mesma indagação. Ela sugere retorno ao médico, mas ele se recusa: – Não vou não. O homem ficará irritado e vai mandar eu enfiar esse supositório no ...., em lugar que eu não quero ouvir."

A Cidinha conta outra: "Certo dia, um bêbado passava em frente a uma igreja quando começa uma enorme gritaria. Após certo tempo, um homem bem-vestido sai e encontra-se com o bêbado que pergunta: – Que gritaria é essa? O homem responde: – É Jesus que está operando. O bêbado continua por ali. Passa um cidadão que pergunta ao bêbado o que está se passando e ele responde: – Sei lá. O que eu sei é que um tal de Jesus tá

operando e pela gritaria é sem anestesia."

A desbocada Lucinha, mulher do Zelão, vai mais longe: "A mulher acompanha o marido ao pronto-socorro. – Ele teve o *membro genital* picado por abelhas. O médico atende e ela pede: – Doutor dá para tirar só os ferrões e deixar o inchaço?"

Quase meia-noite, termina o sacrifício do anfitrião e de sua mulher. Acabou o churrasco. Como as mulheres se retiraram antes, os maridos pegam carona com o churrasqueiro e vão embora batucando na lataria da Kombi. Na segunda-feira, comentam com o Paulão que ele precisa fazer outros churrascos. O que por certo jamais acontecerá.

O CIRCO DA RUA CINCO

Passeando pelo túnel do tempo, lembrei-me de um circo que há mais de meio século se instalou num terreno, pequeno campo de futebol que existia na esquina da avenida 7 de Setembro com a rua Voluntários da Pátria – na rua Cinco. Era um circo-teatro. Na primeira parte encenavam uma peça. As conhecidas: "Ébrio", "Porta aberta", "Vingança do Chico Mineiro", "Lenço Preto" (que no final os noivos descobriam que eram irmãos), "O Céu Uniu Dois Corações" e muitas outras, na maior parte dramas. Numa dessas apresentações, o personagem principal morria de infarto no último ato. O elenco era pequeno. Faltava quem representasse um médico que em cena diria apenas três palavras. Lembraram do sr. Joaquim que morava por ali. Era um charreteiro do ponto da estação. Freqüentador assíduo. Ficara amigo do dono e dos artistas.

– Joaquim, quer trabalhar na peça de hoje? Perguntou o proprietário.

– Eu? O que eu tenho de fazer.

– Você veste um jaleco branco e fica na coxia. Aquele corredor atrás do palco, onde o ator aguarda para entrar, vendo o espetáculo sem ser visto pelo público.

– Só entrará em cena quando o diretor der sinal.

– Uma mulher em prantos, com um homem morrendo no seu

colo, vai lhe perguntar, e você responderá: – Sou o médico.

Mais nada. E só quando for autorizado. – Tá bem?

Joaquim veste o traje, fica no lugar marcado com o diretor do outro lado, de frente para ele, mas também escondido do público. Abrem-se as cortinas e, no final do terceiro ato, o personagem coloca a mão no peito e grita: – Estou morrendo.

A mulher ajoelha, coloca-o no colo e grita repetidamente: – Socorro, socorro, socorro, me chamem um médico, eu quero um médico.

Joaquim, impaciente, ameaça entrar no palco, e o diretor fala baixinho: – Ainda não.

E ele volta para o lugar. A mulher continua clamando por um médico, o Joaquim ameaçando entrar e o diretor dizendo: – Não.

Até que enfim a entrada é autorizada. Joaquim entra e a mulher pergunta: – Quem é você?

Ele diz: – Sou o médico.

– Chegaste tarde, ele acaba de falecer.

O Joaquim fica bravo, dá um esculacho e justifica: – Eu ouvi o pedido de socorro. Faz meia hora que eu quero entrar, e aquela anta ali atrás não deixou.

De drama virou comédia.

Na segunda parte, havia o *globo da morte* com motocicleta e terminava com o trapézio. O trapezista, motociclista e galã das peças era sempre o mesmo artista.

No intervalo aparecia o palhaço Rolinha com a incumbência de *tapar buraco* enquanto se armava o novo cenário. Ás vezes, até roubava o espetáculo. Era muito engraçado.

De vez em quando, apresentava-se uma dupla caipira para cantar ou contar piadas que ainda fazem sucesso. Lembro-me de dois causos muito interessantes, narrados por um deles no palco. Dois caipiras resolveram ir para a cidade para consulta médica. Um com problema de pulmão e o outro para examinar a vista. Examinando o peito e os pulmões do primeiro, que tossia como um condenado, conclui o médico: – É, Francisco, o negócio tá feio! Você terá de passar a fumar no máximo dez cigarros por dia. Acha que

consegue?

– Consigo sim. Claro que consigo.

Daí a uma semana, ele volta tossindo mais ainda. O doutor se espanta: – Não é possível! Tomou os remédios que lhe passei?

– Tomei, sim senhor.

– Fumou no máximo dez cigarros por dia?

– Fumei, sim senhor.

– Então, vamos diminuir para no máximo cinco cigarros por dia. Acha que consegue?

– Consigo sim senhor. Passa uma semana, e ele volta ao consultório ainda pior. O médico não acredita.

– Puxa vida, a coisa está mais feia do que eu pensei. Vamos ter de cortar o cigarro de vez! Você consegue ficar sem fumar?

– Claro que consigo, doutor! Eu nunca fumei, o senhor é que mandou!

E para o Nézinho disse o outro médico: – Consegue me dizer quais são aquelas palavras escritas em letras grandes.

– De jeito nenhum doutor.

– Meu Deus! É grave. Caso de cirurgia.

Foi operado. E antes de tirar o curativo dos olhos, pergunta: – Quando eu sair daqui, vou conseguir ler todas aquelas letras.

– Claro que vai.

– Puxa doutor, como a medicina está avançada. E pensar que até ontem eu era analfabeto!

O ENTERRO DO "CAPITÃO"

Numa noite de sábado, oito horas, toca o telefone. Era o Flávio Ferraz de Carvalho, íntegro político de nossa terra, a qual amou como ninguém. Amigo e colega de trabalho. Queria me dar notícia do falecimento do "Capitão".

– De quem?

– Do "Capitão" Gardino, aquele que fazia faxina no fórum.

Era, na verdade, velho conhecido. Pessoa humilde e por ele muito querida.

– Precisamos ir ao velório. Ele ainda morava no Melhado.

Combinamos. Flávio foi primeiro. Eu fui depois. Quando cheguei, o "Capitão", que de patente não tinha nada, só o apelido, já estava arrumado no caixão. Este se encontrava sobre o carrinho da funerária, com quatro pneus de bicicleta, que o levaria para o cemitério. Ele vivia na companhia de uma filha casada com o Clóvis do Cavaquinho, negro de muitos amigos. Tinha seis netos. Alguns puxaram à mãe. Outros ao pai. Família bastante conhecida, mesmo porque o genro fazia parte de rodas de samba e de pagode.

Os vizinhos chegando. Alguns trazendo cadeiras emprestadas, que eram encostadas na parede da sala. O Flávio já estava em campanha eleitoral para o seu segundo mandato de vereador. Não tinha mais de 25 anos. Alguns parentes e amigos do falecido traziam nas mãos uma garrafa de

pinga. De vez em quando, alguém aparecia com um gomo de salame. Como a cozinha era anexa à sala e sem porta, deu para contar seis garrafas de cachaça e dois salames sobre uma mesa. Pelas onze horas, mais ou menos, chega Benta Raquel e sua turma. Cada um com um instrumento de percussão. Percebi que a noite seria longa.

Desde garoto, eu conhecia a Benta, respeitada líder da raça negra, que na véspera de 13 de maio, à noite, organizava batuque para comemorar a abolição. No campo do brasão, acendia uma grande fogueira, com os participantes formando um círculo. Ao som de bongôs e atabaques, um homem e uma mulher rodopiavam no centro da roda, davam-se as costas, viravam de frente, batiam palmas, davam uma umbigada e retornavam ao seu lugar. Enquanto dançavam, cabia ao homem fazer um verso, que era antes cantado só por ele e depois por todos, até o próximo casal tomar lugar no batuque. O Tuba, criador de galos de briga, era o parceiro preferido de Benta. Cantava sempre o mesmo verso: "Benta Raqué, ôi Benta Raqué, ocê num me qué hoje mais amanhã ocê me qué. Benta Raqué, ôi..."

Reconheci alguns que chegaram com ela. Eram os mesmos daqueles tempos de batucada. Acomodaram-se na cozinha, dando início a uma cantoria alta e desafinada, pela alma do morto. Ao mesmo tempo, passava de mão em mão uma garrafa de pinga já aberta. Cada um dava um gole no gargalo e entregava para o vizinho. Quando me deram, passei logo para o Flávio que disse: – Você não bebeu.

– Claro que não. Não gosto de pinga. Agora, você é candidato. Não pode fazer desfeita. Deve beber e fazer cara de quem gostou. Diga que é da boa. O que fez.

A primeira garrafa não chegou a dar a volta. Precisaram abrir outra. O Fumaça vem para a sala com dois pratos de papelão com salaminho cortado, regado com limão. Não tinha onde pôr, colocou na quina do caixão perto dos pés do defunto. Um de cada lado pra ninguém ter de atravessar a sala.

– Olha gente, tem salame aí, é só pegar.

Ladainha, cachaça e salame. Mais cachaça. Teve um pé-de-cana que escorregou o cotovelo que apoiava na beira do ataúde, batendo

com força na barriga do "Capitão" que chegou a mexer a cabeça. Fui embora. O Flávio ficou. Voltei para o enterro no dia seguinte, domingo, às cinco da tarde.

Nesse dia, jogava Palmeiras e Corinthians. Tinha mais de dez querendo puxar o carrinho com o caixão do defunto. Segurar ou nele se apoiar. Na descida do Melhado, sem calçamento, havia muito barro, por causa da chuva da manhã. Um dos puxadores tira do bolso um radinho de pilha para ouvir o jogo e os outros: – Aumenta, aumenta. Também queriam ouvir. Todos deviam torcer pelo mesmo time. Num grito de *Goool*, os puxadores comemoraram tirando as mãos do carrinho, que saiu em velocidade ladeira abaixo, com os acompanhantes gritando: – Pega, pega, pega.

Só parou quando deu forte trombada com um poste. O caixão chegou a sair do lugar, mas não caiu, porque estava afivelado por baixo.

Segue o funeral. Rua Antonio Prado, vira para a avenida São Paulo até chegar ao cemitério São Bento. Na beira da cova, alguém pediu para abrir o caixão para ver o falecido pela última vez. Quando abriram, ele estava de pernas abertas, meio encolhidas, mãos desatadas, cabeça erguida, cabelos despenteados, olhos abertos e vesgos. Um olho vigiando o outro. O Zelão do Bongô gritou: – Caramba, o "Capitão" tá vivo, tá vivo.

Só caiu na real quando foi lembrado da trombada com o poste. Era daí o desleixo do finado na sua última parada. Passado o susto, ele foi sepultado em desalinho mesmo.

– Arrumar para quê? Disse o genro.

Na saída do cemitério, perguntei ao Flávio sobre sua campanha durante a noite, e ele, com aquela franqueza que lhe era peculiar, disse: – Bebi cachaça babada, salame com casca e parafina, cantei ladainha, toquei bongô e quando fui pedir votos, ninguém era eleitor, porque não sabiam ler nem escrever. Mas valeu, eu gostava do "Capitão".

O EXAGERO DA VAIDADE

No coquetel de abertura de um congresso que participei recentemente encontrei um velho amigo que não via havia alguns anos. Cumprimentou-me com um sorriso sarcástico e com os olhos arregalados. Sempre que com ele me defrontava, o mesmo olhar e o mesmo semblante. Cheguei a perguntar para o Valdemar se eu não estava com azeitona preta ou alguma coisa nos dentes, porque não era possível aquele comportamento do Lobato comigo.

– Olha só o jeito que ele me olha. Parece que está zombando de mim.

– Não! Disse o Valdemar.

– Você não está sabendo? A mulher dele morreu. Logo depois, arrumou uma namorada quarenta anos mais nova.

– E daí?

– Assistindo a um programa de televisão, ele ficou sabendo sobre uma clínica nos Estados Unidos onde a pessoa entra numa segunda-feira e sai no sábado rejuvenescida. Ali eles fazem implante, reimplante, transplante, *interlace*; acabam com rugas; põem silicone no glúteo, no peito, no braço, na barriga da perna; colocam unha, sobrancelha e cílios postiços, peruca no peito, nas costas. Lobato, então, foi para lá. No entanto, ao tirar as *bolsas* e rugas dos olhos, constatou-se um exagero médico. Agora ele não

fecha mais os olhos. Nem pisca. Não tem mais lágrimas. Usa a artificial. E na operação para alisar o rosto descarnaram as duas faces, puxaram para cima, cortaram uns três dedos e costuraram atrás das orelhas. Entretanto, ele não consegue fechar a boca. Fica permanentemente com o sorriso parecido com o do Coringa, o inimigo do Batman. Dorme de olho aberto e com esse riso esquisito. Outro dia, ele foi ao velório do pai do Jorge e causou constrangimento. Todo mundo chorando e o Lobato ali, olhando o defunto, com essa cara de aloprado alegre e olhos esbugalhados. Quase apanhou da família.

A vaidade chegou ao exagero. Principalmente quanto à estética. Antigamente, era um luxo o marido dar para a mulher um "chuveiro", o anel de brilhante, ou um colar de pérolas. Hoje, ela pede de aniversário ou no Natal: "Quero uma lipo."; "Quero dois litros de silicone nas mamas."; "Quero uma bunda nova."; "Quero colocar uma bocha no estômago." ;"Quero um nó nas tripas."; "Com essa sensação de saciedade não vou comer e emagreço." E outras loucuras. Seria tão fácil resolver o problema. É só colar a boca com *Super Bonder*, deixando apenas um orifício para cuspir ou enfiar um canudinho para tomar sopa. Quero ver quem não emagrece.

É claro que há cirurgias necessárias quando o problema a ser corrigido está prejudicando a saúde. Por exemplo, para evitar aneurisma, derrame, infarto, cifose, lordose e outros tantos incômodos.

Entretanto, o mercado para o profissional da saúde promete muito. As mocinhas estão bebendo tanto quanto os homens. É só prestar atenção num shopping quando elas passam com aquela barriguinha mostrando a língua. Caindo para fora das calças. Dá para ver a quantidade que há lá dentro de amendoim, torresmo, salgadinhos e cerveja.

Vaidoso é o que deseja ser admirado. Faz tudo para aparecer. Às vezes, até finge que se esconde para ser procurado e encontrado.

Não é só mulher, não! O homem, quanto à estética, está cada vez mais vaidoso. E o grande problema sempre foi quanto ao tamanho da sua *guirlanda*. Muitos já amarraram até um pêndulo com esperança de crescimento.

O sr. Joaquim ficou sócio do clube de nudismo para onde foi com sua mulher e seu filho de oito anos. O menino fazendo comparações perguntou: – Pai, por que uns homens têm o pênis pequeno e outros têm o

pênis grande?

– Filho os que têm pênis pequeno são pobres e os que têm o pênis grande são ricos. Nisso o pai foi até a cantina. Quando voltou indagou:
– Cadê sua mãe?

– Ela estava aqui conversando com um pobre que de repente ficou rico, e eles foram para o bosque.

A cada momento aparece um método novo de embelezamento.

Uma mulher preocupada com as suas rugas e bochechas flácidas procura um médico especialista.

– Tenho um tratamento revolucionário para acabar com esses vincos e essa frouxidão do rosto. Coloco um parafuso no alto de sua cabeça, com bucha, escondido no cabelo. Toda vez que a flacidez aumentar, e as rugas aparecerem, basta girar o parafuso que sua pele é puxada para cima, alisando o seu rosto.

– Que ótimo doutor. É o máximo. Eu topo.

Alguns meses depois, a mulher volta para a consulta de retorno:

– Doutor, a técnica que o senhor usa é excelente, mas apareceram essas bolsas horrorosas embaixo dos meus olhos. O senhor não disse que tinha esse efeito colateral!

– Minha senhora, não são bolsas. São seus peitos. E se não parar de mexer nesse parafuso, em pouco tempo você vai ter cavanhaque.

A RÃ ADESTRADA

O casamento do Pité com Clarinha já não andava bem das pernas, antes mesmo de completar cinco anos. Clarinha revelou-se uma chata consumista. Pité era securitário. Ganhava por comissão. Trabalhava bastante. O dia que permanecia mais tempo no escritório, a esposa cheirava-lhe a boca para saber se ele havia parado em algum bar com amigos. Como não sentia cheiro algum, colocava-o sob suspeita de ter outra mulher. O marido ganhando pouco e ela gastando muito. Finanças abaladas. Como a conta era conjunta, ela mantinha o saldo no vermelho, pagando altos juros bancários. Gastava em coisas supérfluas: cremes caros para as mãos, creme para os pés, creme para prevenção de rugas, fibras de todos os tipos: para colesterol, para celulite, para o fígado, para o intestino, gel emagrecedor, aparelhos para massagear as costas etc. Era chegada em dar chequinhos pré-datados. As sacoleiras tinham nela uma compradora certa para qualquer bugiganga. Quando o marido lhe falava para fazer economia, virava as costas, fazia-se de surda ou comparava-se com suas amigas de maior poder aquisitivo. Ao perguntar sobre o que comer, ela respondia rispidamente:

– O que está sobre o fogão. Se já esfriou, esquenta no microondas.

Se ameaçasse mudar o canal da televisão, ela gritava para deixar na novela, que também não assistia, porque a essa altura já passara no

rosto uma máscara branca, mistura de pasta d'água com as tranqueiras que ela comprava, bobes no cabelo e rodelas de batata sobre os olhos. Dizia que tirava olheiras. Assim, ela ouvia a novela. Não assistia. Uma belezura de espantalho. Recados de telefone, não os dava nem anotava. A casa não tinha *bina* para registrar chamadas. Dizia:

– Telefonaram para você. Disseram que era urgente.

– Quem?

– Não sei, não disse o nome nem deixou o número. Se for urgente vai ligar de novo.

Com esse clima o casamento foi esfriando. O marido, por culpa dela, já não lhe tinha qualquer atração. E, por analogia, com nenhuma outra mulher também. Mas ela importunava, acusando-o de ter amante.

Um dia Pité foi ao shopping, sozinho, para esfriar a cabeça. Ao passar por uma loja de bichos, viu a oferta de uma rã por dois mil reais. Por curiosidade, quis saber por que um anfíbio anuro tinha aquele preço tão alto. O dono da loja, pegando a rã, muito bonita, verde-oliváceo, com manchas na parte posterior e nas pernas dianteiras, olhos pretos saltados para fora, ventre geladinho, explicou ao curioso Pité que era adestrada, que aprendera a viver fora de lagos, rios ou pantanais e que era super carinhosa com os seres humanos. Você pode tê-la como animal de estimação. Pité comprou a rã. Pagou no cartão de crédito. O dono orientou:

– Ela gosta de ficar no ombro da pessoa, principalmente do sexo masculino.

Levou-a para o escritório e colocou-a, como recomendado, no ombro. A rã se locomoveu logo para a nuca do Pité e com as pernas (ou mãos?) dianteiras começou a massagear o pescoço, fazendo um cafuné no seu novo proprietário, arrancando-lhe arrepios. De vez em quando, a rã mordia-lhe carinhosamente as orelhas, passando aquela língua comprida sobre elas. Descia até a coluna e quando estavam a sós ela se enfiava por dentro da roupa do Pité, passeando da cabeça aos pés, por todas as partes do corpo, demorando mais em algumas delas.

Quem perguntasse sobre rã, inventava que se tratava de uma simpatia indiana para curar estresse, como realmente curou. Com a rã ao seu

lado, Pité andava leve e solto. Levava-a para passear de carro. Ela fazia questão de ir à janelinha, grudada no vidro vendo o movimento da rua. Ia com ele ao cinema. Dividiam a mesma pipoca. Em casa, acomodava Rãmor, nome que lhe deu, num belo recipiente de argila com um pouco d'água para não esquecer o seu hábitat natural. Quando o dia amanhecia ela pulava até o quarto do casal para acordá-lo. A rã participava do café. Aprendera a gostar de sucrilhos. Era sua primeira refeição. Em seguida, a mesma rotina, de carro para o escritório.

A Clarinha já estava a ponto de colocar a rã sob as rodas de qualquer veículo, mas sabia o tamanho da encrenca que arrumaria. Um dia, acordou de madrugada e verificou que o marido não estava na cama. Atraída por vozes, foi até a cozinha e encontrou o Pité só de cuecas, sentado numa cadeira, com um livro aberto no colo. A rã no seu ombro esquerdo acarinhando o lóbulo de sua orelha. E a cada palavra que o Pité falava, a rã olhava para o livro e para ele, como se estivesse entendendo tudo. Clarinha indignada gritou:

– Está louco? O que é que você está lendo para ela?

Pité respondeu:

– São receitas culinárias, porque se ela aprender a cozinhar você está fora desta casa.

A SAIDEIRA

Luizinho, já falecido, foi casado com Tininha. Era um exímio bebedor de cachaça. Vizinhos parede-meia dos meus pais. Ele gostava tanto de pinga que só o cheiro lhe dava água na boca. Por isso, tomava sempre com o nariz tampado. Gostava dela pura. Um dia, sentindo-se muito doente, foi com a mulher ao médico que lhe perguntou se fumava.

– Sim. Uns três maços por dia.

– É isso aí! Pare imediatamente se não quiser acelerar a sua morte.

Na saída, a esposa o repreendeu: – Por que disse isso? Você nunca colocou um cigarro na boca.

– É claro. Se eu falo que bebo, ele mandaria parar de beber.

É incrível o número de desculpas que o viciado arranja para justificar o vício. Uns dizem que sabem beber. Outros que sabem a hora certa de parar. A maior parte diz que bebe socialmente. Há inúmeras histórias provocadas pelo estado etílico do cana-brava. A fotografia ou a filmagem seria uma grande arma para recuperar um alcoólatra. Registrando a sua cara de tonto na condição de bêbado para mostrar-lhe quando sóbrio.

Como a saúde do Luizinho piorou, ele teve de confessar ao médico que bebia. Foi proibido daí para frente. Mudou da cidade e numa carta ao meu pai disse que estava à procura de um médico que pelo valor de

duas consultas autorizasse-o a beber.

O Fabião diz sempre que bebe, mas sabe parar.

– Quando começo a ver tudo dobrado, não bebo mais.

Num bar, ele falou para o amigo: – Estou sóbrio. Vejo muito bem os dois olhinhos daquele cachorro que está entrando.

E o amigo: – Então, pode parar porque o cachorrinho não está entrando. Ele está saindo.

A polícia parou um cara que estava ziguezagueando com o carro numa estrada.

– Para onde você vai?

– Para minha casa descansar. Comi demais na festa da igreja. Estávamos comemorando o dia em que Jesus multiplicou os pães e os peixes.

– E o que você bebeu?

– Só uns copos de água.

– Estranho, você está com um bafo de vinho.

– O que o senhor disse seu guarda? Vinho? Aleluia! O Senhor realizou mais um milagre.

Outro pé-de-cana depois de beber todas, chegou em casa e quis tomar mais uma antes de dormir. Foi para a cozinha, pegou um copo e colocou pinga. Dose caprichada. Acrescentou açúcar, *Ketchup*, limão, pimenta, sal, achou uma coisa verde, espremeu, torceu, esmagou e colocou no copo. Tomou tudo de uma vez. Deu uma sacudida na cabeça e disse:

– Essa desceu raspando. E foi dormir.

No dia seguinte a sua mulher perguntou: – Benhê, você viu nosso periquito?

Há mulheres que também enchem a cara. Duas amigas íntimas, bem casadas, resolveram sair da rotina. Num sábado à noite, saíram juntas. Beberam até ficarem bêbadas. Falaram da vida alheia a noite toda e resolveram voltar para casa. No caminho, uma disse:

– Cléo, pára o carro. Preciso fazer xixi.

– Que coincidência! – disse a Rê. Pararam o carro na porta de um cemitério. As duas urinaram em frente a um túmulo.

– Caracas! – gritou a Rê. Como é que eu vou me secar?

Enquanto falava, a Cléo já havia se secado com a própria calcinha que jogou fora.

– O quê? – gritou a Rê indignada. Jamais jogaria fora a minha lingerie de grife. Prefiro secar-me com isto e colocou dentro da calcinha uma fita de uma coroa de flores.

No dia seguinte, os maridos, que também eram amigos, comentavam:

– Rapaz, temos de ficar de olho nas nossas mulheres. Você acredita que ontem a Cléo chegou em casa sem calcinha?

– Isso não é nada! – disse o amigo. Pior foi a Rê que chegou com uma faixa no meio das pernas escrito: "Jamais te esqueceremos."

Um chambregado tinha tomado todas na barraca da quermesse da própria igreja. Assistia à missa quando o padre perguntou: – Quem deseja ir para o céu levante a mão. Todo mundo levantou, menos o bêbado, sentando lá no fundo. O padre:

– O senhor aí atrás, quando morrer, não quer ir para o céu?

E o bêbado: – Ah bão! Quando morrer, eu quero! Pensei que o senhor estava organizando uma caravana para hoje.

Outros bebem induzidos. O Manoel foi ao oculista e voltou totalmente bêbado. Maria danada da vida perguntou: – Manoel, por que quando vai ao médico volta sempre bêbado?

– Ora Maria, é orientação dele. O doutor disse :

– Leve esse colírio e "pinga" de hora em hora.

Um grupo de anões decide fazer uma partida de futebol entre eles. Alugam um campinho de várzea e para lá vão todos contentes e eufóricos. No local, percebem que não existe vestiário. Decidem então vestir o uniforme no banheiro do boteco ali por perto. Todos entram e dirigem-se para o fundo do bar, onde ficava o banheiro. Chega um bêbado já de porre e pede uma bebida. Após alguns minutos, passam por ele os anões jogadores de azul. O bêbado não entende nada. Continua bebendo. Em seguida, passam os anões de uniforme vermelho. O bêbado olha para o dono do bar e diz: – Aí cara, fica esperto que os jogadores do pebolim estão fugindo.

Segundo o ditado: "O que é de bêbado não tem dono." Um

sujeito se embriaga e dorme no chão da praça. No dia seguinte percebe que está sem o relógio. De repente, passa por ele um rapaz com o seu relógio no pulso.

– Desculpe. Esse relógio é meu.

– Seu nada. Este relógio eu ganhei de um bêbado com quem eu transei ontem à noite ali na praça.

– Tem razão. Não é o meu, não. Mas que parece, parece...

A SORTE

O correio recebeu uma carta, com nome e endereço do remetente, endereçada ao Papai Noel. Os carteiros resolveram abri-la. Era de um garoto que, arriscando a sorte, pedia mil reais para realizar os seus sonhos. Os carteiros coletaram quinhentos reais e enviaram ao menino em nome do Papai Noel. Logo depois, aqueles benfeitores receberam nova carta. E para o mesmo destinatário. Abriram. Ali estava escrito: – Papai Noel, recebi quinhentos reais. Da próxima vez, mande entregar pessoalmente em minha casa, para essa turma do correio não ficar com a metade.

O mês de dezembro é místico. Cheio de magia. Os corações amolecem. A solidariedade aumenta. Em busca da sorte, guardam-se sementes de romã e folhas de louro, comem-se tâmaras e lentilhas.

Os dicionários dizem que sorte é destino, fado, boa estrela, fortuna, felicidade, mas ela é mais bem definida como força invencível a que se atribuem o rumo e os diversos acontecimentos da vida. O azar seria o revés: sorte ao contrário, infelicidade, infortúnio.

Sorte é para quem tem? Não. É para quem quer. Na natureza não há prêmios ou castigos. Há atos e conseqüências. Não vem por acaso. Nasce antes no pensamento e completa-se com muita fadiga e persistência. Não é causa. É efeito. Como dizia Heródoto, o destino do homem não é uma questão de sorte. Está na evolução da própria alma. O homem não encontra o

êxito por acaso, mas sim direcionando seus pensamentos (e neles insistindo) para um objetivo. A força interior é a magia de cada um, como a utilizada pelos samurais. Não basta a sorte de ter talento. É preciso ter talento para a sorte.

Passadas as festas, volta tudo a ser como era antes. O bom será bom. O invejoso continuará a invejar e a sofrer com a prosperidade alheia. E os pessimistas continuarão na mesmice de sempre. Na indolência da monotonia. Não acreditando em nada. Muito menos em si mesmos.

Um homem sob a chuva viu que uma casa estava com seu interior em chamas. Aproximou-se. Um moço estava sentado no meio da sala, na iminência de ser atingido pelas chamas. Gritou para ele:

– Saia daí. Você vai morrer queimado.

– Não posso, respondeu. – Minha mãe disse que se eu sair na chuva, vou pegar pneumonia.

E quantos vivem no marasmo da vida. Morrendo numa apatia incontrolável, sem capacidade para dar um passo adiante, na tentativa de mudança para melhor.

Um mendigo pedia esmolas numa calçada, ao lado de uma placa que dizia: "Ajudem este pobre infeliz. Sou um nada neste mundo. Sou fracassado e maltratado pela vida. Não consigo um mísero emprego."

Um dia achou no lixo um livro no qual leu um trecho que dizia: "Tudo o que você fala a seu respeito, vai-se reforçando. Por pior que esteja a sua vida, diga que tudo vai bem. Por mais que você não goste de sua aparência, afirme que é bonito. Diga a si mesmo e aos outros que você tem muita sorte."

Trocou os dizeres de sua placa: "Vejam como sou feliz. Próspero. Bonito. Importante. Saudável e bem-humorado." Todos passaram a lhe dar mais ajuda. A sua vida melhorou. Até que um arrojado executivo o contratou para colaborar numa campanha da empresa, da qual o ex-mendigo veio a se tornar, futuramente, sócio majoritário. Numa entrevista à imprensa, explicou como saiu da mendicância para aquela situação de prosperidade. Uma repórter, ironicamente, questionou:

– O senhor está querendo dizer que algumas palavras escritas numa simples placa modificaram a sua vida?

Cheio de bom humor, o homem respondeu:

– Claro que não, minha amiga! Primeiro, eu tive de acreditar nelas!

O homem é o que ele pensa que é.

AFEIÇÃO REMUNERADA

Um filme espanhol mostra uma mãe, idosa, viúva e solitária, carente de acompanhamento, que cozinhava todos os dias os pratos prediletos de seu único filho, casado, com a esperança de ele aceitar o seu convite para jantar com ela. Espera anoitecer e como ele nunca chega, coloca a refeição completa tal como acondicionada em um prato térmico de alumínio para os gatos da vizinhança comerem durante a noite. Um dia, ela encontra no vasilhame limpo um bilhete reclamando do tempero. Como gatos não falam nem escrevem, monta sentinela e, já madrugada, flagra um descamisado saboreando a sua comida. Depois de rápida conversa, ele é convidado a morar com ela sob a promessa de roupa (do finado marido) lavada, passada e pratos preferidos. Dessa forma, acabou com a sua solidão.

Há dois tipos de solitários. Os que dispensam qualquer companhia e os que não vivem sem ela.

Acabo de ler no jornal que surgiu uma nova profissão: o *personal friend.* Alguém que por cinqüenta ou mais reais por hora se oferece para fazer companhia às pessoas solitárias, em caminhadas, restaurantes, shoppings etc., sem qualquer envolvimento sexual, hetero ou homo, nem pretensão de terapia. A que ponto chegou a sociedade moderna! Pagar alguém para se passar por falso amigo. Não deve ser difícil o exercício dessa nova função. Se o cliente for do tipo nostálgico, hipercrítico, daqueles que desejam

falar que no seu tempo *tudo andava certinho* (cargo, função ou emprego), basta concordar com um simples aceno de cabeça. O segredo da nova profissão é saber ouvir. E no final do acompanhamento, sacar uma frase de efeito: "Pelo tanto que aprendi em sua companhia eu é quem deveria lhe pagar." Terá cliente por muito tempo.

Agora difícil será para o melancólico pobre que não tem condição de custear a atenção de um *friend* falso. Aí lhe resta, para ter com quem conversar, uma bela e comprida fila de banco ou do SUS, um velório, infiltrar-se na torcida de um time de futebol para aplaudir ou xingar, entrar no meio de movimentos sociais, comprar um cachorro *boxer*, que é atencioso, ou então aprender a tocar cavaquinho. Sempre haverá um diretor de clube urbano ou de campo para levar um tocador de chorinho para animar um churrasco domingueiro.

Em Araraquara, ainda vive um solitário, hoje bem mais velho, que para ter com quem conversar se oferecia para lavar e ou vestir um defunto. Antigamente era assim. Um dia, ele foi à casa de um morto recente. A família lhe disse que já o havia lavado e que o extinto já estava vestido. Desejou rezar um terço, e a família revelou não ser religiosa. Quis pegar na alça do caixão. Não deixaram. O cortejo já andava quando ouviram a voz desgarrada do defunteiro:

– Hei! Vocês aí! Peguem esse defunto e...

Um amigo me contou que para se livrar de um solitário jubilado disse:

– Estou de saída.

– Aonde você vai? – perguntou o chato xaroposo.

– Vou assistir a uma palestra sobre como será o movimento de rotação da Terra daqui a quinhentos anos. A conferência será proferida em braile chinês.

– Eu também vou, disse o desamado.

Muitas afeições têm seu preço. O Zé Bigode vive dizendo que quando quer carinho de mulher ele compra.

– Você sabe que essas damas da noite mentem para você? – disse-lhe o amigo Olegário.

– É claro que eu sei. Mas o dia em que a mulher parar de mentir, o homem pára de sonhar.

Ao ler a reportagem sobre atenção, carinho e companhia farisaicos, lembrei novamente do meu amigo Orlando, que vive em São Paulo a doçura do nada fazer (*dolce far niente*), que faz das "cantadas" sua ocupação diária e principal. Solteirão, Orlando não aparenta os quase oitenta anos de idade. Cabelos brancos, olhos azuis, pele rosada, tipo Paul Newman, sempre bem trajado, lábia afiada, vive de aposentadoria e aluguel de alguns imóveis. Faz plantão todos os dias, na hora do almoço, na Rua Sete de Abril, ali perto da Rua Marconi. E galantemente aborda mocinhas que por ali passam:

– Com licença, vejo sempre você por aqui e o que chama minha atenção são seus olhos, cabelos, corpo etc.

E convida-as para almoçar no restaurante Almanara. Algumas aceitam o convite, e a tarde termina em seu apartamento. As convidadas nunca saem de mãos vazias. Um sobrinho, seu eventual herdeiro, o adverte:

– Oh tio, não percebe que essas moças saem com você só por causa de seu dinheiro e não por amor?

– E daí? – diz Orlando. Você está com fome, com vontade de comer um galeto assado, vai ao restaurante, pede esse prato, come, lambuza-se, paga e fica satisfeito.

– Por acaso você pergunta para o frango se ele te ama?

AS AVENTURAS DO VANDÃO

Faz mais de cinqüenta anos. O nome dele era Vanderlei, conhecido por Vandão. Ganhava bem. Excelente profissional. Tinha a oficina mais procurada da cidade. Fazia qualquer conserto, principalmente com soldas de todos os tipos. De cabo de panela a guindaste. Bebia, fumava, jogava e era chegado numa vadiação extraconjugal. Quando bebia, lembrava do pai. Com raiva ou admiração. Raiva porque perdera a fortuna herdada. E admiração porque era um safado. Repetia as palavras de seu pai no fim da vida: "O que se leva da vida é a vida que se leva. Gastei grande parte do meu dinheiro com mulheres e bebidas. O resto desperdicei!"

Vandão morava no bairro do Carmo. Casa própria. Tinha condução. Uma camionete que só usava no fim de semana ou para transportar algum objeto pesado para conserto. Casado com Lola, não tinha filhos. Jogava no bicho, na bocha, nas cartas e até palitos no boteco. Tinha como vizinhos: Agripino, casado com Nancy, carregador de sacos na máquina de arroz, e Tininha, casada com Perci, na realidade Percival, baixinho bravo, de voz fina e estridente. Vandão tocava violão. Gostava de serenatas. Certa noite, na janela de Agripino:

– Ouve esta canção que eu mesmo fiz pensando em ti, és a veneração Nancy. O Agripino levantou de cueca e deu uma tremenda surra no Vandão, que ficou sem trabalhar por vários dias.

De vez em quando, aparecia na redondeza o seu Maninho, montado numa mula preta bem alta, arreio encerado. Vestia camisa de mangas compridas abotoada até em cima, sem colarinho, substituído por um lenço preso num anel de osso com uma cara de cavalo esculpida. Era um rezador, benzedor, ensinava simpatias, "trabalhos", receitas de remédios caseiros. Conhecia, também, alguns alopáticos. Lola, ensinada por ele, chegou a fazer a novena de São Vicente, protetor dos viciados, para que o Vandão deixasse os seus vícios. Tudo em vão. Orientou que ela comprasse na farmácia um remédio chamado Antabuse. Deveria colocar um pouco na comida ou na bebida do marido. Ele teria uma reação por 24 horas, ficando com o corpo totalmente manchado de vermelho. Principalmente no rosto. Largaria de beber pelo susto. Comprou a droga, mas não teve coragem imediata de colocar em prática.

Enquanto isso, Tininha levara uma surra do Percival. Ela reclamou para o seu Maninho que "alguém andou colocando 'coisas' na cabeça dele". O rezador ensinou-a a como descobrir:

– Compre anilina vermelha em pedras (bagos) e sal grosso. Enquanto se benze, jogue os dois no fogo. À medida que o sal estala repita: "Não sei o motivo, mas aponte-me o ser vivo que me quer mal." Dentro de 24 horas, o malfeitor aparecerá na sua frente com manchas vermelhas no rosto.

Acontece que no mesmo dia Lola resolveu colocar o remédio na comida do Vandão. Percebendo, no boteco, que estava com a cara vermelha e manchada foi mais cedo para casa. Dia ainda claro. E ao passar pela residência de Tininha que varia a calçada:

– Boa tarde Tininha.

– Boa tar... Então é você seu desgraçado que está arruinando minha vida, cachaceiro, vagabundo.

Quebrou-lhe a vassoura na cabeça. Vandão apanhou sem saber a razão. A mulher dele assustou com sua cara. Não repetiu o que fez. No dia seguinte, ele já estava no boteco de novo, jogando palito a dinheiro. Nisso entra no recinto um maltrapilho, cabelo desgrenhado, boca banguela, magro, sujo. Vandão oferece, e ele aceita um lanche.

– Quer jogar? Eu pago pra você.

– Obrigado. Não jogo.

– Quer uma bebida?

– Obrigado. Não bebo.

– Quer um cigarro?

– Obrigado. Não fumo.

– Só falta dizer que também não vai à zona.

– Não vou. Sou fiel a minha esposa.

Vandão convidou o *virtuoso* para ir até a sua casa. Foi. E na presença de Lola contou sua vida. A mulher disse:

– E eu com isso? Por que você trouxe esse cara para casa?

– É para você ver como é que fica um homem que não bebe, não fuma, não joga e não trai a mulher!

CASOS DA VIDA

Minha tia Carmen veio me oferecer ingressos para uma feijoada beneficente. Embora com certa idade, ela é bastante vaidosa, no que está certa. Mostrava-se indignada com a falta de sutileza do cirurgião plástico que acabara de consultar. Perguntou ao médico: – Doutor com meu nariz dá para fazer um igual ao da Ana Paula Arósio?

– Dá sim, dá pra fazer três.

A vida é assim. Se prestarmos atenção, a todo instante acontece ao nosso lado uma história engraçada para melhorar o nosso astral. É preciso ver o que há de alegre na vida, procurando mudar o que há de triste. Ou evitar tristezas desnecessárias. Para fugir de programas desagradáveis da televisão, basta usar o controle remoto. Aliás, a peça mais importante do aparelho. E para ler tão-somente o que gosta, basta o livre-arbítrio de cada um. Simplesmente, não leia. E divirta-se com os casos engraçados que o dia-a-dia oferece.

Miguel Salada, compadre do meu pai, espanhol que nunca fez questão de aprender bem o português, estava ao telefone: – Olá Pedrito. Venga en mi casa tomar una bagaceira? Estoy com Manuelito, Gonçalon e Savedra. Viene?

– Non puedo. Estoy con gonorréia.

– Bueno, se es tu amigo, traga también.

Cícero, um nordestino, foi tentar a vida no Rio de Janeiro. Um conterrâneo lhe arrumaria emprego de garçom num restaurante de Copacabana. De madrugada chega à rodoviária arrastando uma mala de papelão, louco para chegar à casa do amigo. Sem conhecer ninguém. Apenas com o endereço no bolso. No ponto, um único táxi. Ele vai e bate na janela do motorista, lendo jornal e com um palito na boca.

– Que deseja?

– Eu vim de muito longe. Por favor, quero ir pra Copacabana.

– São cem reais.

– Mas é muito caro.

– Muito caro? Está chovendo. Não vou tirar meu carro assim, à toa. Cem reais ou não enche o saco.

O coitado, na chuva, abriu a mala, contou tudo o que tinha. Não atingiu setenta reais. Mostrou para o motorista e só pela cara feia não perguntou mais nada. Foi de ônibus. Passado um tempo, ele ganha a Mega Sena. Compra um apartamento duplex. E adquire o restaurante onde trabalhava. Dá uma chegada na sua terra natal para ajudar parentes e amigos e retorna ao Rio, agora de avião. Reconhece que o último táxi da fila de trinta era justamente aquele da rodoviária que três anos antes lhe deu o maior esculacho, deixando-o na chuva. Aí teve uma idéia genial de vingança. Foi no primeiro da fila: – Dou-lhe trezentos reais para me levar até Copacabana. Antes, porém, quero que pare num motel, vista uma saia, passa um batonzinho na boca, coloque uma peruca e seja minha mulher por meia hora. Meu sonho de consumo é faturar um motorista de táxi com traje feminino.

O taxista ficou muito bravo. Quando ia pegar uma arma no porta luvas, Cícero disse: – Calma, calma. Vou tentar o próximo.

E assim foi com mesma conversa abusiva até o vigésimo nono que também não topou, é claro. Mas dizendo a todos que conseguiria um, chegou no último. Justamente o que lhe tinha sacaneado: – Me leva até Copacabana?

– Claro meu amigo. O que houve com os colegas que estão todos exaltados?

– Nada. Seus colegas são uns ladrões. Pediram quinhentos

reais. É uma ladroeira. Eu pago duzentos. Você me leva?

– É claro que eu levo!

– Muito bem. Eu sabia que ia arrumar alguém. Então vamos. Agora, vai buzinando aí para a turma ver que eu encontrei um cara honesto como você. O taxista sai tocando a buzina, com o passageiro Cícero gritando na janela: – Olha que beleza, eu consegui, eu consegui!

CERTEZA E VERDADE

Pensar muito para falar e não falar tudo o que pensou é uma lição diária de vida. Isso porque nem tudo o que se pensa ou se julga pode corresponder à verdade. Palavra de difícil conceito que aparece em todos os momentos da vida, quando é essencial descobri-la. Por maior que seja a convicção de alguém sobre um fato ou uma determinada pessoa, pode não ser verídica. Quantos juram ter visto OVNI (objeto voador não identificado) ou ETs?

Há muitos anos um amigo araraquarense com seu pequeno avião decolou de Ilha Bela, litoral do estado de São Paulo, para prestar um favor, e nunca mais foi visto. Muitas histórias surgiram a seu respeito. De prisão a fuga para o exterior. Muitos juraram por Deus que o tinham visto de madrugada no seu escritório. Outros o viram algemado em Brasília. As versões eram as mais absurdas, e todas sustentadas com fervor. Tempos depois encontraram o avião destroçado na Mata Atlântica com seus ossos ali dentro. É assim a vida.

A prova testemunhal, ou seja, a que o cidadão presta a respeito de determinado assunto ou de uma pessoa, está sujeita a falhas, ditas com convicção da certeza. Muitos depoimentos em julgamentos no Tribunal do Júri apontam detalhes sobre fato acontecido há algum tempo. Grande parte irreal, embora relatados como verdade. Por isso, Malatesta sustenta que o

depoimento pessoal é a prostituta das provas. Por certo não teve intenção de ofender as profissionais do amor, mas a de registrar a sua fragilidade.

Até mesmo o silogismo com base em premissas equivocadas pode levar à mentira ou não corresponder ao verdadeiro. Por exemplo: Deus é amor. O amor é cego. Nem por isso todo cego é Deus. O Manoel perguntou e ensinaram-lhe o que é lógica:

– Você tem aquário em sua casa? O Manoel respondeu que sim.

– Bem, se tem aquário, tem peixes. E se tem peixinhos é porque você tem filhos, crianças. Certo? Se você tem filhos é porque você é homem. Isso é lógica.

Manoel, impressionado com a lição, perguntou ao Joaquim:

– Você tem aquário?

– Eu não.

– Então, você é veado.

Verdade é o que toda pessoa quer ouvir, mesmo desconfiando que seja mentira. Desde que lhe agrade passa a ser a sua verdade. Esta pode ser pura criação da mente de cada um, principalmente de quem fala. Até a mentira dita repetidamente pelo mentiroso passa a ser verdade para ele. Embora já com resquício de insanidade. Dizem que o tempo é o pai da verdade. Nem sempre. Muitos levam no caixão para o túmulo as suas inverdades, as suas mentiras, as suas calúnias, as suas difamações, as suas certezas, sabidamente inautênticas, mas nunca confessadas.

Maria, à beira da morte, disse ao marido que o primeiro filho do casal não era dele. Ele para surpresa dela disse: – Que alívio. Você me tira um peso da consciência porque o segundo não é seu.

– Mas como? Eu sou a mãe.

– Não é. Ainda no hospital você me entregou a criança toda suja e fedida para eu trocar a fralda, lembra? Eu fui ao berçário e a troquei por uma limpinha.

A mulher amorosa e lisonjeira, ao afirmar que prefere o marido tal como hoje, aos sessenta anos, a quando ele tinha vinte ou trinta anos, pode não estar falando o que sente, mas para o marido passa a ser a sua verdade.

Certa vez um amigo, ao escurecer, admirou por muito tempo "uma lebre" comendo grama e mexendo as orelhas. Depois verificou que era o vento que mexia um pedaço de jornal. A verdade é o que se imagina estar vendo ou ter visto.

Num elevador em Buenos Aires, à noite, entraram um brasileiro, um argentino, uma linda francesinha e uma velhinha alemã. Acionado o elevador, deu um apagão. No escuro, permaneceu cada um em seu lugar. De repente, ouve-se um beijo barulhento e, em seguida, uma bofetada. A alemã não diz, mas pensa: "Bem feito." Um dos homens aproveitando o escuro foi beijar a francesa e esta lhe pregou a mão na cara. A francesa, por sua vez: "Alguém quis me beijar e acertou a velhinha que esbofeteou o atrevido." O argentino: "Que brasileiro desgraçado, beijou a francesa e esta pensando que fui eu me pregou a mão no rosto." Ao retornar a energia saíram do elevador o argentino, a alemã e a francesa, cada um com a sua convicção. Por fim, saiu o brasileiro rindo: "Que barato. Eu mesmo beijei o meu braço e aproveitei para encher a cara do argentino."

CÉU OU INFERNO

O céu estava congestionando e, por isso, foi baixada uma portaria tornando mais difícil o ingresso. Num domingo à tarde, São Pedro estava sentado na entrada, de sandália franciscana, um pé no chão e outro na cadeira, coçando o dedão e ouvindo o seu radinho de pilha quando chegaram ao mesmo tempo quatro defuntos frescos. Três homens e uma velhinha. Formaram fila para o interrogatório para saber da viabilidade ou não de ingresso. Perguntado sobre a razão da morte, disse o primeiro:

– Caro São Pedro, eu sempre fui muito ciumento. Cismei que minha mulher estava me traindo. Fingi que ia ao Maracanã assistir ao jogo do Vasco contra o Madureira, mas voltei uma hora depois e flagrei-a de camisola, quase nua, com aquela cara de culpada pronta para dizer a célebre e conhecida frase: "Não é bem isso que você está pensando." Procurei homem pela casa toda e não encontrei. Fui até a varanda e vi as duas mãos de um homem nela dependurado. Tentei derrubá-lo, mas não consegui. Com um pau de macarrão quebrei todos os seus dedos fazendo com que a pessoa desabasse do 25º andar onde fica o meu apartamento. Para sua sorte, ele caiu sobre o toldo do primeiro andar e, em seguida, em sacos de lixo, salvando-se da morte. Não tive dúvidas. Num esforço tremendo, carreguei a geladeira nas costas até a sacada e atirei em direção ao desgraçado, acertando-o em cheio. Com toda a raiva e a força despendidas, deu-me um infarto fulminante que me matou.

– E você? Perguntou o Santo Porteiro para o segundo.

– Eu moro no apartamento do 26º andar. Estava podando umas flores na sacada quando escorreguei e caí. Para a minha felicidade consegui me segurar na sacada do apartamento debaixo. Mas veio o louco do meu vizinho, do qual esperava ajuda, quebrou-me os dedos fazendo com que eu caísse daquela altura. Por sorte, não morri. Tive a queda amortecida. Quando pretendia me levantar e agradecer a Deus pelo milagre, recebo uma geladeira na cabeça atirada lá do alto, matando-me instantaneamente.

Aí é a vez do terceiro: – Meu apartamento fica no quinto andar do prédio e já há algum tempo venho transando com uma vizinha do 25º andar. Uma mulher de fechar o comércio. Neste domingo, o marido resolveu voltar para casa antes do tempo presumido. Tive de me esconder pelado dentro da geladeira. Minha história completa a dos dois que me antecederam. Se esse esposo maluco tivesse ido ao jogo ou, então, aberto a geladeira, talvez nós três estivéssemos vivos.

Chega a vez da velhinha. Essa não permitiu que São Pedro fizesse perguntas. Foi ela quem antecipou as indagações. – Por que uma porta azul e outra vermelha?

São Pedro respondeu: – Pela azul entra-se no céu. Pela vermelha entra-se no inferno.

Nisso a velhinha pergunta a razão dos gritos de dor que vinham de dentro da porta azul.

– É que logo cedo chegou um homem tão bom, tão puro que ele está na oficina. Estão lhe fazendo um furo no lado direito das costas. Os gritos se transformaram em gemidos. De repente, nova gritaria de dor e gemidos.

– Agora, estão fazendo um furo do outro lado.

– Para que isso? pergunta a velha.

– É para lhe pôr uma par de asas. Ele é um verdadeiro anjo.

Nova gritaria e São Pedro explica: – Estão lhe fazendo furos na cabeça para lhe colocar uma auréola.

– Nossa que violento!

– Não quero ir para o céu. Prefiro o inferno.

– Não faça isso, disse São Pedro. O capeta vai lhe esperar na

porta. Ele gosta de mulheres idosas. Vai te estuprar de tudo quanto é jeito.

– Tudo bem. Pelo menos os buracos já estão feitos.

COISAS DE CASAIS

Não faz muito tempo, um juiz da Vara da Família recebeu um pedido de divórcio. Na audiência de tentativa de conciliação ele questionou: – A senhora tem certeza do que está pedindo? Divórcio por compatibilidade de gênios? Não seria o contrário?

Responde a mulher: – Não Meritíssimo, é por compatibilidade mesmo. Eu explico: eu gosto de cinema, meu marido também. Eu gosto de teatro, meu marido também. Eu gosto de bons restaurantes, meu marido também. Eu gosto de praia. Ele também. Eu gosto de homem e ele também.

Uma outra mulher estava assistindo televisão, sentada no sofá da sala. O marido sai do banho enrolado numa toalha. Chega à frente da esposa, despe-se e diz : – Olha, já pensou eu sair pelado para podar grama. O que as vizinhas diriam?

A esposa responde: – Bem, primeiro elas vão rir e depois propagar para todo mundo que eu casei por dinheiro.

A história é velha, mas é bom relembrar. Depois de uma longa lua-de-mel, o maridão diz à esposa: – Querida, até aqui foi tudo uma maravilha. Mas para você não dizer depois que eu a enganei, quero desde já impor algumas regras que deve saber e respeitar para a gente ser feliz.

– O.K., querido. Quais são as regras? Pergunta a esposa.

– Bem, eu quero lhe falar o que eu faço todas as noites. Na

segunda-feira, eu tenho um compromisso sagrado. Vou ao clube, tomo sauna com os amigos, participo da reunião do conselho deliberativo e depois bebo cerveja com a turma da diretoria. Portanto, com casamento ou sem casamento, eu vou! Na terça-feira, disputo o campeonato de futebol de grama. Depois a gente se reúne no bar. Nenhuma mulher vai me impedir, com casamento ou sem casamento, eu vou. Na quarta, jogo futebol na Usina do Joélsio. Em seguida, a gente prepara o que comer na cozinha que lá existe. Com casamento ou sem casamento, eu vou! Na quinta, tenho um compromisso inadiável. Vou à casa do Zezão cozinhar. Só vai homem. Trocamos e inventamos receitas. Faço isso há anos. Com casamento ou em casamento, eu vou. Na sexta, também não posso faltar. Jogo tranca no salão da indústria do Chico Astolfo. Com casamento ou sem casamento, eu vou. No sábado, há anos, tem reunião no bar da esquina, para tomar cerveja e pôr os assuntos em dia. São quase todos colegas de profissão. Com casamento ou sem casamento, eu vou! No domingo, almoço e janto com meus pais e com meus irmãos. Não vai mulher de ninguém. Com casamento ou sem casamento, eu vou.

Depois de cada regra a mulher respondia: – O.k., tudo bem, meu amor.

– Que bom que você entendeu. O nosso casamento vai durar para sempre.

E a mulher: – Espera, eu tenho apenas uma regra para impor. Todos os dias das oito às nove horas da noite, eu faço amor, com marido ou sem marido.

E um outro perguntou para a mulher: – Você me traiu alguma vez?

– Apenas três vezes e para lhe ajudar.

– Bom, em vinte anos de casados, até que não foi muito, disse ele.

– A primeira vez foi para arrumar emprego para você. A segunda, para conseguir aquela promoção que iria para o japa seu colega. E a terceira vez? Quando você se candidatou a vereador e seriam necessários dois mil votos para se eleger.

É DIFÍCIL MUDAR

Em todo final de ano há promessas de mudanças. Mas quando o novo ano se inicia as promessas são deixadas para trás. Como todo regime para emagrecer, que fica adiado para a próxima segunda-feira. A realidade é que todos têm medo de alterar qualquer sistema ao qual estejam apegados. Seja profissional, familiar, político ou social. Há o temor do novo. Do que é simples ou que pode ser simplificado. Muitos preferem o prolixo à síntese.

Parodiando a fábula dos porcos assados, conta-se que há muitos anos, num reino, todos os habitantes se alimentavam principalmente de carne crua de porco. Por essa razão, e eles não sabiam, muitos morriam ainda jovens ou tinham o movimento de braços, pernas e faces alterados. A média de vida era curta. Tudo porque a maior parte dos habitantes era portadora de cisticercose, com as larvas dos vermes cistóides da carne crua de porco passeando pelo cérebro dos súditos e provocando estragos no corpo de cada um, reduzindo-lhes o tempo de existência.

Certo dia, porém, houve um incêndio num bosque onde havia alguns porcos que morreram queimados. As pessoas, acostumadas a comer carne crua, experimentaram e gostaram da carne assada dos suínos. A partir daí, toda vez que queriam comer um porco assado incendiavam um bosque colocando ali o bichinho para morrer queimado.

O novo sistema de comer porco se propagou, mas muita coisa

precisava ser aperfeiçoada. Ora os porcos fugiam das chamas. Ora ficavam apenas tostados. Havia necessidade de se aprimorar a assadura de porcos, bem como a formação de bosques para serem incendiados.

E, desde então, o governo soberano passou a formar especialistas em assar porcos nos bosques. Foram estabelecidos cursos de porcologia. Congressos anuais com a apresentação de trabalhos sobre o assunto. Surgiram mestrandos e mestres em piroporcotecnia. Seminários sobre como colocar os porcos em pontos estratégicos dentro dos bosques antes de se atear fogo.

As escolas criaram a especialidade para incendiadores de bosques de assar porcos. Foi incentivada a anemometecnia, com a formação de anemometécnicos, especialistas na aferição da velocidade e direção dos ventos. Pois, dependendo de onde eles vinham, os porcos poderiam sair dos bosques crus ou malpassados.

Eram milhares de pessoas empregadas na preparação dos bosques que logo seriam incendiados. Formou-se um ministério para estudo de formação de bosques com árvores próprias para a queima necessária. Deveriam crescer rapidamente, não ter folhas, nem frutos e de fácil reposição.

Era problemática a colocação dos porcos antes de serem queimados nos bosques. Precisou-se de professores especializados nessas construções.

Surgiram Movimentos Sociais para que se desse à população pobre um pedaço de terra para formação de bosques para assar porcos. Mas pouco adiantaria o atendimento. Eles não teriam porcos para assar.

As universidades criaram cadeiras sobre a matéria. Nos encontros anuais, os porcólogos sugeriam aplicar triangularmente o fogo, depois de determinada velocidade do vento, posicionando enormes ventiladores em direção oposta para guiar o fogo sobre os porcos.

Um dia, um súdito e conselheiro, que fora Ph.D. em incêndio, chamado João Bom Senso, pediu uma audiência pessoal com o rei. Disse ao Monarca que os problemas poderiam ser facilmente resolvidos. Bastava matar, limpar e colocar o porco numa armação metálica sobre brasas, até que o efeito do calor (e não as chamas) assasse a carne.

O rei ficou indignado com a sugestão. – Você está doido? Está doido? Eu quero solução. Não problema.

– O que eu vou fazer com os anemometécnicos. Onde vou empregar o conhecimento dos especialistas acendedores? E os tecnocratas em sementes? E com as árvores importadas? E os desenhistas de instalações para porcos, com suas máquinas purificadoras de ar? Milhões de bosques plantados? E o Programa de Reforma e Melhoramentos do Sistema, na iminência de ser implantado pelo Ministério dos Bosques? Onde vou colocar os engenheiros formados em piroporcotecnia? Temos de melhorar o sistema. Não transformá-lo radicalmente. Você é um maluco, para não dizer aloprado.

João não disse mais nada. Saiu de fininho. E, daí em diante, Bom Senso nunca mais participou de qualquer reunião da monarquia. E quando alguém perguntava ao rei sobre o João Bom Senso. Ele dizia:

– Aquele pirado? Não sei. Nem quero saber. Assar porco na brasa!!!! Olha o cara, meu.

A PAIXÃO CEGA

Toda paixão principalmente a travestida de amor intenso ofusca a razão. Torna-se um furor incontrolável. Joaquim Lisboa vivia sossegadamente no ABC paulista. Como a filha mais velha, ao terminar o ensino médio, manifestou o desejo de fazer Odontologia, transferiu a moradia da família para Araraquara. Fixou residência na Vila Melhado. Comprou e reformou um salão no bairro do Carmo, estabelecendo-se como barbeiro. Era um dos bons. Salão de uma porta só, tendo uma janela tipo veneziana, confrontando com uma de vitral da casa vizinha. O corredor e um muro baixo separavam um imóvel do outro. Para claridade, mantinha a janela do salão semi ou inteiramente aberta.

Na casa ao lado, por coincidência, morava um conterrâneo, casado com uma linda loira de meia-idade. Não aparentava mais de quarenta anos. Pereira, o vizinho, não tinha filhos. Na casa ficava o dia todo tão-somente a esposa d. Cleuza, enquanto ele negociava frutas para vender no varejo, como também no atacado para as quitandas. Era um casal financeiramente bem-sucedido. Pereira só retornava ao lar à tardinha. Lisboa fez boa amizade com os vizinhos, mas de repente Cleuza resolve infernizar a vida do barbeiro.

Ao perceber que a espiava, até pelo vitral, enquanto tomava banho, passou a se insinuar para ele. Era hábil na arte da sedução. Escancarando os vidros, totalmente pelada sob o chuveiro. Lisboa, quando

estava atendendo os fregueses, girava a cadeira de forma que ele ficasse de frente para a vizinha, e os clientes, de costas. Ele ia à loucura. Apaixonou-se rapidamente. Um dia, descuidou-se e raspou a sobrancelha do freguês ao invés de aparar o seu bigode. Ele girava a cadeira feito louco. Queria morder o amolador de navalha. Bebia água velva. Amolava o pente e penteava com a navalha. Uma loucura!

Logo depois que o marido chegava, ela com'ele saía sobriamente vestida. Passavam pela barbearia com todo respeito: – Boa tarde, senhor Lisboa. Iam para uma comunidade religiosa aconselhar noivos em véspera de casamento quanto aos bons costumes.

Com o tempo a amizade aumentou. E a tara de Lisboa pela Cleuza ainda mais. Pereira e sua mulher crismaram uma filha do barbeiro. Como compadres se visitavam. E nessas visitas, enquanto jogavam cacheta, Cleuza passava o dedão do pé sob as calças do compadre que perdia a noção das cartas que manuseava. – Preste atenção, dizia sua esposa.

Ele já não agüentava mais.

Um dia ouviu Pereira dizer para Cleuza que tomaria o trem das vinte horas para São Paulo. Precisava pegar uns documentos na casa de parentes em Santo André. O barbeiro achou que esse seria o dia fatal! O dia D. Agora ou nunca. Foi para casa. Tomou banho. Passou seiva de alfazema pelo corpo. Deu uma desculpa para a mulher e, logo após o apito do trem, foi a casa do compadre, certo de que este já estaria muito longe. Porta encostada. Entrou à sorrelfa. Pé ante pé. Foi para o quarto do casal onde ouviu o barulho do chuveiro. O mesmo palco que o deixara enlouquecido. Pensou que a comadre estivesse tomando banho. Não teve dúvida. Tirou a roupa. Ficou pelado e deitou na cama do quarto. Vermelho, com o coração a mil.

Acontece que de última hora houve uma inversão. Foi a mulher que viajou. Para sua surpresa, sai do banho o compadre Pereira enxugando suas costas peludas. Leva um tremendo susto e pergunta ao Lisboa: – O que está fazendo pelado na minha cama?

E o barbeiro, não tendo saída melhor, improvisou: – Fiquei sabendo que a comadre viajou e aí... vim estar contigo no lugar dela.

O caso virou piada. Não se soube se rolou ou não um clima

entre os dois nem o que realmente aconteceu. Sei apenas que o barbeiro ficou louco. Foi para o hospício onde ganhou o apelido de *boiadeiro* por andar o dia todo com uma cinta feito um laço, gritando sozinho e ininterruptamente: – Vaca, onde se escondeu? Cadê você sua vaca? Vou te pegar, vou te pegar...

A ARTE DE OUVIR

Todo homem já deve ter experimentado o dissabor e o desconforto de estar falando e perceber que não está sendo ouvido. Seja num simples diálogo ou perante uma platéia. Um dos grandes problemas da comunicação é o de como alguém ouve quem está falando. Raras pessoas ouvem exatamente aquilo que quem fala quer dizer. Sem exceção de classe, idade ou sexo. Escutar não é o mesmo que ouvir. Quase sempre se ouve o que se quer, ouve-se o que o outro não está falando. Ouve-se o que se imagina ter ouvido. Ouve-se já pensando na resposta que se vai dar. Ouve-se com raiva ou com ódio. Ouve-se com soberba, jactância e orgulho. Com desdém. E, em muitas vezes, nem se deixa o outro falar, interrompendo-o inconvenientemente, cortando-lhe de vez a concatenação de sua explanação. Até mesmo ao telefone há quem atenda com uma simples palavra antipática: – Fala. E outros, da mesma forma, quando são atendidos, dizem: – Quem?

A pessoa que não sabe ouvir tem sempre um aceno de cabeça, um ar severo, má postura, rosto carrancudo, sobrancelhas franzidas, olhos errantes, pernas entrecruzadas, bocejos e outras atitudes análogas censuráveis.

Há muitas e excelentes obras sobre como falar ou comunicar-se, mas pouco ou quase nada sobre *como ouvir.* Ouvir é difícil. Envolve interação entre quem fala e quem ouve. Exige uma certa cumplicidade, respeito, compaixão e convívio. Exige empatia. Ouvir é um constante desafio para aceitar

quem fala como ele é, tirando proveito do que pode ser aproveitado. E isso exige humildade. Um comportamento sem ostentação, arrogância, acinte ou insolência.

Ouvir é proeza, é façanha, é heroísmo. Plutarco, escritor grego, dizia, há quase dois mil anos, que o ouvido é o órgão da sabedoria. Ao ouvir aprendemos mais a pensar do que a falar. Ouvir é raridade, finura e preciosidade. Saber ouvir é tão importante que, no momento em que se conseguir ouvir a própria voz, haverá moderação na fala. Isso se aprende sozinho ou com ajuda da fonoaudióloga. É só experimentar. É difícil, mas não impossível. Se aprendermos a ouvir a própria voz, aprenderemos a ter paciência, tendo em vista a interação e compreensão, para ouvir quem nos fala.

Ouvir é uma maneira de aprender. Por mais simples que seja o emissor, alguma coisa de útil terá para transmitir-nos. E se nada tiver, aprenderemos a não cometer os seus erros. É fácil falar. Difícil é ouvir a própria consciência. Ouvir com benignidade. Ouvir o barulho do silêncio. Ouvir a voz de Deus. Ouvir com carinho, amor e atenção o que falam os filhos, os pais, os amigos, os esposos, os jovens e os velhos, as crianças e os adultos, os amantes, os estudantes, os professores, os religiosos e os desafortunados da vida.

A criança nasce sabendo ouvir. Basta atentar para sua preferência pelo lado esquerdo do colo da mãe para mamar. Isso porque aprendeu, ainda em gestação, a ouvir a batida amiga do coração materno. Desaprende depois que cresce. E com os que já cresceram. Ouvir envolve renúncia, altruísmo, entrega e abnegação. Significa amor e atenção ao próximo. E muita paciência, desprendimento. Mesmo que o ouvinte tenha razão para criticar, responder ou acrescentar, deve antes ouvir atento e sem interrupção. O bom ouvinte tem doçura no olhar e suavidade no semblante. Ouvir bem não é o mesmo que silenciar pateticamente diante de quem está falando. O silêncio tem mais a ver com o saber calar. Sabendo ouvir, veremos o que se passa à nossa volta. E sem este comportamento sincero e autêntico de atenção e paciência para com aqueles que caminham conosco, não poderemos exigir que Deus ouça as nossas preces.

É preciso harmonizar vozes e ouvidos para criar um campo mundial telepático e magnético, de troca de crescimento em todos os sentidos,

fertilizar o ar e a terra com sementes de amor, respeito e consideração.

E a regra se resume simplesmente em tratar todos como gostaríamos de ser tratados.

A ARROGÂNCIA

A soberba é um dos maiores pecados capitais. Significa presunção, vaidade, jactância, impertinência, orgulho, tirania, principalmente arrogância, o pior dos seus sintomas. É sinal de inferioridade, de megalomania, de delírio de grandeza. Ao contrário da humildade, sinônimo de tolerância, de compaixão, de paciência e, sobretudo, de simplicidade, que reina no mais alto grau da sabedoria.

Bem entendido, humildade não quer dizer humilhação. Ninguém tem o direito de humilhar quem quer que seja. Nem a obrigação de se sentir humilhado. Toda humilhação deve ser repelida. A toda ação corresponde outra igual e em sentido contrário.

A arrogância não é privilégio de ricos ou de autoridades. É verdade que entre esses há os arrogantes que, um dia, desprovidos do cargo ou diminuída a fortuna, tornam-se pessoas "simples" por conveniência, passando a aceitar a participação até mesmo em velórios concorridos para serem notados ou terem com quem conversar. A arrogância é cultivada em todas as classes sociais e funções. Das mais simples às mais sofisticadas: de um bedel, de um segurança de supermercado, de um porteiro de clube aos mais elevados postos do Executivo, do Legislativo e do Judiciário.

Há arrogância de patrões com os empregados. Mas também (e talvez até mais) de empregados em relação aos que lhes dão emprego.

Muitos daqueles se acham com o direito da carranca, da má educação, da falta, dos atrasos injustificados etc. Basta dar um cargo de chefia a um subordinado para verificar de que forma tratará imediatamente seus colegas. Há um ditado que diz: "Quer conhecer o vilão? Dê-lhe um bastão." Não é a regra, é bom que se diga. Já o empregador deve ser, segundo eles, educado, paciente e pontual com suas obrigações.

Até marido de mulher feia é arrogante perante aquele que tem esposa bonita: – Pelo menos a minha ninguém cobiça. Há o fracassado que se dá o direito de ser arrogante frente ao que teve algum sucesso, porque alguém lhe assegurou que "é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu". Há entre as autoridades os "sabe com quem está falando?" Aqueles que, por serem chamados de "excelência", acabam acreditando que estão acima do bem e do mal. Felizmente são raras exceções.

Cortesia não faz mal a ninguém. Ensina a vida que respeito se adquire não se impõe. Uma pessoa honrada e humilde é maioria de um. Todo preconceito é fruto do orgulho, da arrogância, da intolerância e da prepotência. E tem origem em qualquer poder, seja intelectual, financeiro, político, religioso, artístico e de autoridade – da inferior à superior. Ou na inveja.

É velha a lição de que é necessário um verdadeiro heroísmo para conquistar a si mesmo. O vaso sanitário é um lugar que, em vida, iguala todos: brancos, negros, amarelos, pobres, ricos, humildes e arrogantes. Após a morte, são nivelados pelos sete palmos de terra fria.

O arrogante vive de auditório. Necessita de cúmplice. Vive de falsos amores e falsas amizades. O desprezo seria para eles a antecipação da morte. Para se usar um termo moderno, é necessário que ele seja deletado. Colocado na lixeira. Às vezes, o arrogante recebe uma lição de pessoas simples.

Um rico advogado foi caçar patos selvagens. Um pato abatido caiu num terreno vizinho. Quando foi buscá-lo, um velho montado numa mula o repreendeu:

– Moço, isto é particular!

O causídico lhe falou que o pato lhe pertencia. O velhinho retrucou que tendo caído na sua propriedade o pato era dele. E o advogado

replicou:

– Sou muito famoso, meto-lhe um processo. Além de eu ficar com o pato, vai precisar vender a propriedade para indenizar-me.

O velhinho ponderou:

– Vamos usar a nossa regrinha mineira de resolver pendenga?

– Como é isso?

– Eu lhe dou três chutes. Depois, você me chuta três vezes. Aquele que agüentar caladinho ou gritar menos vence e fica com o pato.

O advogado topou principalmente em razão do físico e da idade do adversário.

– Eu sou mais velho, chuto primeiro.

O advogado concordou. O caipira desce da mula e lhe dá um pontapé no meio das pernas. O advogado abaixa de dor e recebe outro no rim. Curva-se mais e o velho quebra-lhe o nariz com o bico da bota. O advogado, com o nariz sangrando, levanta e fala:

– Agora é a minha vez. Sou faixa preta em caratê, diz arrogantemente.

E o velho:

– Desisto da disputa. Renuncio ao meu direito. Você ganhou a pendenga. Pode ficar com pato. Monta na mula e vai sussurrando:

– Eu nem gosto de pato mesmo...

A DOENÇA DE OTELO

Recordo-me, de vez em quando, dos julgamentos dos quais participei como escrivão pelo Tribunal do Júri da Comarca, lembrando-me do absurdo motivo de alguns deles. Do marido que matou com catorze facadas a mulher que costurava às três da tarde, porque lhe recusara sexo em razão da presença de seus filhos menores. Enquanto esfaqueava a indefesa, gritava o assassino "você só pode ter outro homem". Em outro caso, a mulher apanhava do marido todos os dias ao anoitecer, também por ciúme infundado. Um dia, ela aguardou o sono dele, cobriu-lhe com um lençol e com o olho do machado arrebentou sua cabeça. "Este não terá mais ciúme nem baterá em mais ninguém." "A coberta", disse ela, "era para não sujar a parede de sangue."

O ciúme, que os dicionários definem como o estado emocional complexo que envolve um sentimento penoso provocado em relação a uma pessoa de quem se pretende o amor exclusivo, tem sido, com a inveja, uma das principais causas de crimes contra a vida e também contra a honra.

A pesquisa forense informa que as pessoas ciumentas sempre olham para tudo com óculos de aumento, os quais engrandecem as pequenas coisas, agigantam os anões e fazem com que as suspeitas pareçam verdades, como observava Cervantes.

Sócrates, afirmando que o ciúme é um sentimento que tem a idade do homem, chamava-o de "a dor da alma".

É claro que há também o ciúme pernicioso entre familiares, muitos com origem na inveja de pessoas felizes, amigos, intelectuais, profissionais e outros tantos, mas é certo que esse sentimento se torna mais perigoso para o companheiro ou companheira, alvo dele quando essa visão irreal se transforma em patologia.

William Shakespeare chama essa doença social de "monstro de olhos verdes", e é sobre o ciúme a sua obra do século XVII, *Otelo, o Mouro de Veneza.* Movido por um ciúme doentio, que o faz desconfiar que sua mulher Desdêmona tenha um caso com o tenente Cássio, e influenciado por Iago, Otelo acaba matando a doce, fiel e generosa esposa. E depois se suicida ao descobrir a verdade.

Muitos Otelos e Desdêmonas encenam ainda hoje, mas na vida real.

Muitas mulheres, no entanto, não se irritam com homens ciumentos, porque não sabem se o ciúme é homenagem ao seu amor ou ofensa à sua virtude.

O ciúme, afirmam os psicólogos, faz com que o ciumento veja sombras, fantasmas, com voz, com físico, com vida. Mas são visões. Nada mais.

Ciúmes é um sentimento que vem embrulhado em medo. É o maior de todos os males e o que menos compaixão desperta nas pessoas que o causam (François de La Rochefoucauld).

O ciumento, como doente que é, tem ciúme do olhar, do andar, das mãos, do dormir, do sonhar e do pensar da pessoa enciumada.

Dizem que um cidadão casou-se com a moça mais linda de uma cidade. E num crescente sentimento de inferioridade e de falta de amor próprio foi cultivando um ciúme maluco. Certo dia, mordido pelo fantasma da suspeita, resolveu arrancar os olhos de sua amada para que ela jamais olhasse para qualquer homem. Podia ainda falar com outras pessoas. Então, cortou-lhe a língua. Para não sorrir, extraiu-lhe todos os dentes. Em seguida, amputou-lhe os braços para afastar a possibilidade de abraçar estranhos. Não satisfeito e preocupado com a chance de fuga, cortou-lhe as duas pernas.

E vangloriava-se: – Ficou feia, mas é minha. Não corro risco

de perdê-la.

Certa noite, chegando a casa depois do trabalho, não a encontrou. Fora raptada pelo dono do Circo dos Horrores.

A INDEPENDÊNCIA DA MULHER

Há mais de trinta anos, colaborava com o Juízo de Menores, hoje da Infância e Juventude, chefiando o comissariado da comarca. Um dia, à noite, dez horas mais ou menos, recebo uma ligação. Voz feminina. Queria falar comigo. Era urgente. Estava na iminência de pôr fim à vida. Perguntei de onde falava: – Da praça Pedro de Toledo. Pedi que fosse até a delegacia de polícia que ficava na esquina da Rua Itália com o Duque de Caxias e me aguardasse na sala do delegado de plantão. Na delegacia encontrei uma menina de 15 anos de idade mais ou menos, ainda com o uniforme do colégio. Queria autorização para não voltar para casa, pois seu pai, todos os dias, praticava com ela atos libidinosos, sem seu consentimento, enquanto ela dormia ou fingia dormir.

Perguntei se o quarto não tinha porta e ela disse: – Ele arrancou. Procurei seus familiares e pedi que um tio fosse até o local e a levasse para dormir na casa dele. Que era a casa da avó também. Improvisei uma intimação para que ela e a mãe comparecessem ao fórum. No dia seguinte, no gabinete do juiz e na presença da mãe, ela repetiu a história. O juiz perguntou para a mãe se ela sabia desse comportamento do marido. Respondeu que sim. E o juiz pediu que ela confirmasse tudo por escrito, a fim de pôr o safado na cadeia.

– Na cadeia doutor? – disse a mãe. Eu tenho mais cinco filhos.

O senhor vai sustentar a minha casa? Eu não assino nada, e se o senhor abrir processo, eu digo que tudo é mentira.

Conseguimos, no máximo, que a menina fosse morar com parentes em outra cidade, onde se casou. Lembrei do caso porque, recentemente, li no jornal sobre o falecimento do pai sem-vergonha, com aquela nota hipócrita: "A família com pesar e saudade comunica..." Fala sério!

Nessa época, o número de mulheres que trabalhavam era pequeno. Muita mulher não largava do marido, por não ter para onde ir. A mulher comandava apenas o seu departamento FFPT (forno, fogão, pia e tanque). O marido chegava a casa, metia os pés nas chinelas, e ainda palitando o salaminho que comeu no boteco, com cerveja ou cachaça, acomodava-se, perguntando para a mulher cansada, olheirada e de bobes no cabelo: – Benhê, o que você fez de bom pra comer? Benhê, você passou aquelas camisas que eu te pedi? Benhê, você pregou aquele botão?

Com o tempo a mulher gritou *shazan* e virou a Mary Marvel, irmã do Capitão Marvel, imbatíveis heróis das histórias em quadrinhos. E voando para todos os lados, foi à luta e tomou o emprego dos homens com igual ou maior capacidade, tornando-se independente financeiramente ou pelo menos arrimo da família em pé de igualdade.

Aliás, o avanço da tecnologia e o enfrentamento pelas mulheres são as principais causas da estatística negativa de empregos, porque, antigamente, não se contava a mulher como desempregada. E mesmo com múltipla função, a mulher não quer voltar para casa. Prefere administrar o lar e continuar a trabalhar para ter a faculdade de botar o marido para fora. Hoje, a mulher já não agüenta com a mesma paciência do passado o marido galã de parque de diversões e "pé de cana". Aquele que atinge a amnésia alcoólica e pratica todos os tipos de violência. Como aquele marido que chegou de madrugada ao seu condomínio e interfonou ao primeiro andar. Atendeu uma mulher:

– A senhora é casada?

– Sou.

– O seu marido está? Sim?

Desligou. Ligou para o segundo andar, a mesma pergunta e a

mesma resposta. Assim que ligou para o nono andar e, já xingado pelas moradoras dos oito anteriores, fez a mesma pergunta, e a mulher respondeu:

– Sou sim.

– O seu marido está?

– Não.

– Já é madrugada e aquele vagabundo ainda não chegou.

– Por favor, disse o esponja, dá para a senhora descer e ver se me reconhece.

Hoje, os maridos correm sério risco, ao contrário daquele pai tarado, recentemente falecido, de chegar a casa e não conseguir abrir a porta, pedindo para a esposa: – Querida, mãe, neguinha, abra a porta. Acho que minha chave quebrou.

E ouvir do outro lado: – Benhê, a chave não quebrou não. Eu troquei a fechadura. Vá dormir nos quinto dos infernos.

A MENTE E O MEDO

A felicidade é estado de espírito. É a própria paz de espírito, como diz Dalai Lama. É feliz quem tem o hábito de ser feliz, e é infeliz quem tem o vício de ser infeliz. A vida por si só cria tantos problemas que incomodam nossa felicidade, que seria uma insensatez se procurássemos, ainda, destilar infelicidade em nosso espírito. Aceitem ou não a influência do pensamento positivo, a verdade é que as pessoas infelizes adoecem mais facilmente que as felizes.

Inúmeras expressões e frases corriqueiras abalam e arrefecem nosso sistema imunológico: "estou enojado desta vida", "hoje vai ser um dia negro", "tudo vai sair errado", não vou conseguir", "estou na profissão errada", "vai piorar". Se uma pessoa assume essa atitude mental logo pela manhã, fará com que assim seja realmente. São os pessimistas que amanhecem optando pela infelicidade; enquanto o otimista pode ter até o bacilo da tuberculose, mas não será um tuberculoso, pelo suporte mental que carrega. A vida de um homem é o que seus pensamentos constroem. É aquilo que ele pensa o dia inteiro. Os pensamentos funcionam como imãs que atraem os acontecimentos para a nossa vida. Bons ou ruins.

Um dos maiores inimigos que desgoverna e enfraquece a mente, atraindo a infelicidade, é o *medo*, esse estado em que se envolve a pessoa, suscitado pela consciência do perigo, muitas vezes, para não dizer sempre,

imaginário. Teme-se um inimigo que não existe. Medo de altura, de avião, do mar, de cães, de tempestade, de fogo, de multidão, de doença, de dor, do "que os outros vão falar", da pobreza, do ambiente fechado, de perder o emprego etc. Não que inexista perigo, mas o medroso sofre por antecipação. Por hipótese. Por fatos que não chegam a acontecer. Há os que querem viver muito, mas temem a velhice. Não existe outra forma de viver bastante sem envelhecer. Roosevelt dizia que a única coisa da qual devemos ter medo é do próprio medo. Este paralisa a pessoa, desligando o seu sistema nervoso, como um curto-circuito desliga uma linha telefônica. Deve-se lutar para não ser dirigido física, mental, emocional e espiritualmente pelo medo. Só com o fortalecimento da mente é que ele será afastado. Depende de cada um.

A meditação (ficar absorto), por curto espaço de tempo, diariamente, é uma grande terapia. Meditação é apenas encantar-se com sua própria presença. Pela meditação e oração a pessoa se blinda. E todo mal que lhe é dirigido, retorna redobrado ao maldoso. A meditação é não fazer nada. Nenhuma ação. Nenhum movimento. E essa prática expulsará sentimentos de culpa, mágoas, frustrações e, principalmente, o medo.

O incômodo provocado por eventuais invejosos, maldosos ou aloprados que andam à solta, tentando causar algum mal, não pode ser motivo de desconforto. A paciência, sabedoria da espera, dará uma blindagem espiritual e um escudo para o ricocheteio. O exercício da gentileza também é comprovadamente forte terapia para qualquer síndrome do pânico. A gentileza é ponto de partida, o manancial do qual nascem outras qualidades positivas, como a honestidade, a tranqüilidade, a generosidade, o afeto e a compaixão.

O psicoterapeuta italiano Piero Ferrucci, seguidor da psicossíntese fundada pelo psiquiatra Roberto Assagioli, conclui que as pessoas gentis são mais felizes e bem-sucedidas, sem medos, fobias ou angústia. A pessoa gentil é naturalmente calma, de mente tranqüila e positiva. Agradável, espiritualmente protegida, radiante, empática e serena. Não dá para imaginar uma pessoa gentil e ao mesmo tempo nervosa, estúpida, negativa, agressiva, melancólica e medrosa.

Dizem os estudiosos que o medo só pode ser admitido em pequena dose, como profilaxia dos impulsos da juventude, como lição para o

aprimoramento da vida, moldando seus gestos, hábitos, atos e suas palavras, num aprendizado da prudência, virtude que faz prever e procura evitar as inconveniências e os perigos de um comportamento inadequado. Como o de um rapaz de 16 anos que pediu ao farmacêutico uma camisinha e foi logo dizendo:

– Hoje vou conhecer a família da minha namorada num jantar na sua casa. Quem sabe depois não rola uma relação sexual.

Voltou minutos depois e comprou a segunda. Mais uma vez, imprudentemente, falou para o mesmo vendedor: – A prima dela também vai. Se der chance eu...

Retornou mais uma vez e ao mesmo farmacêutico pediu a terceira camisinha: – Falaram que a mãe dela é uma coroa gostosa que flerta com rapazes. Se der chance, aplaco a velha.

Nas três vezes, o farmacêutico só ouviu. À noite, durante o jantar, o rapaz permaneceu imóvel num canto da mesa, mudo e pálido. A namorada observou:

– Eu não sabia que você era tão tímido.

E o jovem respondeu: – E eu não sabia que seu pai era farmacêutico.

O RETIRO DO BIGUÁ

Há muitos anos quatro amigos se reuniam, diariamente, à tarde, no Bar da Dona Nica, no bairro do Carmo. Biguá, mecânico e proprietário, em sociedade, de uma oficina de conserto de veículos e reposição de peças. Bigode, um pintor de parede, bastante requisitado. Jeremias, rodoviário respeitado, e Paulo Apache, um marceneiro autônomo, exímio tocador de violão. Reunião para jogar prosa fora e tomar umas e outras. Bebiam pinga com suco de limão e encerravam com cerveja, com exceção do recatado Jeremias que, às vezes, tomava um chuvisco (pinga com soda limonada). Os três eram auditório de Biguá. Contador de verdades e de mentiras. Papudo, falava sem pudor, de suas aventuras com mulheres, solteiras, casadas, viúvas e até com uma cunhada. Não tinha vergonha de apontar: – Essa eu já... Conhece a filha de fulano? Eu já...

Ele era o último a chegar ao bar. Quando se aproximava, os três apontavam: – O *Jacomi* está chegando.

Jeremias, que andou lendo uns almanaques de religião, considerava-se um teólogo e conselheiro. Para qualquer situação tinha uma frase pronta. Era um *caga pensiero.* Não gostava de Carnaval. Nessa época, fazia retiro espiritual. Tornou-se um *recuperador* de almas perdidas ou a se perder.

Biguá era pândego. Durante o Carnaval, no jogo de futebol

entre *homens e mulheres,* ele atuava sempre e com graça no time das "mulheres". Com a ajuda da esposa, vestia uma minissaia, enchia um sutiã com papel amassado, colocava enchimento nas nádegas para parecer mais adiposa. Exagerava na pintura dos lábios, colocando um turbante na cabeça. No meio das pernas, amarrada na cintura, portava uma longa rama de mandioca vassourinha. E o povo se divertia. Pois quando corria, balançava aquela raiz tuberosa, arrancando risos de todos que lotavam o campo do Brazão.

Em um Carnaval, Jeremias convenceu Biguá a fazer um retiro religioso: – Para se encontrar com Deus. Já que achava muito depravado o comportamento do amigo. A família do Biguá adorou. Mulher e filhos já imaginaram o pai não bebendo, nem gastando dinheiro em farras. Farras que falavam, mas que a esposa não tinha certeza.

A mulher fez um enxoval para o Biguá. Um pijama novo de calças curtas, chinelos de borracha, cuecas novas, uma calça rancheira, camisa de manga comprida, que mal cabiam na mochila.

O retiro era de quatro dias. Sábado, domingo, segunda e terça de Carnaval. Retornaria na Quarta de Cinzas.

Chegando ao retiro, fora da cidade, foi recepcionado pelos *recuperadores*. Alguns conhecidos, como Jeremias, e outros não. À noite, após prolongada preleção, Biguá, todo cheio de sentimento de culpa, começou a se entregar. – É verdade. Eu sou um sem-vergonha...

E os *salvadores*: – Você, aqui, se encontrará com Deus. Quando menos esperar vai ter um sinal.

Ele foi tomar banho. Não gostando da água muito quente, pelado e molhado ao regular a temperatura do chuveiro, levou um tremendo choque de enrolar a língua. Os *mestres* lhe disseram que era um sinal divino. Conversa vai, conversa vem, Biguá já estava chorando de arrependimento. Na segunda-feira, fizeram com que Biguá se ajoelhasse em milho, sem camisa. Preparado para o que iria acontecer, Jeremias começou a lhe dar cintadas nas costas, enquanto exigia: – Confesse seus pecados... E outro apertando sua cabeça, como se fosse parafusá-la no pescoço, gritava: – Saia demônio desse corpo que não te pertence... E o Biguá, apanhando: – Perdão Senhor. Eu sou um pecador. Adúltero. Safado. Engano meu sócio. Saio com a cunhada.

Invento defeito nos veículos para cobrar mais caro e vender peças desnecessárias. Eu mereço o castigo... A sessão demorou mais de meia hora.

À noite, na véspera de ir para casa, Jeremias e os demais convenceram Biguá a confessar os seus pecados quando chegasse em casa. – Caso contrário você não será perdoado.

Na manhã seguinte, recepcionado pela família, ajoelhou-se aos pés da mulher e colocou tudo para fora: – Lembra quando você foi para Itirapina visitar sua tia? Estando as crianças na escola, levei até "traveca" para nossa cama. Transei com sua irmã... e outras barbaridades. Sem esperar a reação da esposa correu para a casa do Mirão, seu sócio, e confessou suas falcatruas. Uma semana depois no Bar, quando Jeremias se orgulhava perante o Bigode e Paulo Apache, da sua façanha, chega o Biguá, que sem falar nada, dá um soco na cara do Jeremias: – Desgraçado, lazarento. Você arruinou a minha vida. Perdi mulher e o amor dos meus filhos. O sócio quer a parte dele para ir embora. Estou dormindo numa cama improvisada na oficina, sem falar da surra que levei da minha cunhada por revelar o nosso segredo.

A turma nunca mais se reuniu.

Os amigos não afirmam se o demônio deixou o corpo do Biguá. Mas se saiu ninguém sabe quem ficou no seu lugar.

O SHOW DO TABOSA

Não sei quem inventou a lua-de-mel ou viagem de núpcias. Deve ter sido alguma agência de turismo. Antigamente entre as famílias mais humildes o homem *roubava* a moça que com ele passava uma noite fora de casa. Isto significava que eles iriam se casar. Era uma lua-de-mel antecipada. A viagem de núpcias é um momento único vivido pelos nubentes. Inesquecível. Geralmente, a preferência é por lugares calmos e aprazíveis. E sempre de acordo com os recursos financeiros do casal.

Difícil é a lua-de-mel sem dinheiro. Quando casei fui de ônibus para São Paulo e daí para Santos, onde passamos uma semana numa pensão escolhida a dedo por incluir na diária o café da manhã, o almoço e o jantar. Passar a lua-de-mel em Santos era chique. Até hoje sinto na boca o gosto da maionese de batatas com marisco, servida em todas as refeições. Vão gostar de maionese assim... Havia ainda a faculdade de ver televisão numa sala coletiva. Se retrocedesse no tempo não faria lua-de-mel. Iria da igreja para casa, o novo lar. Trancaria as portas, colocando pelo lado de fora "não perturbe".

Um casal foi fazer a lua-de-mel. Viajando de trem passaram por um túnel comprido e escuro. O maridinho disse para a mulher: – Se soubesse que era tão longo assim, eu teria feito amor. A mulher assustada falou: – Quer dizer que não foi você?

Mas a viagem de núpcias é necessária para que o casamento seja completo. Com fotografias e histórias para serem lembradas e contadas. Como a que ouvi reiteradamente e com detalhes do Frederico e da Natália. Quando casaram eles foram para uma estância isolada no alto de um morro. A cidade mais próxima, praiana, com pouco mais de cem mil habitantes, ficava a quinze quilômetros dali. À noite, resolveram visitá-la. De porte médio, mas muito agitada. Passam por um restaurante que anunciava: "Hoje Show do Tabosa". Proibido para menores de 21 anos. Jantar incluído no ingresso. Num recinto o *self service*. Depois se dirigiram para um pequeno teatro ao lado com um auditório de quarenta lugares. Pequeno palco em forma de meia-lua, escondido por um cortinado vermelho. No auditório pouca iluminação. De repente, abre a cortina vermelha. No centro do palco um colchão redondo sobre um estrado. Chega o Tabosa, trajando apenas um vistoso roupão azul. Cumprimenta a platéia curvando-se em direção ao público. Já pelado, num ritual de acasalamento, mantém relações sexuais simultâneas com três donzelas. Uma loira, uma morena e uma mulata. O público comportado. Sem assobios. Sem gracejos. Sem sacanagem. Era mais um espetáculo de virilidade e saúde, do que propriamente pornográfico. E naquele tempo não havia energético algum. Para terminar o show, um assessor coloca no palco uma pequena mesa e sobre ela três nozes, que são rachadas pelo Tabosa, com sua *ferramenta* de trabalho. O público aplaude em pé. E o artista, de roupão posto, retira-se respeitosamente. Ele já passava dos quarenta anos. Falavam que se apresentava há mais de dez e que seria o proprietário do estabelecimento. Fred e Nat contaram a história dezenas de vezes.

Para comemorar bodas de prata, resolveram fazer aquele mesmo percurso. A mesma estância. E naquela cidade, tiveram a curiosidade de passar em frente ao restaurante. Para surpresa estava ali o cartaz: "Não percam o Show do Tabosa".

– Não é possível, disse o Fred.

Compraram ingresso e entraram. Idêntico espetáculo. É claro que as moças eram outras. Mas Tabosa, o mesmo. Já com fortes entradas na testa, cabelos brancos e compridos, presos em um rabo-de-cavalo. Um pouco mais magro. Devia beirar os setenta anos. Com a mesma performance e

desempenho repetiu o show. Só o final foi diferente. No lugar de três nozes, ele quebrou três cocos verdes. Um de cada vez, com certeiras cacetadas. Fred e Nat não agüentaram e foram ao camarim pedir autógrafo. Tiveram a curiosidade de lhe indagar o porquê de não utilizar mais as nozes. Já vestido, colocando a mão no ombro do Fred disse: – A idade meu senhor. A idade. Com o tempo a vista vai enfraquecendo. Um dia não consegui acertá-las. Daí em diante, passei a quebrar cocos. São maiores e bem visíveis.

Na despedida, aconselhou: – Filho, você ainda é jovem. Cuide da vista enquanto é moço. A velhice não perdoa.

CONDOMÍNIO OU CONDEMÔNIO?

Crianças-garagem-cachorro-taxa-de-condomínio formam o quarteto responsável pelas brigas nos prédios de apartamentos. É claro que há condôminos vivendo em perfeita harmonia, com respeito, amizade e estima entre todos. Mas não é fácil. Essa convivência exige dos moradores um exercício de paciência e reciprocidade. Não é demais lembrar que o direito de um acaba quando o do outro começa.

Ao trocar a casa térrea pelo apartamento há quem leve seus animais, a sua piscina de lona, a sua churrasqueira, seu estridente aparelho de som, ignorando o direito de vizinhança, como se fosse viver isoladamente. Não é bem assim. Uma pessoa perguntou-me se podia levar uma enorme tartaruga. Eu lhe disse: – Pergunte para ela.

E cachorro? Um novo morador levou para o prédio o seu cachorrinho. Um filhote de Rottweiller.

E o síndico: – Não pode.

– Como não pode? Está na convenção que cachorro pequeno pode.

– Sim, mas esse vai crescer. Ficará enorme e feroz.

– Não é isso que o regimento diz. Lá está escrito que cachorro pequeno pode. Não diz cachorro de raça pequena. É questão de interpretação. Vou para a justiça.

Dificilmente chegam a um acordo os que têm e os que não têm animais.

O Oscar foi eleito síndico e já não agüentava os fuxicos e as intrigas nos seus ouvidos. Teve a péssima idéia de colocar na recepção uma urna para colher denúncias anônimas. Aconselhei que não o fizesse pois, no anonimato, toda pessoa canalha se revela. Ele não me ouviu. Colocou. No primeiro bilhete feito em computador estava escrito: "A mulher do síndico está de caso com o porteiro." Aí a suspeita da autoria recaiu sobre todos.

Em outro prédio, houve uma ordem do síndico para o administrador denunciar o fumante de elevador. Principalmente, quem joga a "bituca" no chão. Flagrou. Denunciou. Foi despedido. Era o próprio síndico.

Há condôminos que não aceitam o encargo de síndico, mas criticam quem o seja, acusando-o de "dono do prédio", que mudou a conta para o banco de sua preferência para agradar o gerente. Que só ele atrasa no pagamento da taxa de condomínio. E outras acusações fundadas ou infundadas. Há síndico para todo gosto. Até o *esperto* que coloca câmera falsa no elevador para simular filmagem.

Um condômino disse para a esposa: – Você viu o mau gosto do síndico. A cor que ele escolheu para pintar o muro do prédio?

– É atrevido, disse a mulher. Outro dia me chamou de gostosona.

– Eu não falei? Que mau gosto que ele tem.

E piscina? Na primeira reunião de um prédio a discussão esquenta sobre quem pode ou não usá-la.

– Empregada não pode.

– Mas como? Tenho filhos pequenos. Ela tem de acompanhá-los!

– Pode ir, mas não entra na água.

– E visitantes?

– Não pode. Sabe lá se têm alguma doença, a não ser que façam exame médico.

– Onde?

– Não sei. Podem trazer comprovante de algum clube que

freqüentam.

No fim vota-se que não pode. E a verdade é que nem os condôminos usam a piscina que só serve para aumentar a contribuição mensal. No final da reunião, ficam sempre alguns fofoqueiros.

– Já pensaram? A Miss Borbulhas vir nadar aqui?

– Quem é?

– Você não sabe?

– É a irmã da nariz empinado do andar de cima. Não sei o que ela faz na piscina do clube para ter esse apelido.

Há brigas sobre as vagas na garagem. Mesmo autônomas alguns não respeitam. Principalmente se o apartamento estiver vazio ou ausente o seu ocupante. Pela manutenção do *playground* só vota a favor quem tem criança.

Porém, da convivência nascem boas amizades. O Zelão, próspero comerciante, mudou para um prédio. Ficou vizinho do simpático dr. Francisco Eufrásio, delegado de polícia.

– Pára com isso de me chamar de doutor.

– Para os amigos vizinhos eu sou o Chicão.

Foram até pescar juntos. Um dia, o Zelão foi intimado para depor na delegacia como testemunha. Para surpresa era titular o seu vizinho.

– Diga o seu nome completo, onde mora, profissão e coloca sobre a mesa o seu RG. O simplório Zelão não entendendo que o amigo tinha a obrigação funcional e formal de fazer aquelas perguntas, retrucou: – Qualé, Chicão? Tá me tirando... Tá me gozando... Quase foi preso.

Em outro prédio, um novo morador, cachaçado, voltando da sauna, erra de apartamento. A moradora, saindo nua do banho, percebendo gente estranha, pega logo os dois sapatos do marido que estavam sob a cama e cobre depressa tão-somente *a sua vergonha,* deixando as solas para o lado de fora. O intruso, vesgo de bêbado, um olho vigiando o outro, encara os sapatos e diz:

– Essa eu tenho que aprender.

– Cadê o cara?

POR QUE O CAMELO É FEIO

Nas cortes européias medievais havia um assessor do reino que fazia a nobreza rir, divertir-se durante banquetes e cerimoniais. Contava piadas. Realizava mímicas. Imitava e ridicularizava os súditos. Contava histórias "sem pé nem cabeça" para entreter o seleto público. Era o bobo da corte. O truão. Não deixava de ser um auxiliar importante. A tendência de governante alegre é tomar medidas simpáticas à população.

Sempre houve, em todos os tempos, assessoria e comissão para todo gosto. É o que não falta até hoje. Só que atualmente os bobos e bufões estão aqui do lado de fora. E a cada quatro anos vão às urnas para votar em seus *adestradores*, ou seja, naqueles que bem assessorados tiveram melhor desempenho na arte de fazer as promessas de sempre: "Mais moradia, mais educação, melhor salário, mais emprego, menos impostos, mais saúde, mais segurança para o povo. Ladrões, bandidos, seqüestradores, traficantes, corruptos irão para cadeia. Tolerância zero. Segurança total etc."

Segurança? Fala sério. O povo vive em regime semi-aberto. Sai de manhã para o trabalho rezando para não ser despedido, para não ser vítima de assaltos, de balas perdidas, de multas de trânsito e outras agressões. Volta à noite. Tranca o portão. Põe cadeado nas portas e janelas. Liga as câmeras. Aciona o alarme. Verifica a cerca elétrica e lixa os dentes dos cachorros. O povo tem sido o carcereiro de si mesmo. Mas assessorias e

comissões é que não faltam. Até para assuntos aleatórios e para verificação de viabilidade desta ou daquela proposta. Quando se pretende deturpar, desfigurar ou sepultar algum projeto, manda-se para uma comissão.

Dizem que o camelo, esse animal feio com cabeça de carneiro, orelha de lobo, pescoço torto e comprido, rabo de bezerro, corcundas e patas de cabra, é o resultado de um projeto de cavalo que Deus encomendou para uma comissão.

Nos anos 1950, fazia sucesso, na voz de Blecaute, a marchinha de Carnaval "Maria Candelária", a alta funcionária, e era comum ouvir que se colocassem de uma só vez nas respectivas repartições todos os "assessores comissionados" do governo, faltaria espaço, mesmo se estivessem em pé um atrás do outro. E é assim no mundo todo.

Na Tungchúria havia até assessor sexual. Um agente do governo. Para sua admissão se submetia apenas a um teste de virilidade e fertilidade. Uma lei obrigava todos os casais a terem pelo menos um filho dentro de cinco anos depois do casamento. Caso contrário, a culpa presumida era do marido. Terminado esse prazo sem que tivessem um herdeiro, seria nomeado um dos agentes ou assessor sexual do Estado para resolver o problema. Há então o seguinte diálogo entre o marido e a mulher: – Querido, hoje completamos o quinto aniversário de casamento e infelizmente não tivemos um filho. – Será que eles vão enviar o tal auxiliar?

– Não sei... responde o marido.

– Eu menos ainda, complementa a esposa.

– Vou sair. Estou atrasado para o trabalho. Se aparecer o funcionário, trate-o bem. Lei é lei.

Logo após a saída do marido, batem na porta. Era um fotógrafo ambulante que tirava fotos em residências e que se enganara de endereço.

– Bom dia! Eu sou...

– Já sei, pode entrar.

– Seu marido está em casa?

– Não. Foi trabalhar.

– Presumo que ele esteja a par...

– Sim, e ele concorda.

– Ótimo. Então vamos começar.

– Mas já? Assim tão rápido.

Preciso ser breve, pois ainda tenho dez casais para visitar.

– Puxa! O senhor agüenta?

– Agüento. Meu trabalho é muito prazeroso.

– Então, como fazer?

– Permita-me sugerir: uma no quarto, duas no sofá, duas no tapete, uma no corredor e a última na cozinha.

– Nossa! Não é muito?

– Não. Tenho comigo algumas amostras de meus últimos trabalhos. E mostra fotos de crianças. Não são belas?

– Todas feitas pelo senhor.

– Sim. Esta aqui foi na porta do supermercado.

– Nossa! Não lhe parece um tanto público?

– É. Mas a mãe era artista de televisão e queria publicidade.

– Que horror!

– Foi um dos serviços mais duros que já fiz.

– Imagino...

– Esta foi no parque de diversões em pleno inverno.

– Credo! Como o senhor conseguiu?

– Não foi fácil. Neve caindo e uma multidão em cima de nós. Quase que não consigo acabar.

– Ainda bem que sou discreta. Não quero que ninguém veja.

– Ótimo. Eu também prefiro assim. Agora se me der licença, vou armar o meu tripé.

– Tripéééé? Para quê?

– Bem madame, é necessário. O meu instrumento de trabalho, além de pesado, depois de pronto, para funcionar, mede quase um metro de comprimento. Afora isso, ainda tem um problema. Nem sempre consigo fazer sorrir na hora de sair o passarinho.

Aí... a mulher caiu dura!!!

PRIORIDADES

Vive-se numa correria desde que alguém disse que tempo é dinheiro. É lamentável. O homem passa a dar atenção às coisas realmente importantes da vida só depois de ter recebido algum sinal de que deveria parar antes para pensar. A mudança se dá geralmente depois de um susto, quase sempre relacionado com a saúde. Enfim, depois de um acontecimento sério que o leve a refletir. Perdeu-se a noção do que é menos ou mais importante no dia-a-dia. Leva-se a vida agitada. Sem perceber que ao morrer deixa-se pendentes coisas que seriam verdadeiramente urgentes. Aquele beijo e abraço não dado nos filhos. Na mulher. Na família. Da mesma forma, o filho que não aproveitou a existência dos pais. Só passou a ter saudades depois que se foram. É constante a afirmação "agora vou mudar". Ou promessas etílicas de Natal e Ano Novo. Por que não mudar enquanto tiver saúde!

Que significado tem essa correria toda. Urgente é ser mais humano. Chique é ter saúde e ser feliz. Valorizar o convívio com as pessoas queridas. Relembrar as peraltices da infância. Desfrutar as amizades. Colocar mais cadeiras na calçada. Entusiasmar-se com o nascer do sol. Exagerar nas declarações de amor: "Eu não te amo pelo que tu és, mas pelo que eu sou quando estou contigo." Urgente é não deixar a vida passar como um sopro. E quando estiver velho, querer voltar e perceber que o tempo acabou, porque tudo o que fez foi urgente. Que encheu a agenda de urgências e compromissos,

mas esqueceu-se de viver.

Isto não afasta, é claro, o risco e a ousadia necessários para se vencer na vida. Tempo e vento que passam não retornam. "Quem não acende o fogo com medo das chamas sentirá frio e não gozará os benefícios da luz." Tudo que vale a pena exige algum sacrifício. Mas sem exagero. Aproveitar sim a modernidade, mas pelo caminho do meio. Aplicando as regras da *simplicidade* e da *moderação.*

Pegando carona em Guerdjef, pensador russo de muitos anos atrás, urgente é parar para analisar as próprias atitudes. Urgente é aprender a dizer não sem se sentir culpado ou achar que magoou. Querer agradar a todos é um desgaste enorme.

O dia deve ser planejado, deixando, porém, um bom espaço para o improviso, consciente de que nem tudo depende de você. Concentre-se em apenas uma tarefa de cada vez. Por mais ágil que seja a mente, ela se exaure. Não pense que é insubstituível. No trabalho. Na casa. No grupo habitual. Por mais que isso lhe desagrade, tudo anda sem sua atuação, *a não ser você mesmo.* Pode fazer falta ou deixar saudades, mas não é absolutamente imprescindível. Não queira ser o responsável pelo prazer de todos.

Separe os problemas reais dos imaginários que tomam o espaço mental de coisas mais importantes. Tente descobrir o prazer nas coisas simples, como dormir, comer, descansar, caminhar, dialogar, ver o pôr-do-sol, ouvir a chuva, o barulho do silêncio, ler, escrever, inventar histórias, sonhar, dar um beijo, um abraço, sem também achar que isso é o máximo a se conseguir na vida. Evite se envolver na ansiedade e tensão alheias. Espere um pouco. Abra as mãos. Depois retome o diálogo.

Respeite a individualidade dos amigos e dos familiares, mesmo que você seja o líder deles. Até porque, com o tempo, deixarão de ouvi-lo. Entenda que os princípios e convicções fechados podem ser um grande peso, a trava do movimento e da busca. Saiba a hora certa de sair de cena, de retirar-se do palco, de deixar a roda. Nunca perca o sentido da importância sutil de uma saída discreta. Mesmo que saia magoado. Não queira saber se falaram mal de você. Nem se atormente com esse lixo mental. Escute o que falaram de bom, com reserva analítica, sem qualquer convencimento.

Competir irracionalmente é ótimo... para quem quer ficar esgotado e perder o melhor. Exercite a flexibilidade do espírito. Uma hora de intenso prazer substitui horas de sono perdido. O prazer recompõe. Logo, não perca uma oportunidade de divertir-se. De exercitar o bom humor. Não abandone a intuição, a simplicidade e a fé. Não queira cortar a cabeça dos que estão ao seu lado só para parecer mais alto. "Um homem apenas tem o direito de olhar outro de cima para baixo se for para ajudá-lo a levantar-se". Os conceitos devem ser permanentemente revistos. Vida é ação e reação. Se planta, colhe. Todo homem é o que fizer e o que ele pensa que é.

TUDO O QUE SE VÊ NÃO É

O título é extravagante, mas a verdade é que pelo menos a maioria das pessoas vive sob a tirania da aparência. Exigindo muito de si, em razão do que lhe exige o modismo e a sociedade em determinada época. Não quero com isso dizer que se deva descuidar do mínimo que a aparência física exige. Asseio pessoal, uma roupa limpa e passada, um corpo cheiroso, cabelos penteados, dentes tratados e bom hálito fazem parte da atenção que se exige em respeito às pessoas com as quais se convive ou se comunica com habitualidade. Refiro-me da desnecessidade de se escravizar ou se deprimir para manter a aparência que os outros exigem.

Quando adolescente, época em que não se freqüentava sem paletó e gravata o cinema, a igreja, saraus, aniversários e até restaurante de trem, acabrunhavam-me minhas camisas, que não tinham, como as vendidas nas lojas, barbatanas sob o colarinho. O colarinho das minhas, feitas à mão pela minha mãe em modesta máquina manual de costurar, arrebitava-se, deixando em desalinho o nó da gravata. Era moda naquele tempo, ditada por Humphrey Bogart no filme *Casablanca*, usar capa de chuva e respectivo chapéu, ambos do mesmo tecido, grosso e semi-impermeável, completados com a galocha de borracha, que protegia os sapatos da água. Tudo isso era muito chique. Quem não tinha era visto como "pé-de-chinelo".

Embora se saiba que a beleza e trajes não determinam

necessariamente o caráter de alguém, sempre ou quase sempre, valoriza-se uma pessoa pela sua aparência. A sociedade impõe regras adequadas ou não da boa aparência. Quando meus filhos eram pequenos, amigos e conhecidos me cobravam: – Você já comprou para sua filha a boneca Beijoca? O seu filho tem autorama?

Dois brinquedos caros daquele tempo. E o pai que não pudesse comprar se sentia deprimido.

Há mais de cem anos, Helena Rubinstein sentenciou: – "Toda mulher pode ser bonita. Bastam quinze minutos por dia e 5 dólares ao ano em creme facial".

A obsessão pela aparência é hoje a principal causa de estresse e ansiedade, tornando infelizes e deprimidas pessoas saudáveis que não atingem o padrão de beleza que a sociedade exige. Lipoaspiração, silicone, *piercing*, tatuagem, plástica, redução de estômago, bulimia, anorexia, idiotia etc. Mal sabem que um simples sorriso pode melhorar a aparência. E não é de hoje que a aparência influi. Em Roma, num processo de dois acusados, havendo dúvida sobre o culpado, deveria o juiz executar o mais feio. É impressionante.

Tudo o que vemos e ouvimos são impressões ou aparências da mente. Já não há mais preocupação com o Ter ou Ser, mas sim com o que se pode aparentar para ser aceito. A sociedade é prisioneira da aparência. É preciso distinguir a aparência da realidade. Diz-se com muita sabedoria que *a aparência não é tudo; o que vale é o conteúdo.* E que este seja real. Às vezes, temos certeza de alguma coisa que não corresponde à verdade. A verdade é sempre criação mental.

Um homem com um binóculo, dentro de seu apartamento, no quinto andar de um prédio, espiava o vizinho no apartamento do prédio ao lado. E pela vidraça presenciava repetidas cenas de sexo entre o morador e uma mulher. Certo dia, percebeu que aquele homem depois de prolongada sessão de amor largou a companheira atravessada na cama, com as mãos e cabeça dependuradas. Apagou-se a luz. No dia seguinte, a mulher, imóvel, na mesma posição. Não teve dúvidas. Acionou a polícia noticiando eventual homicídio. Arrombaram a porta e constataram que tudo não passava de juízo apressado, baseado na aparência criada pela mente do vizinho intrometido.

Atravessada na cama e com mãos e cabeça dependuradas estava uma boneca adulta inflável. Destas que se vende em *sexshop*, com a qual o morador se satisfazia sexualmente.

Na vida pessoal e na sociedade cabe distinguir a aparência real da aparência aparente. Aparência é sempre um julgamento de espírito. Juízo de valor. Tudo o que se vê ou se ouve nem sempre é o que se pensa que viu ou ouviu. A aparência engana.

Também de um apartamento, o morador via todos os dias o seu vizinho de uma casa térrea regar as flores de seu jardim. Até aí tudo bem. Acontece que o regador não tinha água. E o indignado desceu, interpelando:
– Você está louco. Todo dia regando as flores sem água?

– Não. Louco e atrevido é você. Não está vendo que as flores do meu jardim são de plástico!

Cada um enxerga o que a mente cria.

VERDADES E MENTIRAS CONJUGAIS

Como defensor do matrimônio não posso concordar com o ditado que diz que o pior casamento é o que dura para sempre. Há muitos adágios populares abordando o amor e o casamento: "Amor e tosse não dá para esconder."; "O noivo vai a cavalo e o arrependimento na garupa."; "Se casamento fosse bom não precisaria de testemunha."; "É melhor ser princesa de coroa do que escrava de garotão."

Um idoso pediu uma jovem de 25 anos em casamento. Ela recusou a proposta e ele lhe perguntou: – Por quê? Tenho setenta anos, mas uma saúde de ferro.

E ela respondeu: – É por isso mesmo, por causa da sua saúde.

Em compensação, o Simão, ao contar para os companheiros de baralho que se casara com uma de vinte anos, deixou os amigos admirados: – Com setenta anos? Por certo você mentiu sobre sua idade.

– É claro que menti. Falei que estava com oitenta.

A verdade é que a bela instituição do casamento não acabará nunca. O homem não vive sem a mulher, essa heroína que é e sempre será a rainha do lar, para a alegria do marido. No casamento que dura para sempre é ela que passa, respectivamente, por inúmeras fases: namorada, amante, companheira e enfermeira. As pessoas que se amam não se olham tão-somente nos olhos, mas na mesma direção. No mundo atual informatizado, no qual se

conversa mais com máquinas do que em família, a mulher ainda conserva seu coração como órgão de fé, de amor, de tranqüilidade e de paz. Já disse que o dia em que a mulher deixar de mentir (no bom sentido) o homem pára de sonhar. A mulher está sempre defendendo a barriga de levedo do marido: "Ele está bem melhor hoje do que há vinte anos.";"Essas rugas no seu rosto lhe dão um charme que antes não tinha."; "Não quero que ele pinte o cabelo. Tá tão bem assim." Faz de tudo para a sua felicidade.

O marido, às vezes, cai em contradição e pisa na bola, como na história:

A mulher perguntou para o esposo se ele casaria de novo, caso ela falecesse primeiro. E ele respondeu: – De jeito algum.

– Por quê? Dizem que quem é feliz no casamento, enviuvando casa de novo.

– Bom, eu caso sim.

– Você traria a mulher para morar em nossa casa.

– Claro.

– Ela iria dormir na nossa cama?

– Sim.

– Você esconderia as minhas fotografias?

– Acho que sim.

– Você daria as chaves do meu carro para ela dirigir?

– Não, ela não dirige...

Os antigos diziam que para dar certo o matrimônio o marido pode ser feio, desde que trabalhador, inteligente, dedicado à família, mas surdo. Já a mulher pode ser faladeira, grossa, ingênua, desde que seja bonita e cega. Mas tem, excepcionalmente, mulher ruim. Um médico desenganou o marido, prognosticando seu iminente falecimento. O marido, na cama, reconhecendo o cheiro de fritura, pediu para a filha : – Vá até a cozinha e traga uma coxinha para seu pai que está morrendo. A menina foi e voltou de mãos vazias: – A mãe falou que é para o velório.

Há maridos pilantras e também mulheres de muita sorte. A esposa do Manoel, enquanto ele ficava à noite na padaria, ela saía de casa para jogar bingo. Voltava de madrugada com um colar, anel ou outro brinde

de valor. O marido lhe perguntava e ela respondia: – Ganhei no bingo.

No outro dia a mesma coisa. Onde você arrumou esse casaco novo? – Ganhei no bingo.

Todas as noites, muita sorte no jogo. Certo dia, a mulher já sob o chuveiro, faltou água. Ela gritou: Manoel, estou atrasada para o bingo, traga-me um balde cheio para tomar banho. O Manoel levou-lhe apenas um copo. – Só isso bem?

– E já é muito: lava só a cartela.

VIAGENS E ÁREAS DE RISCO

A imprensa noticia que se corre o risco de não haver vacina suficiente contra a febre amarela. Percebe-se que isto se deve, em grande parte, aos hipocondríacos que mesmo não estando em situação perigosa procuram uma prevenção desnecessária. Dizem os especialistas que a hipocondria é o medo persistente de se ter uma doença. Uma pessoa com esse distúrbio tende a interpretar sensações e funções corporais normais como sintoma de doença grave. Sofrem putativamente.

Tenho dois amigos hipocondríacos, aliás, vizinhos, que trocam remédios pelo muro. Não agüentam uma liquidação de medicamentos. Tomam tudo. Um deles, viciado em injeção de B12, tomou uma dúzia de B1, em promoção, por economia. Já vacinaram o cachorro, o periquito, a tartaruga e até um urso de pelúcia das crianças.

Há muitos anos, anunciou-se que chá de ipê roxo curaria câncer. A praça Pedro de Toledo tinha uma frondosa árvore dessa espécie. Em curto espaço de tempo, ela desapareceu. Foi arrancada a canivetada.

As autoridades têm orientado que só as pessoas que moram ou se locomoverem para áreas suspeitas devem procurar os postos de vacinação.

A verdade, porém, é que existem lugares onde a possibilidade de morrer é maior. Ninguém agüenta a epidemia da violência para a qual as

profilaxias utilizadas se mostram ineficientes. Área de risco é a dos semáforos. Área de risco são as praias do litoral brasileiro, principalmente se a pessoa portar um relógio, uma carteira ou uma correntinha dourada. Área de risco é o interior da própria casa sem grade e sem cachorro. Motocicleta mata mais que o bacilo de Koch, também chamado *Mycobacterium tuberculosis.* Balas perdidas, mais que a dengue ou *febre-quebra-ossos,* provocada pelo mosquito *Aedes Aegypti.* Infecções hospitalares, remédios falsos, que pululam por aí, e diagnósticos equivocados matam mais que leptospirose, dengue ou *leishmaniose.*

Um cidadão foi parar no pronto-socorro público com febre alta e dores no corpo. Explicou que fora picado por um mosquito que poderia ser transmissor da dengue. Disse-lhe o atendente: – Você verificou se era macho ou fêmea?

– Como é que é?

– É isso mesmo! Sem essa informação fica difícil o diagnóstico.

A dengue é transmitida através da picada de uma fêmea. O macho não oferece perigo porque se alimenta apenas de seiva de plantas.

É claro que deve haver reforçada atenção para onde se viaja, tendo em vista doenças regionais ou sazonais. Prudência, sim. Pânico, não. A cautela é sempre necessária em toda e qualquer locomoção. E cuidado com o comportamento.

Um empresário participou de uma feira mundial na Ásia e acabou se divertindo exageradamente com *mulheres damas* chinesas. No retorno, foi ao WC do avião e percebeu que seu pênis estava totalmente azul e inchado. Preocupado, procurou médicos brasileiros e todos lhe deram o mesmo diagnóstico: doença sexualmente transmitida por asiáticas.

– O que fazer?

– Tem de cortar.

Contou para a mulher que pediu o divórcio, deixando-o sem patrimônio. – Tome essa quantia. Disse ela. Volte para a China. Os médicos de lá devem ter solução. Já estão acostumados com a doença.

Foi. Visitou um profissional chinês. – Você esteve recentemente na China?

– Sim.
– Divertiu-se demais com as mulheres daqui?
– Sim.
– Procurou médicos brasileiros?
– Sim.
– Eles disseram que precisa cortar?
– Sim.
– Esses médicos brasileiros!
– Por quê? Não precisa amputar?
– Não.
– Que ótimo. Graças a Deus. Não precisa cortar mesmo?
– Claro que não. Ele cai sozinho.

VIDA LONGA DO TIO MANOLO

Cheguei ao aeroporto de Congonhas bem antes da hora da partida. O vôo sairia às 16h16. Com bastante antecedência eu estava bem em frente ao portão de embarque. Às 16h30 disse a moça que *se o vôo não fosse cancelado,* sairia entre 17h30 e 18h. Quando foi dado o recado, um cidadão de bom tamanho prometeu que, se o avião não chegasse, agrediria qualquer representante da companhia.

Eram quase 18h os passageiros foram convidados a embarcar.

Sentei-me ao lado de um senhor aparentando entre sessenta e setenta anos de idade. Atrás, nas cadeiras do corredor, estavam duas pessoas. Eram médicos. Retornavam de um congresso de cardiologia e falavam sem parar do absurdo que ali fora debatido. Tratava-se de um antiinflamatório que teria causado infarto em mais de quinhentas pessoas de uma cidade grande brasileira. E argumentavam com indignação que o tal remédio ainda estava circulando tranqüilamente nas farmácias e sendo recomendado por colegas. Diziam, ainda, que mais da metade dos mencionados infartos provocados pela tal droga havia sido fatal.

Depois de muita conversa e já com um terço do percurso percorrido, sem querer, disseram o nome do medicamento. Nessa hora meu vizinho de banco havia tirado do bolso um comprimido para tomar com um copo d'água que pedira para a comissária. Ele levou o remédio à boca no

mesmo instante que os dois profissionais revelaram o nome da substância assassina. Nada mais nada menos do que aquele na iminência de ser engolido. Rapidamente puxou-o para fora. Nem a água tomou. Disse-lhe: – É o próprio?

Respondeu: – É um absurdo. E o pior. É o último de uma caixa que tomo por recomendação médica. Estava branco e assustado. E ainda o avião balançava.

Passou a moça: – O que desejam beber?

O vizinho pediu uísque. – Uma dose e duas pedras de gelo. Não. Quero duas doses e uma pedra.

– Eu também.

Como o trajeto é curto, tomamos rapidamente. Daí não percebemos se o avião furou nuvem, furou fila, turbulência ou se derrubou alguma bruxa da vassoura. Era sexta-feira, 13. Disse o companheiro de viagem: – Depois dos sessenta anos, a gente não pergunta mais como vai quando se encontra com alguém. Pergunta-se: – Onde dói?

Disse-lhe que estar protegido pelo Estatuto do Idoso é uma boa. Contei-lhe o caso do meu amigo Juvenal. Ele foi buscar a sua carteira de aposentadoria por idade e esqueceu-se de levar seu RG. Quando fez menção de voltar para casa, a moça do instituto disse-lhe: – Não precisa. Abra a camisa e mostre o peito. Está tudo bem. Esses pêlos compridos e brancos revelam que você tem mais de 65 anos de idade. Aqui está o seu documento.

Chegando em casa ele contou sobre a educação da atendente. E a sua mulher na gozação tirou um sarro: – Se mandasse baixar as calças, você seria aposentado por invalidez.

No retorno deu tempo de visitar meu tio Manolo. Noventinha bem passado. Espanhol teimoso. Ainda faz palavras cruzadas sem óculos. Estava sentado no seu sofá ensebado e na roda, suas filhas assistiam à televisão, quando apareceu a entrevista de um médico anunciando que dentro de dois meses estaria nas farmácias um "grande" remédio para emagrecer.

– Já é chamado na Europa de "tira-barriga".

Depois de falar "maravilhas" da droga, o entrevistador perguntou ao médico se havia contra-indicação. E o entrevistado: – Isso tem. O remédio causa falta de apetite, diarréia e vômitos.

Nessa hora, o tio Manolo não agüentou. Largou as palavras cruzadas e mostrando seus dois únicos dentes de cima comentou: – *Conho! Ensuciando* (defecando) o dia inteiro, sem se alimentar e vomitando até o que não comeu, quem não emagrece? E onde se vai buscar força para fazer o exercício que o especialista recomenda? Querem ter vida longa e com boa saúde? Façam como eu, disse o tio, deixem de tomar remédio bem cedo.

Li nos jornais da semana que um famoso e caro remédio indicado aos diabéticos, principalmente para que não tenham problema do coração, *seria* responsável por 43% dos infartos e 64% da morte dos seus usuários. "Sorte dos diabéticos pobres que não tomaram esse medicamento por causa de seu alto custo", finaliza a notícia. É mole?

O Manolo é quem está certo.

A CHATEAÇÃO

Ensinam os melhores dicionários que *chato* é um inseto anopluro da família dos ftiriídeos, cosmopolita, que mede 1,3 mm de comprimento que vive geralmente na região pubiana do homem. Também chamado piolho das virilhas e que se torna inoportuno pelas coceiras que provoca.

Por isso, talvez, virou o adjetivo vulgar, corriqueiro, delambido, enfadonho, desinteressante, rançoso, insosso, malengraçado, desconsolado, oco, pobre de espírito, melancólico, xaroposo, sonífero, etc.

Definir já é chato (omnis definitio platta est). Guilherme Figueiredo (Tratado Geral dos Chatos) diz que **chato** é o indivíduo, ser, coisa ou evento cuja presença, existência, atitude, ação ou lembrança, continuadamente, tem a capacidade de inspirar sentimentos contrários à alegria de viver, à paz de espírito e à Paz Mundial.

Há chatices e chatos para todos os gostos.

Ligo a televisão e a entrevistadora chata está perguntando para a mãe: que você sentiu quando viu sua filha na grama para onde foi atirada? É mole? Mudei de canal. Aliás, o melhor da televisão, repito sempre, tem sido o controle remoto.

Figueiredo lembra Vallée des Bareaux: *"Nem juiz, nem marido ou padre queira ser. Ganhe dinheiro e gaste em tudo que o alegra. E, em*

lugar de bancar defecador de regra, estude pra gozar e não para saber. Neca de dona fixa ou patrão que aborreça. Somente por azar esbarre num graúdo. Não minta pra lucrar qualquer troco miúdo. Não deixa que a ambição lhe perturbe a cabeça. Dobre depressa a esquina ao avistar um teso. Isole na madeira ao evitar quem dá peso. Use, em vez do remorso, um discreto recato. Trate só do presente e caia na gandaia. Nunca perca o amanhã por um rabo de saia. Isto sim é viver, velhinho! ***O resto é chato****".*

A vida é para ser vivida intensamente, com amor, respeito, interação e sem chatice. Isto porque a morte pode chegar de repente. E morrer é um pé no saco.

Mas nem sempre estamos livres de chatos e chatices. Dos chatos saudosistas repetitivos. Do político chato. Do chato invejoso. Se alguém lhe diz que teve aumento vem logo a frase ensaiada: "Deus que te ajude e não me desampare". O chato que chateia só com a sua presença. Satura sem falar nada. Fica quieto para se passar por sábio, geralmente com as mãos cruzadas sobre o abdômen. De vez em quando levanta os ombros para colocar em dúvida algum elogio ou balança a cabeça em sinal de aprovação ou reprovação. Abraços de chatos. Aqueles que esfregam as mãos nas costas como se estivessem tirando poeira da roupa. O chato de mau hálito borrifante de saliva. O chato receitador: "para emagrecer é sauna meu caro". O médico chato: o cliente com furúnculo e a primeira coisa que diz é que ele precisa emagrecer, perder peso, "vou lhe dar a pirâmide dos alimentos". Cuidado com o colesterol, postura, triglicérides,etc." A mulher chata que liga a toda hora para o trabalho do marido para saber onde ele se encontra. A sogra chata. Como vai seu filho D. Carmela? – Um coitado. Casou com uma vagabunda, gastadeira, que não sabe cozinhar, costurar, vive na rua.. E sua filha Filó? É outra infeliz. Casou com um corno!

Nunca se deve comer na companhia de um chato. Nós somos o que comemos e com quem comemos. Causa indigestão.

Não é difícil identificar o chato. "Você é quem brilha". "Como vai essa bizarria? O chato que visita o amigo doente: " minha tia teve a mesma coisa e ainda viveu um ano". O chato confidente que segura sua vítima pela camisa ou paletó cuspindo no ouvido. "Você manda e não pede". O chato

caloteiro: "um dia ainda lhe pago". Quando alguém é elogiado, lá vem o chato: "mas... dizem coisas pesadas contra ele". "Não ganho tanto como você, mas vou tocando a vida como Deus quer". Os chatos etílicos, chorões ou não. E muitos (a lista seria enorme) outros.

Há também desculpas esfarrapadas e notícias chatas. Um empresário engravidou quem não devia. Que chateação. Casado, com outra, é claro, pediu para a gestante que fosse morar na Itália. E que lhe desse notícia do nascimento da criança. Ele custearia tudo. "Mas como? E se a sua mulher abrir a correspondência? – Substitua a expressão criança pela palavra espaguete. Passado um tempo a mulher abre uma correspondência e fala para o seu marido: "Não entendi nada. Carta da Itália. Diz: "*curso terminado. Espaguete, espaguete, espaguete, espaguete e espaguete. Três com lingüiça e dois sem*".

Ele teve um infarto.

CRIME E CASTIGO

Quando respondia, também, pelas Escrivanias do Júri (julgamentos de crimes contra a vida) e da Corregedoria Permanente (com visitas, inclusive aos presídios), anexos do Registro Imobiliário, eu tinha muito contato com presos recolhidos à cadeia pública e ainda com aqueles que obtinham o livramento condicional depois do cumprimento bem comportado de boa parte da pena.

No fim de cada mês os que estavam em liberdade condicional se apresentavam obrigatoriamente no Fórum para visto em sua carteira de liberado, quando informavam mudança ou manutenção de endereço, bem como atual ocupação e o local de trabalho. E nessas oportunidades conversávamos sobre muita coisa.

Um senhor de meia idade, cumpriu pena por ter separado do corpo, com uma foice, a cabeça de sua da mulher. Se vestisse como gargantilha um colarinho romano, passaria por um pregador da Bíblia, dada sua boa feição de inocência. Educado e de boa aparência, contava com detalhes o crime que cometera.

Outro que havia matado o irmão porque este lhe negara um pedaço de pão. Afável e gentil, cada vez que se apresentada levava um bolo ou um doce para os funcionários.

Havia um loiro, cabelos cacheados, face de querubim, que fora

condenado por ter estuprado e sufocado com areia a própria cunhada, irmã de sua esposa com os quais vivia a vítima. Uma educação requintada. "Sim senhor, pois não, bom dia, obrigado, até logo, etc...".

Um velhinho de chapéu enterrado na cabeça, com fisionomia de anjo, condenado por ter tentado matar a própria filha por ter esta lhe negado relação sexual.

Todos e muitos outros com caras de santo.

O interessante é que nenhum demonstrava arrependimento ou remorso. Se "orgulhavam" de ter pago com a pena o crime cometido.

Por outro lado em alguns finais de julgamentos pelo Júri, percebia eu que muitos acusados ficavam mais tristes do que contentes pela absolvição alcançada. Porque já estavam sofrendo a punição imposta em razão do sentimento de culpa, que seria amortecido se condenados fossem.

Na realidade cada um carrega consigo mais de uma personalidade.

Como sugere Luigi Pirandello, escritor italiano que viveu 67 anos até 1936, em seu livro "Um, Ninguém e Cem Mil" (Uno, nessuno e centomila), somos tantos quanto os olhos que nos olham. Numa reunião de A, B e C, não são três pessoas que se encontram, mas sim nove, uma vez que: A tem uma imagem de B, C e de si próprio diferentes das que tem B de A, de C e de si próprio, por sua vez contrária das que tem C de A, de B e de si próprio. Instala-se aparentemente uma confusão, mas é por aí que se tenta explicar a múltipla personalidade de cada um.

Pode o dissimulado cometer o crime pelas mãos, palavra ou pela escrita sem qualquer vestígio ou prova. Todavia o castigo começa no momento da ação praticada.

Pode faltar evidência material, mas a punição (pena) se agarra na alma do homem desde o momento em que comete o crime. Mesmo que tenha acobertado, disfarçado e fingido com lágrimas de crocodilo.

O suicídio de Judas começou no momento em que traiu Jesus. Culminou com o laço no pescoço.

Depois do crime poderá vir o arrependimento que não é o mesmo que remorso. Arrependimento quer dizer mudança de atitude.

Comportamento contrário àquele tomado anteriormente. Sentimento de rejeição sincera ao procedimento pregresso.

No remorso a pessoa não se arrepende, mas procura infligir, prescrever a si mesmo algum tipo de castigo, suicídio ou auto flagelação até a morte. Tem medo do espelho que lhe mostra a verdade. Olha para ele longe da claridade.

Crime e remorso são causa e efeito. Cada um carrega dentro de si o Supremo Tribunal de olhar cruel, reto, sereno e agudo: a *CONSCIÊNCIA* ..... que é ao mesmo tempo o juiz e a prova, a lei e a acusação. E ainda, a testemunha incorruptível.

O remorso mata sem matar e às vezes supre a justiça.

E quantos neste momento, por terem se livrado do processo, por simulação convincente, hipocrisia, falsidade, álibi, ardil ou trapaça, não estarão pedindo para a consciência deixá-los por uns instantes: – Vai embora. Eu odeio tua face austera. O teu olhar me atormenta. Deixe-me em paz. Você me enlouquece.....

A vida não é uma farsa. Nem uma tragédia ou pergunta a ser respondida. É mistério sim. Mistério para ser vivido com AMOR, o único ingrediente capaz de estabelecer um bom relacionamento com a consciência.

O homem, em regra, está sempre acompanhado de vários dele mesmo. Realmente, pode ser um, cem mil ou ninguém.

SÍNDROME DO ETANOL

Faltando três dias para o mecânico "Vermeio", filho do alemão açougueiro, se casar com Cláudia, da chácara do seu Bento, foi ele procurado pela Doutora Flávia, prima da noiva, jovem advogada que sem que lhe fosse pedido foi dizer para o nubente que diante da lei seca recentemente instalada ele corria sérios riscos de ser encarcerado:

– Tem esse apelido por causa da sua cor. É quase roxa. Acresce, ainda: – Você fala enrolado, troca as letras "s" e o "c" por "x". Pronuncia Falávia e não Flávia. Vão passar a lua de mel em Santos. Se a Polícia abordar o veículo, sob sua direção, vai se convencer que você está bêbado.

– Ora, não bebo nada no casamento... Se pedirem eu "axópro o bafômetro".

– Não adianta : a infração pode ser apurada mediante outras provas, como excitação, torpor, rubor da face, fala errada, etc. Todas essas características são notórias em você.

Flávia, que antes fizera madureza, custeou o seu curso de advogada vendendo produtos de funerária e cemitério, como vasos, flores, carnês, epitáfios, santos de bronze. Depois que se formou se acha uma verdadeira exegeta (intérprete de leis). Justiça seja feita. Está se dando bem na profissão.

Vermeio foi dormir com a cabeça cheia das doidices ditas por

Flávia.

Realizado o casamento despediu-se dos convidados e de Kombi o casal partiu para a lua de mel.

Minutos de estrada depois não deu outra. A Polícia mandou parar no acostamento. – Documentos...? Foram apresentados. – Quando dirigiram a lanterna para o seu rosto se assustaram com sua cor avermelhada e sua aparente excitação. Afinal acabara de se casar.

– Não precisa de bafômetro. Você está preso por dirigir embriagado. – "xeu xargento eu não bebi". – Taí. Não consegue nem falar direito. Está com a língua adormecida. Repita comigo: "*três pratos de trigo para três tigres tristes*". Ele nem tentou.

Levaram para a Delegacia e daí para a Cadeia. A Cláudia, que ele carinhosamente sempre chamou de "Cráu" ficou no veículo vigiada por um militar. Na carceragem foi obrigado a ficar pelado.

– "O que "voxeis" vão "faxer" comigo." – Cala a boca. Vamos fazer o que se faz com todos os bêbados. Peladão foi levado para uma cela no fundo da cadeia e enquanto passava pelo corredor os detentos gritavam: "põe esse *homem melancia* comigo". Colocaram o Vermeio embaixo do chuveiro. Quando a água fria caiu sobre suas costas, ele acordou. Sentou na cama e percebeu que tudo não passara de um pesadelo. Estava tudo bem. Porém chamou D. Zéza que organizaria a comilança na chácara e lhe passou algumas ordens. Na festa do casamento tinha coxinha, empada, barquete, mamão verde envolvido no papel alumínio com palitos espetados com salsicha, queijo e picles, cuscuz. Nas bandejas com geléia de pinga, tinha a advertência: "só para quem veio a pé ou de bicicleta". Da mesma forma as caipirinhas e cervejas. Bêbado de bicicleta... PÓÓDE. Até o brinde de braços cruzados com a noiva, Vermeio tomou Ki Suco. Guaraná lhe causa flatulência. As coxinhas que comeu foram acompanhadas de garapa ou limonada. Nada de álcool. Era visível a sua preocupação diante da excitação, rubor do rosto e a fala enrolada. A mãe o aconselhou. Para você ficar calminho e não parecer excitado perante a polícia, vou fazer uns dois litros de chá de poejo, erva cidreira e camomila. Beba um pouco antes de sair e leva uma garrafa para tomar uns goles durante a viagem.

Quase meia noite viajaram de Kombi para Santos, onde

agendaram três dias numa pensão na praia do Gonzaga.

Nos aposentos reservados, Claudinha correu para o banheiro a fim de colocar sua camisola branca transparente para agradar o marido. Para sua surpresa ele já estava dormindo. Apenas sem os sapatos. Sob o efeito do chá dormiu o dia inteiro. No jantar a mulher lhe aconselhou tomar uma caipirinha para se animar. – Não. Vou dirigir depois de amanhã. E voltou para a cama. E assim foi. Em todo esse tempo não deu um "créu" na Cráu, que voltou inteirinha para casa.

Chegaram de manhã. Ele um tanto avexado foi direto para a oficina. Tinha carro para entregar naquele dia. Ela foi à procura da prima Doutora, que após o relato providenciou uma procuração: – Vamos pedir a anulação do casamento. Erro essencial de pessoa. O Vermeio não tem condição de arcar com o débito conjugal. Ele sofre de impotência *coeundi*. – Meu Deus prima o que é isso? Seu marido é broxa. Com vinte e cinco anos....Tem paciência...

Na hora do almoço a mulher lhe deu a notícia. – Mas Cráu..... foi o chá da minha mãe. É temporário... Ela não quis saber. A ação foi proposta.

Com a ameaça da nova lei e a propaganda de que alguém pode ser preso se comer um bombom com licor e dirigir, instalou-se na sociedade uma paranóia. Tem gente que não come mais pastel porque vai pinga na massa para ficar crocante.

Eu mesmo fui ao Restaurante e comi uma bacalhoada com três copos duplos de suco de abacaxi com hortelã. O estomago virou um aquário. O bacalhau gostou tanto que ficou nadando na barriga uns quatro dias antes de ir embora.

Etanol! Etanol? "Etanóis" isto sim.

DE PERTO NINGUÉM É NORMAL

O humanista holandês Desiderius Erasmus Roterodamus ou Erasmo de Rotterdam, no livro *Elogio da loucura*, escrito há mais de quinhentos anos, já dizia que a raça humana insiste em ser completamente louca. Afirmava que "do mais rico dos homens ao mais miserável dos mendigos, da honrada dama em suas sedas e cetins à mulher vulgar em seu vestido de chita" vivem felizes em suas loucuras, guiando-se inteiramente pela ambição, vaidade e ignorância, com prazer no infinito poder de se tornarem ridículos. A psicose ou a loucura é viver na ilusão. É a perda do contato com a realidade. Dizem que loucos são aqueles que estão no hospício. Embora assim chamados, percebemos que os verdadeiros loucos são os que estão aqui fora.

Loucura é o que lemos diariamente nos jornais e ao que assistimos na televisão. Loucura é a infâmia, a calúnia, a inveja, a difamação. Loucura é o filho matar os pais. O adotado assassinar os adotantes. Loucura é o roubo do dinheiro público permanentemente noticiado pela imprensa. Loucura é ver gente passar fome. O desemprego. A fila em serviços de saúde. Loucura é pagar com pesados tributos a mordomia de presos. Loucura é a pessoa velha e revelha pensar que as rugas apagam a canalhice de comportamento. Loucura é o povo ter de pagar propaganda política. Loucura são promessas eleitorais não cumpridas. Loucura é a sobrecarga tributária. Loucura é conceder benefícios fiscais para instalação de fábrica de cigarros.

Loucura é a pedofilia, quando tantas adultas clamam por uma relação íntima. Loucura é a extorsão sob todas as formas. Loucura é viver trancado dentro de casa com medo da violência.

É dentro do hospício que estão as pessoas normais, embora chamados de loucos. Para eles qualquer vestimenta transforma o homem em rei da Dinamarca ou em um Napoleão Bonaparte. Qualquer vestido de chita faz da mulher uma rainha da Inglaterra. Qualquer chapéu é uma coroa. Qualquer um de barba e bata se comporta como santo. Não fazem mal a ninguém. Ali não há ódio, traição, ira, soberba, luxúria. O cadeado do portão não é para que eles não saiam, mas para que os loucos daqui de fora não entrem. Até as histórias contadas sobre eles (ou inventadas) nos servem de terapia do humor.

Num hospício, no qual a presidência da instituição era eleita pelos loucos, construíram uma piscina para captar votos. A inauguração foi uma farra. Os loucos pularam do trampolim. De costas. Salto mortal. No dia da eleição, o presidente que a construiu e que disputava a reeleição disse para eles:

– Se vocês votarem em mim, eu ponho água na piscina.

GATO POR LEBRE

A imprensa noticiou por todos os meios que em Washington um gato de uma clínica de Rhode Island, nos Estados Unidos, pode prever a morte em poucas horas dos pacientes idosos que visita. É o que revelou um médico geriatra da revista *The Nex England Journal of Medicine*. Quando Óscar, o gato, visita os residentes do Centro de Reabilitação para Idosos de Providence, o pessoal da clínica entra em ação, já sabendo que alguém morrerá nas próximas horas. Segundo o médico David Dosa o animal foi ao leito de mais de 25 residentes da clínica pouco antes deles morrerem. O gato de dois anos de idade "parece não cometer muitos erros", disse o médico. "Ele parece compreender que os pacientes estão a ponto de morrer", acrescentou.

Joan Teno, diz o artigo, professora de saúde comunitária da Universidade Brown, que atende aos pacientes da clínica, afasta o ceticismo. "O gato sempre aparece nas últimas duas horas de vida dos pacientes." Ela não acredita, porém, que o gatinho tenha faculdades paranormais. "É possível que haja uma explicação química", sugeriu, tentando explicar as fatídicas andanças do gato de pêlo cinza e branco, que passa a maior parte do tempo no terceiro andar, onde vivem os pacientes dementes. Especialistas em comportamento animal especulam, ainda, que o gato pode reagir a pistas inconscientes, dadas pelas enfermeiras, ou simplesmente buscar o conforto do calor dos cobertores dos pacientes mais graves (cf. EFE e Associated

Press).

D. Maria, ao ler essa notícia, pediu ao marido que levasse o gato de casa para bem longe, de onde não soubesse voltar para casa. Não queria mais o felino na residência por acreditar que traz azar. O marido colocou o gato dentro de um saco escuro, deu muitas voltas na cidade e o abandonou em lugar muito distante e desconhecido. Quando voltou para casa ficou surpreso, pois o bichano retornara antes dele. A mulher ficou brava e mandou que levasse o animal para um lugar mais longe e de complicado retorno para casa. Depois de quatro horas de ausência, d. Maria recebe um ligação: – Maria, aqui é o Manoel. Por acaso o gato voltou para casa?

– Sim, retornou.

– Por favor, coloque-o ao telefone porque eu não sei o caminho de volta.

O gato não faz mal a ninguém, embora bastante místico historicamente. No Japão, há os que o consideram um animal de mau augúrio. No Egito, venerava-se o gato doméstico, como animal sagrado da deusa Bastet, a protetora do lar, das mães e das crianças. Era sempre representada como uma mulher com cabeça de gato. Na Idade Média, consideravam o gato, principalmente o preto, animal de bruxa ou símbolo do diabo. A superstição via nele, portanto, um causador de desgraças.

Na verdade, é o gato que deveria ter medo dos homens. Na cidade, havia um exímio gozador, passador de trote. Ele, com armadilha, recolhia das Ruas os gatos abandonados. Matava, limpava e temperava os bichinhos, guardando apenas a cabeça com o couro. Mandava os felinos para o forno de uma padaria, cujo dono era seu cúmplice nos trotes. De preferência, na sexta-feira, convidava uns amigos para uma rodada de cerveja num salão da própria panificadora, acompanhada de saborosas "lebres" assadas.

Quando os convidados já estavam satisfeitos, elogiando o tempero e o preparo das *lebres*, o gozador, que se fosse vivo autorizaria revelar seu nome, aparecia com as cabeças e couros de gatos e mostrava aos convidados que ficavam sabendo que comeram gato por lebre. Revelada a brincadeira de mau gosto, o gozador pedia segredo, para que na próxima semana pudesse servir outro requintado jantar para novas vítimas.

E se perguntassem ao brincalhão se não era perigoso comer gato, ele respondia com ironia – Não, desde que seja com batatas... nas patas, é claro.

HISTÓRIAS DE BÊBADOS

Histórias de bebedeiras seria o melhor título. Porque nem toda eventual embriaguez induz que a pessoa seja cachaceira. A verdade é que o alcoolismo é uma doença (ou dependência) que merece atenção e cuidado. Mais da metade dos 220 crimes contra a vida, julgados pelo Tribunal do Júri de Araraquara, dos quais participei como escrivão, foi cometida por réus alcoolizados. Sem se falar nos homicídios culposos de trânsito praticados pelos "esponjas" irresponsáveis.

A bebedeira passa por vários estágios: no primeiro, toma um gole. É simpático, sorridente, sociável. No segundo, é o mais inteligente do mundo, tem solução para todos os problemas (juros, inflação, desemprego etc). No terceiro, é o gostosão. Todas as mocinhas dariam a vida para ficar com ele. No quarto, já com a visão turva, passa a achar todas as mulheres lindas. No quinto, fica valente. É o homem mais forte do mundo. Passa para os desafios. No sexto, é o mais rico. Quer pagar a conta de todos. Convida os companheiros de copo, para festas em sua casa, que nunca se realizam. No sétimo, aí já perdendo o senso, pensa que é invisível. Quebra copo, garrafa, mexe com a mulher dos outros, cochila, vomita, convicto de que ninguém está vendo. E, no oitavo, é o estágio da amnésia etílica: jura por Deus que nem saiu de casa. Não se lembra de nada.

Não é só o homem. Mulher bêbada também é insuportável.

Perde o senso do ridículo. Humilha o marido em público, falando dos seus insucessos no leito conjugal, sem perceber que a causa principal está, sem dúvida, na sua halitose natural ou provocada pelo álcool. Aliás, diga-se de passagem, o mau hálito é o maior anticoncepcional do mundo. O bêbado foi sempre alvo de jocosidade.

Do site português "gastronomias.com", que mistura muito bem receitas com bom humor, extrai-se a seguinte chalaça: "Um bêbado comprou e levou para casa dez garrafas de cachaça. A mulher o obrigou a jogar tudo fora. Ele pegou a primeira garrafa e deu um beiço. Bebeu um copo e jogou o resto na pia. Pegou a segunda garrafa, bebeu um copo e jogou o resto na pia. Pegou a terceira garrafa, bebeu o resto e jogou o copo na pia. Pegou a quarta garrafa, bebeu na pia e jogou o resto no copo. Pegou o quinto copo, jogou a rolha na pia e bebeu a garrafa. Pegou a sexta pia, bebeu a garrafa e jogou o copo no resto. Pegou a sétima garrafa, pegou no resto e bebeu a pia. Pegou no copo, bebeu no resto e jogou a pia na oitava garrafa. Jogou a nona pia no copo, pegou a garrafa e bebeu o resto. O décimo copo, pegou a garrafa no resto e se jogou na pia. E não se lembra o que fez com a mulher."

Enfim, o bêbado é sempre um chato, inoportuno e inconseqüente. Desmorona a família, dá péssimos exemplos aos filhos, estraga reuniões festivas, cívicas e até mesmo religiosas. Numa cidade do interior, um padre irritado com um bêbado que perturbava as missas, perdeu a concentração e disse que Jesus havia feito um grande milagre usando cinco mil pães e dois mil peixes para matar a fome de cinco pessoas. Os fiéis indignados foram embora. No domingo seguinte, advertido pelo sacristão, o padre repetiu aquele sermão, mas desta vez corretamente. Não deu outra. O mesmo bêbado levantou e disse: – Esse milagre até eu faria. Com o tanto que sobrou do domingo passado...

Um sujeito, vendo um aglomerado de gente, que entoava uma ladainha num salão, entrou e dirigiu-se a uma pessoa: – Madame, a senhora me concede esta contradança?

– Não, respondeu ela. Primeiro, porque o senhor está bêbado. Segundo, porque isto aqui é um velório. Terceiro, não se dança o Pai-Nosso. E quarto, madame é a sua mãe. Eu sou o padre da igreja local.

HISTÓRIAS DE CIRCO

Um divertimento milenar que está desaparecendo. Não é o circo que está acabando. Os espaços para instalação é que estão sumindo. Não há quem não aprecie um espetáculo circense. Seja de animais. De variedades. De teatro. De shows ou de mágicos. É entretenimento que atrai pais com filhos e avós com netos. Além de oferecer empregos temporários quando passam pela cidade, dando grande exemplo de cooperativismo. O atleta que voa no trapézio e a contorcionista que faz malabarismo pendurada pelos cabelos são os mesmos que no intervalo vendem algodão-doce e pipocas.

Certa vez, instalou-se um circo, e também teatro, de variedades. A programação compreendia uma peça por dia: "A vingança do Chico Mineiro", "Menino da Porteira", "O céu uniu dois corações", "O ébrio", "Porta aberta", "Juca Mulato", "Santa". E não poderia faltar a "Paixão de Cristo". É claro que sem os efeitos especiais e os recursos milionários de Mel Gibson. Mas dentro das possibilidades e da seriedade de um circo modesto. Aliás, ele iria inaugurar a temporada justamente com essa peça. Acontece que o artista que representaria Cristo foi internado em estado de coma alcoólico. A peça precisava ser apresentada. Tinham vendido ingressos. Como esse personagem fala pouco na representação, o diretor do circo lembrou de uma figura popular na cidade, que ajudara erguer a lona: o Chicho, a quem ofereceu o papel.

– O que eu preciso fazer?

– Nada. Em determinado momento vamos colocar uma coroa de espinhos na sua cabeça. Não vai machucar porque é de borracha. O "sangue" que sairá de dentro dela é água com suco de groselha. As lanças que lhe atacarão têm pontas de borracha ocas cheias de extrato de tomate. Você dá uma volta na arena e retorna para o palco.

– Só duas coisas não abro mão, disse o Chicho: não tiro os óculos escuros nem minha alpargata do pé.

Ficaria esquisito o Cristo com Ray Ban, à noite, e sapato de lona com sola de corda. Mas era pegar ou largar. E assim foi. No último ato, pano arriado, o Chicho, já no palco, agora descalço e sem óculos, foi amarrado na cruz com um pé sobre outro, apoiados num pequeno suporte. Enquanto preparavam o cenário, ele, que falava italianado, disse: – Ei, quem me dá um cigarro?

Acenderam um cigarro e colocaram na sua boca. Ele tragava pelo canto esquerdo e soltava a fumaça pelo direito. Sem qualquer aviso e de repente ergueram o pano. O Chicho mais do que depressa cuspiu o cigarro que infelizmente parou aceso entre seus pés. Nisso a personagem Madalena se aproxima e antes que falasse alguma coisa, o Chicho, como um ventríloquo, com a boca semicerrada, falou: – Madalena, o cigarro tá me queimando o pé.

Ela não entendia e retornava: – Que dizeis?

E ele: – Madalena, o cigarro tá me queimando o pé.

Como não ouvia mesmo, e a brasa e a dor iam aumentando, o Chicho deu um berro de se ouvir fora do circo: – Madalena desgraçada, o cigarro tá me queimando o pé.

A platéia foi ao delírio. Não parou de rir. Pensou que fazia parte da peça que foi encerrada naquele momento. Mas o circo foi embora de madrugada.

Outro circo foi montado no antigo campo do Brazão. Ficou muito tempo instalado. Na sexta-feira, era proibido para menores de 18 anos. Poderia haver sexo explícito na arena. É que o circo oferecia uma quantia para quem passasse por três desafios: tomar dois litros de pinga de uma só vez; entrar na jaula e, ali, manter relação sexual com uma velhinha de noventa

anos; e depois enfiar a mão na boca de um leão de uns duzentos quilos.

Semanas se passaram e ninguém aceitou a provocação. Até que numa sexta-feira o Bigode, pintor de parede, forte como um urso, topou a parada. A grana como prêmio era alta. Ele entrou na arena. Sem tirar o gargalo da boca, tomou o primeiro litro de pinga. No segundo, foi mais devagar. Pediu uns amendoins para ajudar, mas conseguiu cumprir a primeira etapa. Em seguida, entrou na jaula. A velhinha numa camisola branca de cetim estava atrás de um biombo. O leão ali no meio. Assim que entrou, o Bigode e o leão se encararam. De repente, não se viu mais nada. Foi só terra que voou com palha de arroz num redemoinho que não se enxergava coisa alguma. Não se sabia nem se via quem estava sobre quem. Só se ouvia gritos e urros. Assim que baixou a poeira deu para ver. O leão ofegante, de bruços na terra, com as quatro patas esparramadas. E o Bigode, em pé, cambaleando perguntou: – Cadê a velhinha para eu enfiar a mão na boca.

HISTÓRIAS DE UM COVEIRO

O caixão foi fornecido pela prefeitura. Feito de sarrafo e papelão. "Quando o levantamos com as correntes, o fundo partiu e o defunto caiu de bruços enfiando a cara na terra úmida. Precisei arrancar umas três cruzes de madeira de outros túmulos para repregar o caixão e sepultar o 'anjo da cara suja'." Em outra oportunidade "tive que apartar uma briga de família. No momento do sepultamento, um filho queria serrar o dedo do pai, só para arrancar a aliança que não conseguiram tirar." Essas e outras histórias eram contadas nos botecos do bairro do Carmo pelo Zé Coveiro que há muitos anos trabalhava no cemitério São Bento, como autônomo. Ganhava por cova que abria.

Ele era uma figura folclórica. Dia ou noite, com chuva, calor ou frio, vestia apenas um calção folgado, sem nenhuma proteção por baixo, camiseta, chinelo e um chapéu de feltro colocado de lado na cabeça, puxado para frente, quase encobrindo o olho direito. Freqüentando os bares da redondeza, jogava palitos, contava suas histórias e tomava rabo-de-galo. Falava alto ao se exceder na bebida. Era inconveniente ao contar suas conquistas amorosas. Todas inventadas. Alguns bares não gostavam de sua presença. Principalmente o Bar do Belmiro. O motivo: quando sentava, cruzando ou não as pernas, deixava à mostra o que não deveria ser exibido. E o balcão era servido pela mulher e a filha do proprietário. Não fazia de propósito. Acontecia

em razão do traje usado. Transformava sua própria miséria em piada.

Uma pesquisadora de opinião pública foi a sua casa de quatro cômodos, onde morava com a mulher e um punhado de crianças. Encontrou o Zé sentado na soleira da porta, ao lado de uma janela, onde se apinhavam uns filhos curiosos. Perguntou-lhe a moça da estatística: – Quantos pessoas moram aqui?

– Doze. Eu, minha mulher e dez filhos.

– Qual a idade deles?

– Varia de um e meio a catorze anos de idade.

– Quantos trabalham?

– Só eu.

– Vocês passam necessidade?

– O que a senhora acha?

– Quantas vezes comem carne por semana?

– Dona, cuidado com as palavras que a senhora usa numa casa onde há gente com fome. Comemos carne nos "finados", quando pego muitos túmulos para lavar.

– Quantos estudam?

– Nenhum.

Nisso a filha que estava na janela adverte: – Pai, paiê, os seus testículos estão de fora.

Disse a pesquisadora: – O senhor falou que ninguém estuda, mas a expressão "testículos" é usada por pessoa que tem algum conhecimento.

Ele respondeu: – Sou eu que ensino, porque se falar que isto *são os meus tomates,* eles comem.

Numa tarde de domingo, com dez anos de idade, eu estava na porta de um circo armado no campo da Portuguesa, procurando uma forma de entrar sem pagar. Chegou um "fiscal de diversões" da prefeitura que me conhecia. – Vou-te pôr pra dentro. Vem comigo.

Fomos para trás do circo procurar o dono. Ele ia dar uma "carteirada". Ali, na frente do abrigo dos artistas e próximo das jaulas dos bichos, entre eles macacos, leões e até um crocodilo hipnotizável, perguntou o fiscal sobre a higiene, saúde e alimentação dos animais. Eu fui atraído por uma

jaula onde estava um leão muito triste e impaciente. Ele olhava para mim como quem pedisse socorro: "quero minha mãe", "quero voltar para a selva."

O proprietário dizia para o fiscal que a saúde dos animais era excelente e que todos os dias era medida a temperatura oral e retal de cada um. Quando afirmava que cada fera consumia, diariamente, pelo menos trinta quilos de carne fresca, o leão melancólico, para desmentir o proprietário, deu uma bela vomitada de macarrão com molho de tomate. Com certeza a macarronada que sobrou do almoço coletivo. Leão de circo sofre. Mais do que depressa o dono nos colocou para dentro. O fiscal foi sentar na cadeira das "autoridades". Eu fui para a geral. O espetáculo encerrou com muito suspense.

Uma linda domadora, descalça, de tanga e bustiê, dentro da jaula com o maior leão (não o da macarronada), deitou numa lona sobre a serragem. O público agitado, mas em silêncio. O leão, urrando e mostrando os dentes, aproximou-se da moça ali imóvel. Devagar, colocou o pé direito da domadora dentro da boca. Batimentos cardíacos nas alturas. Não mordeu. Lambeu-lhe a sola, a perna, o quadril, a cintura, o ombro, colocou o pescoço dentro da boca. Qualquer movimento seria fatal. Lambeu-lhe a face, a testa, fazendo o mesmo do outro lado até chegar ao pé esquerdo. Em seguida, o leão recuou quatro passos, e a artista levantou sob aplausos do público.

De repente ouviu-se um berro: – Isso eu também faço. Isso eu também faço.

O apresentador procurou identificar o corajoso que deitaria na jaula com o leão dentro. Quando localizou o valente: – Você, de calção e camiseta, venha para o picadeiro.

Era o Zé Coveiro.

– Você tem coragem de repetir o espetáculo?

– Claro que tenho. Prende a fera. Deixa a moça deitada, que eu vou mostrar para esse leão tonto como deve ser feito.

MEMÓRIAS DO PORTEIRO

A pessoa que toma conta da portaria de um prédio de apartamentos é o único que tem conhecimento do que se passa entre os condôminos. Não só em razão de suas próprias funções, como também por informação das prestadoras de serviços nas unidades autônomas. Ele sabe quem chega embriagado. A família que só se alimenta de pizza. Do esperto que exige que o condomínio pague o conserto de seu carro por danos sofridos fora do empreendimento, sob a alegação de que acontecera no estacionamento do edifício. Os condôminos ingênuos ou imprudentes conversam o que não deveriam conversar, na presença das empregadas, as quais passam o que ouviram para o porteiro, muitas vezes sem a intenção de criticar.

Em São Paulo, quando visitava um parente no Paraíso, conversava muito com um italiano, de nome Pepino, de mais de setenta anos de idade e cinqüenta de portaria. Ele narrava casos pitorescos, tendo como personagens moradores de apartamentos. "Aqui mesmo, no quinto, tem uma mulher chata. Da janela do quarto que dá pra rua, ela chama a atenção do marido quando este pára no bar da esquina: – Hei! Nardinho, até quando vai ficar gastando o umbigo nesse bar? E todos seus amigos riem dele. O balcão do bar é circundado por um corrimão de aço nele chumbado. Numa tarde, na mesma hora em que a mulher apareceu na janela para dar-lhe um esculacho, entrou no boteco um militar com as algemas na cintura. Nardinho pediu para

vê-las, inclusive a chave. Quando a mulher gritou lá de cima, ele, com as algemas abertas, colocou uma na mão esquerda, jogou a chave sobre um muro ali existente, passou por dentro do corrimão, prendeu a mão direita e fechou, gritando para a mulher : – Tá vendo, daqui não saio mais, vou beber até dormir em pé."

Uma empregada contou ao Pepino que "um casal, após voltar de um espetáculo circense, enquanto tirava o sapato, disse o marido para a mulher: – Que trapezista bonita. Deu-me vontade de entrar no picadeiro e 'atracar-me' com ela na presença de todos. A mulher lhe disse: – Que vergonha você passaria se o público pedisse bis."

Uma outra lhe contou que pedira a conta porque todos os dias a família da patroa só comia macarrão "alho e óleo". O casal do sexto passava o cadeado na geladeira para a empregada não pegar o que tinha dentro. O viúvo do oitavo, por muitos anos, usou o hospital como motel. Simulava estar doente e o médico determinava o internamento para tomar soro, com direito a acompanhante. É claro, sua namorada. E o plano de saúde pagava a conta.

O homem do nono vestiu sua cueca vermelha e seu terno azul. Disse que trabalharia à noite, mas foi para um motel. Perdeu o controle do tempo. De manhã, vestiu a roupa às pressas e foi para casa. Quando entrou no prédio, o porteiro falou: – Bom dia super-homem. Ele não respondeu. Entrou no apartamento. Os filhos já estavam tomando café servido pela mulher. Esta lhe disse: – Bom dia super-homem. E os filhos: – Super-homem, você leva a gente para a escola? Intrigado perguntou por que o tratavam como o herói e todos responderam: – Só você e o idiota do *Superman* usam a cueca por cima da calça.

Mas o Pepino lembrou que conheceu há muitos anos um porteiro – o Toninho Bico Doce. Feio, de dentadura, narigudo, enrugado precocemente, de voz rouca. Mas se achava um galã. Cantava todas... Ele estava há muito tempo de olho numa moradora do prédio. E ela timidamente parecia corresponder. Um dia, ele ouviu o marido, um mineirinho pão-duro, dizer-lhe: – Não pago essa quantia para pintar o apartamento nem que a vaca tussa. Bico Doce interrompeu a conversa: – Olha, a partir de amanhã estou de férias. Se quiserem, eu posso pintar. Já exerci essa profissão. Não cobro nada.

De graça, o morador topou. No primeiro dia, o "galã" realizou seu sonho. Ele e ela não contavam, porém, que o mão-de-vaca voltaria antes da hora para buscar um documento que esquecera. Quando o marido entrou no quarto, a mulher se escondeu, e Toninho, segurando o balde de tinta, subiu na escada.

– O que é isso? Começando pelo quarto?

– Não estou cobrando nada! Começo por onde eu quiser.

– Mas pelado?

– É isso mesmo. – Não quero sujar minha roupa.

– E esse "trem" apontando para o teto?

– Ué! Onde você quer que eu pendure o balde?

NÃO DIGA SIM QUANDO QUER DIZER NÃO

O desajuste de uma pessoa tem origem, quase sempre, no conflito consigo mesma, em razão do que deseja fazer com o que, na realidade, pode ou deve fazer. Alguém, por não saber dizer *não*, empresta o carro. Enquanto o veículo não lhe for devolvido, sofrerá um desajustamento psicossomático, com taquicardia, sudorese, angústia, ansiedade, consumirá bebidas e mais cigarros, se fumante for. Tudo poderia ser evitado, se no lugar do *sim* tivesse dito um *não* "guilhotina", ou seja, cortado o assunto pela raiz.

Não dizer *sim* quando quer dizer *não* é um tema permanentemente debatido e estudado. O *não* é realmente a palavra mais difícil de ser dita. E dizê-la, quando necessário, no lugar de *sim*, é um aprendizado de vida. A pessoa que só sabe dizer *sim* vive angustiada, ansiosa e sobrecarregada. É assim na família, na sociedade, nas diretorias de clubes recreativos, entidades sociais, filantrópicas, empresariais, repartições públicas e privadas. Há sempre alguém trabalhando mais porque há outros trabalhando menos. O cemitério está cheio de gente eficiente que para lá foram precocemente, porque só souberam dizer *sim*.

É preferível ficar vermelho um minuto dizendo *não* ao invés de amarelo pelo resto da vida por ter dito *sim*. O *sim* é manifestado no lugar do *não* até mesmo tacitamente, pelo silêncio ou inércia.

São conhecidos os versos do brasileiro Eduardo Alves da

Costa, em *No caminho, com Maiakovski,* cuja autoria já foi erroneamente atribuída a estrangeiros: "[...] Tu sabes,/conheces melhor do que eu/a velha história./Na primeira noite eles se aproximam/e roubam uma flor/do nosso jardim./E não dizemos nada./Na segunda noite, já não se escondem:/pisam as flores,/matam nosso cão,/e não dizemos nada./Até que um dia,/o mais frágil deles/entra sozinho em nossa casa,/rouba-nos a luz, e,/conhecendo nosso medo,/arranca-nos a voz da garganta./E já não podemos dizer nada.

Nos dias que correm/a ninguém é dado/repousar a cabeça/ alheia ao terror./Os humildes baixam a cerviz;/e nós, que não temos pacto algum/com os senhores do mundo,/por temor nos calamos./No silêncio de meu quarto/a ousadia me afogueia as faces/e eu fantasio um levante;/mas manhã,/ diante do juiz,/talvez meus lábios/calem a verdade/como um foco de germes/ capaz de me destruir. [...]"

Não há vantagem alguma demonstrar no seu ambiente que você é capaz de resolver os problemas de todos. Disse-me certa vez Rômulo Lupo: "De vez em quando, é bom fingir-se de bobo. Bobo não vai à guerra. Quem se sacrifica em batalha, são os mais fortes, valentes, os que sabem tudo."

Quantos que disseram *sim* a alguém e, além de não recuperarem o objeto do pedido, perderam também o amigo que pediu. Presenciei, certa vez, um *não* extravagante. Um cidadão que não andava bem de finanças, em razão de sua prodigalidade, pediu o aval de um amigo, que saiu com esta: – *Não* estou preparado psicologicamente para ser seu avalista. Curto e rápido.

É claro que há os *não* e os *sim* profissionais. Um juiz quando diz *não* a uma das partes está dizendo *sim* à outra. O aprendizado para dizer *não* deve concentrar no livre-arbítrio. Quando o cidadão tem a faculdade de dizer um ou outro. Quando sou convidado a ir aonde me falta a vontade, costumo dizer: – *Não* vou por quinze motivos. Primeiro, porque eu *não* quero. Não preciso falar os outros catorze.

E se o *não* recebido como resposta for injusto, insista na busca do *sim*. Reclame, lute, recorra, principalmente se for perante a justiça. Há muitos anos, numa pequena comarca do interior, um sitiante reclamou em juízo a devolução de um potro que havia desaparecido de suas terras e que foi

encontrado no sítio lindeiro, que tinha alguma plantação e dois bois. Perante o juiz, o vizinho manteve a recusa da devolução, jurando que o cavalinho fora sempre de sua propriedade. O juiz julgou improcedente o pedido, indeferindo o retorno ao legítimo dono. O reclamante, sabendo do trajeto diário percorrido pelo juiz, postou-se numa estrada, com uma vara de pescar, colocando o anzol na areia. O juiz intrigado lhe perguntou: – Você espera mesmo encontrar peixe aí?

E ele respondeu: – É mais fácil achar peixe nadando na terra, do que de dois bois nascer um cavalo. O juiz reviu a sentença convertendo o *não* em *sim*, determinando a restituição do animal.

O ANIVERSÁRIO QUE VIROU PIADA

Genézio era funcionário de um Instituto de Aposentadoria e Pensões. Dos muitos que existiam nos anos 1950. Casado com Lalica havia mais de vinte anos, pai do Fernando, de 17 anos, e de Melissa, de 15 anos de idade. Homem sério, virtuoso, dedicado à família e ao trabalho. Sem vício algum. Era chefe de seção. Ernestina ou Tininha, solteirona de 36 anos, era a mais antiga e sua imediata. O Arcanjo, conhecido como Charuto, embora não fumasse, era seu maior confidente. Também colega, mas de outra seção. Genézio a ele se queixava da monotonia de seu casamento. Sofria antecipadamente a síndrome do pânico dos cinqüenta anos que se aproximavam: – Todos dizem que o infarto, o colesterol, a triglicéride, a diabete e o aneurisma gostam muito do cinqüentão.

Charuto não estava nem aí com a idade. Ele queria viver com intensidade o presente. Embora casado, era um cafajeste assumido. Dizia para o Genézio que mulher não gosta de marido certinho, aquele que fica em casa de chinelão, perguntando o que tem para comer E não guardava segredo: – Vestiu saia, não é padre nem escocês, eu canto mesmo. Já apanhei muito, mas transei bastante. O saldo é sempre positivo.

O amigo pilantra tratava a esposa com muito carinho, principalmente em público. Chamavam-se de mor, patrão, patroa, benhê, princesa, príncipe, pai e mãe. Todo dia, à noitinha, passeavam de mãos dadas,

no quarteirão de sua casa. Era um artista. Charuto saía para as noitadas logo depois de a mulher pegar no sono. Um dia, chegando de madrugada, quando sentou na cama para tirar as calças, a mulher acordou: – Mor você está chegando agora?

– Não, minha princesa, estou levantando para fazer café pra você. Depois eu durmo mais um pouco.

E ela falava para todo mundo sobre a bondade e o carinho do marido. O Charuto enchia a cabeça do Genézio com maus conselhos: – Até cunhada você não pode rejeitar. Se ela lhe der confiança, só para sacanear a irmã por inveja, encare e faça o gosto dela. Você terá uma aliada que o defenderá de qualquer acusação. Mesmo perante a família. Com a rejeição, arrumará a maior inimiga. Um dia vai lhe chamar de veado ou pilantra.

O Charuto dizia não temer nem flagrante adultério: – Se eu estiver pelo menos de meias, arrumo desculpa convincente. Era tão cafajeste que levou uma tia esclerosada, bem mais velha e sem memória, para um motel. Na entrada, ela pensou que era uma capela. Só percebeu que não quando o viu pelado. Assustou-se com a trombeta do arcanjo, que a fez delirar. No dia seguinte, foi conferir. Levou para ela um bolo de padaria: – Charuto, há quanto tempo. Até que enfim veio visitar sua tia. Não se lembrava de nada.

Até que chegou o 19 de abril, dia do Índio, aniversário do Genézio. Levantou e foi tomar café. Na mesa já se encontravam a mulher, os filhos e a sogra que morava com ele. Ninguém o cumprimentou. Frustrado, seguiu para o trabalho, onde foi recebido com um abraço da Tininha, a colega de 15 anos de serviço: – Genézio... Parabéns. Cinqüenta anos? Não parece. Você está ótimo. Levantou o astral do colega.

À tarde, Tininha pediu carona ao Genézio e no caminho: – Podíamos dar uma parada num barzinho para tomar alguma coisa. O que fizeram. Chegando em sua residência, onde morava sozinha, convidou Genézio para entrar: – Trabalhamos juntos há tanto tempo, e você não conhece minha casa. Genézio começou a reparar no corpo da Tininha e a pensar nos conselhos do amigo safado: – Perdi todos esses anos. Ela deve estar interessada em mim há muito tempo. O Charuto não teria perdoado. Que idiota que eu sou. Casa-trabalho. Trabalho-casa. Ele tem razão. O que se leva da vida é a vida que se

leva.

Na sala conjugada – estar e jantar –, Tininha disse: – Genézio fique à vontade. Não se acanhe. Se precisar de banheiro é nessa porta aí. E se retirou. Genézio ficou pensando e dialogando com ele mesmo: "Como ela vai voltar? De camisola? Pouca roupa? Ou mais ousada, sem nada?" Não teve dúvida. Foi ao banheiro, tirou o paletó, a gravata, a calça, a cueca e os sapatos. Baixou a cabeça e pediu ao "velho companheiro" que não o desapontasse.

Acontece que estava tudo combinado. A sua família pedira à Tininha a casa emprestada para uma surpresa. De repente, entram na sala a Lalica, a sogra, a filha, o filho com a namorada e a Tininha, com balões, bolo com velinha acesa, pratos com salgados, cantando um "parabéns a você" que foi lentamente interrompido por todos. É que Genézio já estava no meio da sala só de camisa e meias. De um lado, todos paralisados, e de outro, Genézio, com as pernas abertas, joelhos encolhidos, braços descolados do corpo, mãos espalmadas para frente, como goleiro se preparando para defender um pênalti. Pálido e de olhos arregalados, improvisou: – Tininha... não encontrei papel higiênico...

Não foi uma explicação cinco estrelas, mas somada aos seus bons antecedentes foi salvo pelo gongo. Como aprendiz de cafajeste até que reagiu bem. Por certo, o Charuto, com mais experiência, teria melhor desculpa.

O FIASCO DO TOURO

Nos anos 1950, as campanhas políticas eram feitas principalmente corpo-a-corpo. Pessoalmente pelos candidatos ou através de cabos eleitorais. Estes sob a promessa de cargos públicos, sem ponto, sem prova de capacidade ou subordinação hierárquica. Como alguns candidatos eleitos cumpriam as suas promessas, o quadro de servidores públicos ficava inchado, além de desmoralizado. Eram por isso debochados nas comédias da Atlântida e nos programas humorísticos de rádio como "Balança mas não cai" ou "PRK 30", de Lauro Borges e Castro Barbosa, sem falar dos cantores e duplas, como Alvarenga e Ranchinho. Quem não se lembra de "Maria Candelária", marchinha carnavalesca cantada por Blecaute.

Essa gozação até hoje respinga injustamente nessa classe laboriosa que agora tem sua capacitação filtrada em concorridos concursos públicos. Salários defasados. Material de trabalho sucateado, tendo ainda que suportar, em virtude do trato direto com o público, críticas quanto a eventuais burocracias e mazelas que não deram causa, uma vez que se subordinam a normas, regras e leis, das quais não participaram nem opinaram. Tendo ainda que sofrer os resquícios daquela época de meio século atrás, quando eram alvo de piadas e histórias satirizantes, como a do boi Sansão, contada com bom humor naqueles tempos:

O Pedrão foi visitar o Zezo, seu vizinho, também criador de

gado. Na cozinha, enquanto tomavam um café, enalteceu as qualidades do seu touro de raça que criara na mamadeira. A mãe morreu na cria. Deu-lhe o nome de Sansão. Para espanto do Zezo, disse que conversava com o touro. O Zezo quis saber se o Sansão era bom para cobrir as vacas.

– Bom? Põe bom nisso. Cinco, seis vezes por dia.

A mulher do Zezo que lavava pratos e ouvia a prosa aproveitou para estocar o marido, por certo preguiçoso de cama: – Viu Zezo? Seis vezes por dia.

O Zezo não se avexou. – Diga uma coisa Pedrão: é sempre com a mesma vaca?

– Não. Com vacas diferentes.

Aí o Zezo revidou: – Viu mulher? Com vacas diferentes.

A raça e a virilidade do Sansão fizeram fama na região. O Pedrão cobrava para levar o Sansão nas feiras pecuárias, onde sem pudor, perante público pagante, cobria simultaneamente até dez vacas e, às vezes, repetia alguma.

A cooperativa dos pecuaristas pretendeu comprar o touro, mas Pedrão pediu alto para não vender mesmo. Então, o prefeito arrumou uma verba e comprou o touro. Foi registrado na prefeitura como bem público dominical. Para fazer média com os eleitores faria concessão de uso do touro aos filiados da cooperativa. Adiantaram até a exposição agropecuária daquele ano. Ali improvisaram um estábulo elegante: serragem no chão, cerca de tábuas pintadas de azul e branco, um cocho com sal, outro com torta de farelo e uma tina com água fresca. Um verdadeiro motel bovino. No palanque, falou o prefeito, na companhia de vereadores, delegado, juiz e até um deputado estadual que prometeu cumprimentar o município através da Assembléia do Estado.

Sansão copular com dez vacas simultaneamente seria a apoteose da festa, para delírio dos presentes que se espremiam na arquibancada. Rufaram os tambores da banda local, e o Sansão foi levado ao recinto preparado. Lavado e escovado, com crachá no peito, deu uma lambida no sal, tomou um gole de água e postou-se na frente do cocho de farelo. Em seguida, entraram na arena dez lindas vaquinhas de proprietários diferentes.

Todas no cio. Com fitas e medalhas no pescoço e *piercing* na orelha. Desfilaram na frente do touro, disputando sua atenção. E ele nem aí com a presença delas. Ruminando a torta, como se mascasse chicletes, com o rabo dos olhos desdenhava as "donzelas". Tempo passando e nenhum sinal de excitação.

O povo começou a vaiar e gritar: – Bicha, bicha, touro veado." Um vereador da oposição já colhia assinaturas para instalação da CPI do Sansão. O delegado não descartava a hipótese de indiciar o Pedrão por estelionato: – Houve engodo. Ele devia dar catuaba (ainda não existia Viagra) para o touro a fim de valorizar seu preço. O prefeito temendo *impeachment,* e o Pedrão, uma ação civil para devolução da quantia com multa. Dr. Bernardino, advogado, arriscou um latinório ação *ex empto*, desfazimento da venda por vício oculto. Na legislação da época não existia o Código do Consumidor. O deputado saiu de fininho, à sorrelfa. A pedido do prefeito, o Pedrão, vexado, aba do chapéu puxada para baixo a fim de esconder o rosto, entrou no estábulo. Chegou ao touro e lhe disse: – Sansão, você não rejeitava nem vaca velha bernenta. O que houve com você?

O touro respondeu: – Só quero sombra, torta, sal e água fresca. Não faço mais nada. Agora eu sou *aspone* municipal.

A NOITE

Diria um personagem shakespeareano que "a noite é a verdadeira imagem do inferno. Receptáculo da vergonha. Lúgubre cena de tragédia e de horrendos crimes. Vasto caos encobridor de maldades. Sombrio asilo de infâmias. Difamadora confidente da violação e da perfídia."

Como degustador da noite, quando se viaja sem sair do lugar, não concordaria com Shakespeare.

A noite só amedronta e é madrasta peçonhenta para aqueles que têm medo de se encontrar na escuridão com a própria consciência para a prestação de contas.

A noite só é insuportável quando se apresenta como espelho, do qual os homens, pesados pelos sentimentos de culpa, fogem dele como o vampiro foge da cruz, foge do alho ou da água benta. Temem a verdade sabida.

A afirmação de que a escuridão é melhor do que a claridade e de José Selgas: – O dia é um escândalo. A noite é um segredo.

De dia, vê-se o que parece. De noite, o que se sonha.

De dia, o homem é, em regra, o que os outros querem que ele seja. De noite, ele é o que é.

A noite é para devaneios. Para as quimeras.

De dia, os palácios, os carros, a pompa, o luxo, a arrogância, a mentira, a calúnia, a desfaçatez, a dissimulação.

A noite, com sua mão invisível, esconde esse aparente espetáculo de grandeza e desnuda a miséria de cada um.

O dia se apresenta com opulência, sorrisos falsos e equivocados, vestes luxuosas e camufladoras. É de dia que há comparações. Que se exterioriza a inveja. Numa só palavra, a superfície de cada ser: – Esse é o cara. Esse é o homem.

A noite, desatando o fio enigmático dos sentimentos humanos e das idéias, apresenta-nos a alma.

De dia, a terra. De noite, o céu.

De dia trabalhamos. À noite vivemos.

De dia, o negócio, o comércio, o escritório, a escola, o consultório, os hospitais, as repartições públicas.

De noite, os amigos, os noivos, os namorados, os esposos, os amantes, a família. O gato no colo. O cachorro aos pés.

O dia foi feito para a matéria. A noite, para pensar, refletir, organizar-se, meditar, orar, para blindar-se de todos os males. E de todos os maldosos.

De noite, o homem se encontra consigo mesmo. A noite lhe causa alegria ou sentimento de culpa, na proporção direta dos atos que praticou durante o dia. Por isso, a noite é a verdade. O dia quase sempre é a mentira.

De noite, o homem se adivinha, se descobre, fala de si mesmo e se reconhece.

Na noite, o homem se retrata. Nela se encaram os de consciência leve.

Na noite, só o coração enxerga melhor. Porque o essencial da vida é sempre invisível aos olhos.

A noite, com sua magia, tem o dom de nos mostrar rostos queridos de ontem.

É de noite que nossas idéias incompreensíveis vagam pelo mundo misterioso da inteligência em busca de forma.

No silêncio da noite montamos nossos corcéis alados e viajamos para concretizar sonhos que sonhamos acordados. E aí então encontramos o que buscamos, em paraísos ainda não ultrajados pela violência, pela cobiça

ou inveja.

De noite, a alma se levanta sobre a terra, como o perfume que emana da relva.

De dia, vegeta-se. Há emoções vividas. Mas talvez não sentidas...

De noite, reflete-se.

É de dia que se comete o maior número de crimes. Mesmo aqueles dissimulados como morais ou legais.

Ao amanhecer, o homem, com seu terno, sua farda, seu distintivo, seu jaleco, seu macacão, sua beca, disfarça-se de banqueiro, autoridade, professor, servidor público, trabalhador braçal, de amigo, de anjo, de diabo, de vagabundo ou de safado.

Por isso, de dia tudo é bruma, mistério e incerteza. E o homem tem dificuldade para separar o *seu eu do seu anti-eu.* Pinçar a verdade dentro dos enganos, das algazarras, do tumulto, da confusão, simulação, do brilho e do movimento.

Toda clareza diurna é relativa.

De noite tira-se o disfarce, a máscara e a dissimulação. Fica o homem.

E aí o seu mundo é sereno, silencioso e solene.

HISTÓRIAS FORENSES

O juiz na tribuna do júri determinou ao oficial de justiça o pregão das partes e testemunhas. Nada mais é do que verificar se estão presentes o réu e seu defensor, o promotor de justiça, representando o Estado, e testemunhas arroladas pela defesa e pela acusação. O promotor assumiu seu lugar ao lado direito do juiz. O réu foi conduzido à presença do magistrado que lhe perguntou o nome, idade e se sabia ler e escrever. O defensor assumiu a tribuna de defesa. Formou o Conselho de Sentença com sete jurados sorteados e aceitos pela promotoria e defesa. Fez o interrogatório do acusado. Em seguida, chamou para testemunhar uma velhinha de oitenta anos. O promotor que pediu seu depoimento, para demonstrar tratar-se de pessoa lúcida e consciente, pergunta: – D. Isaura, a senhora me conhece, sabe o que faço e quem sou eu.

E ela responde: – Claro que o conheço Arnaldinho. Desde bebê. Francamente, você é uma decepção. Mente, trai descaradamente sua mulher, manipula as pessoas, espalha boatos, adora fofocas. Mais pesca do que trabalha. Acha que é influente, porém não passa de um coitado.

O promotor, vermelho, envergonhado, petrificado, interrompe a testemunha e pergunta-lhe se conhece o advogado de defesa ali presente.

– O Fernandinho? Também conheço desde criança. Tomava conta dele para a sua mãe ir trabalhar. Foi um sacrifício para ela pagar os seus

estudos. Até hoje, ela o sustenta. É pinguço, vagabundo, preguiçoso, perdeu sua clientela, pregador de moral que não tem.

Nessa altura, o juiz aperta a campainha e interrompe o depoimento. Chama para a sua mesa o promotor e o advogado, cochichando no ouvido deles: – Se algum de vocês dois perguntar para essa velha filha-da-... se ela me conhece, vai sair daqui preso. Entenderam?

O Manoel, próspero padeiro, resolveu fazer direito. Formado, comprou um terno, uma pasta e passou a freqüentar o fórum. Todo advogado tem de ter uma pasta. Nem que seja para encher de jornal. É como médico. Sem aquela maletinha que mais parece uma lancheira não tem aparência de doutor. Naquele tempo, não havia exame da Ordem dos Advogados. Um dia foi nomeado para defender um réu preso. Foi até a cadeia conhecê-lo. O detento pediu que não o deixasse pegar pena superior a três anos de prisão. Estando recolhido há um ano e quatro meses, cumprindo metade, sairia com livramento condicional. E reiterou: – Pelo amor de Deus doutor, três anos está ótimo.

Terminado o processo e proferida a sentença, o dr. Manoel foi ao presídio levar a notícia ao recluso. – Como você queria, pegou três anos. O réu foi ao delírio de alegria, e o doutor Manoel observou: – Não foi fácil. O promotor pediu reiteradamente a sua absolvição.

Num processo cível, uma senhora pleiteava da Previdência Social os benefícios de viúva. No andamento do processo, o seu advogado, por escrito, informou ao juiz o novo endereço da cliente. Um convento. Ela optara por ser freira. O juiz extinguiu o processo, fundamentando que a autora não era mais viúva, uma vez que a freira notoriamente se casa com Deus, perdendo o requisito indispensável para obtenção daqueles benefícios.

Uma mulher estava presa e processada sob acusação de ser a mandante de um crime de homicídio. Ela jurava inocência. Com lápis de arrumar sobrancelha e batom, escreveu na parede da sua cela pesadas ofensas dirigidas às autoridades do processo. E até ao presidente do Tribunal de Justiça que lhe negara *habeas corpus*. O promotor desejando mostrar ao júri o temperamento da ré requereu, e o juiz determinou ao oficial de justiça que fosse ao presídio a fim de documentar o que por ela fora escrito.

O meirinho cumpriu a ordem, redigindo curiosa certidão: "Certifico que em data de hoje, por determinação judicial, fui até a cadeia pública desta cidade. Na cela, onde se encontra presa e recolhida a ré Maria de tal, encontrei escrito na parede o seguinte: 'Juiz Beltrano de Siqueira, parcial, vagabundo, safado etc. Promotor Fulano de Souza, cafajeste, analfabeto, sem vergonha etc. Delegado Fulano da Silva, bicheiro, veado etc. Desembargador Beltrano de tal, velho brocha, gagá, incapaz etc.' E terminou a certidão com o formalismo processual corriqueiro: "Todo o referido é verdade e dou fé." Eu (assinado) oficial de justiça, escrevi."

SORRIR PROLONGA A VIDA

Há inúmeros dispositivos legais impondo tratamento respeitoso aos idosos. Nada mais justo. Mas é bom lembrar que todos merecem respeito independentemente da idade. Respeito é bom e todos gostam. Jovens e velhos. Tratamento diferenciado não se confunde com o respeito social ou familiar que é outra coisa. A idade não se conta pelo número de anos vividos. Nem pela quantidade de cabelos brancos, mas sim pela juventude conservada ou precedida. "Aos quarenta anos, o homem vive a velhice da juventude e, aos cinqüenta, a juventude da velhice." O sexagenário, idoso por lei, não reivindica, simplesmente por isso, o respeito. Nem a idade, em regra, muda-lhe o caráter. O canalha, o estuprador, o ladrão, o mentiroso, o corrupto, o estelionatário, o assassino, o traficante, o seqüestrador e outros marginais também envelhecem.

É ilusão acreditar que um jovem venha admirar e respeitar um idoso simplesmente por exigência legal, se ele não fez por merecer esse respeito no curso de sua vida. Seria mais questão de educação do que de legislação. Sobejam recomendações quanto à forma preferencial de tratar o idoso. Uma super proteção, pelo menos teórica, que chega a discriminá-lo, contrariando a vontade do legislador. Criou-se um inconsciente coletivo, causando ao homem um perceptível prejuízo psicossomático. Sendo ele o que ele pensa e acredita que é, passa a se considerar, na realidade, aos sessenta anos, um velho a reivindicar, com todo vigor que ainda mantém oculto, direitos previstos na

legislação, nem sempre alcançados, sentenciando-se como acabado.

Não há dúvida de que o idoso precisa de amparo à saúde, assistência médica, lazer etc. Principalmente os desvalidos. E os outros? Não? O Estado tem a obrigação, pelo que arrecada e em cumprimento aos preceitos constitucionais, de cuidar dos seus cidadãos. Do nascimento à morte. Porém, insisto. Assistência e consideração não se confundem com o respeito sempre esperado da sociedade e da família. Que todos velhinhos são bons, é mito. Nem todo velho é bom em razão da idade. Ao contrário, se não acumularmos bom humor, autocrítica, certa generosidade e cultivo de afetos vários, seremos velhos rabugentos que afastam família e amigos. Nem sempre o velho ou a velha estão isolados porque os filhos não prestam ou a vida foi injusta. Muitas vezes se tornaram tão ressentidos de alma, tão ralos de emoções, tão pobres de generosidade e de alegria que espalham ao seu redor uma atmosfera gélida a espantar os outros.

Idoso por ter sessenta anos? Escambau! Acredite quem quiser acreditar e será realmente um velho. O homem tem a idade do seu sorriso. Sorrir traz felicidade e prolonga a vida. Respeito e estima não se impõem por lei. Recomendável e conveniente é a convivência, alegre e saudável, entre jovens e velhos num clima de amizade, de solidariedade, atenção, consideração e uma boa pitada de hilaridade. O bom humor, a risada e a alegria são os principais responsáveis pela interação entre pessoas de todas as idades. É da brincadeira sadia que nasce o bom e o duradouro relacionamento.

Um velhinho foi ao médico e para ele se queixou que por ocasião de sua segunda relação sexual sentia muito frio, principalmente nos pés, ao contrário da primeira, quando suava muito de calor. O médico, admirado, pediu mais detalhes, inclusive sobre o intervalo entre uma e outra. E o velho respondeu: – A primeira é no verão, em janeiro, e a segunda é em julho, no inverno.

Num hospital, sala cheia, uma recepcionista dona da verdade faz a ficha de um velhinho: – Qual seu problema?

E o idoso apontou para baixo, dizendo que era com o seu *bilau*. A moça irritada: – Guarde suas confidências para o médico. Quando for chamado para entrar, diga que o problema é com qualquer outra parte do

corpo.

Na sua vez, a mesma atendente, para o mesmo velhinho anteriormente advertido: – Qual o seu problema mesmo?

Ele diz: – É com minha orelha. A moça, contente por ter ele atendido a sua recomendação, perguntou: – O que acontece com sua orelha?

– É que eu não consigo mijar.

E outro velhinho, sentado no banco de uma praça, encara um punk ao seu lado com os cabelos engomados e pintados de azul, vermelho, verde e branco. E o jovem pergunta: – Qualé coroa? Não fez nenhuma extravagância quando era moço?

– Fiz sim. Respondeu o velho. – Uma vez transei com uma arara e eu estava olhando para ver se você não é meu filho.

A DIFERENÇA QUE FAZ A DIFERENÇA

Foi feita recentemente uma pesquisa para se averiguar o que é importante para o consumidor. Consumidor no sentido geral. De serviços públicos ou privados, de serviços prestados por profissionais liberais, de associações, de sociedades, de comércio ou de indústria. Enfim, qualquer tipo de serviço ou produto oferecido para pessoas físicas ou jurídicas. De 43% a 50% dos entrevistados apontaram o "bom atendimento". O preço ficou com a preferência de 17% dos participantes. É isso mesmo. A atração está na gentileza e na dedicação.

A pior fome não é somente a de pão, mas também a de carinho, de afeição, de sorriso, de um olhar, de amor, de amizade, de respeito, de alegria, de temperança, de educação. Não se fala mais "bom dia", "pois não", "faz favor", "obrigado", "dá licença", "desculpe", "não é bem assim" etc.

Hoje, falamos mais com máquinas do que com pessoas. Basta ligar para onde quer que seja: Isto é uma gravação... Disque 1 para ... Disque 2 ... Até em manicômio há gravação. "Você ligou para o hospício? É engano. Aqui não tem telefone." E ainda fica obrigado a ouvir aquela musiqueta chata do caminhão de gás.

Dizem que num morro do Rio de Janeiro o gás ainda é entregue em carroça. Um bêbado saiu do bar e foi conversar com o cavalo:

– Pô, meu, como você está magro, judiado, casco comprido.

E o cavalo reclamou:

– Meu amigo... a coisa não está fácil!

E o bêbado, espantado:

– Você fala? O seu dono sabe disso?

– Não. Nem quero que saiba, senão, além de eu puxar a carroça, vai me obrigar a ficar gritando: "Olha o gás, olha o gás, olha o gás."

É gente despreparada para fazer o que se dispõe a fazer, sem vontade ou com pessoal desorientado. Há comerciante que além da falta de educação, exige do cliente que ele se cadastre no telecheque. Que abusividade é essa? O povo é que deve cadastrar esses abusados para ninguém comprar mais deles.

O Rafa, amigo de muitos anos, enólogo, levou seu amigo americano a uma bodega para tomar um vinho.

– Que vinho bom você tem aí?

Respondeu o bodegueiro de cara amarrada:

– São os que estão na prateleira!

Rafa escolheu um de duzentos reais, mandou abrir, disse que sentaria com o acompanhante para degustá-lo, pedindo queijo, pão e azeite.

– Tudo bem, disse o comerciante. Só que vocês têm dez minutos para tomar o vinho. Eu fecho às seis horas.

O gringo se indignou primeiro:

– What?

Meu amigo, que de calmo é só aparência, replicou:

– Está bem. Em vez de taça, traga um funil para cada um. Só assim tomaremos nesse curto espaço de tempo.

Não conseguiram. Pagaram e saíram de carro tomando de gole em gole, no gargalo da garrafa.

E pergunta de repórter:

– A senhora está muito triste com a morte do seu marido no acidente...?

No dia do idoso perguntaram ao velhinho sentado no banco da praça da prefeitura:

– O que o senhor prefere? Sexo ou Natal?

Respondeu: – Sexo, é claro. Natal tem todo ano. Enjoa. Enche o saco.

Já contei a história do meu amigo que foi ao médico com o dedão do pé vermelho e latejando. Primeiro a secretária lhe perguntou nome, endereço, CIC, RG, filiação, naturalidade, telefone, e-mail, se tinha caspa, dor na coluna, se era casado, convivente, viúvo, solteiro etc.

Ele indagou:

– Por que tantas perguntas?

– Não sei. Mandam-me fazer. Eu faço.

Demorou, mas foi atendido.

– Tem antecedentes na família?

– Sei lá se alguém já teve unha encravada, disse meu amigo ao doutor.

– Você precisa emagrecer. Comer muita verdura. Cuidado com a gordura *trans*.

– Doutor, eu vim aqui por causa da unha.

– Você tem que andar bastante.

– Mas com essa unha?

– Doutor, um amigo me disse que se andar fizesse tão bem, os carteiros morreriam com mais de cem anos.

Até que enfim ficou livre do unhaço que foi amputado, amenizando a sua dor. Na saída, a atendente ainda gritou:

– Faltam uns dados para preencher a ficha.

Ele saiu correndo num pé só.

O bom atendimento é a diferença que faz a diferença em qualquer lugar. É claro, sempre aliado ao bom produto ou à excelência do serviço.

O cientista Joaquim Grillo, acaba de inventar um *air bag* portátil. Basta acoplar no volante e no porta luvas, com a boca em direção ao motorista e ao passageiro ao lado, estando ali escrito em letras bem grandes: "Em caso de acidente, assopre bastante até ficar bem cheio."

A PRESSA, A CURIOSIDADE E O ÓDIO

Correu solto o boato de que o sábio Nasrudin estava morando no condado. Várias pessoas foram a sua procura e pediram-lhe, como respeitável Mulá (personalidade religiosa), alguns ensinamentos. Nasrudin foi à praça, já com povo aglomerado, e perguntou:

– Vocês têm noção do que eu possa lhes falar?

– Não. Não temos, responderam todos.

– Então, vão para casa porque não vou perder tempo com ignorantes. Os moradores não se deram por vencidos. Voltaram a lhe pedir um sermão. Ele retornou à praça e perguntou:

– Vocês sabem o que eu poderia falar?

O povo respondeu por unanimidade que sim.

– Bom. Já que vocês sabem, não tenho nada a lhes dizer. Vão embora.

Tempos depois o mesmo convite e a mesma pergunta para os presentes, agora mais espertos: metade respondeu que sabia, e a outra metade respondeu que não sabia. Disse então o sábio:

– Nesse caso, também não tenho nada a dizer. A metade que sabe ensina a outra metade que não sabe.

No entanto, o convite foi reiterado. E Nasrudin, comparecendo, ensinou, fazendo perguntas:

– Meus amigos. Vocês querem ter um profundo conhecimento sem dificuldade? Querem verdade sem falsidade? Realização sem esforço e progresso sem sacrifício?

Um grande número de pessoas gritou: – Queremos, queremos!

– Pois bem, disse o Mulá, eu só queria saber. Porque o dia em que eu souber lhes contarei tudo a respeito. E se retirou.

Todo mundo vive à procura de conselhos para tornar a vida mais fácil. Nem sempre os aconselhamentos são bons e prudentes. Mas alguns nos instigam à reflexão, como na história de um jovem casal que vivia de favores. O marido com a aprovação da mulher se retirou de casa à procura de trabalho, dizendo que só voltaria quando tivesse condições de lhe oferecer uma vida mais digna e confortável.

– Não sei quando retornarei.

Juraram fidelidade recíproca. Saiu. Andou muito tempo até que encontrou um fazendeiro que lhe deu abrigo e trabalho remunerado. O trabalhador pediu ao patrão que guardasse todos os seus salários, fazendo uma poupança que lhe seria entregue quando pretendesse voltar para casa. Trabalhou durante vinte anos, sem férias e sem descanso. Após esse tempo, manifestou o desejo de retornar. O patrão então lhe disse:

– O que você quer? O seu dinheiro ou três bons conselhos?

Depois de muito pensar, o trabalhador optou pelos conselhos.

Disse então o fazendeiro:

– 1 - Nunca tome atalhos em sua vida. O caminho mais curto e desconhecido pode lhe custar a vida.

2 - Cuidado com a curiosidade sobre o que não lhe diz respeito. Pode ser mortal.

3 - Nunca tome decisões em momento de ódio ou dor, pois poderá se arrepender e será tarde demais.

Vou lhe dar algum dinheiro para a viagem e estes três pães. Os dois menores para você se alimentar no trajeto de volta, e o maior para você comer com a sua esposa quando chegar em casa.

E o homem iniciou o retorno. No primeiro dia, encontrou um andarilho que lhe aconselhou um atalho para chegar mais depressa. O rapaz,

contente, chegou a iniciar o novo caminho, quando se lembrou do primeiro conselho. Voltou e seguiu o percurso normal. Dias depois ficou sabendo que se optasse pelo caminho aconselhado cairia numa emboscada. Mais para frente, cansado, hospedou-se numa pensão à beira da estrada. Pagou a diária, tomou banho e foi dormir. De madrugada, acordou ouvindo gritos estarrecedores. Quando se dirigia à porta, lembrou-se do segundo conselho e voltou para a cama. De manhã, foi indagado pelo hospedeiro se não tinha ouvido gritos. Disse que sim e que não se importara.

– Você, por não ter curiosidade, é o primeiro a sair daqui com vida. Meu filho tem acessos de loucura e costuma matar o hóspede curioso, enterrando-o no quintal.

Depois de longa caminhada, ao entardecer, aproximou-se de sua casa, quando viu pela janela sua mulher acariciando um homem. Cheio de ódio e dor, resolveu que entraria pelos fundos e mataria os dois de surpresa. Porém, lembrou do terceiro conselho.

– Vou dormir ao relento e amanhã com a cabeça mais fria tomarei uma decisão.

Ao amanhecer resolveu não matar sua esposa nem seu amante.

– Voltarei ao trabalho, mas antes quero dizer a ela que lhe fui fiel todo esse tempo.

Bateu na porta. Entrou. A esposa o reconheceu e se atirou em seus braços. Ele a empurrou. E a chamou de traidora. A mulher lhe explicou que ele a deixara grávida e que aquele homem era seu filho, já com vinte anos. O marido contou a sua história e oraram agradecendo a Deus. Quando partiu o terceiro pão encontrou dentro dele todo o dinheiro ganho nos últimos vinte anos.

Muitas vezes, o homem paga caro por andar em caminhos desconhecidos; pela curiosidade ao que não lhe diz respeito; ou por agir impulsivamente, na hora da raiva ou dor, arrependendo-se tarde demais.

ESCOLHA SER FELIZ

Na minha infância, nos anos 1940, minha família (meus pais e seis filhos) morava em quatro cômodos alugados. Era a última casa da última rua da cidade. Vivíamos as conseqüências da Segunda Guerra Mundial. Não havia emprego. Muito menos para meu pai, um imigrante espanhol, a quem não era dado sequer o direito de ter uma carteira do trabalho. A casa era composta de uma pequena cozinha com fogão a lenha, uma diminuta sala e dois quartos separados por uma parede baixa. Energia elétrica se resumia a duas lâmpadas acionadas por uma "pêra". A água, embora encanada, era quase sempre suprida por caminhões-pipa da prefeitura. Meu pai sustentava a família com o ganho de pequenas e eventuais tarefas, principalmente as de eletricista. À tarde, já ao escurecer, esperávamos por ele, fora da casa. Todos os filhos, principalmente os menores corriam ao seu encontro. E ele pegava os que coubessem em seu colo. Com otimismo, contava as histórias do dia. Depois de jantar, os filhos faziam suas tarefas escolares, algumas brincadeiras e recolhiam-se para dormir. Todos ao mesmo tempo. Os pais em um dos quartos, e os filhos empilhados no outro. De um quarto para outro, os filhos pediam a benção dos pais. A benção pai. A benção mãe. Deus te abençoe, Deus te abençoe, Deus te abençoe... Após abençoar o último, dizia meu pai: – Não esqueçam de rezar e agradecer a Deus por tudo que nós temos.

E os filhos obedeciam. Pelo menos uma Ave-Maria e um Pai-

Nosso bem rezados. A casa não tinha forro e a lua varava as telhas em desalinho, "salpicando de estrelas nosso chão".

Um dia, meu pai retornando do trabalho, alegre, como sempre, disse para minha mãe: – Nina você não sabe o que eu achei.

– O que foi Paco?

– *La trava de la suerte.*

– O que é isso?

– Achei uma ferradura com sete buracos. Dizem que dá sorte a quem encontra. Vou pendurá-la atrás da porta para que ninguém tenha inveja da nossa felicidade.

Tempos depois fiquei sabendo que meu pai lia diariamente a oração de São Francisco de Assis que carregava consigo: "Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz. Onde há ódio que eu leve o amor..." É a oração das pessoas de bem, dos otimistas e felizes. Meu pai tinha e passava para a família o costume de ser feliz.

A felicidade é um estado de espírito. Infelicidade e pobreza são conceitos distintos, embora o infeliz seja quase sempre um pobre de espírito. Se a felicidade é um estado de espírito, a infelicidade também o é. Todos nós temos a liberdade de escolher a felicidade. A felicidade existe. Como diz Vicente de Carvalho, em seu *Velho Tema*: "Essa felicidade que supomos/Árvore milagrosa que sonhamos/Toda arreada de dourados pomos/Existe, sim: mas nós não a alcançamos/Porque está sempre apenas onde a pomos/E nunca a pomos onde nós estamos."

Há uma frase na Bíblia que diz: "...escolhei hoje a quem quereis servir..." (*Josué* 24:15). Isso parece e é extraordinariamente simples. Muita gente tropeça no caminho para a felicidade por não reconhecer na simplicidade a sua chave. São simples as grandes coisas da vida. É feliz quem tem o hábito de ser feliz. É infeliz quem tem o hábito de ser infeliz. Claro que algumas tristezas são inevitáveis e nos fazem algumas vezes infelizes. Mas não são poucos os que constroem a sua própria infelicidade. Em cada cinco pessoas, quatro não são felizes ou pelo menos não quanto o poderiam ser. É lamentável que alguém tenha o hábito de ser infeliz. A vida por si só cria tantos problemas que diluem nossa felicidade. Seria uma grande tolice se procurássemos ainda

destilar infelicidade em nosso espírito.

Os ressentimentos, os temores, a má vontade, os aborrecimentos, a inveja são os principais ingredientes de que se serve o processo criador da infelicidade. A felicidade está sempre bem próxima e ao nosso alcance. O homem ao tentar encontrar a felicidade, a paz e a prosperidade no mundo exterior se esquece de olhar para seu próprio interior, depósito infinito de riquezas. Para alcançá-la, antes de tudo tem de se livrar da arrogância, do orgulho, da dissimulação e da pretensão.

O homem é a soma de seus pensamentos. É o único responsável por sua própria vida. O seu equilíbrio, a sua firmeza, a sua segurança e a sua confiança dependem sempre da harmonia de seus pensamentos com as verdades eternas e com os princípios salutares que orientam a vida. Aquilo que se pensa se cria. Aquilo que se sente se atrai e aquilo que se imagina, vem a ser. Deve a pessoa cada vez mais libertar-se de toda a falsidade, afetação, fingimento, ostentação, expulsando da mente o negativismo, o criticismo, a hipocondria e a autocondenação, tendo sempre em vista a obtenção de harmonia, paz, saúde, alegria e entusiasmo.

Pertencemos a um universo de ação e reação recíprocas: planta-se, colhe-se. E para toda pergunta há uma resposta. Há pessoas que começam o dia nutrindo idéias derrotistas: "Hoje vai ser um dia negro." "Tudo vai sair errado." "Não vou conseguir." "Todos estão contra mim." "O negócio está ruim." "Vai piorar." "Chego sempre tarde." "Nunca tenho oportunidade." "Eu não deveria ter escolhido esta profissão." "Ele pode, mas eu não posso." "Sou perseguido." Se uma pessoa assume essa atitude mental logo pela manhã, fará com que assim seja e realmente será. São os pessimistas que amanhecem escolhendo a infelicidade. Há necessidade de se compreender que o mundo em que vivemos é determinado em grande parte pelo que vai à mente.

Marco Aurélio, imperador e filósofo romano, dizia: "Nossa vida é o que nossos pensamentos fazem dela."

Emerson, o mais notável filósofo americano, afirmava: "A vida consiste no que a pessoa pensa o dia todo."

Os pensamentos que se nutrem com habitualidade e constância se convertem em realidade. Por isso, não se deve permitir os pensamentos

negativos, os pensamentos derrotistas, maldosos e deprimentes.

Pessoa feliz ou menos infeliz é aquela que constantemente produz e pratica o que há de melhor dentro de si. Para manutenção de pensamentos positivos há necessidade de se expressar mais o amor.

São Marcos (9:23), ensina: "Se podes!... Tudo é possível ao que crê."

E aquele que crê faz da felicidade um costume.

Perguntaram a um fazendeiro o segredo de sua felicidade e a resposta foi a seguinte: "É um hábito meu o de ser feliz. Todas as manhãs, ao despertar, e todas as noites, antes de dormir, abençôo minha família, a alegria do meu lar, o pão que comemos, o leito que nos aquece, abençôo as plantações, o meu gado e agradeço a Deus pela colheita maravilhosa, que se não foi ótima poderia ser pior." Esse fazendeiro adotara a prática há muitos anos. E como é sabido, os pensamentos repetidos regular e sistematicamente mergulham na mente subconsciente e tornam-se verdades. Descobriu aquele homem que a felicidade é um hábito, um costume.

Um otimista abençoa até mesmo os obstáculos da vida que se transformam em alavanca para o sucesso. Muitos não conseguem esse estado de espírito pela razão simples de não terem fé. A vida nada mais é do que a fé em ação. Sem fé não há otimismo, confiança, amor, esperança, paz e harmonia. A lei da fé é a lei da vida e pode ser resumida como um pensamento na mente.

Dê-se o nome que quiser: poder do subconsciente, pensamento positivo, poder da oração, poder ou força mental; a fé significa ter confiança. É um estado em que o homem se envolve irresistivelmente com aquilo que espera. Aos que não acreditam nessa fonte geradora de energia, por ser invisível, convém lembrar, para comparação, o exemplo fornecido por Thomas Edison, o mago da eletricidade. Uma senhora lhe perguntou:

– Senhor Edison, o que é a eletricidade?

Ele respondeu: – É suficiente saber que ela existe e funciona. Use-a.

"Eu não entendia de onde vinha aquela força estranha, contagiante e acalmadora. Tive vontade de chorar, mas não chorei quando o Sr. Takeo colocou no caixão um tsuru, uma cegonha de papel dobrado, símbolo da sorte e da felicidade. Em que deuses se escoraram para suportar aquela dor, com tanta serenidade? Não sei. Nunca soube. Já estava escurecendo. Fomos embora. Sem trocar palavras, em silêncio, cada um para sua casa. Naquela noite, numa oração de boca fechada, pedi aos querubins e anjos da guarda que acompanhassem o amigo, já que foram tão incompetentes na sua proteção. Na próxima chuva, colocamos na enxurrada as últimas barquinhas. Quietos, acompanhamos até perdê-las de vista. Deveria haver um dicionário do silêncio. É verdade, dicionário do silêncio." (Força Estranha)

"O homem é a soma de seus pensamentos. É o único responsável por sua própria vida. O seu equilíbrio, a sua firmeza, a sua segurança e a sua confiança dependem sempre da harmonia de seus pensamentos com as verdades eternas e com os princípios salutares que orientam a vida." (Escolha Ser Feliz)

"Nenhum da minha turma foi reprovado no colégio. Todos colaram grau em cursos superiores. Formaram belas famílias. Estão todos vivos, com saúde e ainda praticando esportes. Se os jovens de hoje, pudessem, pelo túnel do tempo, nos visitar nos anos da década de 1950, por certo, de lá voltariam nos chamando de babacas imbecis. Mas com a certeza de que naquela época ninguém morria por bala perdida nem por overdose de pão com molho." (Liquidação de Pão Com Molho)

ISBN 978-85-86305-62-7

9 788586 305627

zerocriativa

www.zerocriativa.com.br